



História

Helena Neto, Jorge Neto, Luís Abrantes Santos
e Luís Aguiar Santos
Consultor pedagógico: Miguel Corrêa Monteiro
Consultores científicos: Mariana Diniz (Pré-História), Luís Manuel Araújo (História Antiga)
e Armando Alberto Martins (História Medieval)

- Componentes do projeto:
- Manual do aluno
 - Legado histórico (oferta ao aluno)
 - Caderno de atividades
 - Livromédia
 - Jogo multimédia da História (oferta incluída no Livromédia)



22,35 € IVA incluído

EDIÇÃO REVISTA
DE ACORDO COM AS NOVAS
M E T A S
CURRICULARES



Conforme o novo
Acordo Ortográfico
da língua portuguesa



Projeto **Desafios**

História
Projeto **Desafios**
SANTILLANA



EDIÇÃO REVISTA
DE ACORDO COM AS NOVAS
M E T A S
CURRICULARES



História

7^o ano

Tema A DAS SOCIEDADES RECOLETORAS ÀS PRIMEIRAS CIVILIZAÇÕES p.10



Unidades	Conteúdos e conhecimentos	Capacidades e valores
Unidade 1 AS SOCIEDADES RECOLETORAS E AS PRIMEIRAS SOCIEDADES PRODUTORAS p. 12	1.1 As sociedades recoletoras p. 14 1.2 As primeiras sociedades produtoras p. 21 VERIFICA O QUE APRENDESTES p. 26	TRABALHA DOCUMENTOS Interpretar um achado arqueológico p. 15 PATRIMÓNIO HISTÓRICO O Paleolítico em Portugal p. 20
Unidade 2 CONTRIBUTOS DAS PRIMEIRAS CIVILIZAÇÕES p. 30	2.1 As civilizações dos grandes rios p. 32 2.2 A civilização egípcia p. 34 2.3 Os contributos do Mediterrâneo Oriental p. 46 VERIFICA O QUE APRENDESTES p. 50	TRABALHA DOCUMENTOS Reconhecer uma fonte escrita p. 39 ESTABELECE RELAÇÕES A simultaneidade de processos e acontecimentos históricos p. 49

Tema B A HERANÇA DO MEDITERRÂNEO ANTIGO p.54

Unidades	Conteúdos e conhecimentos	Capacidades e valores
Unidade 3 OS GREGOS NO SÉCULO V a. C. O EXEMPLO DE ATENAS p. 56	3.1 O mundo helénico e o espaço mediterrânico p. 58 3.2 A democracia em Atenas na época de Péricles p. 62 3.3 O regime de Esparta p. 64 3.4 A religião e a cultura na Grécia antiga p. 65 VERIFICA O QUE APRENDESTES p. 74	COMUNICA CONHECIMENTOS Dramatizar um mito grego p. 68 TRABALHA DOCUMENTOS Analisar obras de arte p. 73
Unidade 4 O MUNDO ROMANO NO APOGEU DO IMPÉRIO p. 78	4.1 O Mediterrâneo romano nos séculos I e II p. 80 4.2 Sociedade e poder imperial p. 88 4.3 A civilização romana p. 94 4.4 Origem e difusão do cristianismo p. 99 VERIFICA O QUE APRENDESTES p. 103	PARTICIPAÇÃO POLÍTICA As mulheres na Roma antiga p. 89 TRABALHA DOCUMENTOS Analisar uma moeda como símbolo do poder p. 93 ESTABELECE RELAÇÕES Atenas, Roma e Jerusalém p. 102





A FORMAÇÃO DA CRISTANDADE OCIDENTAL E A EXPANSÃO ISLÂMICA *p.108*

Unidades	Conteúdos e conhecimentos	Capacidades e valores
Unidade 5 A EUROPA CRISTÃ DO SÉCULO VI AO SÉCULO XII <i>p. 110</i>	5.1 Os povos germânicos e o novo mapa político da Europa <i>p. 112</i> 5.2 A Igreja Católica no Ocidente europeu <i>p. 114</i> 5.3 As transformações económicas e o clima de insegurança <i>p. 116</i> 5.4 A sociedade senhorial <i>p. 118</i> 5.5 As relações feudo-vassálicas <i>p. 120</i> VERIFICA O QUE APRENDESTES <i>p. 122</i>	 SITUA NO TEMPO Aplicar o calendário islâmico <i>p. 128</i>
Unidade 6 O MUNDO MUÇULMANO E A RECONQUISTA <i>p. 126</i>	6.1 O mundo muçulmano em expansão <i>p. 128</i> 6.2 A Península Ibérica: dois mundos em presença <i>p. 132</i> 6.3 A formação dos reinos cristãos no processo da Reconquista <i>p. 134</i> VERIFICA O QUE APRENDESTES <i>p. 138</i>	



PORTUGAL NO CONTEXTO EUROPEU DOS SÉCULOS XII A XIV *p.142*

Unidades	Conteúdos e conhecimentos	Capacidades e valores
Unidade 7 ECONOMIA, SOCIEDADE E PODER POLÍTICO NOS SÉCULOS XII A XIV <i>p. 144</i>	7.1 O dinamismo do mundo rural nos séculos XII e XIII <i>p. 146</i> 7.2 Senhores, concelhos e poder régio em Portugal <i>p. 150</i> 7.3 Lisboa nos circuitos do comércio europeu <i>p. 154</i> VERIFICA O QUE APRENDESTES <i>p. 156</i>	PATRIMÓNIO HISTÓRICO Os castelos portugueses <i>p. 150</i> PARTICIPAÇÃO POLÍTICA As minorias na Idade Média <i>p. 155</i>
Unidade 8 CULTURA, ARTE E RELIGIÃO NA EUROPA E EM PORTUGAL <i>p. 160</i>	8.1 A cultura na sociedade medieval <i>p. 162</i> 8.2 As ordens mendicantes e a universidade <i>p. 164</i> 8.3 Do Românico ao Gótico <i>p. 166</i> VERIFICA O QUE APRENDESTES <i>p. 172</i>	COMUNICA CONHECIMENTOS Interpretar e redigir uma biografia <i>p. 165</i> PATRIMÓNIO HISTÓRICO O património do teu município <i>p. 170</i>
Unidade 9 CRISES E REVOLUÇÃO NO SÉCULO XIV <i>p. 176</i>	9.1 Crise económica e conflitos sociais no século XIV <i>p. 178</i> 9.2 A crise de 1383 e a formação da identidade nacional <i>p. 180</i> VERIFICA O QUE APRENDESTES <i>p. 186</i>	TRABALHA DOCUMENTOS Interpretar uma crónica <i>p. 182</i>

LISTA DE AUTORES CITADOS *p. 188*

CRONOLOGIA *p. 189*

GUIA DE ESTUDO *p. 192*

VOCABULÁRIO *p. 195*



Conhece o teu livro

O teu livro está organizado em quatro temas, que se dividem em nove unidades. Estes são os tipos de página que surgirão ao longo das unidades...



Páginas de abertura de tema Cada tema é introduzido com a localização no tempo e no espaço das respetivas matérias por meio de uma barra cronológica ilustrada (imagens e mapas).



Páginas de abertura de unidade Os conteúdos de cada unidade são introduzidos numa relação com o presente, de modo que se possa descobrir o que hoje subsiste de um passado remoto.

Títulos principais numerados, na sequência programática.

Mapas, gráficos e linhas do tempo ajudam na explicação e localização dos conteúdos.

Grande diversidade de documentos históricos, tanto escritos como iconográficos, para ilustrarem os conteúdos e serem interpretados.

Páginas de conteúdos

Subtítulos que identificam os conteúdos fundamentais.

Texto expositivo, claro, acessível e rigoroso. Os termos e ideias principais estão destacados a negro.

Os conceitos estão assinalados a vermelho e são definidos no Vocabulário das páginas 195-198.

4.3 A civilização romana

Um urbanismo prático e monumental

A conceção e construção de cidades (**urbanismo**) é uma das heranças mais marcantes da civilização romana. Como arquitetos, criaram **tipos** ainda hoje utilizados, com ligadas modificações, segundo grandes cidades (28). A saúde de grande parte dos edifícios romanos devia-se ao facto de já serem construídos com cimento (cal e argila) e betão (pedra, areia, água e cal). Usavam-se também novos **elementos de construção** como o arco, a abóbada e a cúpula, que permitiam construir grandes divisões cobertas (27). Para decorar os edifícios, os romanos faziam pinturas nas paredes e mosaicos no piso (vé a página 97).

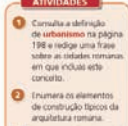
As grandes obras arquitetónicas romanas tinham sempre um **sentido prático** e útil, dado que se destinavam a satisfazer as necessidades da população. Tinham também um **aspecto monumental**, grandioso, para serem uma imagem do poder de Roma (25). Podemos classificar os edifícios de acordo com as suas funções:

- **Edifícios religiosos:** os templos, de influência grega, dedicados aos deuses, onde os sacerdotes realizavam os cultos religiosos.
- **Edifícios políticos e económicos:** sobretudo a **basílica**, de grandes dimensões, onde se realizavam as transações comerciais e se administrava a justiça. O edifício da **córea**, em que se reunia o Senado, também pertencia a esta categoria.
- **Edifícios para exercício e lazer:** havia muitos numerosos. Nos anfiteatros (ou coliseus) realizavam-se as lutas de gladiadores ou com feras (38). Os teatros serviam para as representações de comédias e tragédias. Nos círculos celebravam-se as corridas de quadrigas de cavaleiros, muito populares. Nos jardins e nos jardins, além de se frequentar os banhos públicos, era possível descansar, ler e fazer exercícios físicos.
- **Monumentos comemorativos:** serviam para recordar feitos importantes e grandes vitórias. Entre estes, destacam-se os arcos de triunfo e as colunas (vé a página 96).
- **Obras públicas:** todo o império estava servido de vias de comunicação, como as **calçadas** (que era como os romanos chamavam às estradas) e os pontes, e por aquedutos, que transportavam a água dos rios até ao interior das cidades. Existia uma rede canalizada de distribuição de água e de esgotos.

As cidades romanas seguiam quase sempre o **mesmo modelo**. Quando eram projetadas de novo, tinham uma planta retangular com duas paralelas e dois eixos principais: o **cardo**, com orientação norte-sul, e o **decumano** (este-oeste). Tal como em Roma, existia um **fórum**, a praça central que era decorada com estátuas dos imperadores, e outras figuras ilustres, e onde se situavam os principais templos e as basilicas. Nas imediações do fórum ficavam as **termas** e as principais lojas e oficinas de artesãos (28).



27 Elementos de construção. A, Arco; B, abóbada; C, Cúpula.

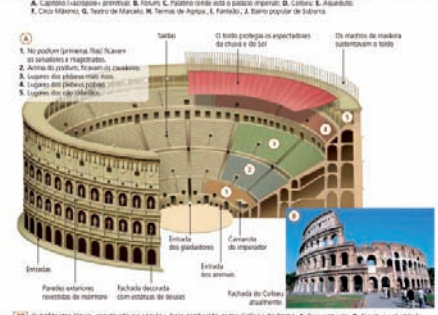


28 Planta de uma cidade romana (plano idealizado).

ATIVIDADES
1. Consulta as figuras 27 e 30 e localiza na figura 28 o anfiteatro Flavio representado na figura 30.
2. Enumera os elementos de construção típicos da arquitetura romana.
3. Observa as figuras 27 e 30 e localiza na figura 28 o anfiteatro Flavio representado na figura 30.
4. Identifica características do urbanismo romano e identifica as principais funções das cidades atuais.



29 Mapa de Roma imperial no século I d. C. Norte a norte. A, Coliseu; B, Fórum; C, Palácio imperial; D, Coliseu; E, Aqueduto; F, Círculo Máximo; G, Teatro de Marcelo; H, Termas de Apolo; I, Fórum; J, Bairro popular de Subura.



30 O Anfiteatro Flavio, construído no século I, hoje conhecido como Coliseu de Roma. A, Reconstrução; B, Aspecto na atualidade.

Secções para aprender e exercitar em profundidade as capacidades em História.

Secções para abordar alguns conteúdos da perspectiva das questões de cidadania (património e participação política).

Páginas para desenvolver capacidades e temas de cidadania

Atividades de verificação.

Situar no tempo e no espaço.

Compreender o contexto com um esquema-síntese para completar a partir de uma chave dada.

Páginas de verificação de aprendizagens

No fim de cada unidade são verificadas todas as aprendizagens por meio de atividades que testam conteúdos e capacidades.

Interpretação de fontes escritas e iconográficas com atividades diversificadas.

Perguntas de escolha múltipla.

Atividades para relacionar, classificar ou explicar conteúdos.

Quatro boas razões para estudares História

Tens curiosidade em saber a origem de tudo o que te rodeia?

A História estuda o passado, mas não o passado isolado, desligado do mundo de hoje. O passado está em todos os lugares, em todas as coisas: nas imensas, como a origem do planeta ou a formação de um país, e nas coisas aparentemente pequenas, como a primeira moeda, os alimentos que consumiam os antigos egípcios ou as roupas que usavam os antigos romanos. Acontece que, muitas vezes, não reparamos no que está por trás daquilo que nos cerca: as marcas que o passado deixou no presente.

Já pensaste que podemos descobrir o passado, analisando textos e objetos?

Pensa neste exemplo: procura fotos ou cartas antigas da tua família. O que podem ensinar-nos as roupas, os gestos, as posturas, sobre quem está ali fotografado? A maneira como as pessoas se posicionaram para tirar a foto ensina-nos algo sobre as relações familiares de há cinquenta ou cem anos atrás? E o que escreveram na mesma altura a um marido ou a uma filha? Certamente que ensinam. Apenas precisamos de dar atenção e investigar. E há muitos modos de investigar, de estudar o passado. O mesmo se aplica a uma pintura egípcia ou a um texto medieval.

Gostas de solucionar enigmas e desvendar mistérios?

Isso tem tudo a ver com a História. Já houve quem comparasse o trabalho dos historiadores ao dos detetives. Partimos de dúvidas sobre como as coisas foram no passado, buscamos pistas e reunimos o que encontrámos. A partir daí, procuramos

entender as relações entre as pistas e, assim, encontrar uma lógica por trás delas. A partir daí, podemos chegar o mais perto possível de compreender como era a vida naquele tempo e como muita coisa que se faz hoje já se fazia então.

E que tal viajar como um grande descobridor?

Não serás um viajante qualquer, como quem faz turismo. Aqui não vais ter problema em deslocares-te no espaço, pois serás conduzido por mapas bem orientados e informativos. Mas, mais do que isso, poderás viajar no tempo! Bem guiado pelo teu manual, irás direto àquilo que de mais importante e fascinante há para visitar em terras longínquas; longínquas no espaço e no tempo. Não te vais perder, pois vamos contar rigorosamente o tempo histórico para saberes sempre onde estás... e até para poderes guiar os outros na viagem!

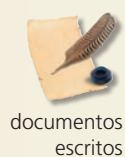


No teu manual...

Ao longo do ano, vais poder observar, ler e interpretar todos estes tipos de fontes (ou documentos) do conhecimento histórico. O teu manual reproduz...

Textos

Lerás documentos de autores da época em estudo, numa linguagem adaptada e em excertos relevantes para aquilo que é importante que conheças. Além destas fontes, utilizarás informação que resulta já do trabalho de muitas gerações de historiadores que estudaram e interpretaram as fontes escritas e todo o tipo de vestígios do passado.



documentos escritos



outros textos

Fotografias

Mostram-te obras de arte ou utensílios do quotidiano e permitem-te ver os objetos e os espaços a que davam vida as pessoas do passado.



Mapas

São representações do espaço e ajudam-te a situar nele os povos do passado, os seus feitos e a forma como se relacionavam entre si e com o meio onde se inseriam.



Reconstituições históricas

Recriam com rigor os ambientes do passado, de modo que possas compreendê-los como se lá estivesses, vendo as coisas como elas foram vistas pelos nossos antepassados.



Situa no tempo com a era cristã

Saber

Calendário e contagem do tempo

A contagem do tempo sempre foi uma necessidade sentida por todos os povos. Os Romanos, por exemplo, criaram um calendário que é basicamente o nosso: organizaram o tempo em anos (365 dias distribuídos por 12 meses). Para relatarem a sua própria história, contavam os anos a partir da fundação de Roma.



A era cristã

Com o cristianismo, o calendário romano e a contagem do tempo alteraram-se. O nascimento de Cristo passou a ser o grande acontecimento da história em relação ao qual a contagem do tempo deveria ser feita. Todos os acontecimentos passaram a ser situados antes ou depois do nascimento de Cristo e, a partir daí, contados em anos. É o que se chama a era cristã.

Este sistema de datação está hoje em vigor na maior parte do mundo (uma exceção importante é a do mundo islâmico).

Fazer

Contar os anos e agrupá-los em séculos

Os historiadores agrupam os anos da seguinte maneira:

- 10 anos = uma **década**
- 100 anos = um **século**
- 1000 anos = um **milénio**

Deste modo, um século divide-se em dez décadas, assim como em cada milénio estão contidos dez séculos. Para já, vão interessar-nos sobretudo os anos e os séculos. Os séculos escrevem-se com números romanos:

I, II, III, IV, V, VI, VII, VIII, IX, X, XI, ...

Como cada século tem 100 anos, o século I da era cristã (o século em que nasceu Jesus Cristo) agrupa os anos 1 a 100. Em seguida, o século II, para também ter 100 anos, agrupa os anos 101 a 200 — e assim sucessivamente. Como podes ver, o primeiro ano de um século da era cristã termina sempre em 1 e o último em 0.

Por exemplo:

Século I	Do ano 1 ao ano 100
Século V	Do ano 401 ao ano 500
Século X	Do ano 901 ao ano 1000
Século XV	Do ano 1401 ao ano 1500
Século XX	Do ano 1901 ao ano 2000
Século XXV	Do ano 2401 ao ano 2500
Século XXX	Do ano 2901 ao ano 3000

A regra do «soma-se 1»

Para saberes a que século pertence um determinado ano, repara no algarismo das centenas (e no dos milhares, se também houver) e aplica a regra do «soma-se 1»:

Ano 968 → **Século X**
O algarismo das centenas é o 9 Soma-se 1 (9 + 1) Total: 10

Ano 1968 → **Século XX**
Milhares e centenas fazem 19 Soma-se 1 (19 + 1) Total: 20

Esta regra não serve para os anos terminados em 00 (dois zeros). Neste caso, os algarismos que precedem os dois zeros indicam o século. Por exemplo, o ano de 1900 pertence ao século XIX (1900 = 19 = XIX).

Antes e depois de Cristo (a. C. e d. C.)

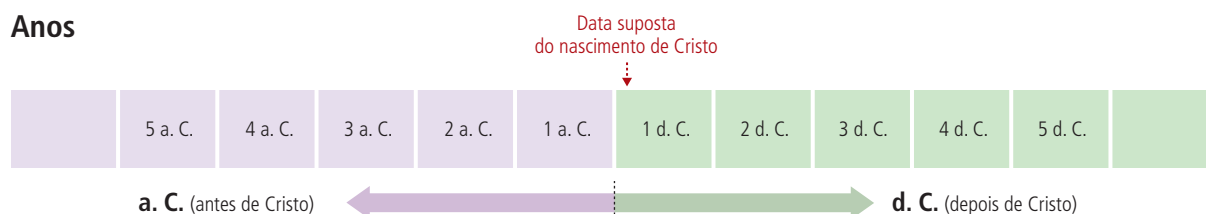
Como já sabes, na era cristã, o nascimento de Cristo é o centro da história. Por isso, os anos contam-se a partir desse acontecimento. O ano 1 é o primeiro porque se julgava ser o ano em que Jesus Cristo nasceu; e o século I definiu-se a partir desse ano 1.

Porém, como é necessário situarmos no tempo acontecimentos ocorridos antes do nascimento de Cristo, dividimos os anos e os séculos em antes de

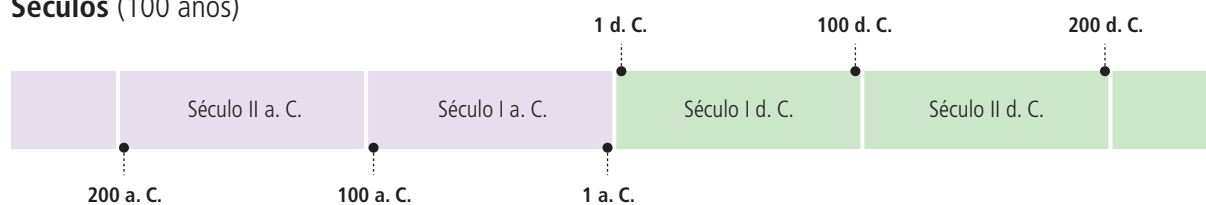
Cristo (a. C.) e depois de Cristo (d. C.). Em relação ao nascimento de Cristo, os anos a. C. são contados «para trás» (de forma decrescente) e os anos d. C. são contados «para a frente» (de forma crescente). Só os anos antes de Cristo precisam de ser assinalados com a abreviatura a. C.; os anos depois de Cristo podem dispensar a abreviatura d. C. O mesmo se faz com os séculos e até com os milénios.

Repara na figura seguinte.

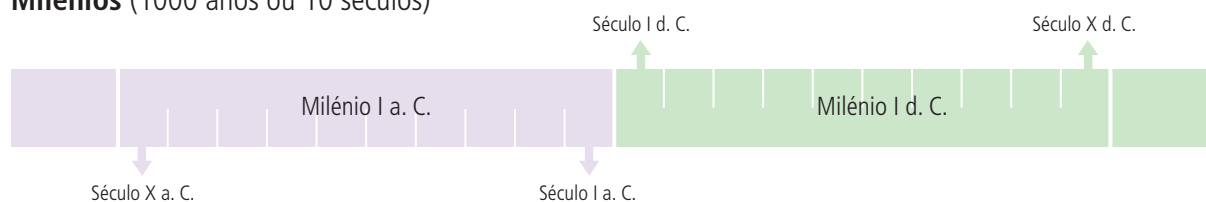
Anos



Séculos (100 anos)



Milénios (1000 anos ou 10 séculos)



Saber fazer

1. Considera o ano em que estamos hoje e refere:
 - a) o século a que pertence;
 - b) o milénio a que pertence;
 - c) o ano em que começou o século atual.
2. Escreve o que significam as abreviaturas a. C. e d. C.
3. Regista um ano que pertença a cada um dos séculos seguintes: v a. C., iii d. C., xiii, xvi e xxi.
4. Considera o ano de 1999. Indica o milénio, o século e a década a que pertence.
5. Copia a frase para o teu caderno e completa-a com as palavras «longe» e «perto». Nas datas antes de Cristo, quanto maior é o número do ano, mais A está de nós; pelo contrário, nas datas depois de Cristo, quanto maior é o número do ano, mais B está de nós.



DAS SOCIEDADES RECOLETORAS ÀS PRIMEIRAS CIVILIZAÇÕES

A FORMAÇÃO DO NOSSO PLANETA OCORREU HÁ 4500 MILHÕES DE ANOS...

Primeiros aldeamentos de agricultores e pastores na região do Crescente Fértil.

2 500 000 a. C.

2 500 000 a. C.
Primeiros vestígios do *Homo habilis*, em África.

1 900 000 a. C.
Primeiros vestígios do *Homo ergaster*, em África.

Fabrico dos primeiros instrumentos em pedra.

1 500 000 a. C.
Vestígios do *Homo erectus* na Ásia.

500 000 a. C.
Domínio do fogo.



200 000 a. C.
Primeiros vestígios do Homem de Neandertal, na Ásia Ocidental e na Europa.



Primeiras sepulturas.

100 000 a. C.

100 000 a. C.
Primeiros vestígios do *Homo sapiens sapiens*, em África.



40 000 a. C.
Primeiros vestígios do *Homo sapiens sapiens* na Europa.

30 000 a. C.
Extinção do Homem de Neandertal.



30 000 a. C.
Primeiras manifestações artísticas (arte rupestre e móvel).

10 000 a. C.
Recoo dos glaciares e subida da temperatura nas zonas temperadas.

9000 a. C.

8000 a. C.

Primeiros utensílios de pedra polida.

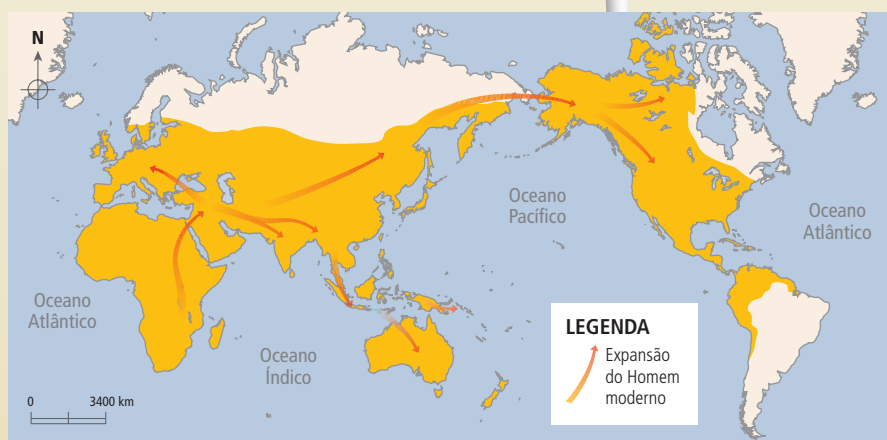
Desenvolvimento da agricultura e da pastorícia.

Primeiros vestígios de cultos agrários.

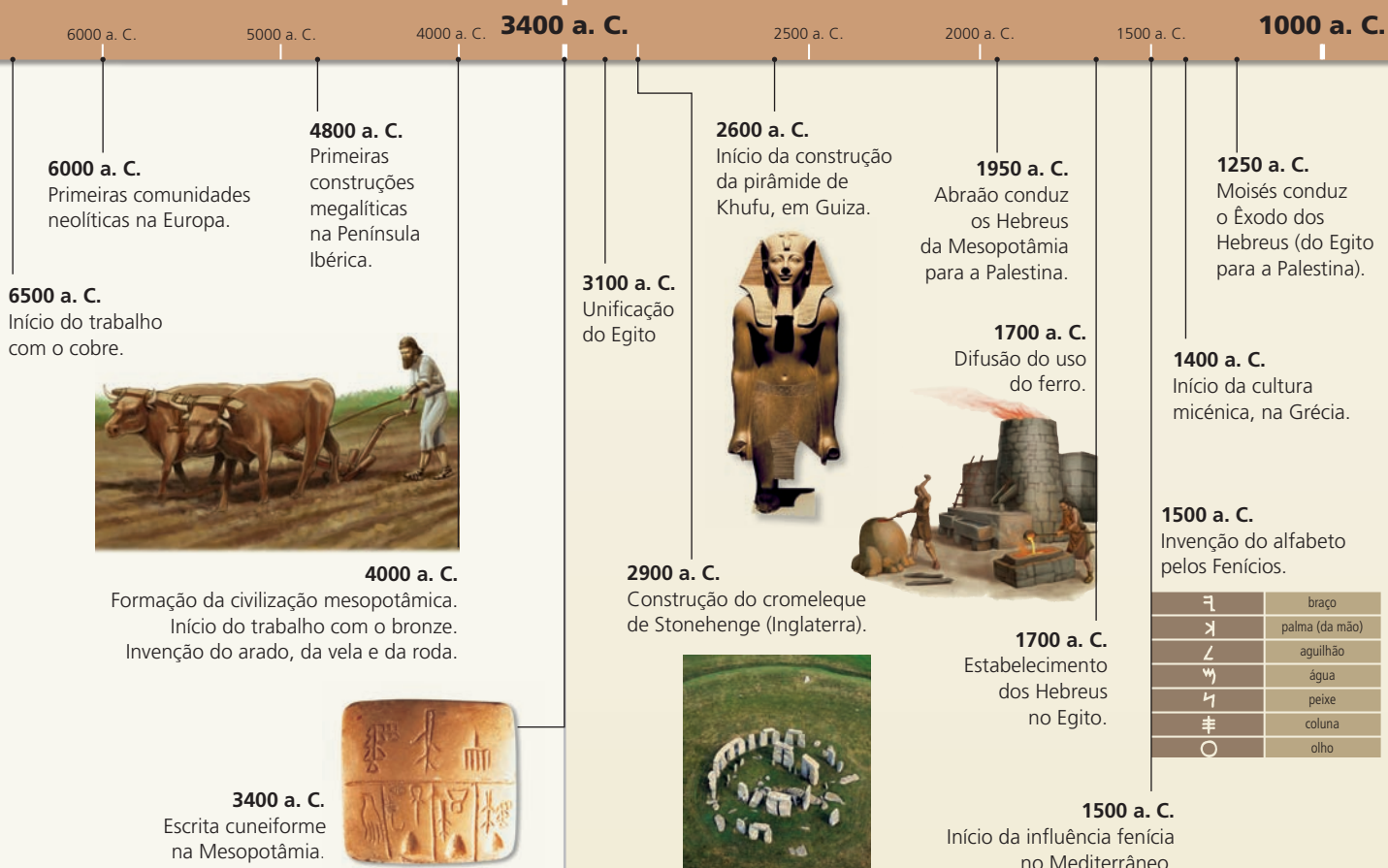
Desenvolvimento da cerâmica, da tecelagem e da cestaria.



PALEOLÍTICO



Início da História



NEOLÍTICO



ANTIGUIDADE



1

AS SOCIEDADES RECOLETORAS E AS PRIMEIRAS SOCIEDADES PRODUTORAS

O fabrico de instrumentos técnicos e a produção de alimentos estão na base do modo de vida das sociedades atuais. Mas desde quando e como adquirimos estas capacidades?



Fabrico de instrumentos e cultivo de alimentos no passado e na atualidade.



OBSERVA, INTERPRETA, REFLETE

- 1** Identifica as atividades humanas retratadas nas imagens.
- 2** Refere as diferenças que observas no fabrico de instrumentos e na agricultura entre o passado e o presente.
- 3** Reflete sobre as seguintes questões.
 - 3.1** Quanto tempo terão demorado aproximadamente estas mudanças?
 - 3.2** Que vantagens tiveram para a Humanidade as mudanças retratadas?

1.1 As sociedades recoletoras

■ O processo de hominização

Os antecessores dos seres humanos atuais (hominídeos) apareceram em África, há mais de 5 milhões de anos com o Australopiteco **1**. Desde então sofreram mudanças que os levaram de seres com características próximas dos símios até à espécie que somos hoje em dia (*Homo sapiens sapiens*) **2**. Esta evolução, decorrida ao longo de muitos **milénios**, é o que conhecemos com o nome de **processo de hominização**, que tem as seguintes características:

- A **marcha bípede**, ou seja, a capacidade de caminhar sobre os dois pés sem a ajuda das mãos. Esta postura ereta «**libertou**» as **mãos** para outras funções.
- O desenvolvimento do **dedo polegar oponível**, o que possibilitou a realização de trabalhos manuais de grande precisão, como **instrumentos ou utensílios**.
- O aparecimento de um cérebro maior e mais complexo, que permitiu, por um lado, grandes avanços culturais e técnicos e, por outro, tornou possível o surgimento da **linguagem gestual e oral**.
- A diminuição do tamanho dos **dentes** e das **mandíbulas** e as mudanças na **estrutura da cara**.

A evolução dos hominídeos não foi linear, já que algumas espécies conviveram no tempo e outras se extinguíram. O seu estudo está em constante avanço graças ao aparecimento de novos fósseis e ao estudo de vestígios e objetos desvendados pela **arqueologia**.



1 Reconstituição de *Lucy*, fêmea de australopiteco (Museu de História Natural, Nova Iorque). Os restos do seu esqueleto foram descobertos na Etiópia em 1974. Repara na expressão da sua face, com um olhar já tão humano.

Australopiteco 5 a 1 m. a. Inclui várias espécies. Até 1,5 m de altura. Podiam andar erguidos, mas não permanentemente. Comiam frutos, raízes e sementes. Viviam em África.	Homo habilis 2,5 a 1,5 m. a. Caminhavam erguidos. Cérebro de 500 cm³. Dieta omnívora. Faziam ferramentas de pedra muito toscas. Viviam em África. Originaram o <i>Homo erectus</i> na Ásia.	Homo ergaster 2 m. a.-100 000 anos. O primeiro hominídeo a sair de África e a expandir-se pelo Mundo. Dieta omnívora. Dominou o fogo e fabricou instrumentos.	Homem de Neandertal 200 000-30 000 anos. Eram robustos, carnívoros, viviam em zonas frias e foram os primeiros hominídeos que enterraram os seus mortos.	Homo sapiens sapiens 100 000 anos-atualidade. Ser humano atual. Omnívoro, conquistou todos os continentes. Primeiro hominídeo a realizar manifestações artísticas.

2 O processo de hominização ao longo de muitas centenas de milhares de anos.

Interpretar um achado arqueológico

Saber

É muito difícil estudar como eram as pessoas em épocas muito antigas, nas quais ainda não havia escrita. Deste modo, é necessário reconstituir a vida dos nossos antepassados a partir de vestígios materiais que tenham deixado. Por exemplo, ossos de animais e sementes de plantas junto de sepulturas desses antepassados podem desvendar-nos como se alimentavam. Alguns vestígios perduraram porque se transformaram em fósseis, isto é, ficaram petrificados em rochas. Estes vestígios são procurados e estudados pela Arqueologia. Por meio de cuidadosas escavações, os arqueólogos procuram tudo o que nos possa elucidar sobre a vida dos nossos antepassados.



Escavação no vale do Rift, onde têm sido encontrados esqueletos e utensílios dos mais antigos hominídeos conhecidos.

Fazer

Observa estes vestígios de há cerca de 3 milhões de anos das primeiras pegadas humanas conhecidas (Tanzânia).

Os arqueólogos identificaram aqui pegadas de dois adultos de diferente porte (talvez um macho e uma fêmea) e de uma criança.



Saber fazer

1. Observa a imagem A e explica a importância do trabalho aí retratado para conhecermos como eram e viviam os hominídeos.
2. Observa bem a imagem B e identifica as pegadas dos adultos e da criança que os acompanhava.
3. Tendo em conta o que observas na imagem B, o que podes concluir quanto à forma como já se deslocavam os hominídeos que deixaram estas pegadas?

ATIVIDADES

1. Consulta as definições de **milénio** e **arqueologia** nas páginas 195 e 197 e redige uma frase com os dois conceitos.
2. Observa a figura 1 e regista as tuas impressões sobre o que te parece que *Lucy* tem de semelhante e diferente em relação aos seres humanos atuais.
3. Refere três diferenças entre o Australopiteco e o *Homo sapiens sapiens*:
 - a) quanto ao período em que viveram;
 - b) quanto às características físicas.
4. Realiza um friso cronológico onde coloques o aparecimento de cada um dos hominídeos representados na figura 2.

■ O fabrico de utensílios de pedra

O processo de hominização está relacionado com a **mudança de habitat** por que passaram os hominídeos há alguns milhões de anos. Devido a alterações climáticas no Leste de África, os nossos antepassados tiveram de adaptar-se à **vida em savanas** (grandes planícies quentes e de vegetação pouco densa), dispersando-se geograficamente.

A sua sobrevivência passou a depender de uma diversificação da alimentação, nomeadamente da **carne**, obtida a partir de animais mortos ou de pequeno porte, de cujos ossos aprenderam a extrair a **medula óssea**, com a ajuda dos primeiros **utensílios rudimentares**. Esta **alimentação rica em proteínas e em ferro** estimulou o desenvolvimento da massa muscular e do cérebro que, juntamente com a «libertação» das mãos pela marcha bípede, permitiu o aperfeiçoamento progressivo do fabrico de utensílios. Para os fabricar, foi necessária uma coordenação cada vez mais exigente do cérebro com os movimentos da mão, o que estimulou o **desenvolvimento da inteligência** ao longo de muitos milhares de anos.

Apesar de o Australopiteco já se servir de objetos (pedras, paus) para se defender ou alimentar, só o *Homo habilis* começou a fabricar instrumentos com as suas próprias mãos. Esta mudança deu-se há mais de 2 milhões de anos com o aparecimento dos primeiros **seixos** talhados, pedras ainda toscamente trabalhadas, mas que serviam para cortar, raspar peles e carne ou extrair a medula óssea.

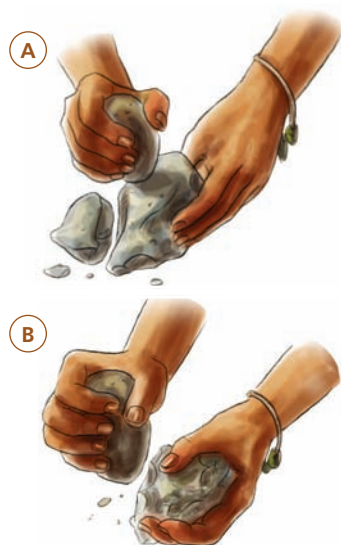
Com as técnicas de lascagem [3], o trabalho da pedra foi-se aperfeiçoando: surgiram os **bifaces** com o *Homo ergaster* e as **lâminas** com o Homem moderno [4]. Estes instrumentos, mais precisos, cortavam e raspavam com maior eficiência e permitiam trabalhar as peles para servirem de agasalho ou de cobertura dos abrigos.

A este longo período de trabalho da pedra por lascagem chama-se **Paleolítico**, a primeira fase da **Pré-História** [5]. Os utensílios deste período, para o qual ainda não temos informações escritas, são quase a única **fonte ou documento histórico** para o estudo dos nossos mais remotos antepassados.

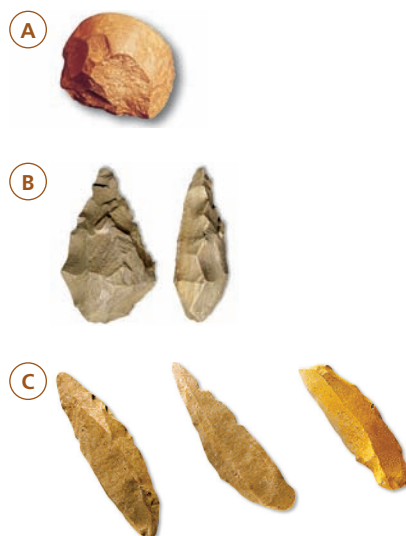
■ O domínio do fogo

Durante muito tempo, os hominídeos devem ter observado o espetáculo e os perigos do **fogo na Natureza**, sentindo-se simultaneamente fascinados e atemorizados.

Só **há cerca de 500 000 anos**, porém, o *Homo ergaster* aprendeu a manter o **fogo aceso ou em brasas**. Mais tarde, desenvolveram-se **técnicas de choque** de pedras e **fricção** de madeira para obtenção do fogo [6]. Este domínio permitiu que os hominídeos se protegessem do frio e afugentassem os animais, bem como o aquecimento e a iluminação dos seus abrigos. Permitiu-lhes ainda modificar os seus hábitos alimentares, passando a **aquecer e cozinhar os alimentos** ingeridos, bem como aperfeiçoar os seus instrumentos e desenvolver a socialização.

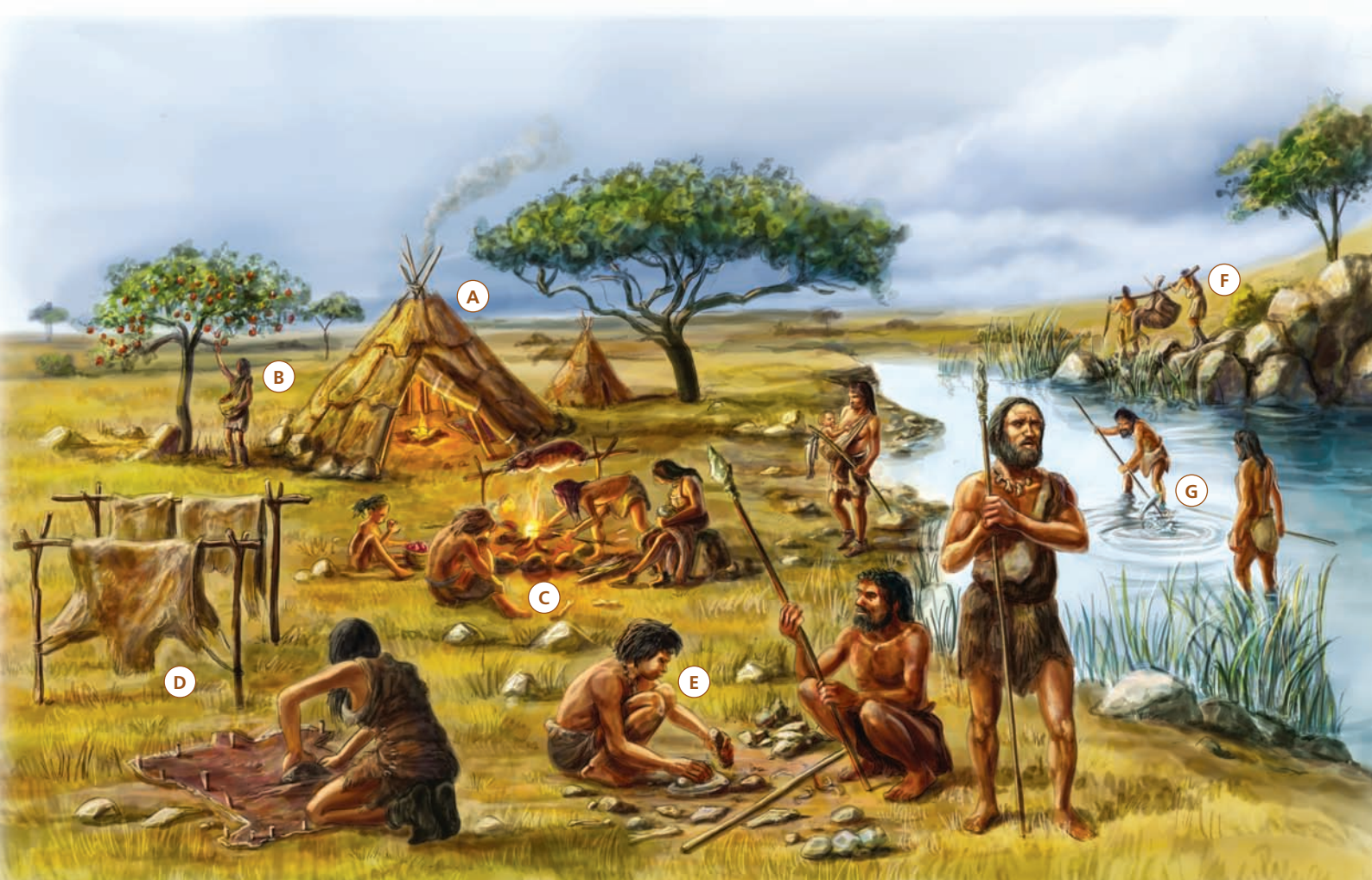


[3] No início, as pedras já partidas foram utilizadas para cortar alimentos; depois, os homens descobriram que pedras, como o sílex, podiam ser talhadas com golpes de outras pedras e peças de osso.



[4] Utensílios de pedra talhada.

A. Seixo talhado. B. Biface, visto de frente e de lado. C. Lâminas de pedra.



5 Grupo de seres humanos no Paleolítico (reconstituição).

A. Abrigos feitos com ramos, peles de animais e ossos. **B.** As mulheres recolhem frutos e ovos. **C.** Utilização do fogo. **D.** A pele dos animais caçados era fixada no solo com estacas e, depois de limpa com raspadores de pedra, era deixada a secar ao sol. **E.** Fabrico de utensílios. **F.** A caça era feita em grupo pelos homens. **G.** Pesca e recolção de moluscos.



6 No início, o fogo era conservado a partir da sua ocorrência natural, por meio de raios e incêndios. Só mais tarde os hominídeos aprenderam a produzi-lo por choque de pedras de sílex ou por fricção de objetos de madeira.

ATIVIDADES

- 1** Consulta as definições de **fontes históricas** e **Pré-História** nas páginas 197 e 198 e redige definições destes conceitos com palavras tuas.
- 2** Observa a figura 4 e identifica os hominídeos que começaram a fabricar cada um dos instrumentos (A, B e C).
- 3** Enumera as funções do fogo na vida dos homens do Paleolítico.
- 4** Observa atentamente a figura 5 e regista a informação que te permite afirmar que o grupo representado tinha uma alimentação omnívora.

■ A economia de caça

Colhendo na Natureza raízes, frutos e folhas e capturando pequenos animais, os hominídeos viviam de uma **economia recoletora**. Mas a **caça**, que até então funcionara como um complemento, foi-se tornando cada vez mais importante devido ao aperfeiçoamento de **utensílios**, como as lanças com lâminas de pedra fabricadas pelo Homem de Neandertal. Passou assim a ser possível caçar animais de grande porte, como mamutes, cavalos, renas, veados ou auroques, cuja captura assegurava uma grande reserva de alimento e permitiu o crescimento dos grupos [7].

A caça e a pesca ganharam ainda mais importância com o *Homo sapiens sapiens*, que criou instrumentos que as tornavam mais seguras e eficazes: os **propulsores**, utilizados para atirar a grandes distâncias as lanças designadas **azagaia**s e os **arpões** em osso [8]. Acentuou-se, assim, uma forma de vida caracterizada pelo **nomadismo**, uma vez que os grupos humanos se deslocavam de terra em terra, seguindo as migrações das manadas de cuja carne se alimentavam.

■ A linguagem, a arte e a religião

Associada a estas transformações na vida dos primeiros homens, foi-se desenvolvendo a **linguagem oral**, estimulada pelo esforço de organização envolvido na caça em grupo.

As sepulturas reveladas pelos arqueólogos mostram ainda indícios de **ritos** nos quais se exprimiram as primeiras **crenças** da Humanidade [10].

As primeiras formas de **expressão artística** apareceram associadas à observação da Natureza, através de objetos esculpidos (**arte móvel**) ou da **arte rupestre**, patente em pinturas e gravuras elaboradas nas paredes e tetos de grutas e em algumas paredes rochosas ao ar livre [9]. Nas **esculturas** apareceram as primeiras representações do corpo humano [11].

■ Os seres humanos conquistam toda a Terra

Os primeiros hominídeos (*Australopiteco* e *Homo habilis*) viveram apenas em África, mas, a partir do *Homo ergaster*, há cerca de dois milhões de anos, os nossos antecessores passaram para a **Ásia** e para a **Europa**, chegando ainda às ilhas da **Oceânia** há cerca de 60 000 anos. O Homem de Neandertal deixou vestígios na Europa e na parte mais próxima da Ásia (Médio Oriente). Por fim, o *Homo sapiens sapiens* (o Homem atual), surgido em África há cerca de 100 000 anos, espalhou-se rapidamente por todos os outros continentes já antes conquistados pelos hominídeos, passando para a **América** através dos gelos que a uniam à Ásia, há cerca de 20 000 anos.

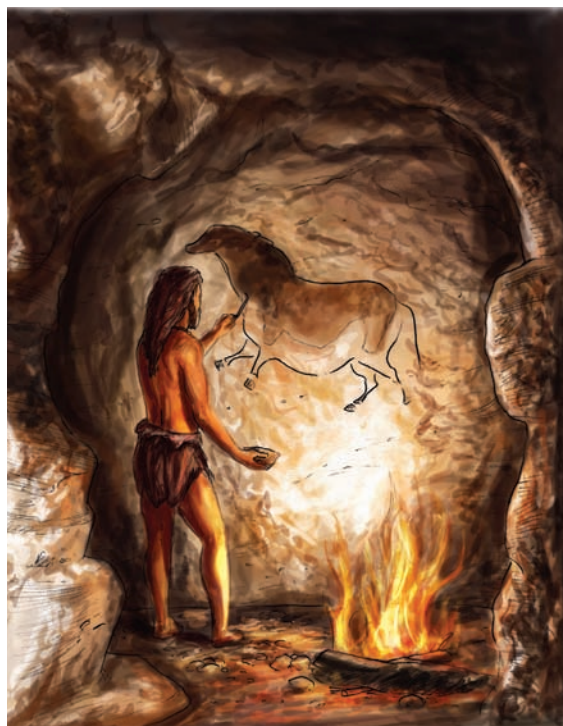
Dada a superioridade das suas técnicas de caça e os recursos das novas áreas geográficas por si povoadas, o *Homo sapiens sapiens* conheceu um **crescimento populacional** considerável. Há cerca de 30 000 anos, tornou-se praticamente o único género humano existente [12].



[7] Cena de caça ao mamute (reconstituição). Os animais eram espantados com tochas acesas e conduzidos até armadilhas, onde, uma vez presos, eram golpeados com lanças.



[8] Instrumentos de caça e de pesca.
A. Propulsor. B. Arpão de osso para pesca.



[9] Pintura numa gruta com um animal representado (reconstituição). Estas pinturas podiam estar associadas a ritos ligados à observação da Natureza.

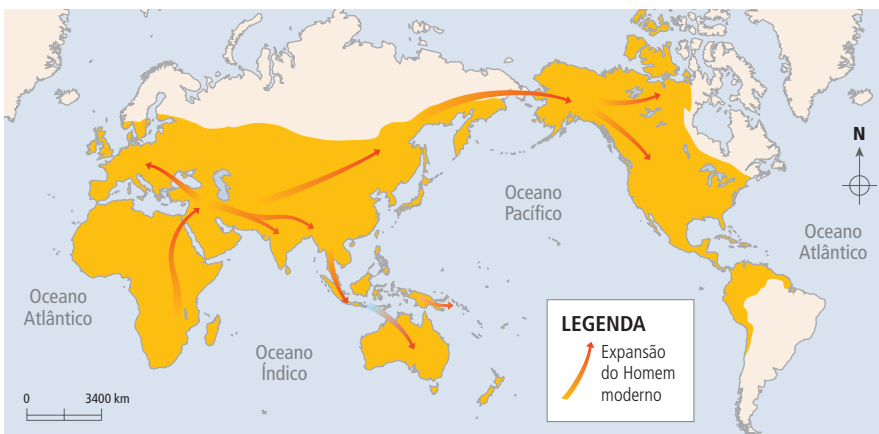


10 Rito funerário no Paleolítico (reconstituição).

A. A morte era provavelmente considerada uma passagem para outro mundo, pois os arqueólogos descobriram vestígios de alimentos depositados em vários túmulos. **B.** Flores e plantas medicinais eram igualmente colocadas nas sepulturas, como atestam os restos de pólenes descobertos pelos arqueólogos. **C.** Junto ao corpo eram deixados instrumentos de caça, como se se acreditasse que o morto iria precisar deles depois da morte. **D.** Sobre os corpos era lançado um pó de argila de cor vermelha ou ocre, às quais seria dado um significado mágico.



11 Vénus de Willendorf (Áustria), aparentemente associada à maternidade e à fecundidade.



12 A expansão geográfica do *Homo sapiens sapiens*.

ATIVIDADES

- 1 Consulta as definições de **economia recoleitora**, **nomadismo**, **arte rupestre**, **ritos** e **crescimento populacional** nas páginas 195, 196 e 198 e copia-as para o teu caderno.
- 2 Identifica os instrumentos realizados pelo *Homo sapiens sapiens* para a prática da caça.
- 3 Justifica a adoção de um modo de vida nómada pelos nossos antepassados do Paleolítico.
- 4 Distingue os dois tipos de expressões artísticas desenvolvidas no Paleolítico.
- 5 Refere o último continente povoado pelos nossos antepassados pré-históricos.



O Paleolítico em Portugal

Apesar de não serem conhecidos restos ósseos das populações que ocuparam o atual território português **antes do Homem de Neandertal**, a recolha de bifaces, machados, raspadores, núcleos e lascas junto aos rios Tejo, Lis ou Guadiana confirma a presença de grupos humanos que exploravam o litoral e os vales dos rios, percorrendo uma paisagem onde existiriam elefantes, hipopótamos e tigres-dente-de-sabre, a par de veados e cavalos, que lhes serviriam de alimento, como aconteceu na gruta da Nascente do Almonda (afluente do Tejo).

Já a presença do **Homem de Neandertal** está atestada não só através de restos humanos, como é o caso do dente recolhido na gruta de Salemas (em Loures), mas também pelos vestígios deixados quer em sítios residenciais quer em acampamentos especializados, como o de Vilas Ruivas (no Alto Tejo). Em qualquer um deles estão conservadas as mais antigas estruturas associadas a atividades de caça (auroque, veado ou cavalo).

Em locais como as grutas da Estremadura, há os primeiros vestígios da presença do **Homo sapiens sapiens**. A arte paleolítica referida a seguir é já deste período.

Em 1963, foi descoberta a gruta de **Escoural** (Montemor-o-Novo), com cerca de uma centena de gravuras pintadas nas suas paredes. Posteriormente, em 1981, foram reveladas as imagens gravadas na rocha, ao ar livre, em **Mazouco** (Freixo de Espada à Cinta).

Além destes casos localizados, houve ainda uma série de achados de «arte móvel» (normalmente pontas de lança, objetos de adorno pessoal, etc.) ocorridos em diferentes partes do território continental.

No **vale do Coa** foi descoberto em 1993 um percurso de 17 quilómetros de gravuras e, mais raramente, de pinturas, que constitui um dos mais antigos e mais amplos núcleos artísticos do Paleolítico. Foi classificado pela UNESCO (organismo da ONU) como Património Cultural da Humanidade. Os painéis foram gravados entre 22 000 e 10 000 a. C.



Vestígios paleolíticos em Portugal continental.

Tarefas

- Regista os lugares referidos no texto e assinalados no mapa referentes:
 - a hominídeos anteriores ao *Homo ergaster*;
 - ao Homem de Neandertal;
 - ao *Homo sapiens sapiens*.
- Observa as imagens do mapa. Relaciona os motivos desenhados com o modo de vida das populações que as gravaram nas rochas.
- Seleciona, de entre as localidades referidas, aquela que se situa mais perto do teu local de residência e pesquisa mais informação.
- De acordo com a informação da página 15, por que razão será importante investigar e preservar estes vestígios pré-históricos no território português?

1.2 As primeiras sociedades produtoras

■ Uma nova era histórica — o Neolítico

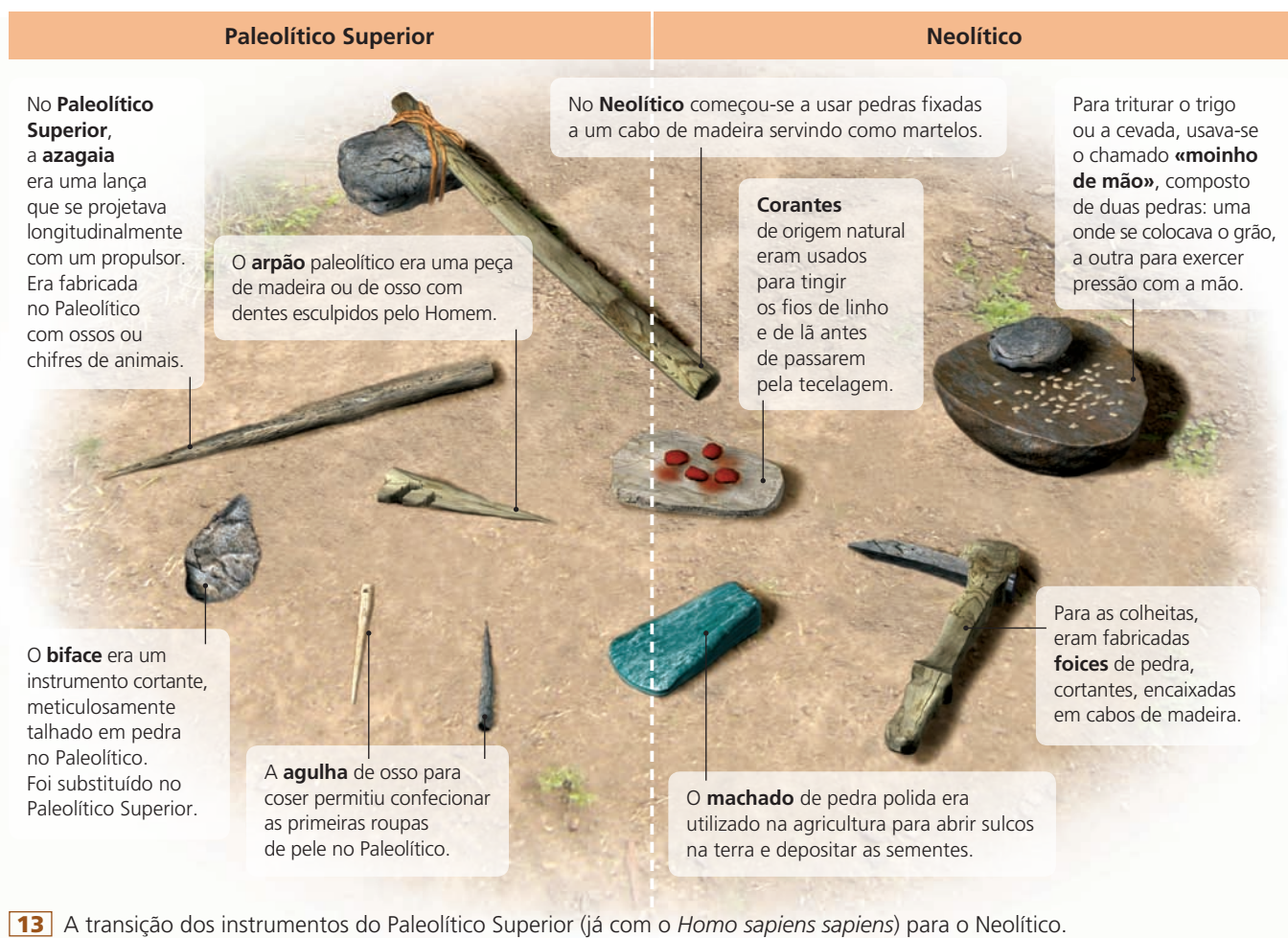
Há cerca de 12 000 anos várias regiões habitadas por populações humanas passaram por transformações que levam os historiadores a considerar findo o Paleolítico e iniciada uma nova era — o **Neolítico**. É um **período de transição** que a Arqueologia associa a **utensílios de pedra polida** destinados às novas atividades económicas.

Por essa altura verificaram-se alterações climáticas no nosso planeta: as temperaturas subiram em extensos territórios até então muito frios ou cobertos de gelo, sobretudo no Norte da Europa, da Ásia e da América. As populações tiveram de tornar a sua **alimentação menos dependente das condições naturais e da caça**, que escasseava em algumas regiões (vários grandes mamíferos extinguíram-se nesta altura, alguns provavelmente por ação do Homem).

Os **cereais** (trigo e cevada), que já eram colhidos no Próximo Oriente para enriquecer a alimentação, começaram a ser **cultivados de maneira muito simples**: as sementes eram lançadas à terra, na qual se abriam sulcos. Tornou-se necessário fabricar **novos instrumentos** **13**.

ATIVIDADES

- 1 Consulta a definição de **Neolítico** na página 198 e distingue este conceito do de Paleolítico.
- 2 Identifica as causas que levaram algumas populações humanas a iniciar o cultivo de cereais.
- 3 Observa a figura 13 e seleciona os instrumentos relacionados com as novas atividades económicas surgidas no Neolítico.



■ A revolução neolítica no Crescente Fértil

Numa região do **Médio Oriente** já muito povoada, que ia do delta do rio Nilo até ao delta dos rios Tigre e Eufrates, formaram-se, devido às alterações climáticas, grandes searas de **cereais selvagens**. Havia também **abundância de água**, dada a presença daqueles grandes rios, o que tornava toda esta área geográfica particularmente propícia para a prática da agricultura. Os historiadores chamaram-lhe **Crescente Fértil** **17**.

Neste ambiente natural viviam também várias **espécies de animais** (carneiros, cabras, porcos e bois) que, depois de capturados, podiam ser criados em cativeiro para alimentação dos grupos humanos (o que se chama **domesticação**) **14**. Estas mudanças introduziram uma alteração tão grande na forma de vida dos seres humanos que os historiadores lhe chamaram **revolução neolítica**.

■ Uma sociedade sedentarizada e produtora

No Crescente Fértil, os grupos de caçadores e recoletores foram assim adotando um modo de vida que os obrigava a permanecerem no mesmo lugar (**sedentarização**) para esperarem pelas colheitas dos cereais cultivados e para poderem guardar os campos contra intrusos. Passaram, assim, a viver em **aldeamentos**.

De entre as primeiras **povoações neolíticas** destacam-se **Jericó** (na Cisjordânia, hoje sob a Autoridade Palestiniana), onde os seus habitantes começaram a cultivar trigo e cevada e a praticar a pastorícia há cerca de 11 000 anos, **Çatal Huyuk** (na atual Turquia), **Jarmo** (no atual Iraque) e **Faium** (no Egito).

A agricultura era uma fonte mais certa de alimentos, sobretudo de cereais, e permitia guardar excedentes de um ano para o outro, podendo evitar a fome em anos de más colheitas. Por outro lado, a criação de gado (ou pecuária) permitia o enriquecimento da alimentação com proteínas, através da carne de animais criados em cercas junto dos aldeamentos. Era o nascimento da **economia de produção** **16**.

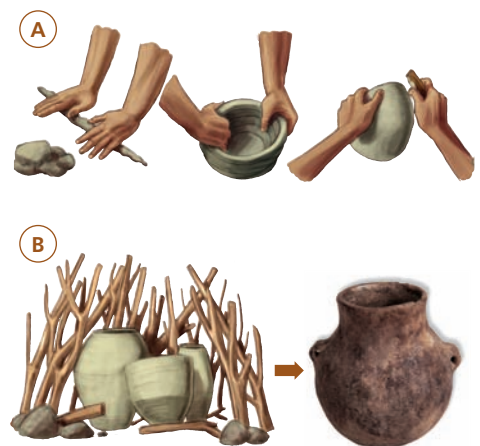
■ Divisão do trabalho, inventos e metalurgia

Cultivar, criar animais e fabricar ferramentas exigia uma aprendizagem longa. Essas tarefas não podiam ser executadas ao mesmo tempo por todos. Começou assim a ocorrer uma especialização de funções, a que se chama **divisão do trabalho**. Entre 12 000 e 5000 anos atrás, surgiram **progressos técnicos** estimulados pelas necessidades do dia a dia:

- A **cerâmica** **15**, a **cestaria** e a **tecelagem** **16**, que permitiram criar roupas e recipientes mais práticos.
- Inventos como a **roda** (aplicada a carros puxados por bois ou cavalos), a **vela** (aplicada a pequenos barcos, permitindo o surgimento da navegação) e o **arado** (que lavrava a terra mais profundamente do que as enxadas).



14 Domesticação de animais.



15 Nascimento da cerâmica.

A. Os artesãos moldavam a argila à mão. **B.** Depois, coziam a argila em fogueiras.



16 A sedentarização no Neolítico (reconstituição).



17 O Crescente Fértil.

ATIVIDADES

- 1 Consulta as definições de **Crescente Fértil**, **economia de produção**, **sedentarização**, **aldeamentos**, **revolução neolítica** e **divisão do trabalho** nas páginas 195, 196 e 198 e constrói um esquema, ligando os seis conceitos.
- 2 Distingue economia recoleitora e economia de produção.
- 3 Refere quatro progressos técnicos ocorridos entre há 12 000 e 5000 anos.
- 4 Observa a imagem da povoação de Dogon, no Mali (África), na atualidade.



- 4.1** Compara estas construções com as da figura 16.

■ As novas crenças e os cultos agrários

A passagem para um modo de vida sedentário e dependente da agricultura conduziu a **mudanças nas crenças** e na relação dos seres humanos com a Natureza. Terá crescido o fascínio perante o ciclo natural das **estações do ano** e o movimento aparente do **Sol** e das outras **estrelas**, que os homens do Neolítico relacionavam com a **fertilidade da terra**. Mudaram também as temáticas da arte rupestre **18**.

O pouco que sabemos sobre as práticas religiosas das sociedades neolíticas leva-nos a pensar que desenvolveram cultos relacionados com a agricultura e a fertilidade:

- O **culto solar**, motivado pela compreensão que havia da dependência dos animais e das plantas relativamente ao Sol.
- O **culto da deusa-mãe**, figura feminina que simbolizava a fertilidade e a renovação da vida todos os anos, fazendo o paralelo entre a fertilidade da terra e a da mulher como garante da continuidade da espécie humana **19**.

■ A cultura megalítica

À medida que a agricultura se foi expandindo lentamente pela Ásia, Europa e América, também os novos cultos agrários se foram difundindo.

No espaço à volta do mar Mediterrâneo, a implantação da agricultura e da pecuária fez-se provavelmente por um lento movimento colonizador de populações do Crescente Fértil, que se foram deslocando para ocidente, levando consigo as novas práticas produtivas e progressos técnicos, mas também as suas crenças e cultos. O contacto com estes novos habitantes levou as anteriores populações de caçadores recoletores a adotarem progressivamente a agricultura e a pecuária e técnicas como a cerâmica ou a cestaria. Na **Europa Ocidental** (incluindo o atual território português) ficaram vestígios dos cultos agrários, posteriores a esta expansão da revolução neolítica: as enormes pedras dispostas na paisagem, que se denominam **megálitos** **Leitura**. Estas pedras aparecem de várias formas:

- **Menires**, dispostos na vertical e isolados, eram provavelmente símbolos do culto da fecundidade, também associados a marcos territoriais.
- **Cromeleques**, dispostos em conjuntos (circulares, linhas paralelas, etc.), seriam santuários religiosos, não só ligados à Natureza, mas também ao culto dos astros.
- **Antas** (ou **dólmenes**), construções que serviam para sepultar os mortos, com pedras na vertical (esteios) suportando outra na horizontal (chapéu).

Os megálitos mostram que o Homem do Neolítico tinha já **crenças religiosas elaboradas** e era capaz de **planear e realizar trabalhos coletivos** (cortando grandes blocos de pedra, transportando-os e erguendo-os) **20**.



18 A arte torna-se estilizada ou abstrata, passando a destacar-se a figura humana (Bir Hima, Arábia).



19 Deusa-mãe de Çatal Huyuk (atual Turquia), um dos primeiros grandes povoados neolíticos.

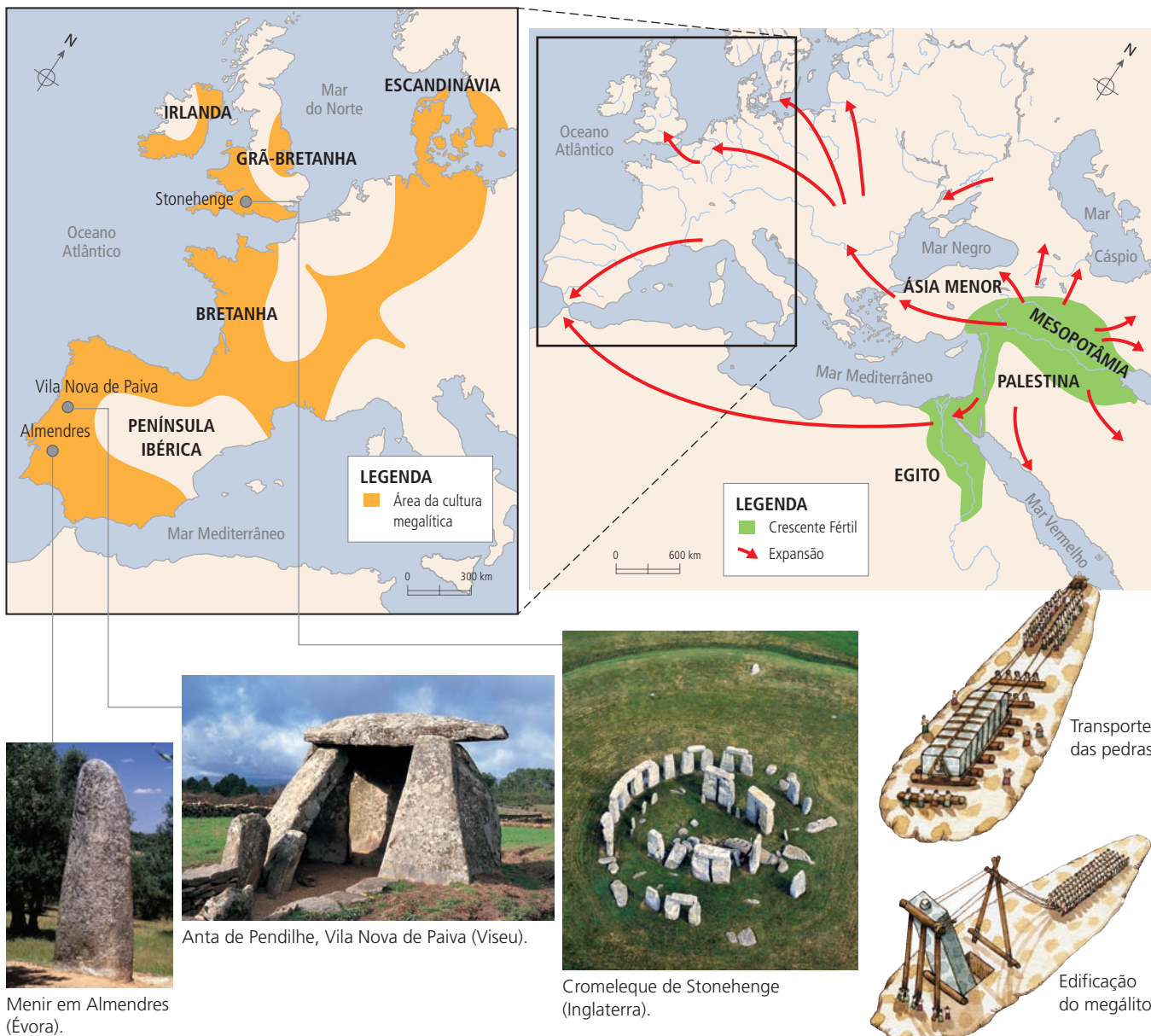


Leitura

Uma colonização neolítica

Em meados do 6.º milénio a. C., chegaram à Península Ibérica [...] os primeiros grupos de agricultores e pastores, que **5** conheciam o polimento da pedra e o fabrico de cerâmica [...]. A consolidação deste sistema agropastoril esteve na génese do fenómeno megalítico que **10** marcou, através de uma complexa arquitetura simbólica e funerária, as paisagens europeias a partir do 4.º milénio a. C.

*Enciclopédia do Estudante
Público/Santillana, vol. 15
(adaptado)*



20 A expansão da agricultura do Leste para o Ocidente na Europa, que conduziu ao desenvolvimento da cultura megalítica.

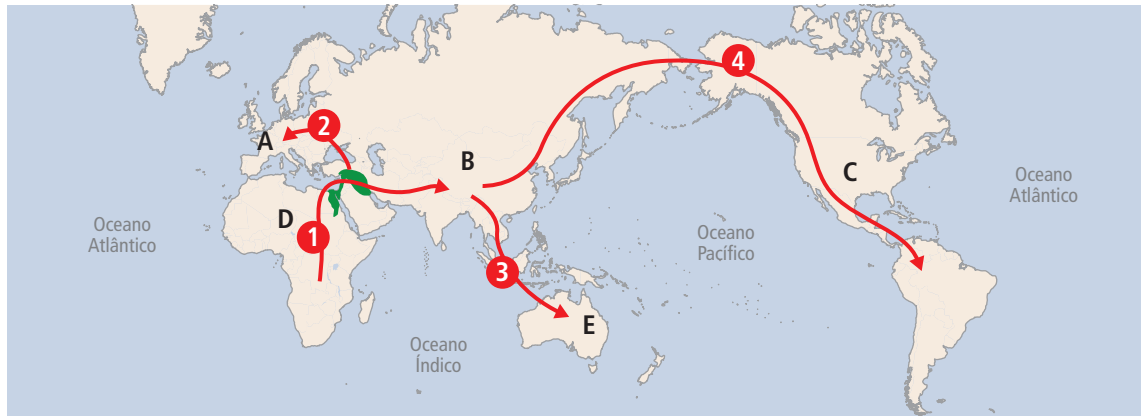
ATIVIDADES

- 1** Consulta a definição de **megálitos** na página 197 e elabora um pequeno esquema explicativo com este conceito e as palavras «menires», «cromeleques» e «antas».
- 2** Identifica os elementos naturais que os homens do Neolítico relacionavam com a fertilidade da terra.
- 3** Refere os dois principais tipos de cultos agrários.
- 4** Lê atentamente o texto «Uma colonização vinda do Mediterrâneo» e responde.
 - 4.1** Em que milénio chegaram à Península Ibérica os primeiros grupos neolíticos?
 - 4.2** De onde vinham esses grupos neolíticos?
 - 4.3** Por que mar fizeram a sua longa migração até ao Ocidente Europeu?
 - 4.4** Que fenómeno diz o texto estar associado à expansão da agricultura?
- 5** Observa todos os elementos da figura 20.
 - 5.1** Escolhe um dos megálitos representados e descreve-o, não esquecendo a sua função.
 - 5.2** Explica como eram erguidos os megálitos.

VERIFICA O QUE APRENDESTES

SITUA NO ESPAÇO

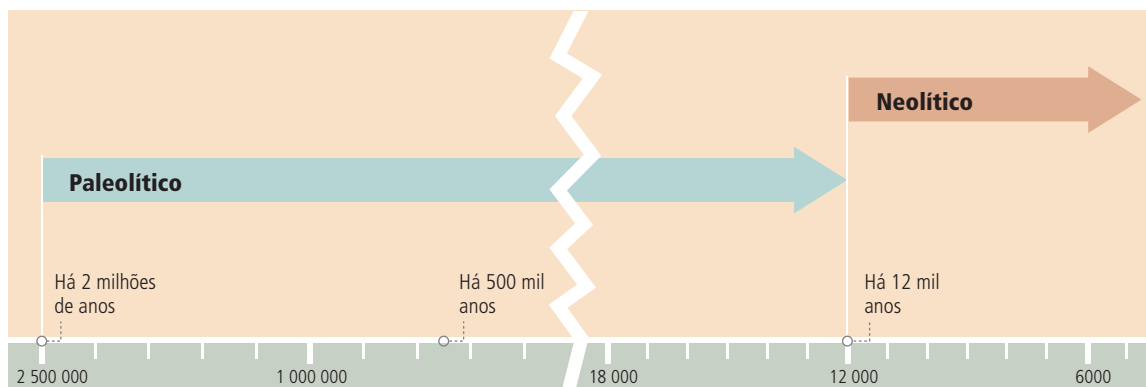
- 1 Observa o mapa e responde às questões.



- 1.1 Das letras assinaladas no mapa, seleciona aquela que indica o continente onde surgiram os primeiros hominídeos.
- 1.2 Identifica os números que assinalam no mapa a expansão do Homem do Paleolítico para: **a)** a Europa e a Ásia; **b)** a Oceânia; **c)** a América.
- 1.3 Refere a cor com que aparece no mapa a região onde surgiram os primeiros aldeamentos neolíticos, nos quais os homens passaram a viver da agricultura e da pecuária.
- 1.3.1 Regista o nome dessa região.

SITUA NO TEMPO

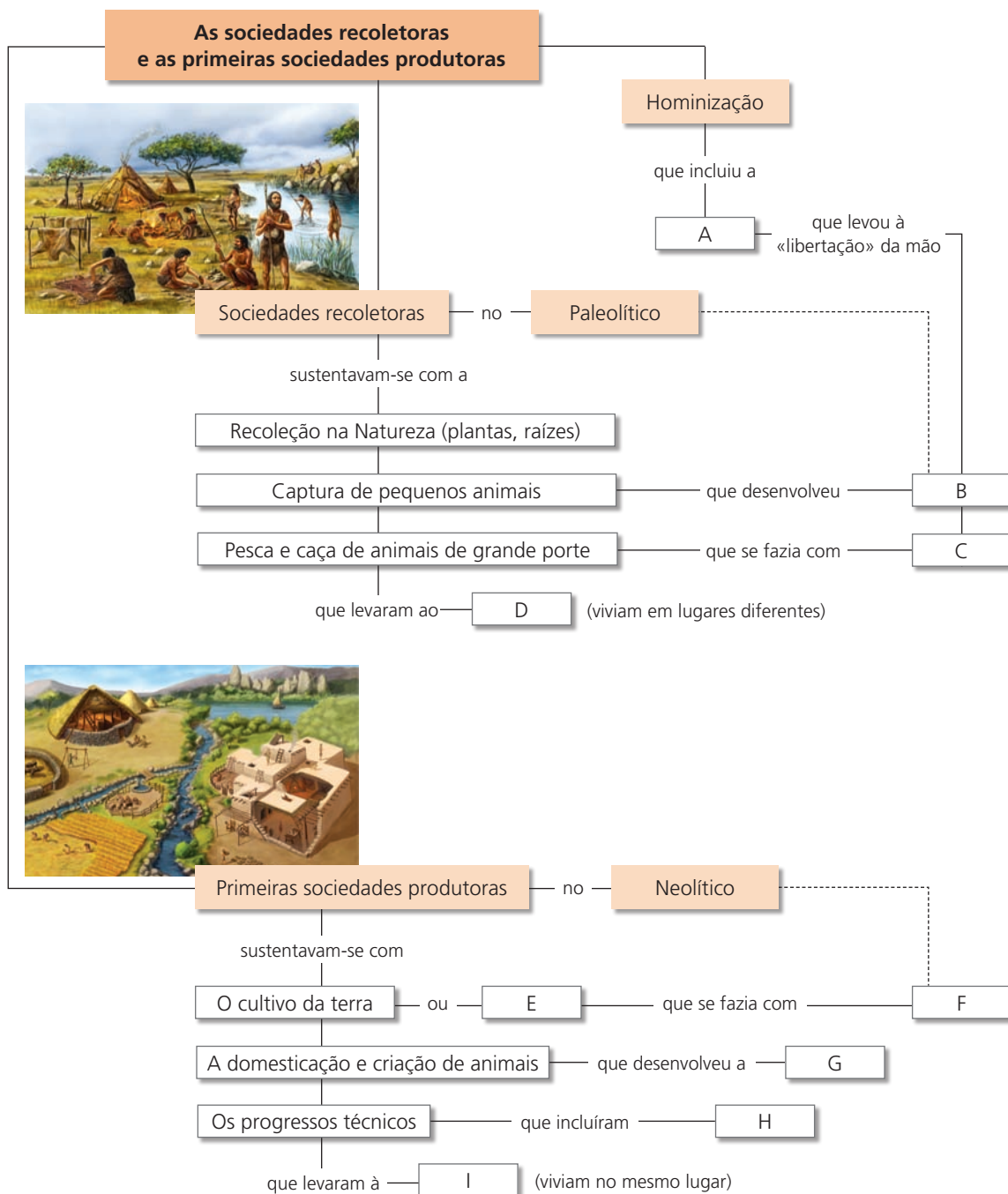
- 2 Observa a linha do tempo e responde às questões.



- 2.1 Seleciona as datas que assinalam na barra cronológica:
- a)** o surgimento dos primeiros aldeamentos neolíticos com a prática da agricultura e da pecuária;
 - b)** o início do fabrico de instrumentos de pedra pelo *Homo habilis*;
 - c)** o início do domínio do fogo pelo *Homo ergaster*.
- 2.2 Identifica as cores que marcam no tempo: **a)** o Paleolítico; **b)** o Neolítico.

ESTABELECE RELAÇÕES

- 3 Selecciona na chave o elemento correto para cada uma das letras dos espaços em branco.



CHAVE:

Agricultura

Bipedia

Cerâmica, tecelagem, cestaria, roda, vela, arado

Instrumentos de pedra lascada

Instrumentos de pedra polida

Lanças, propulsores e arpões.

Nomadismo

Pecuária

Sedentarização

4 Para cada questão, seleciona a única opção totalmente correta.

4.1 O processo de hominização (evolução dos homínidos até ao Homem atual) teve a(s) seguinte(s) característica(s):

- a)** a marcha bípede, o desenvolvimento do dedo polegar oponível, o crescimento do cérebro e outras mudanças nos dentes e na cara.
- b)** só a marcha bípede.
- c)** o domínio do fogo e a prática da caça em grupo com instrumentos de pedra.

4.2 As grandes mudanças na vida do Homem do Paleolítico foram:

- a)** a descoberta das técnicas de fricção para obtenção do fogo.
- b)** o fabrico de instrumentos de pedra a partir do *Homo habilis* e o domínio do fogo a partir do *Homo ergaster*.
- c)** o trabalho com peles de animais para fabricar roupas bonitas.

4.3 Por Neolítico entende-se:

- a)** o período que antecedeu o Paleolítico.
- b)** uma nova era em que os seres humanos decidiram deixar de caçar para se dedicarem a atividades menos perigosas.
- c)** a fase histórica inicial da agricultura e da pecuária, acompanhada pelo fabrico de instrumentos de pedra polida.

4.4 Quando falamos em sedentarização no período do Neolítico, queremos dizer que:

- a)** os seres humanos passaram a viver em grutas para se protegerem do frio.
- b)** o nomadismo foi progressivamente abandonado a favor da fixação em aldeamentos permanentes.
- c)** os metais substituíram a pedra no fabrico de instrumentos.

5 Observa as imagens e preenche a tabela, atribuindo a cada uma das épocas os seis objetos.



Épocas	Objetos
Paleolítico	A
Neolítico	B

6 Com os conceitos que aprendeste ao longo da segunda parte desta unidade, completa o texto seguinte.

Conceitos	
Neolítico	Sedentarização
Economia de produção	Crescente Fértil
Divisão do trabalho	Megálitos
Aldeamentos	Revolução neolítica

O A é a época dos instrumentos de pedra polida.

A passagem de uma economia recoleitora a uma B leva os historiadores a falarem de C nessa época.

Essa mudança foi tão importante que lhe é dado o nome de D.

Surgiram então os E , porque se deu uma F de muitas populações que abandonaram o nomadismo. A primeira região do Globo onde se deram estas mudanças foi o G . Os H são vestígios do surgimento de sociedades neolíticas noutras regiões, onde apareciam também novos cultos agrários.

TRABALHA DOCUMENTOS

- 7 Lê o texto e responde.



Leitura

A arte rupestre

Talvez os mais surpreendentes vestígios deste período (Paleolítico) sejam as pinturas rupestres e as esculturas que aparecem um pouco em todo o Mundo. [...] O seu aspeto mais fascinante consiste em permitir-nos ver o Mundo através dos olhos das populações que viveram nessa época.

O tema mais comum são as cenas com animais de caça e crê-se que estas primeiras expressões artísticas possam ter tido uma finalidade ritual. Qualquer que seja a sua interpretação, elas podem dizer-nos muito sobre o desenvolvimento das capacidades humanas. O que implica a criação visual? Em primeiro lugar, o artista tem de ser capaz de observar o mundo exterior, analisá-lo e depois recriar nele a sua imagem.

MARIE-LOUISE MARKIS,
A Aventura Humana (adaptado)

- 7.1** Identifica o que a autora considera serem «os mais surpreendentes vestígios» do Paleolítico.
- 7.2** Refere o principal tema da arte do Paleolítico, indicando as linhas do texto em que recolhiste essa informação.
- 7.3** Explica o que, de acordo com a autora, a arte rupestre paleolítica nos permite «ver».

- 8 Observa este conjunto de achados neolíticos em Portugal e responde às questões.



Polidor pré-histórico (Ponta da Passadeira, Barreiro).



Instrumentos de pedra polida (Fernão Vaz, Ourique).



Machado e enxó (reconstituição).

- 8.1** A partir destes instrumentos, enumera as atividades próprias das populações neolíticas que eles permitiam exercer.
- 8.1.1** Identifica as peças que indiciam a existência de cada uma dessas práticas.
- 8.2** Descreve as características do trabalho da pedra que permitem identificar estes instrumentos como neolíticos.

CONTRIBUTOS DAS PRIMEIRAS CIVILIZAÇÕES

A vida em cidades e a utilização da escrita alterou completamente as sociedades humanas. Como ocorreram essas mudanças há vários milênios?



Escrita e aglomeração urbana no antigo Egito (há cerca de 4000 anos) e na atualidade.



OBSERVA, INTERPRETA, REFLETE

- 1** Refere as diferenças e semelhanças que observas entre as duas cidades quanto:
 - a)** à aglomeração de edifícios e pessoas;
 - b)** ao tamanho das casas e das ruas;
 - c)** ao movimento na cidade.
- 2** Reflete sobre as seguintes questões.
 - 2.1** Apesar de só dizer respeito a uma minoria, a escrita terá sido um progresso para o Egito Antigo?
 - 2.2** Que problemas comuns poderão ser identificados nas duas cidades representadas?

2.1 As civilizações dos grandes rios

■ As primeiras civilizações no Crescente Fértil

As cidades, aparecidas há cerca de 5000 anos junto dos rios Tigre, Eufrates e Nilo, estiveram na origem das **primeiras civilizações**, ou seja, de sociedades governadas a partir de **aglomerações urbanas**.

De facto, o crescimento dos aldeamentos neolíticos do Crescente Fértil levou ao povoamento progressivo das margens de grandes rios: o **Tigre** e o **Eufrates**, na Mesopotâmia, e o **Nilo**, no Egito. Junto a esses rios, as **cheias frequentes** arrastavam um lodo que fertilizava as terras e permitia obter **colheitas abundantes**. Esta qualidade da terra suportou o desenvolvimento da economia de produção assente na agricultura e na criação de gado. Formaram-se, então, sociedades com novas características:

- Uma **agricultura muito produtiva**, que permitiu uma **acumulação de excedentes** (produtos para consumo armazenados de um ano para outro).
- A aplicação de **importantes invenções**, como o arado com tração animal **1**, a roda e o desenvolvimento da metalurgia.

Mais tarde, desenvolveram-se outras civilizações semelhantes, junto do **rio Indo** (há 4500 anos) e do **rio Amarelo** (há 3500 anos) **3**.

■ A estratificação social e a escrita

Os trabalhos agrícolas em grande escala tornaram necessário, como veremos, um poder mais forte que organizasse e distribuisse o produto das colheitas. Para isso, enquanto a maior parte da população trabalhava na agricultura, uma minoria passou a ter posições de comando, vivendo de impostos pagos pela maioria e detendo propriedade privada.

Surgiu, assim, nas primeiras civilizações, uma diferença de poder, riqueza e estatuto entre os seus membros, que tendia a passar de pais para filhos. Esta distinção originou diferentes grupos sociais e uma desigualdade política e económica que fez das civilizações dos grandes rios **sociedades estratificadas**.

O aparecimento da **escrita**, na Suméria (sul da Mesopotâmia) cerca de 3400 a. C., esteve intimamente ligado ao desenvolvimento das primeiras civilizações. A **necessidade de registar** a dimensão dos terrenos agrícolas, a quantidade de cereais produzidos ou o montante dos impostos tornou imprescindível o uso de caracteres que formaram sistemas de escrita complexos **2**. A aprendizagem da leitura e da escrita tornou-se privilégio de um pequeno grupo — o dos **escribas** —, que ganhou assim **poder e influência**, o que acentuou a estratificação da sociedade. Com a invenção da escrita, considera-se terminada a Pré-História e iniciada a **História**.

Vamos, a seguir, estudar uma destas primeiras civilizações — o **Egito**.



1 Arado com tração animal na Mesopotâmia (reconstituição).



2 Escrita cuneiforme da Mesopotâmia. Os caracteres (cerca de dois mil) eram gravados com cunhas em placas de argila.

SABER MAIS

A Idade dos Metais



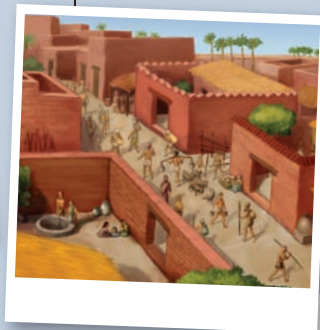
Com fornos como este foi possível abandonar a técnica da forja (aquecimento do metal) e adotar a fundição. Os metais passaram, assim, a ser derretidos e colocados em moldes. Passou a ser possível trabalhar metais duros, como o ferro, e criar ligas de metais, como o bronze.



O **Egito** desenvolveu-se nas margens do rio Nilo, desde a Núbia, a sul (no interior de África), até ao mar Mediterrâneo, a norte. Governada por um rei-deus (o faraó), é a civilização que vamos estudar em pormenor. Apareceu há 5000 anos.



A **Mesopotâmia** situava-se entre os rios Tigre e Eufrates (nos atuais Iraque e Kuwait). Nasceu a sul, na Suméria, governada por sacerdotes, e expandiu-se para norte, governada por reis. Foi a primeira grande civilização, surgida há 5500 anos.



Junto ao vale do rio Indo, no noroeste da atual **Índia**, a vida civilizada apareceu há 4500 anos em torno das cidades de Mohenjo-Daro e Harappa. Mil anos depois, estas primeiras civilizações foram destruídas pelos Arianos, um povo vindo do Irão, que passou a dominar a Índia.



A civilização chinesa nasceu nas margens do rio Amarelo, no Norte da **China**, onde já existiam sociedades neolíticas (como Banpo). Há cerca de 3500 anos floresceu a civilização Chang, com trabalhos de bronze notáveis. Graças à agricultura, esta região tornou-se uma das mais densamente povoadas do Mundo.

3 As civilizações dos grandes rios: Nilo, Tigre, Eufrates, Indo e Amarelo.

ATIVIDADES

- 1** Consulta as definições de **acumulação de excedentes**, **aglomerações urbanas** e **sociedade estratificada** nas páginas 195 e 198 e redige um texto sobre as civilizações dos grandes rios, usando estes três conceitos.
- 2** Observa a figura 1 e indica as diferenças existentes em relação ao trabalho da terra representado na figura 16 da página 23.
- 3** Identifica as atividades económicas em que assentava a economia de produção nas civilizações dos grandes rios.
- 4** Observa a figura 3 e responde às questões.
 - 4.1** Qual das quatro civilizações é a mais antiga?
 - 4.2** Há duas civilizações com maior proximidade uma da outra. Refere o nome da área geográfica em que se integram.

2.2 A civilização egípcia

■ As condições naturais

Há mais de 5000 anos surgiu no Nordeste de África, junto do rio Nilo, uma das civilizações mais importantes da história, o **Egito Antigo**.

A população concentrava-se numa estreita faixa de terra fértil situada nas margens do Nilo, a que os Egípcios chamavam «**terra negra**», por ser inundada e fertilizada pelo rio. Aquela franja alarga-se no Norte, onde o Nilo se divide em vários braços que desaguam no mar Mediterrâneo (o delta do Nilo) [6]. Para lá das margens ficava a «**terra vermelha**», desértica, onde quase não cresciam plantas nem havia animais e da qual se extraíam metais e pedra para as construções.

■ Uma vida ao ritmo do Nilo

A vida dos Egípcios era regulada pelo ritmo das águas do Nilo. Cada ano, de junho a setembro, devido às chuvas tropicais ocorridas no interior de África, o **caudal crescia** muito, inundando as margens. Quando as águas desciam, a partir de outubro, era a altura de **semear**, e em março começavam as **colheitas** [4].

O rio Nilo atravessa o Egito **de sul para norte**, nascendo no interior de África (lago Vitória). Era facilmente navegável e utilizado como **via de comunicação** que unia o país. Nas suas margens eram construídos **diques** para reter a água, **canais** para a conduzir a terrenos mais afastados e **picotas** para a elevar a pontos mais altos [5].

■ As atividades económicas

Nas aldeias, os camponeses alimentavam-se do que **cultivavam**: cereais, hortaliças e frutos ([7] e [8]). Com as uvas fabricavam vinho e com a cevada faziam cerveja, a sua bebida favorita. Alguns tinham **animais domésticos** e outros **pescavam** no Nilo.

O seu trabalho era muito duro. Os homens aravam as terras, as mulheres semeavam, e ambos faziam a colheita. A maioria das **ferramentas** era parecida com a das épocas anteriores: foices de pedra, madeira ou bronze, enxadas e arados puxados por bois.

Durante as cheias do Nilo, os camponeses eram recrutados pelo faraó para participarem na **construção de pirâmides** e de templos.

As **cidades** situavam-se junto do Nilo, havendo, por isso, **portos** para barcos à vela e a remos. Também havia **oficinas** de artesãos: oleiros, curtidores e carpinteiros (que faziam móveis). Realizavam-se **mercados** ao ar livre e os produtos eram trocados uns pelos outros, pois os Egípcios não utilizavam o dinheiro. As **casas** eram normalmente construídas com adobe; só os edifícios que deveriam durar para sempre, como os túmulos e os templos, eram construídos em pedra.



Inundação (junho). As chuvas no interior de África engrossam o caudal do Nilo, que, chegado ao Egito, provoca cheias.



Sementeira (outubro). O lodo trazido pelas cheias do Nilo fertiliza a terra — chega a altura de cultivar.



Colheita (março). Quando os cereais atingem o seu crescimento máximo, são colhidos para, após a moagem do grão, se fabricar farinha e, depois, pão.

[4] As cheias do Nilo.

A. Inundação B. Sementeira.
C. Colheita.



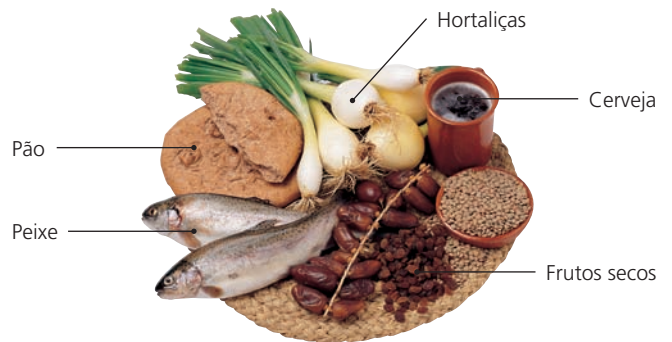
[5] Picota.



6 O espaço da civilização egípcia.



7 Camponês egípcio na atualidade.



8 A alimentação de um camponês. O mel, o leite e outros frutos também podiam fazer parte da alimentação. A carne era só para os ricos.

ATIVIDADES

- 1** Observa esta fotografia de satélite do vale do Nilo.



- 1.1** Atribui às letras A e B as expressões «terra vermelha» e «terra negra».
- 1.2** Usando a fotografia, explica porque era na «terra negra» que os Egípcios viviam.
- 2** Enumera as três técnicas de irrigação referidas no texto.

- 3** Observa as figuras 7 e 8 e responde às questões.

3.1 Identifica na figura 8 os alimentos referidos no texto que faziam parte das refeições dos camponeses egípcios.

3.2 Refere a utilidade que tinham os animais na alimentação e no trabalho dos camponeses.

3.3 Observa a figura 7 e compara-a com a figura 1 da página 32.

- 4** Observa o mapa da figura 6 e responde.

4.1 Em que parte do Egito (Alto ou Baixo) se situavam as pirâmides?

4.2 Que cidades serviram de capital ao Egito?

4.3 Em que localidades existiam grandes templos? E grandes túmulos?

- 5** Enumera os tipos de artesãos referidos no texto.

- 6** Explica como se faziam as trocas nos mercados.

■ O poder do faraó

A origem do Egito Antigo situa-se à volta de **3100 a. C.**, quando o rei Menés unificou o seu território. O final desta civilização teve lugar em **30 a. C.**, quando o país foi conquistado pelos Romanos.

O Egito era governado por reis, chamados **faraós**. O faraó concentrava nas suas mãos **todos os poderes**: ditava as leis, governava o país, possuía a grande parte das terras, controlava o comércio e comandava o exército. Os faraós viviam em **grandes palácios**, rodeados de riquezas e de centenas de funcionários e servos.

Quando um faraó morria, sucedia-lhe um filho. Nos tempos mais recuados destacaram-se os faraós **Khufu, Khafré e Menkauré**, que mandaram construir as pirâmides de Guiza; em tempos posteriores, destacaram-se **Tutmés III e Ramsés II**, que foram grandes guerreiros.

Os Egípcios acreditavam que **os faraós eram deuses** e que tinham **poderes mágicos**, como provocar as cheias do Nilo, devendo prostrar-se na sua presença sem os tocar ou olhar na cara. O governo assentava, assim, num **poder sacralizado** **9**.

■ Uma sociedade estratificada

A sociedade egípcia era formada por diferentes grupos **10**. Os **grupos privilegiados** (com direitos exclusivos), mais ricos e poderosos, eram os nobres, os sacerdotes e os escribas. Os **grupos de condição inferior** eram a parte restante e maioritária da população: camponeses, soldados, artesãos e escravos, sendo estes em pequeno número **11**.

Os **nobres** eram os membros da família do faraó e de outras famílias que o faraó havia recompensado com terras, outras riquezas ou cargos importantes. Os **sacerdotes** cuidavam dos rituais religiosos e tinham ao seu serviço milhares de pessoas, pois os templos em que viviam possuíam extensas terras também concedidas pelo faraó. Os **escribas** redigiam documentos oficiais e registavam as contas dos impostos e das mercadorias que entravam e saíam dos armazéns do faraó; tinham grande prestígio, pois, excetuando alguns nobres e sacerdotes, eram os únicos que sabiam ler e escrever.

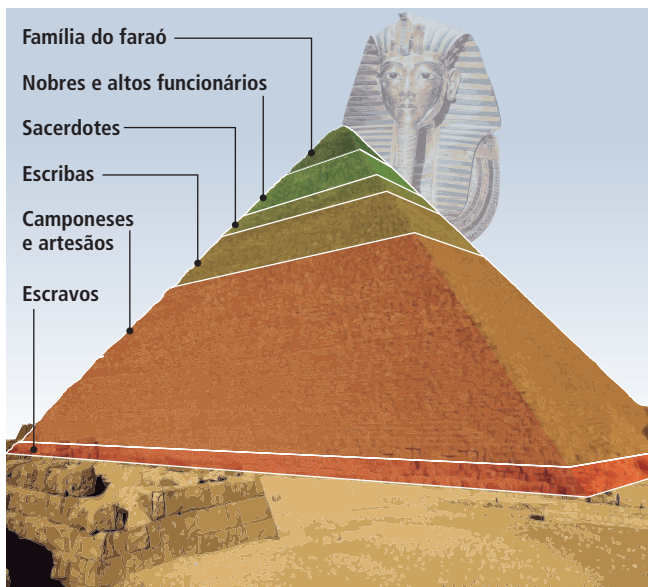
Os **artesãos** faziam esculturas ou peças de cerâmica, fabricavam o papiro sobre o qual os escribas escreviam, faziam vestuário de linho e elaboravam objetos de metal. Os **camponeses** eram a grande maioria da população (nove em cada dez egípcios), viviam de forma modesta e, com o fruto do seu trabalho, deviam alimentar as suas famílias e pagar impostos ao faraó, aos nobres ou aos sacerdotes (conforme as terras em que viviam) **Doc.**.

Os **escravos**, que não tinham grande importância para a economia, eram maioritariamente prisioneiros de guerra; não tinham direitos e a grande parte era propriedade do faraó, que os utilizava para trabalhar nas obras públicas, nas minas e no exército.



9 Símbolos do poder num sarcófago (caixa funerária) de Tutankhamon.





10 Representação em pirâmide da sociedade egípcia.



11 A vida no Egito Antigo: os diferentes grupos sociais no campo (margem de cima) e na cidade (margem de baixo).
A. Aldeia com **camponeses**. **B.** Casa de **nobre**. **C.** Mercado, onde artesãos e camponeses vendiam os seus produtos. **D.** Templo, onde os **sacerdotes** faziam o culto. **E.** Rua com as oficinas dos **artesãos**.

Documento

A vida dura do camponês

O camponês passa os dias a queixar-se [...]. Os seus dedos e braços estão demasiado gretados. Está esgotado de andar no lodo; as suas roupas são andrajosas e estão esfarrapadas [...]. Quando, à tardinha, abandona o campo e regressa a casa, fica exausto com o caminho.

Sátira dos Ofícios (texto egípcio, 1900 a. C.)

ATIVIDADES

- 1 Consulta a definição de **poder sacralizado** na página 198 e redige uma frase sobre o poder do faraó, usando este conceito.
- 2 Faz corresponder a cada aspeto do poder do faraó a expressão do texto que lhe diz respeito.

Leis	A
Governo	B
Terras	«Possuía grande parte das terras.»
Comércio	C
Exército	D

- 3 Observa a figura 9 e identifica os símbolos:
a) do Baixo Egito;
b) do Alto Egito.
- 4 Enumera os diferentes grupos da sociedade egípcia:
a) os privilegiados;
b) os de condição inferior.
- 5 Observa as figuras 10 e 11 e explica:
a) por que razão a forma geométrica da figura 10 é a mais adequada para representar a estratificação da sociedade egípcia;
b) como é visível a estratificação social nas casas e nos edifícios da figura 11.

■ Os saberes

Os Egípcios aplicaram **cálculos matemáticos** para medir terrenos, contabilizar a produção dos campos agrícolas e medir o nível das águas do rio Nilo **12**. Foram mestres em **Geometria** aplicada às necessidades da Arquitetura, como a perfeição das suas grandes construções demonstra.

Faziam pequenas **intervenções cirúrgicas** a partir dos conhecimentos do corpo humano que adquiriam com as técnicas de mumificação dos mortos. Tinham também conhecimentos práticos de **Medicina** **Doc.**

Elaboraram ainda um rigoroso **calendário solar** de 365 dias e 12 meses devido ao fascínio pela observação dos astros e pela necessidade de conhecerem o ciclo anual das cheias do Nilo.

■ A escrita com hieróglifos

Os Egípcios começaram a usar hieróglifos há mais de 5000 anos. Alguns representam **ideias** (por exemplo, um braço com a mão estendida significa «oferenda»); outros representam **sons** (por exemplo, um mocho equivale ao som «m»).

Escrevia-se sobre a **pedra**, quando as inscrições eram feitas nos edifícios, em lascas de pedra, fragmentos de cerâmica ou na **madeira**, mas o mais usual era o **papiro**, planta que crescia nas margens do Nilo, especialmente preparado para o trabalho diário dos **escribas** **13**.

Existiam mais de dois mil hieróglifos e a maior parte exigia talento para o desenho, como vemos na arte egípcia **14**. No dia a dia, porém, foi necessário criar tipos de **escrita simplificada** e mais rápida de escrever, chamada cursiva (eram os casos das escritas hierática e demótica).

Os escribas tinham interesse em manter as técnicas da escrita e da leitura como um **segredo**, limitando assim o acesso ao conhecimento dos demais egípcios. Isso tornava-os poderosos numa sociedade quase totalmente analfabeta. Para alguém se tornar escriba, era necessário ser do sexo masculino e ser aceite numa **escola** pelos escribas já estabelecidos na profissão. Muitas vezes eram os filhos de escribas que se tornavam escribas. Graças a eles, temos inúmeras **fontes escritas** sobre a civilização egípcia.



12 Os nilómetros eram uma espécie de poços com marcas de nível nas suas paredes: quando o rio inundava o poço, era possível saber o nível alcançado pelas águas.

Documento

Remédios egípcios

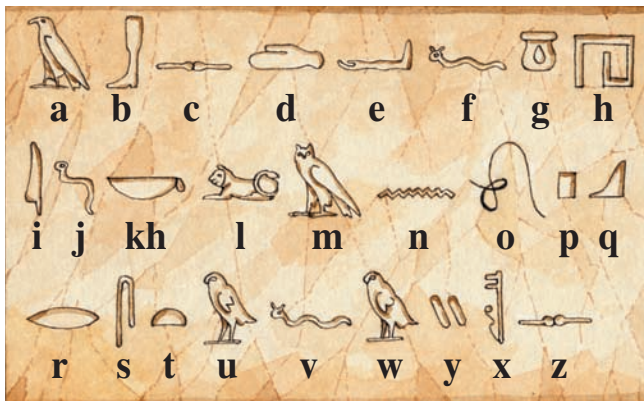
Para a tosse: creme e cominho mergulhado no mel.
Dar ao doente durante quatro dias.

Para a dor de garganta: leite de vaca e tâmaras. Deitar num recipiente que será posto ao lume [...]. À noite, o doente mastigará as tâmaras e beberá o leite durante quatro dias.

Citado em *Dicionário do Antigo Egito*



13 Um escriba (cerca de 2500 a. C.).



14 Equivalência entre o alfabeto português e os sons mais parecidos na língua egípcia.

SABER MAIS

Como se preparava o papiro...



O caule do papiro era cortado, descascado e fatiado em tiras bem finas.



As tiras eram dispostas perpendicularmente em camadas.



Marteladas, libertavam a seiva que as colava, formando uma folha.



Por fim, a folha era alisada com uma pedra polida e as bordas eram aparadas.

TRABALHA DOCUMENTOS

Reconhecer uma fonte escrita

Saber

No teu manual, vais poder observar, ler e interpretar vários tipos de:

- **Fontes não escritas** — são utensílios, construções ou obras de arte feitos pelos nossos antepassados que chegaram até nós ou porque foram cuidadosamente preservados (às vezes por acaso), ou porque estavam enterrados e foram encontrados muito mais tarde, podendo ter milhares de anos. No teu manual, chegam-te por meio de fotografias.
- **Fontes escritas** — são textos escritos no passado e que nos dão informações sobre a sua época. Às vezes têm muitos e muitos anos e foram escritos em línguas que já não são faladas no nosso tempo. No teu manual, estes textos aparecem em pequenos excertos, que têm a informação mais importante, e estão traduzidos para o português que falamos e escrevemos hoje. Diz-se que são adaptados porque a sua linguagem foi aproximada ao nosso modo de falar atual, para os entenderes melhor. Chamamos-lhes documentos e estão assinalados com este ícone

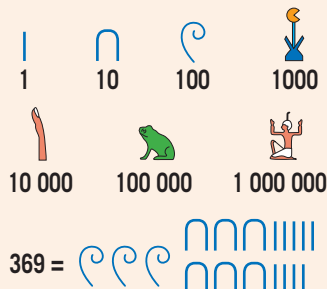
Saber fazer

1. Analisa as páginas 38 e 39 e identifica uma fonte escrita e uma fonte não escrita.
2. Explica a importância da escrita para conhecermos o passado.

ATIVIDADES

1. Consulta a definição de **Fontes escritas** na página 196 e faz uma lista de todas as fontes escritas desta unidade.

2. Observa os sinais matemáticos egípcios. Os números maiores são sempre escritos primeiro, à esquerda.



- 2.1 Com estes sinais, escreve os números 110, 501, 2200 e 110 204.

3. Lê o documento e esclarece se os remédios eram feitos com produtos existentes no Egito.
4. Observa a figura 13 e redige um pequeno relatório elaborado por um escriba no fim de um dia de trabalho.
5. Escreve o teu nome com os hieróglifos da figura 14.
6. Refere como se acedia à profissão de escriba no Egito.

■ Os deuses e a religião egípcia

Os Egípcios eram **politeístas**, ou seja, acreditavam em vários deuses, muitos dos quais eram adorados só numa parte do país. Outros deuses, ligados aos templos principais ou ao faraó, tornaram-se mais importantes: **Amon-Ré** (o deus solar e rei dos deuses), **Osíris** (deus da fertilidade e dos mortos), a deusa **Ísis** (modelo de esposa e mãe) ou **Hórus** (deus associado à realeza dos faraós) [15].

Os Egípcios acreditavam que os **ritos** religiosos eram necessários para manter o equilíbrio do Universo. Por exemplo, as cheias anuais do Nilo dependeriam desses ritos. Por isso, dotavam cada deus de um **templo** onde estivesse a sua estátua e onde lhe fossem dedicadas ricas oferendas.

Cada templo tinha um corpo de **sacerdotes**, que se ocupavam de limpar e vestir a estátua do deus e de realizar os ritos. Todos os dias iam em procissão ao **santuário** do templo, oferecendo alimentos e bebidas à divindade. Os templos eram **construídos em pedra** para resistirem ao tempo e servirem de morada a deuses considerados **imortais** (vê a figura 22 da página 43).

■ A vida depois da morte

Os Egípcios acreditavam na vida depois da morte e que os mortos seriam julgados pelos deuses de acordo com a sua conduta durante a vida [17]. Pensavam que era necessário **conservar os corpos** para essa segunda vida. Para isso, mumificavam-nos, secando-os e envolvendo-os em faixas. Depois, guardavam-nos em **sarcófagos** e depositavam-nos em túmulos, que eram a residência dos mortos [16] e [19].

O sarcófago era rodeado de tudo aquilo de que o morto necessitaria na **outra vida**: alimentos, roupas e até figuras de madeira representando os seus servos, se fosse rico. No caso dos faraós, os túmulos podiam conter autênticos **tesouros** guardados em pirâmides ou hipogeus construídos para evitar o roubo dos bens depositados.

Os primeiros faraós fizeram-se enterrar em **mastabas**, depois substituídas por **pirâmides** (as de Guiza são os monumentos funerários mais grandiosos do Egito). Posteriormente, usaram enormes **hipogeus** escavados no Vale dos Reis [18].



15 Alguns dos principais deuses egípcios.



Primeiro, os órgãos internos do corpo eram removidos para serem guardados em vasos especiais.



De seguida, o corpo era coberto de bicarbonato de sódio (natrão), para secar e preservar o cadáver.



Passados vários dias, o corpo era embalsamado com óleos e resinas, para o perfumar e conservar.

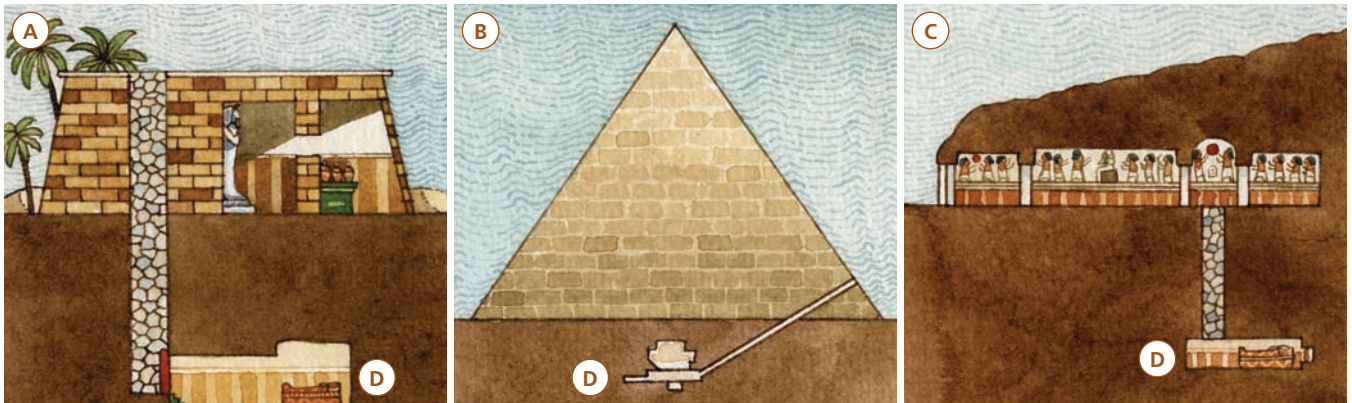


Por fim, o corpo era envolvido em faixas de linho, colocado no sarcófago e posto dentro do túmulo.

16 Processo de mumificação de um morto.



17 Julgamento de um defunto (vestido de branco, à direita) num papiro do Livro do Mortos (c. 1000 a. C.).



18 Monumentos funerários. A câmara funerária, onde se colocava o sarcófago, está representada com a letra D.
A. Mastaba. B. Pirâmide. C. Hipogeu.



19 Sarcófago com múmia no interior (a parte da esquerda é a tampa).

ATIVIDADES

- 1** Consulta a definição de **politeísmo** na página 198 e redige uma frase sobre a religião egípcia usando este conceito.
- 2** Lê o texto.

Documento

Saúde a ti, ó Osíris, senhor da eternidade, rei dos deuses [...]. O teu nome é duradouro na boca dos homens, como deus primordial das Duas Terras [Baixo e Alto Egito]. As plantas crescem à tua ordem [...] e os mortos louvam-te.

Texto egípcio do 2.º milénio a. C. (adaptado)

- 2.1** Identifica o deus a quem o texto é dedicado.
- 2.2** Copia as frases que associam este deus à fertilidade e aos mortos.
- 3** Justifica a necessidade que os Egípcios sentiam de realizar ritos religiosos.
- 4** Observa as figuras 16 e 19. A partir delas, relaciona o processo de mumificação com as crenças dos Egípcios sobre a morte.
- 5** A partir da figura 15, identifica os deuses representados na figura 17.

■ A arquitetura

As principais construções egípcias foram **templos** (Karnak, Lucsor, Edfu e Abu Simbel) e **complexos funerários** (pirâmides de Guiza e Sakara, junto a Mênfis, e os túmulos cavados na rocha no Vale dos Reis e no Vale das Rainhas, junto a Tebas).

Destacam-se, em geral, pela sua **monumentalidade**, como se fossem da dimensão de deuses e não de homens. O seu aspeto é maciço e, no caso dos templos, são usadas colunas altas para sustentar os tetos. A pintura é aplicada no interior destas construções.

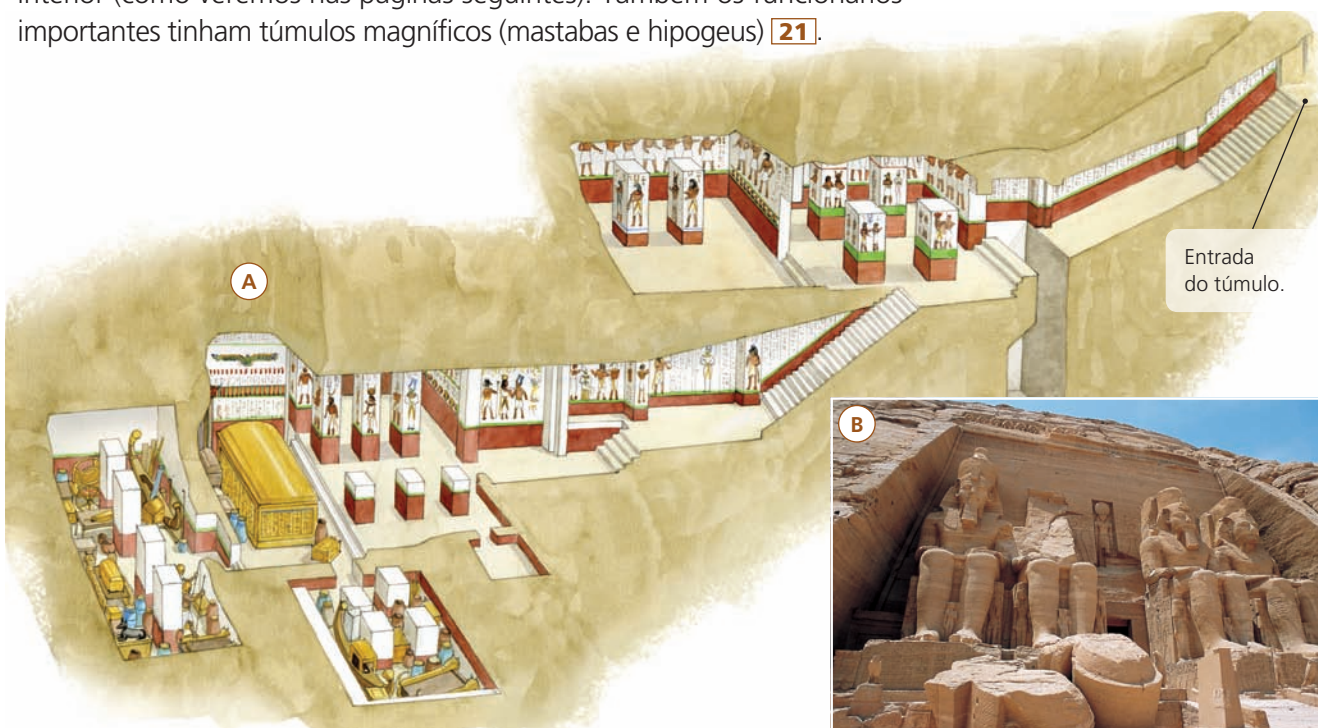
Os grandes templos eram edifícios de dimensões colossais, com tetos sustentados por colunas [20]. A sua estrutura incluía, em geral: uma larga avenida ladeada de esfinges que dava acesso a duas torres ladeando uma porta monumental, diante das quais estavam obeliscos representando a união da terra com o céu; seguia-se um pátio rodeado de enormes colunas; a sala hipostila, com um teto sustentado por colunas; por fim, o santuário onde estava a estátua do deus [22].

A construção das pirâmides iniciou-se por volta de 2650 a. C. A primeira foi construída em degraus, na região de Sakara. Só depois se iniciou a construção das grandes **pirâmides de Khufu, Khafré e Menkauré**, em Guiza, muito maiores e com as faces planas [23]. Uma obra tão gigantesca e trabalhosa não voltou a repetir-se: as pirâmides construídas depois eram menores, e por volta de 1800 a. C. este tipo de construção funerária já tinha sido abandonado pelos faraós.

Seguiu-se a construção de grandes hipogeus escavados na rocha, no Vale dos Reis. Estes túmulos faraónicos eram ricamente decorados no seu interior (como veremos nas páginas seguintes). Também os funcionários importantes tinham túmulos magníficos (mastabas e hipogeus) [21].



[20] Templo de Karnak, com enormes colunas para suportar um teto de grandes lajes de pedra que já caíram.

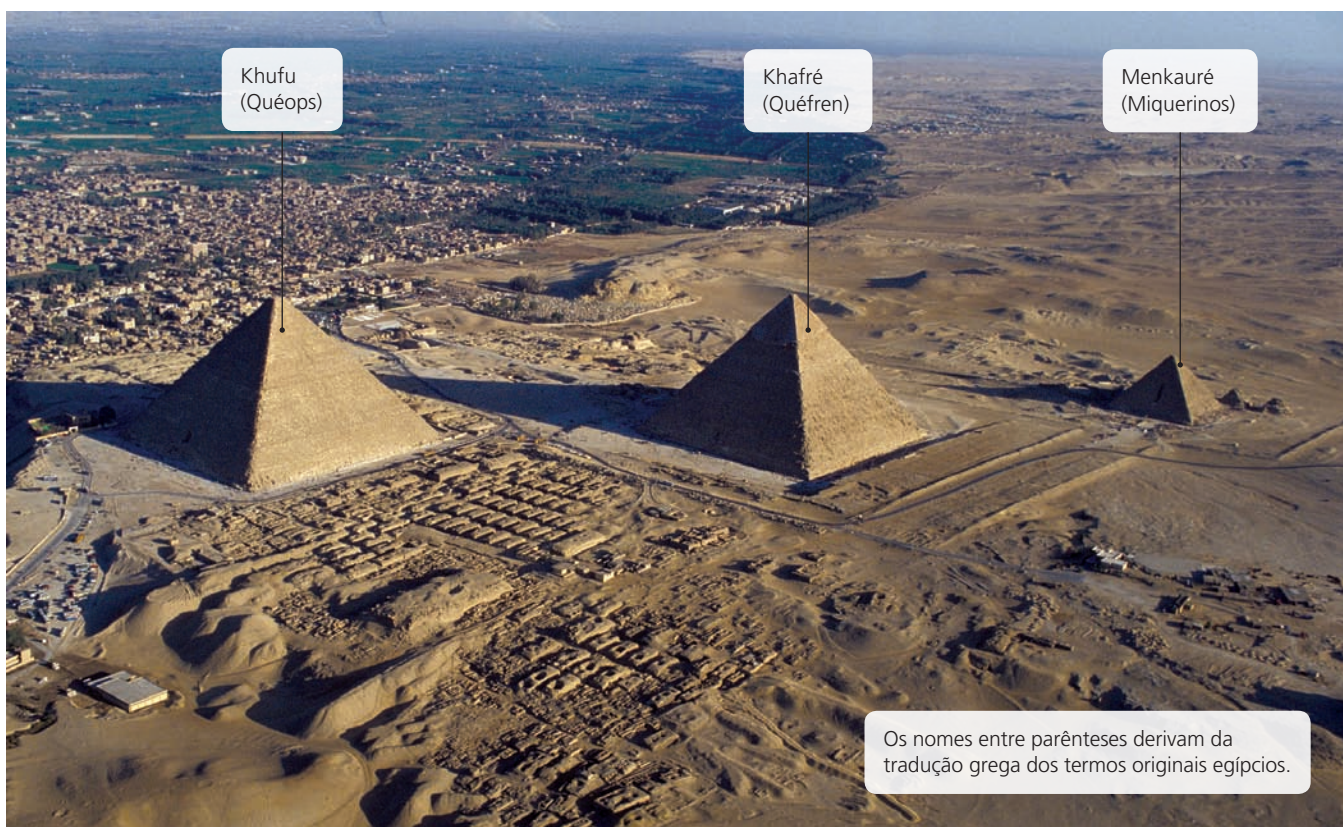


[21] Construções escavadas na rocha.

A. Esquema de um túmulo real. B. Templo rupestre de Abu Simbel, na Núbia (Sul do Egito).



22 Templo de Lucsor. O templo era de acesso restrito aos crentes e no santuário com a estátua do deus só entravam os sacerdotes. No meio do templo foi depois construída uma mesquita, como se vê na imagem.



23 Pirâmides de Guiza, erguidas entre 2600 e 2500 a. C. A grande pirâmide de Khufu (à esquerda) tinha inicialmente 147 metros de altura e 230 metros de cada lado da base; alguns blocos de pedra pesam mais de 50 toneladas.

■ A pintura e a escultura

A pintura e a escultura mudaram pouco durante os 3000 anos que durou a civilização egípcia. Os **artistas** trabalhavam em grupo e eram considerados simples artesãos. Estavam obrigados a criar as suas obras de acordo com **princípios muito rígidos**:

- **A lei da frontalidade.** Uma linha rigorosa e frontal divide as estátuas exatamente ao meio.
- **A aspetividade.** Os olhos e os ombros das figuras humanas representam-se de frente nas paredes, mas a cara, os braços e as pernas aparecem de perfil.
- **A imobilidade e a rigidez.** As figuras são estáticas e quase não há sensação de movimento [24].

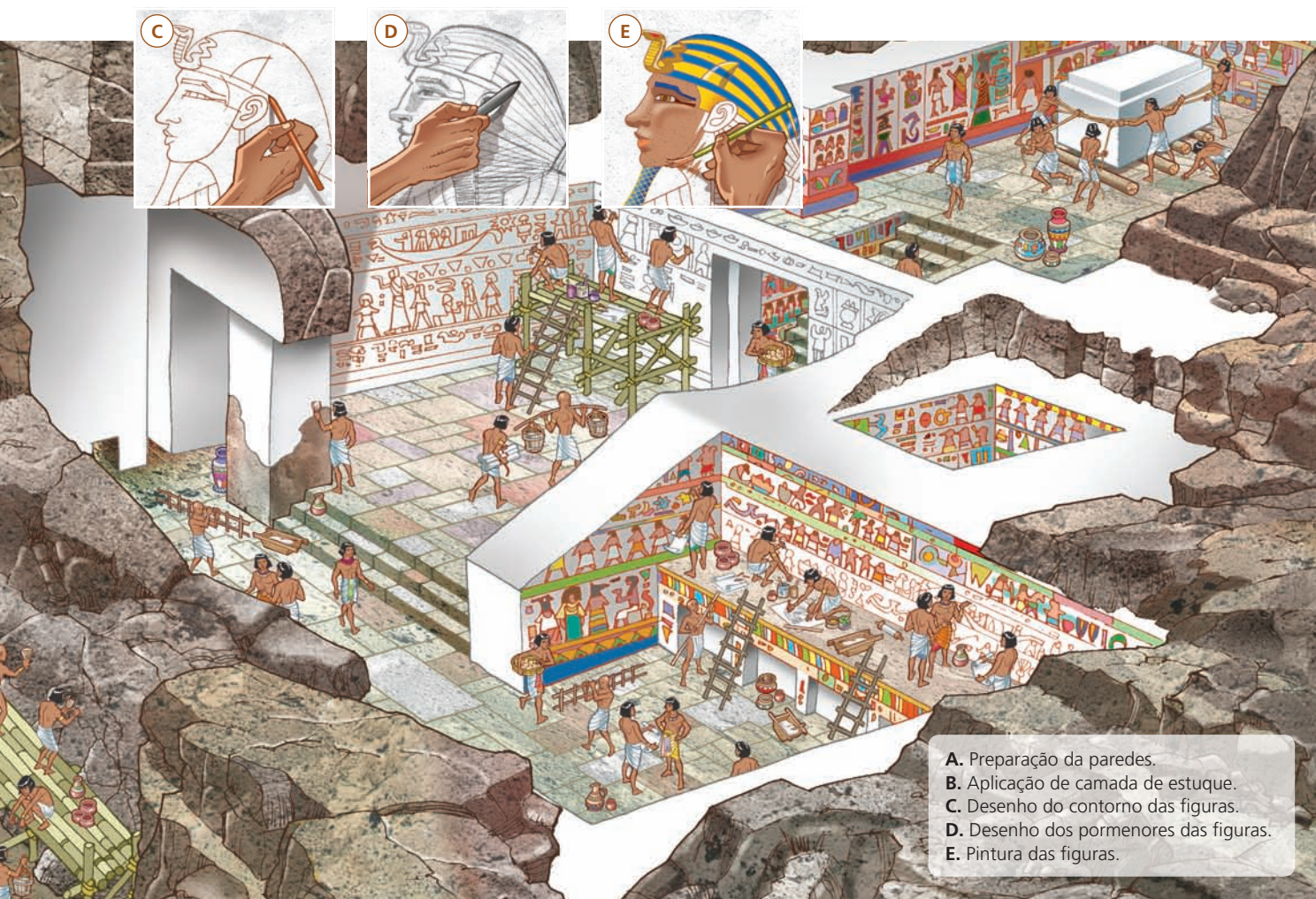
A maioria das obras de arte egípcias tem um **sentido religioso**. As cenas do quotidiano misturam-se com cenas mitológicas. Os faraós eram representados com a estatura e a aparência de deuses [26].

As grandes pinturas dos túmulos como os do Vale dos Reis começavam com o trabalho dos pedreiros, que preparavam as paredes das câmaras e corredores [25A]. Em seguida, uma camada de estuque era aplicada nas paredes [25B], sobre as quais os artesãos desenhavam ou esculpiam em baixo-relevo as imagens [25C-E].

As artes decorativas tiveram um desenvolvimento notável no Egito, especialmente no mobiliário, na ourivesaria e joalharia, em cujas obras se aliava um trabalho de precisão à escolha dos materiais mais preciosos (ouro e pedras semipreciosas) [27].



[24] Pintura mural do túmulo da rainha Nefertari, uma das esposas de Ramsés II (Vale das Rainhas, em Lucsor Ocidental).



25 Reconstituição do trabalho de pintura nas paredes de um túmulo faraónico no Vale dos Reis. O trabalho interno era feito à luz de archotes.



26 Estátua do faraó Tutmés III.



27 Peças de ourivesaria.

ATIVIDADES

- 1** Observa as figuras 20 a 23 e explica porque se aplicam à arquitetura egípcia palavras como «grandioso», «monumental» ou «colossal» (se for necessário, usa um dicionário).
- 2** Situa no tempo, aproximadamente, o período da construção de pirâmides no Egito.
 - 2.1** O templo de Abu Simbel é anterior ou posterior a esse período?
- 3** Observa atentamente a figura 25 e, baseando-te também nas informações do texto, descreve as fases do processo de elaboração de uma pintura numa grande sepultura de Vale dos Reis.
- 4** Observa as figuras 24 e 26 e descreve-as, usando os termos «imobilidade» e «rigidez».

Os contributos do Mediterrâneo Oriental

Os Fenícios, um povo de comerciantes

O desenvolvimento das civilizações mesopotâmica e egípcia influenciou outros povos da região do Crescente Fértil. Um povo do **Mediterrâneo Oriental**, a nordeste do Egipto (na costa do atual Líbano), desenvolveu um modo de vida baseado em cidades costeiras, como Biblos e Tiro. Trata-se dos **Fenícios**, que se espalharam por todo o mar Mediterrâneo, fundando colónias (novas cidades dependentes das cidades da Fenícia) e estabelecendo trocas comerciais com os mais variados povos (vê o mapa da atividade).

Uma das suas colónias mais importantes foi a cidade de **Cartago**, no Norte de África (atual Tunísia), que se tornou muito rica e poderosa [29].

Um novo tipo de escrita

Os Fenícios começaram por utilizar a escrita egípcia para registar as mercadorias que compravam e vendiam. No entanto, como precisavam, nos seus negócios diários, de fazer um grande número de anotações rápidas, simplificaram o modo de escrever.

Por volta de 1500 a. C., substituíram os sinais que representavam ideias (ideogramas) e passaram a usar apenas sinais que representavam os sons da sua língua (fonogramas). Inventaram, assim, o alfabeto (conjunto de letras consoantes porque os Fenícios não escreviam vogais):

- **Reduziram** para 22 os sons que representavam as consoantes, permitindo registar os sons exatos da linguagem oral.
- **Criaram** sinais ou «letras» mais fáceis e rápidos de escrever.

Esta nova **escrita alfabética** era muito mais fácil de aprender e foi adotada por outros povos, nomeadamente os Gregos (que estudaremos na próxima unidade), que introduziram as vogais, e depois os Etruscos (península Itálica); por meio destes, passou aos Romanos que, como veremos (unidade 4), a transmitiram a muitas línguas, incluindo a portuguesa [28].

Alfabeto fenício	Significado	Alfabeto grego	Alfabeto latino
𐤀	boi	Aα	Aa
𐤁	casa	Bβ	Bb
𐤂	camelo	Γγ	Cc, Gg
𐤃	porta	Δδ	Dd
𐤄	janela	Eε	Ee
𐤅	gancho	Υυ	Ff, Uu, Vv, Ww, Yy
𐤆	arma	Zζ	Zz
𐤇	cerca	Hη	Hh
𐤈	roda	Θθ	
𐤉	braço	Ιι	Ii, Jj
𐤊	palma (da mão)	Κκ	Kk
𐤋	agulhão	Λλ	Ll
𐤌	água	Μμ	Mm
𐤍	peixe	Νν	Nn
𐤎	coluna	Ξξ, Χχ	Xx
𐤏	olho	Οο	Oo
𐤐	boca	Ππ	Pp
𐤑	papiro (planta)	Ϛϛ	
𐤒	buraco de agulha	Qq	Qq
𐤓	cabeça	Ρρ	Rr
𐤔	dente	Σσς	Ss
𐤕	marca	Ττ	Tt

28 Alfabeto fenício e sua correspondência com os alfabetos grego e latino.

SABER MAIS

Os artesãos fenícios

De um molusco (o múrice), os Fenícios extraíam um corante para tingirem tecidos com uma cor vermelho-escuro muito apreciada, a púrpura.



Os Fenícios inventaram a técnica do vidro soprado para fabricarem peças quase transparentes.





29 Atividade comercial no porto fenício de Cartago (reconstituição).

ATIVIDADES

- 1** Consulta a definição de **escrita alfabética** na página 196 e redige um texto de cinco linhas com este conceito, identificando as diferenças em relação aos tipos de escrita anteriores.
- 2** Observa o mapa relativo à presença fenícia no mar Mediterrâneo e responde.



- 2.1** Regista o nome das quatro cidades da Fenícia e de quatro colónias identificadas no mapa.
- 2.2** Utilizando os pontos cardeais, esclarece o sentido da expansão dos Fenícios no Mediterrâneo.
- 3** Observa a figura 29, lê a sua informação e enumera:
 - a)** os produtos vendidos pelos Fenícios aos povos com os quais contactavam;
 - b)** os produtos comprados pelos Fenícios e levados para as suas cidades.

■ Os Hebreus, um povo monoteísta

De entre os **muitos povos** da região do Crescente Fértil, um dos menos poderosos acabou por marcar o curso da história como poucos — os **Hebreus** (dos quais provêm os **Judeus**). A sua história mais remota está relatada nos cinco livros que constituem a sua Lei Sagrada (**Torá**).

A história hebraica inicia-se por volta de 1950 a. C., quando, com o patriarca (chefe político e religioso) **Abraão**, deixaram a cidade de Ur, na Mesopotâmia, e se estabeleceram na Palestina, a sul da Fenícia. Cerca de 1700 a. C. emigraram para o Egito à procura de melhores condições de vida, mas, alguns séculos depois, considerando-se escravizados, voltaram à Palestina, conduzidos por **Moisés** (cerca de 1250 a. C.) **[30]**. Foi no tempo deste patriarca que, segundo o livro do Êxodo (o segundo da Torá), receberam os Dez Mandamentos, um conjunto de normas de conduta que acreditaram ser dado por Javé, o deus único ao qual prestavam culto desde Abraão.

A religião hebraica distinguia-se das dos outros povos da Antiguidade por ser **monoteísta**, isto é, por só aceitar como verdadeiro um único deus. De acordo com a Torá e os discursos dos seus **profetas** (homens que falavam ao povo como enviados de Javé), este deus era o criador do ser humano e do Universo, embora só se tivesse revelado e dirigido aos Hebreus, que, por isso, se viam como um **povo eleito**. A fidelidade aos Dez Mandamentos e ao culto a Javé era entendida como uma **aliança** entre o povo hebreu e o deus único **[Doc.]**.

■ Diáspora e influência do judaísmo

Cerca do ano 1000 a. C., os Hebreus fundaram o **reino de Israel**, governado por **David** e **Salomão**; no reinado deste último foi construído o primeiro templo de Jerusalém **[31]**. Após o reinado de Salomão, o reino hebreu dividiu-se em dois: Israel a norte e Judá a sul. Em 587 a. C., uma invasão dos Babilônios escravizou os Hebreus, que foram depois dominados por Persas, Gregos, Romanos e, mais tarde, Muçulmanos. Muitos dispersaram-se pelo Mundo, formando a **diáspora judaica**.

O monoteísmo viria a ser a base de duas grandes religiões mundiais que estudaremos a seguir: o **cristianismo** e o **islamismo**.



30 Mapa das deslocações dos Hebreus.

Documento

A Lei de Moisés e a aliança com Javé

Não terás outros deuses, além de Mim, porque só Eu sou o Senhor teu Deus. [...] Honra teu pai e tua mãe. Não matarás. Não cometerás adultério. Não roubarás. Não dirás falso testemunho contra o teu próximo. Não cobiçarás a casa do teu próximo [...] nem coisa alguma que lhe pertença. [...] Não farás para ti imagem de escultura [...] nem lhes darás culto.

Êxodo 20:1-17



31 O Muro Ocidental (Jerusalém). Sendo o único vestígio do templo de Salomão, é hoje local de peregrinação para os Judeus de todo o Mundo.

ATIVIDADES

- 1 Consulta a definição de **monoteísmo** na página 196 e redige um texto de cinco linhas com este conceito, comparando-o com o conceito de «politeísmo».
- 2 Lê o documento e transcreve a frase que melhor exprime o monoteísmo hebreu.
- 3 Identifica dois patriarcas e dois reis hebreus cujos nomes tenham ficado na história dos Hebreus.
- 4 A partir das datas que te são dadas no texto, elabora uma barra cronológica sobre a história do povo hebreu na Antiguidade.

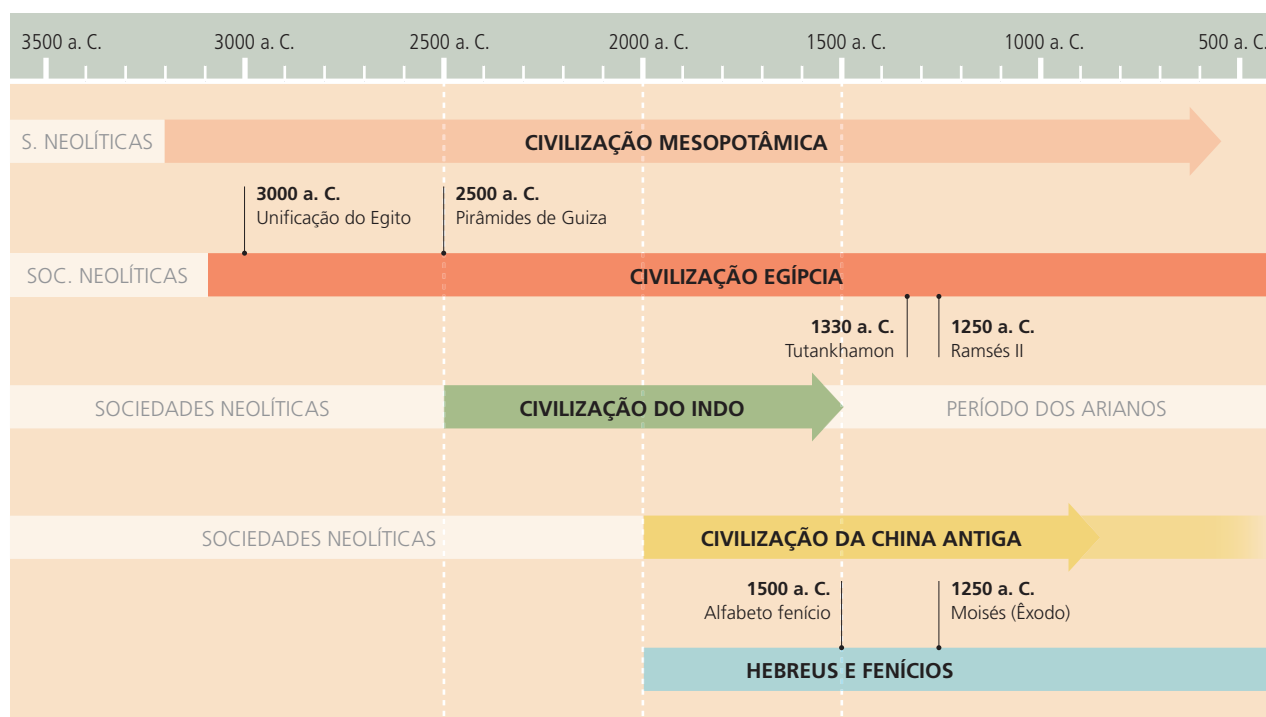
ESTABELECE RELAÇÕES

A simultaneidade de processos e acontecimentos históricos

Saber

Nesta unidade, apesar de estudarmos em maior profundidade a civilização egípcia antiga, referimos no início que ela foi apenas uma das quatro civilizações dos grandes rios. E, depois do Egito, detivemo-nos nos contributos civilizacionais de dois povos da região do Crescente Fértil, os Fenícios e os Hebreus. No entanto, ao contrário do que poderá parecer, quase todas estas civilizações e povos **existiram simultaneamente**. Imagina o que sucede com os vários países no Mundo atual: se estudássemos em pormenor um deles, isso não queria dizer que os outros não existissem também.

Para percebermos melhor esta **simultaneidade**, podemos usar uma barra cronológica. Assim, ao representarmos o tempo que durou a civilização egípcia, fazendo simultaneamente o mesmo para as outras civilizações e povos referidos, estamos a colocá-los no seu contexto histórico. Ora vê como resulta essa representação.



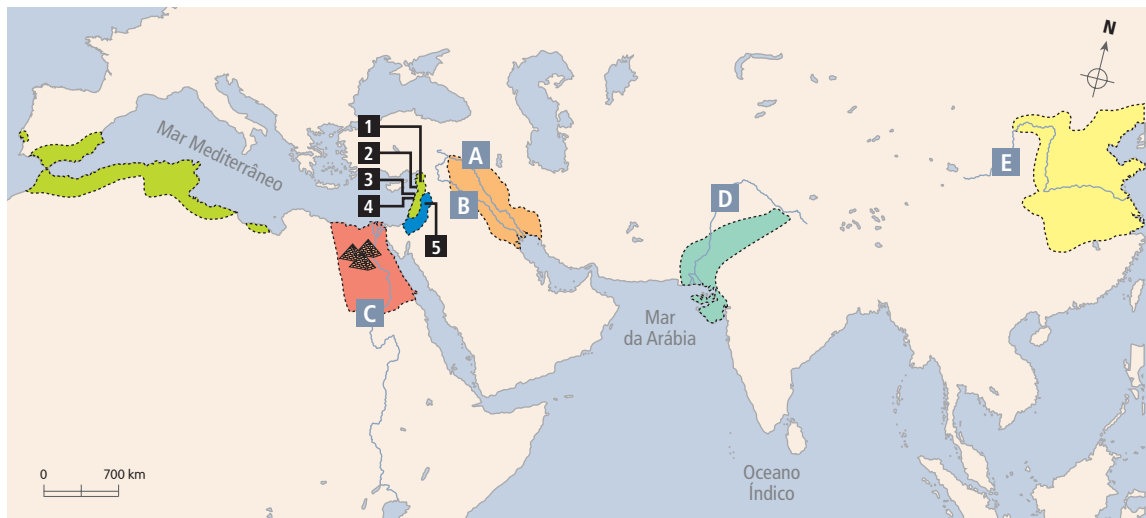
Saber fazer

1. Observa a linha do tempo e responde às questões:
 - 1.1 Quando se iniciou a civilização egípcia já existia alguma outra civilização? Qual?
 - 1.2 Por volta do ano 1750 a.C., quantas civilizações são registadas na linha do tempo?
 - 1.3 Identifica a personalidade contemporânea de Ramsés II referida na linha do tempo.

VERIFICA O QUE APRENDESTE

SITUA NO ESPAÇO

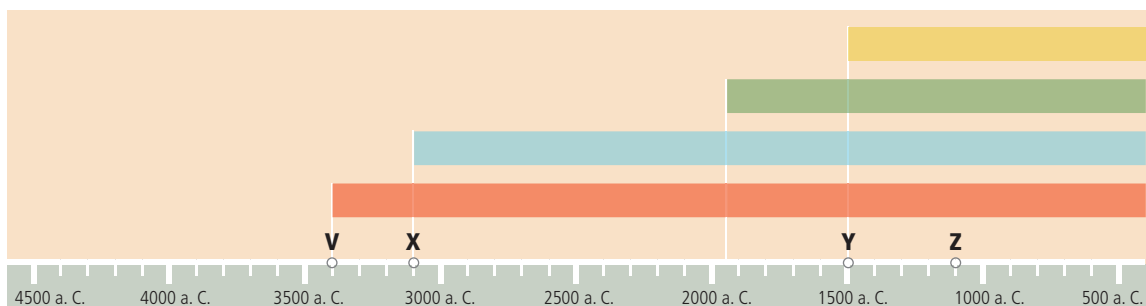
- 1 Observa o mapa e responde às questões.



- 1.1 Das letras assinaladas no mapa das primeiras civilizações, seleciona aquelas que indicam: **a)** o rio Indo; **b)** o rio Amarelo; **c)** o rio Nilo; **d)** o rio Tigre; **e)** o rio Eufrates.
- 1.2 Faz corresponder a cada uma das letras assinaladas no mapa (rios) as civilizações identificadas com diferentes cores na legenda.
- 1.3 Atribui, respetivamente, a Hebreus e a Fenícios as cidades assinaladas com números.

SITUA NO TEMPO

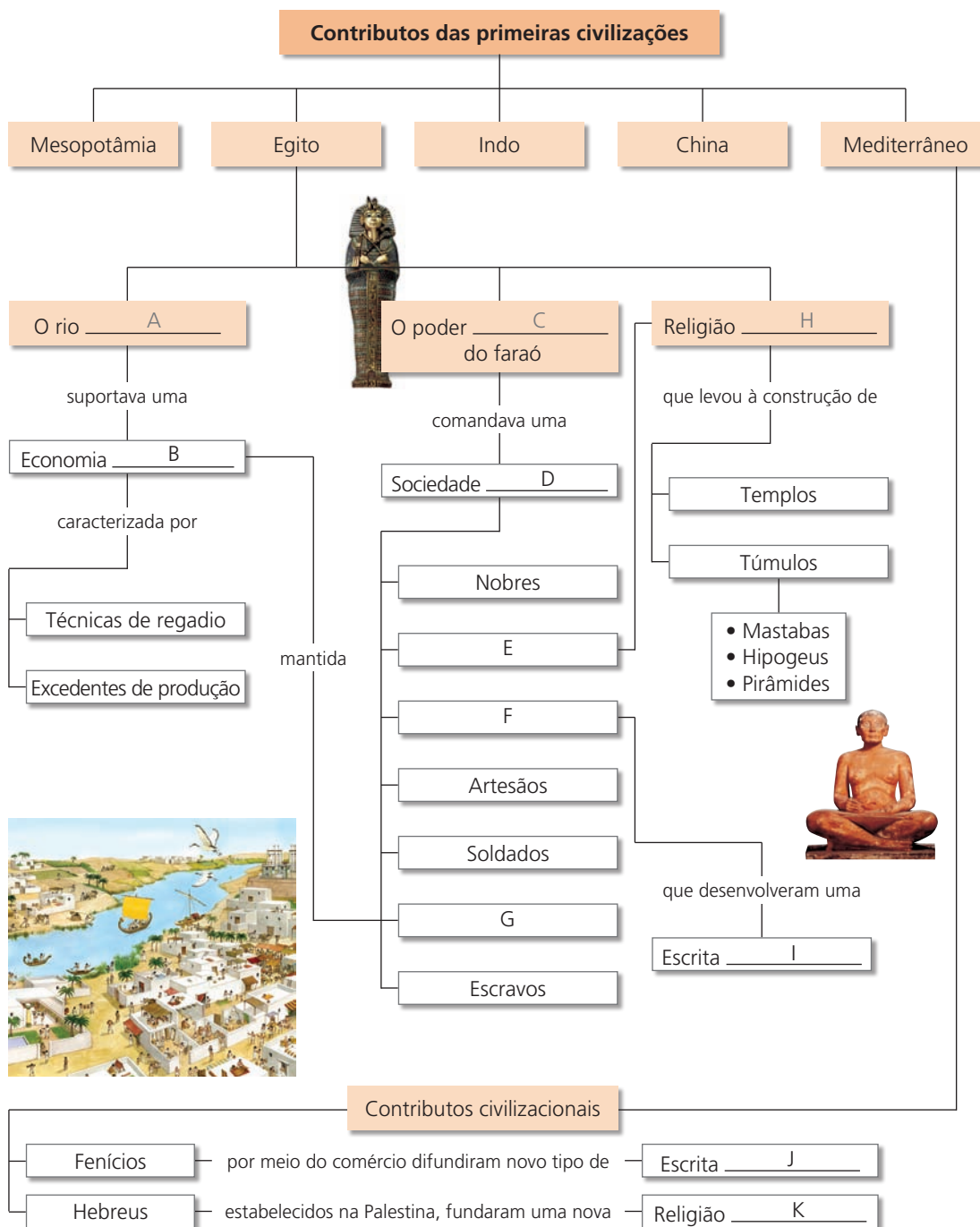
- 2 Observa a linha do tempo e responde às questões.



- 2.1 Seleciona as letras que assinalam na barra cronológica:
- a)** a invenção do alfabeto fonético simplificado pelos Fenícios;
 - b)** a unificação do Egito pelo rei Menés;
 - c)** o início da escrita na Mesopotâmia;
 - d)** a fundação do reino de Israel pelos Hebreus.
- 2.2 Identifica as cores que marcam no tempo: **a)** a civilização mesopotâmica; **b)** a civilização egípcia; **c)** a história dos Fenícios; **d)** a história dos Hebreus antigos.

ESTABELECE RELAÇÕES

3 Selecciona na chave o elemento correto para cada uma das letras dos espaços em branco.



CHAVE:

agrícola alfabética Camponeses Escribas estratificada hieroglífica
monoteísta Nilo Sacerdotes sacralizado politeísta

4 Para cada questão, seleciona a única opção totalmente correta.

4.1 As características das civilizações dos grandes rios foram:

- a)** a acumulação de excedentes, o surgimento de aglomerações urbanas, uma organização estratificada e a invenção da escrita.
- b)** a formação de uma sociedade estratificada e a invenção da agricultura.
- c)** as migrações para junto do rio Amarelo.

4.2 Em História, as fontes escritas são:

- a)** artigos de jornal dos nossos dias.
- b)** um texto escrito por ti.
- c)** textos escritos no passado que nos dão informações sobre a sua época.

4.3 No Egito Antigo, o faraó:

- a)** era considerado um deus pouco poderoso.
- b)** era um rei que detinha o poder absoluto e em quem os Egípcios reconheciam a qualidade e os poderes de um deus.
- c)** era um homem muito rico que possuía todas as terras cultivadas.

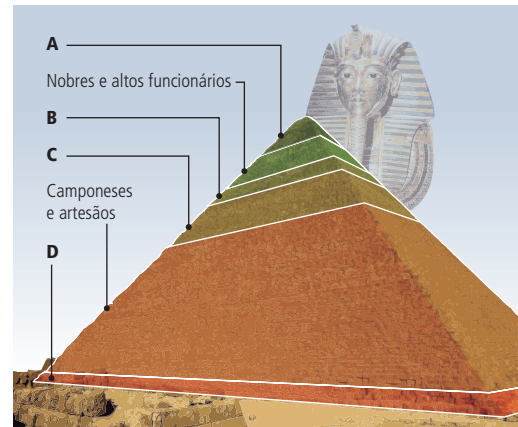
4.4 Constituía a sociedade do Egito antigo:

- a)** nobres, sacerdotes, escribas, artesãos, servos e escravos, mas a grande maioria era formada por camponeses que trabalhavam as terras.
- b)** uma minoria de camponeses e sacerdotes e uma maioria de escribas.
- c)** a família do faraó, que era muito numerosa, e os camponeses.

4.5 As grandes contribuições históricas de Fenícios e Hebreus foram, respetivamente:

- a)** a religião fenícia e a escrita hebraica.
- b)** o comércio e o templo de Jerusalém.
- c)** a escrita fonética e o monoteísmo.

5 Completa esta representação da estratificação social no Egito Antigo, fazendo corresponder as letras às palavras da chave.



CHAVE: Faraó e família real; escravos; escribas; sacerdotes.

5.1 Refere o grupo social mais numeroso.

6 Relaciona os seguintes elementos de acordo com a civilização ou o povo a que pertencem e a função que serviam.



Proveniência	Elementos
Mesopotâmia	A
Egito	B
Fenícios	C
Hebreus	D
Função	Elementos
Religião	E
Governo	F
Economia	G
Cultura	H

6.1 Identifica a imagem relacionada com o conceito de poder sacralizado. Justifica.

TRABALHA DOCUMENTOS

- 7 Lê o texto, observa a imagem e responde.



Leitura

Como se decifrou a escrita hieroglífica egípcia



A escrita egípcia pôde ser decifrada graças ao estudo da Pedra de Roseta [imagem]. É uma pedra de basalto negro que apresenta três inscrições, uma em grego, outra em demótico [escrita egípcia simplificada] e uma terceira hieroglífica. Pela disposição dos textos, as pessoas que estudavam línguas antigas perceberam que as três inscrições diziam a mesma coisa [em línguas diferentes]. Depois de traduzida a inscrição em grego [uma das línguas antigas mais conhecidas dos estudiosos] era mais fácil tentar descobrir quais eram os hieróglifos que correspondiam a cada palavra e a cada frase do texto grego. Um estudioso francês, Champollion, percebeu então que os hieróglifos representavam sons e ideias. [...] Assim se abriram as portas dos milhares de anos de história do Egito.

C. W. CERAM
Deuses, Túmulos e Sábios (adaptado)

- 7.1 Explica como foi possível, a partir da Pedra de Roseta, compreender o significado dos hieróglifos egípcios.
- 7.2 Identifica o primeiro estudioso que decifrou a escrita egípcia.
- 7.3 Esclarece por que razão diz o autor que a Pedra de Roseta «abriu as portas de milhares de anos de história do Egito».

- 8 Lê o documento e responde.



Documento

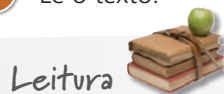
A carreira de Bakenkhonsu

Durante quatro anos fui apenas uma criança. Passei depois doze anos da adolescência como treinador dos cavalos do rei Menmaetré (Seti I). Em seguida fui sacerdote puro durante quatro anos. Depois fui sacerdote pai-divino do deus Amon durante doze anos. Depois fui terceiro sacerdote de Amon durante quinze anos. Depois fui segundo sacerdote de Amon durante doze anos. Então o faraó (Ramsés II) louvou-me, pois reconheceu as minhas qualidades, e nomeou-me primeiro sacerdote de Amon, cargo que ocupei durante vinte e cinco anos.

Inscrição de uma estátua da XIX dinastia

- 8.1 Esclarece: **a)** com que idade foi Bakenkhonsu escolhido por Ramsés II; **b)** até que idade viveu Bakenkhonsu.
- 8.2 Transcreve do texto as palavras que comprovam as funções de Bakenkhonsu.
- 8.3 Compara este texto com o da pergunta anterior e identifica qual dos dois é uma fonte escrita.

- 9 Lê o texto.



Leitura

Ser mulher no Egito

No Egito, as mulheres tinham alguns direitos de que não gozavam noutras sociedades antigas. Por exemplo, podiam herdar e possuir propriedades, vender e comprar bens e até divorciar-se. A maioria das egípcias dedicava-se aos trabalhos com a casa e os filhos.



- 9.1 Refere as funções que ocupavam a maioria das mulheres no Egito.
- 9.2 Compara a situação das mulheres no Egito Antigo e na nossa sociedade.



A HERANÇA DO MEDITERRÂNEO ANTIGO

900 a. C. 800 a. C. 700 a. C. 600 a. C. 500 a. C. 400 a. C. 300 a. C.

900 a. C.
Primeiras
cidades-estado
na Grécia.



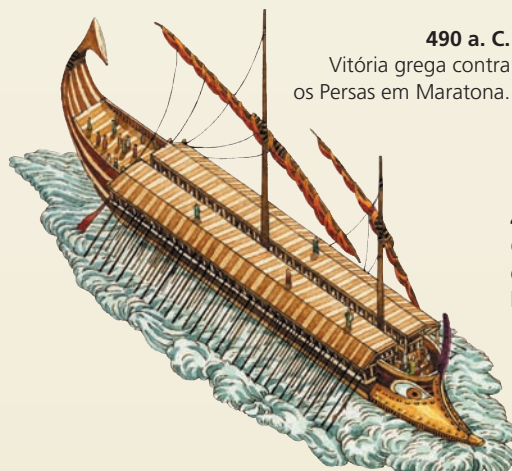
753 a. C.
Fundação lendária
de Roma.

750 a. C.
Início da colonização
grega no Mediterrâneo.

776 a. C.
Primeiros Jogos
Olímpicos.

509 a. C.
Instauração da República
em Roma.

Reformas de Clístenes democratizam
o regime político de Atenas.



508 a. C.
Vitória grega contra
os Persas em Maratona.

490 a. C.
Construção
do Pártenon na
acrópole de Atenas.

477-432 a. C.
Constituição da Liga
de Delos e início da
hegemonia ateniense.

399 a. C.
Morte
do filósofo
Sócrates.

336-323 a. C.
Reinado de
Alexandre, o Grande
(início do período
helenístico).

443-429 a. C.
Governo
de Péricles
em Atenas.



264-241 a. C.
Primeira Guerra Púnica (entre
Roma e Cartago).

ANTIGUIDADE (Período de influência grega)

APOGEU DE ATENAS
(Século V a. C.)



Atenas

OS GREGOS NO SÉCULO V a. C.: O EXEMPLO DE ATENAS





Na Grécia do século v a. C. apareceu uma sociedade baseada na participação política dos cidadãos. Que sociedade era essa, que ainda hoje inspira o nosso próprio modelo político?

OBSERVA, INTERPRETA, REFLETE

- 1** Observa a imagem maior e responde.
 - 1.1** Identifica o espaço representado na imagem.
 - 1.2** Explica de que modo estas pessoas se tornaram membros desta assembleia.
- 2** Compara a imagem grande com a pequena e regista as semelhanças e diferenças existentes.
- 3** Serias capaz de discursar numa assembleia? O que gostarias de dizer?

3.1

O mundo helénico e o espaço mediterrânico

■ O mundo grego e as cidades-estado

A civilização grega surgiu no extremo oriental do mar Mediterrâneo, concretamente no sul da **península dos Balcãs**. Os Gregos antigos (ou Helenos) espalharam-se também pelas ilhas dos mares Egeu e Jónico, pelas costas da **Ásia Menor** (na atual Turquia) e pelo Mediterrâneo ocidental. Os Gregos chamavam a todo este espaço a **Hélade**, que significa «o território dos Gregos» **2A**.

As origens da civilização grega estão na ilha de **Creta** (desde o terceiro milénio a. C.) e no território à volta da cidade de **Micenas** (desde o ano 1400 a. C., aproximadamente). Os Cretenses dedicavam-se ao comércio e construíram esplendorosos palácios na cidade de Cnossos no tempo do rei Minos (daí a sua civilização ser chamada de minoica). Posteriormente, estes primeiros povos fundiram-se com invasores que adotaram a mesma língua (**Jónios, Aqueus e Dórios**).

A partir do século VIII a. C., os Gregos foram-se agrupando em **cidades-estado** (pólis em grego). As principais foram **Atenas, Esparta, Corinto e Tebas**. Esta evolução foi favorecida pelas características do território da península Balcânica, dividida em **pequenos vales** separados por montanhas. Cada vale (e cada ilha) tendia a formar um Estado independente (**1** e **Leitura**). Mesmo assim, estes **pequenos Estados** formavam **uma mesma civilização** porque todos falavam a mesma língua (o grego) e tinham os mesmos deuses e os mesmos costumes.

Cada cidade-estado era formada por um **centro urbano** e por um **território circundante**. Cada uma governava-se a si mesma **2B**.

■ A expansão grega pelo espaço mediterrânico

Na Hélade, **o clima era seco** e as terras pouco produtivas, pelo que a agricultura e a pecuária estavam pouco desenvolvidas. Onde existiam planícies, cultivavam-se cereais, vinha, oliveira e figueira. Algumas pastagens nas montanhas permitiam criar carneiros e cabras. Mas estes recursos eram insuficientes, levando os Gregos a procurar no **mar Mediterrâneo** parte importante da sua subsistência.

Do mar obtinham peixe, um complemento da sua alimentação. E pelo mar, via de comunicação e **navegação**, espalharam-se pelas costas do Mediterrâneo, fundando **colónias** (novas cidades dependentes da cidade-estado fundadora). Estas colónias exploravam outros recursos e permitiam a **migração** de alguns habitantes das cidades da Grécia.

A cultura e a língua gregas espalharam-se assim por todo o mundo antigo, chegando a sua influência à Península Ibérica, no outro extremo do mar Mediterrâneo, onde deixaram vários vestígios **2C**.



1 Paisagem costeira na Grécia. Repara na linha de costa recortada, que cria enseadas e portos naturais. Ao fundo, o interior montanhoso.

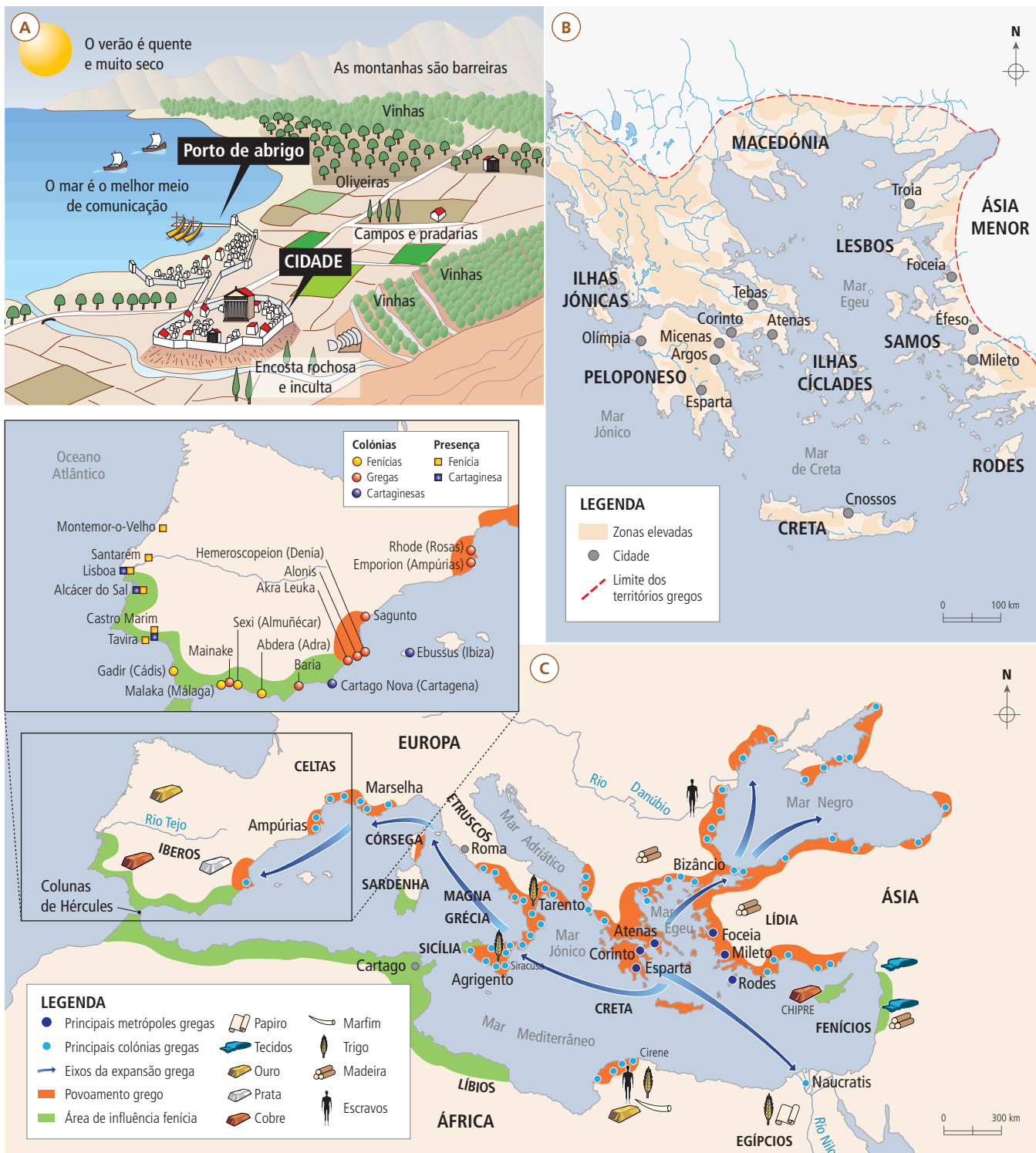


Leitura

O relevo como barreira e o mar como saída

A complicação do relevo da Grécia continental [...] não tem semelhanças com nenhuma região da Europa [...]. Num território assim dividido, a nação helénica fragmentou-se numa poeira de pequenos Estados, ciosos da sua independência [...]. O solo atormentado impediu **5** sempre a Grécia de possuir [...] uma rede de estradas: era por mar que se fazia o essencial das comunicações.

J. HATZEFELD,
História da Grécia Antiga
(adaptado)



2 O mundo grego a três escalas. **A.** A cidade-estado. **B.** A Hélade. **C.** O Mediterrâneo.

ATIVIDADES

- 1 Consulta a definição de **cidade-estado**, na página 195, e, mediante pesquisa, tenta aplicá-la a Estados da atualidade.
- 2 Refere três regiões que constituíam a Hélade.
- 3 Observa a figura 2C e enumera os produtos adquiridos pelos Gregos na Península Ibérica.
- 4 Identifica, com base na leitura, o fator que levou à criação de cidades-estado na Grécia.
- 5 Enumera as atividades económicas a que se dedicavam os Gregos.
- 6 Explica por que razão os Gregos sempre privilegiaram o mar nas suas comunicações.

■ A preponderância de Atenas no século v a. C.

Atenas situava-se na região da Ática e atingiu uma posição predominante a partir do século v a. C., quando, com os seus **hoplitas** (soldados), enfrentou a tentativa de invasão da Grécia pelos Persas. As principais batalhas foram em Maratona (490 a. C.) e Salamina (480 a. C.). Para manter a sua posição liderante, Atenas formou, em 477 a. C., a **Liga de Delos**, uma aliança de cidades gregas contra a ameaça persa. Em troca de um tributo pago pelas cidades aliadas, constituiu uma poderosa frota de **trirremes** para proteger a Grécia **5**.

Em tempo de paz, a frota ateniense foi também usada para transporte de mercadorias, o que firmou o seu **domínio comercial** no mundo grego. Nestas trocas comerciais por mar, eram utilizadas **moedas** de prata chamadas **dracmas** **3**. Os Gregos haviam adotado o uso da moeda no século vi a. C., evitando assim os inconvenientes da troca direta de uns produtos por outros. Esta prática facilitou o comércio e **enriqueceu as cidades** que a ele se dedicaram, sobretudo Atenas. A presença de colónias gregas por todo o Mediterrâneo contribuiu para fomentar o comércio por mar e o uso da moeda.

■ Atenas: as suas atividades económicas e a vida quotidiana

As atividades económicas de Atenas incluíam a **olaria** (que fazia da cidade uma grande exportadora de cerâmicas), a **curtição de peles** (para fabrico de diversos objetos como sapatos, que eram feitos à medida) e a **tecelagem** (fabrico de tecidos, empregando muita gente).

Quanto ao comércio, havia um sem-número de artesãos que vendiam diretamente ao público, nas suas **oficinas**, os produtos que elaboravam. Os habitantes dos campos que circundavam a cidade acorriam a esta para vender parte das suas colheitas no **mercado**; trabalhavam a vinha, o trigo e a oliveira com foices e arados ligeiros em pequenas propriedades. A alimentação era influenciada pela produção agrícola disponível **Leitura**. Existiam **lojas** onde se vendia todo o tipo de produtos, incluindo comida e vinho, que pertenciam a **pequenos comerciantes** socialmente pouco prestigiados. Por fim, havia **grandes comerciantes**, muito ricos, que exportavam por mar produtos da cidade-estado e importavam alimentos, madeira e cobre de regiões mais ou menos distantes.

Em Atenas, como noutras cidades gregas, casas de habitação, lojas e oficinas sucediam-se em **ruas estreitas e tortuosas**. Os edifícios tinham dois andares. As ruas e o casario haviam crescido sem planeamento, à volta da elevação da imponente **acrópole** (onde estavam os templos e onde a população civil se refugiava em caso de guerra). Os espaços mais amplos da cidade eram a **acrópole**, a **ágora** (onde os habitantes se encontravam e onde se realizava o mercado) e o **porto** marítimo (chamado **Pireu**), ao qual se acedia por ruas mais largas **4**.



3 Dracmas de prata.



Leitura Benefícios da dieta mediterrânica

A dieta mediterrânica é a mais saudável para o coração e para controlar o colesterol, triglicéridos, pressão arterial e glicose, concluíram [...] estudos divulgados [...]. Os peritos definem a dieta mediterrânica como correspondendo a um padrão alimentar que inclui uma dose diária de fruta, verdura, cereais integrais e laticínios com pouca gordura, além de um consumo semanal de peixe, aves, frutos secos e legumes [...]. Também **15** está incluído [...] o consumo de azeitonas e azeite.

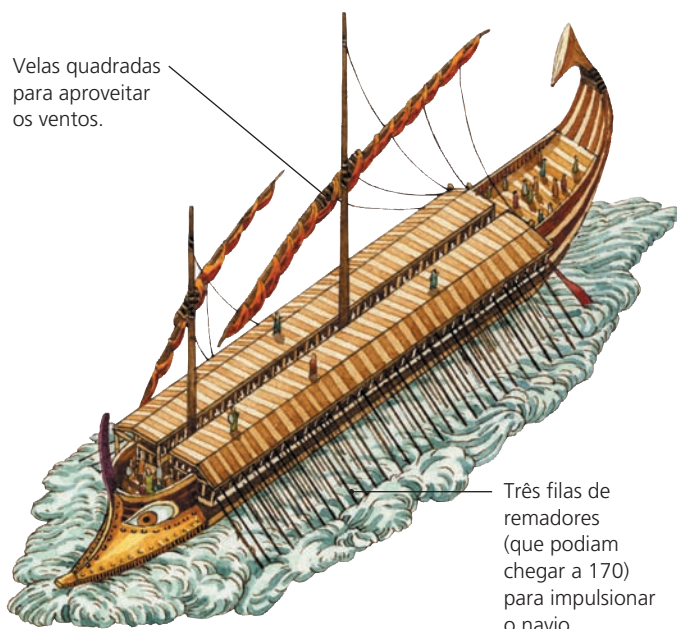
Diário de Notícias, 8/3/2011
(adaptado)



Os Gregos antigos alimentavam-se dos produtos obtidos nos campos da Hélade e do que o mar oferecia. A carne era um alimento raro e a esta dieta juntavam-se o pão integral, o mel e o azeite.



4 Reconstituição do ambiente urbano de Atenas no século V a. C.



Velas quadradas para aproveitar os ventos.

Três filas de remadores (que podiam chegar a 170) para impulsionar o navio.

5 Trirreme grego.

ATIVIDADES

- 1 Consulta a definição de **moeda** na página 197 e escreve um texto de cinco linhas sobre a vantagem da moeda sobre a troca direta.
- 2 Refere o fator que levou à preponderância de Atenas sobre as restantes cidades-estado.
- 3 Lê o texto da página 60 e indica:
 - a) três alimentos que representem a típica dieta mediterrânica;
 - b) um alimento pouco frequente na dieta grega.
- 4 Identifica três atividades económicas praticadas pelos Atenienses.

3.2

A democracia em Atenas na época de Péricles

Os cidadãos, os metecos e os escravos

Inicialmente, cada pólis (cidade-estado) era governada por um **rei ou chefe** local e a participação do povo era muito limitada. Mais tarde, o poder passou para as mãos dos mais ricos, que se denominavam a si mesmos **aristoi**, que significa «os melhores». Por fim, em Atenas, no século VI a. C., o **povo** conquistou o direito de **participar no governo**.

Esta participação popular nas decisões políticas tornou **cidadãos** todos os homens adultos (maiores de 20 anos), livres e filhos de pais atenienses. O regime político tornou-se assim uma **democracia**. Este regime político atingiu a sua máxima definição com Péricles no século V a. C. **6** e passou a inspirar ao longo da história aqueles que defendiam um governo com participação popular.

Porém, no século V a. C., os cidadãos eram uma minoria da população ateniense: dos cerca de 350 000 habitantes de Atenas, só cerca de 40 000 eram cidadãos **7**. Dos direitos de participação política, além das **mulheres** e dos **filhos menores** dos cidadãos, estavam excluídos:

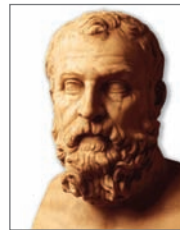
- Os **metecos** (ou estrangeiros livres) e suas famílias; os homens tinham de prestar serviço militar e pagar impostos, mas não podiam possuir terras nem casas; em geral, eram comerciantes e artesãos.
- Os **escravos**, que eram prisioneiros de guerra ou filhos de escravos e considerados propriedade de quem os adquirisse; trabalhavam na agricultura e no serviço doméstico dos seus donos.

As instituições democráticas

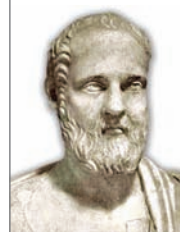
O governo democrático de Atenas exercia-se sobretudo por meio da **ecclésia** ou assembleia. Esta era formada por todos os cidadãos maiores de 20 anos e reunia-se na colina da Pnyx quatro vezes por mês, votava as leis e decidia a guerra e a paz. Votava-se de braço no ar e o tempo para discursar era igual para todos (**8** e **Doc.**). As leis votadas pela assembleia eram preparadas por um conselho chamado **bulé**, constituído por 500 cidadãos escolhidos por sorteio.

Os **magistrados** eram funcionários encarregados de pôr em prática as decisões da assembleia e eram por ela eleitos ou sorteados. Destacavam-se os dez **estrategos**, que dirigiam o exército e a marinha, e os três **arcontes**, que presidiam ao tribunal superior (Areópago) e dirigiam os ritos religiosos públicos. Os 6000 membros da **helieia** ou tribunal do povo eram escolhidos por sorteio todos os anos e votavam as sentenças aplicadas a quem fosse julgado **9**.

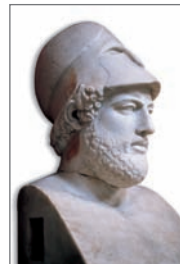
Sendo a **ecclésia** o órgão político principal e pertencendo diretamente aos cidadãos as decisões políticas, pode considerar-se o regime político ateniense uma **democracia direta**.



Sólon abriu em 594 a. C. a todos os cidadãos a participação na assembleia que fazia as leis (ecclésia).



Clístenes introduziu em 508 a. C. a escolha dos membros dos tribunais por sorteio (o que aumentava a probabilidade de pessoas humildes ocuparem esses cargos).

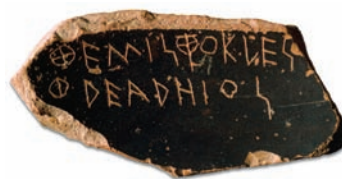


Péricles instituiu em 462 a. C. a remuneração daqueles que ocupavam cargos políticos, permitindo que os cidadãos pobres também pudessem dedicar-se à política.

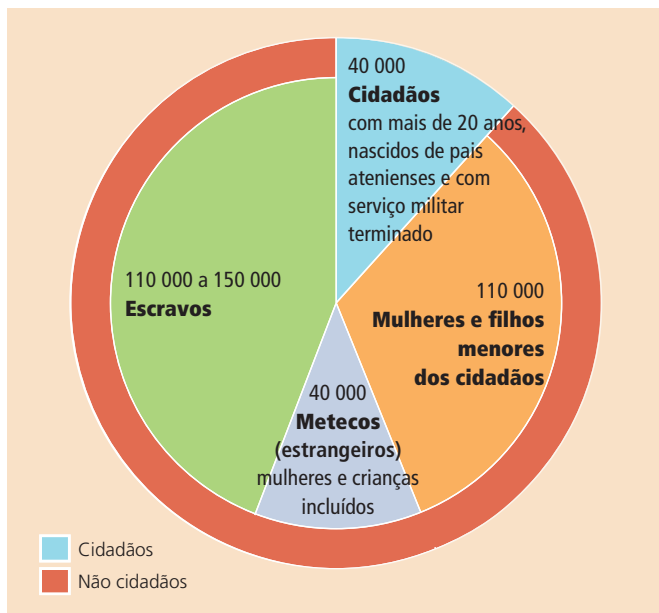
6 Os líderes políticos da construção da democracia em Atenas.

SABER MAIS

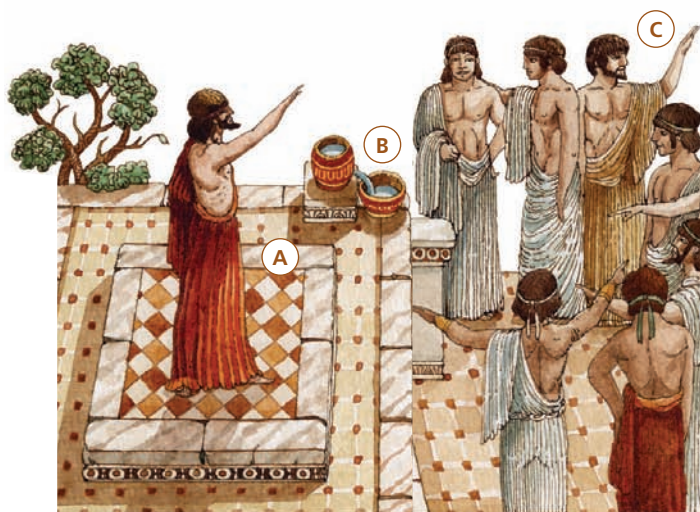
Ostrakon e ostracismo



A assembleia ateniense podia votar a expulsão de um cidadão da cidade (ostracismo) quando desconfiava da sua lealdade ou honestidade. Para isso, usavam-se os *ostraca* (plural de *ostrakon*), pedaços de cerâmica onde se escrevia o nome do cidadão a ser expulso.



7 A democracia, governada por uma minoria.



8 A eclésia. Os projetos de lei discutiam-se depois de ouvidos os augúrios dos deuses.

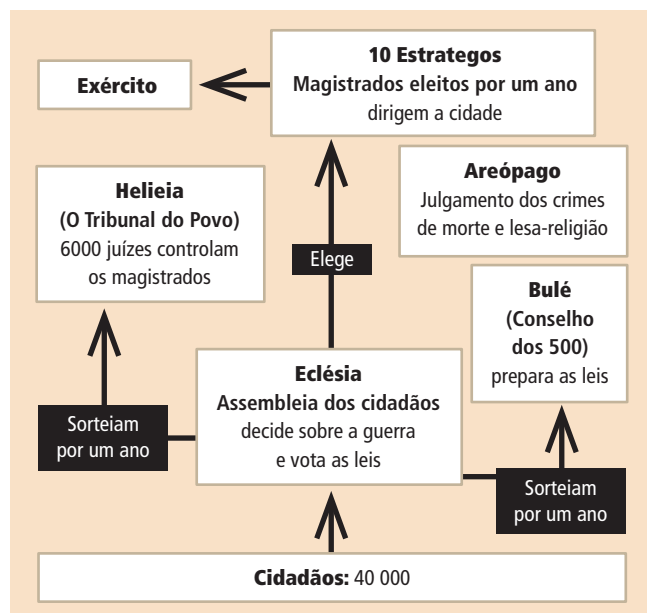
A. Orador. B. A clepsidra (relógio de água) estabelecia o mesmo tempo para todos os discursos. C. Votação de braço no ar.

Documento

A participação dos cidadãos

Quando a assembleia se reúne, se se trata de discutir aspetos das obras públicas a fazer, são chamados os arquitetos para consultas; se se trata da construção de novos navios, são chamados os construtores navais; e assim por diante em todas as matérias em que os cidadãos julgam necessário ouvir quem lhes pode ensinar a decidir. [...] Pelo contrário, se se trata de discutir questões de interesse mais geral da cidade, todos participam, levantando-se para tomar a palavra cidadãos que são arquitetos, ferreiros, sapateiros, [...] e marinheiros, ricos ou pobres, [...] e ninguém [...] os acusa de não terem estatuto ou conhecimentos para se pronunciarem sobre tais assuntos.

PLATÃO, *Protágoras*, século V a. C. (adaptado)



9 Os órgãos do regime democrático ateniense.

ATIVIDADES

- Consulta as definições de **cidadão**, **democracia**, **escravo** e **democracia direta** na página 195 e elabora com elas um pequeno esquema (podes inspirar-te nas figuras 7 e 9).
- Esclarece quem era cidadão em Atenas no século V a. C.
- A partir dos dados que te são facultados no texto e na figura 7, calcula a percentagem de cidadãos na população ateniense do século V a. C.
- Transcreve do documento uma frase que mostre que em Atenas se praticava uma democracia direta.
- Observa a figura 7 e responde.
 - Identifica os grupos da população ateniense que não tinham direitos de cidadania.
 - Explica porque podemos considerar imperfeita a democracia ateniense.
- Observa a figura 6 e atribui a cada uma das imagens representadas uma medida que tenha contribuído para a democracia grega.

3.3 O regime de Esparta

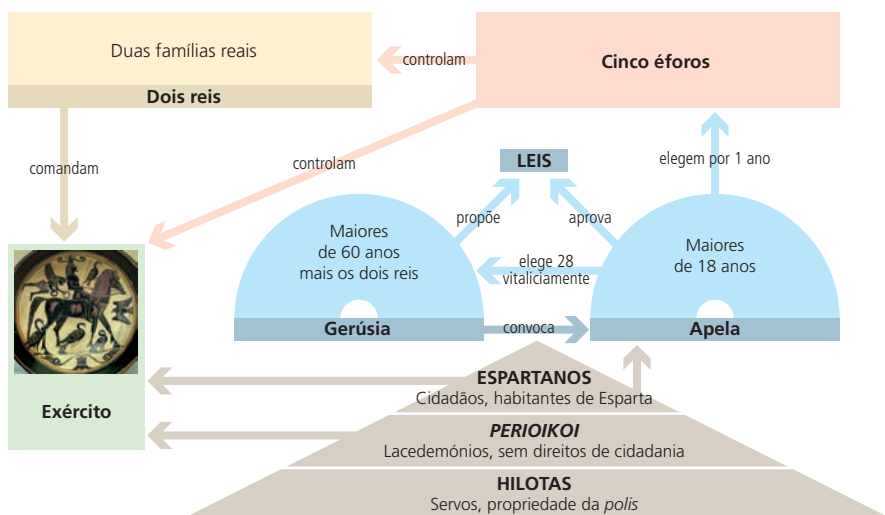
■ A sociedade espartana

A cidade de Esparta, principal rival de Atenas, situava-se na península do Peloponeso (sul da Grécia). O território que a circundava era a **Lacedemónia** e a cidade localizava-se num planalto afastado do mar. Os Espartanos foram os principais adversários dos Atenienses na **Guerra do Peloponeso** (431-404 a. C.), conquistando então a **hegemonia militar** no mundo helénico. Atenas e o seu regime democrático entraram em decadência e mesmo Esparta sofreu as consequências destrutivas desta e de outras guerras, que reduziram o seu número de cidadãos e a levou mais tarde também ao declínio **[Doc.]**.

Os **cidadãos** espartanos especializavam-se no treino para a guerra e estavam proibidos de exercer atividades artesanais ou o comércio, que cabiam à população lacedemónia de fora da cidade (os **perioikoi**, que também prestavam serviço militar). Existia ainda um grande número de servos (os **hilotas**) que pertenciam à cidade-estado e trabalhavam a terra, ficando com metade da produção; eram mais livres do que os escravos noutras cidades gregas.

■ O regime oligárquico

Desde as reformas de **Licurgo** (no século VIII a. C.), Esparta era governada por **dois reis** com funções religiosas, militares e judiciais. Estas últimas eram partilhadas com magistrados (os **éforos**), escolhidos por um ano pelo conjunto dos cidadãos. Estes constituíam uma assembleia, a **apela**, que se pronunciava a favor ou contra as leis propostas pela **gerúsia**, um conselho de 28 cidadãos escolhidos vitaliciamente pela apela de entre os mais ricos. A gerúsia é que convocava a apela e podia dissolvê-la. Esparta era, assim, uma **oligarquia**, um regime em que o poder pertencia aos mais ricos e poderosos **[10]**. Da cidadania eram excluídos as mulheres, os *perioikoi* e os hilotas.



[10] A sociedade e o regime político de Esparta.

Documento

Uma cidade sem grandiosidade

Suponhamos que a cidade de Esparta ficava deserta, subsistindo apenas os templos e a superfície construída. Observando esses vestígios, a posteridade teria dificuldade de acreditar no poder dos Lacedemónios. De facto, a sua cidade não é construída de forma contínua, e não tem templos esplêndidos ou outros edifícios, assemelhando-se a um conjunto de aldeias, como as antigas cidades da Grécia.

TUCÍDIDES, *História da Guerra do Peloponeso*, século V a. C. (adaptado)

ATIVIDADES

- 1 Identifica a instituição política ateniense semelhante à apela espartana.
- 2 Tendo em consideração os poderes da eclésia ateniense e da apela espartana, explica por que razão a primeira pertencia a um regime mais democrático.
- 3 Estabelece as semelhanças e diferenças entre:
 - a) os escravos atenienses e os hilotas de Esparta;
 - b) os metecos atenienses e os *perioikoi* lacedemónios.
- 4 Esclarece o significado de oligarquia.

3.4 A religião e a cultura na Grécia antiga

Os deuses, os heróis e os mitos

Os Gregos antigos eram **politeístas**. Cada pólis tinha a sua divindade protetora, a que rendia culto. Os deuses e deusas, apesar de considerados imortais, eram imaginados com aparência e hábitos humanos: comiam, amavam e lutavam (antropomorfismo). Os mais importantes residiam no **monte Olimpo** e **Zeus** era o deus principal **11**.

Os Gregos acreditavam também em **heróis**, filhos de deuses e de humanos. Os heróis, como Aquiles, Ulisses ou Hércules (Héracles), eram muito poderosos, mas mortais, e considerados fundadores das cidades e origem das famílias importantes **Doc.**. Também se acreditava em criaturas fantásticas, como os **ciclopes** (monstros com um só olho) ou os **centauros** (cavalos com cabeça, busto e braços humanos).

Os Gregos tinham **mitos**, que eram histórias sobre os deuses e os heróis. A estas narrativas chama-se **mitologia**.

Documento

Dois heróis em combate

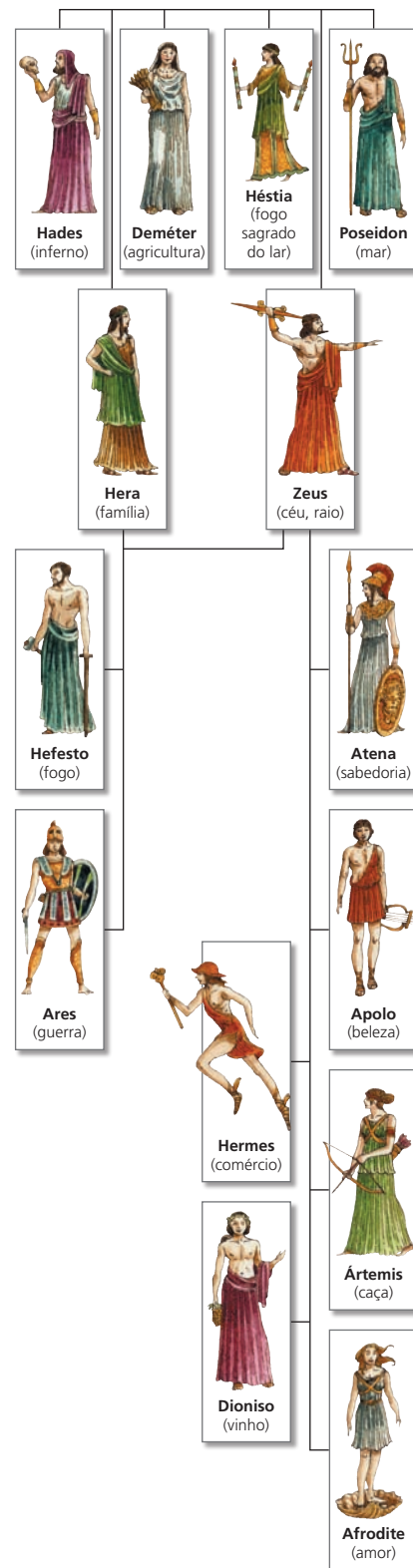
Disse Atena: grande Aquiles, creio bem que vamos infligir uma retumbante derrota, matando Heitor. Ele já não pode fugir, mesmo se Apolo viesse pros-
5 trair-se aos pés de Zeus, seu pai. [Pouco depois começa o combate.] Aquiles atira a sua lança de bronze, mas o ilustre Heitor apercebe-se e baixa-se [...]. Falhaste,
10 disse Heitor, tu só sabes falar, mas tenta agora escapar da minha lança! Mas Aquiles aparou o golpe com o seu escudo. Tendo o divino Heitor, todo coberto de uma armadura de bronze, apenas à vista a clavícula que separa a garganta do pescoço, Aquiles enterrou então aí a sua lança [...] e triunfou.

Ilíada, canto XII (adaptado)



ATIVIDADES

- 1 Identifica as palavras a que se referem as seguintes definições:
a) narrativa criada sobre deuses e heróis;
b) filhos de deuses e de humanos.
- 2 Lê o documento e observa a figura 11. Seleciona as atitudes e qualidades que permitem concluir que os deuses gregos tinham «hábitos humanos».



11 Principais deuses gregos. Cada deus representava uma força da Natureza ou uma atividade ou profissão humanas.

■ O culto e as práticas religiosas

O **templo** era o local de culto aos deuses e os **sacerdotes** e **sacerdotisas** eram os seus servidores. Realizavam-se diferentes cultos para agradecer aos deuses ou para lhes pedir ajuda.

- Em casa, cada família tinha um altar dedicado à deusa do lar e aos parentes falecidos (**culto doméstico**).
- Em cada cidade, todos participavam nos **cultos públicos ou cívicos** (orações, oferendas, procissões e sacrifícios de animais) **13**.
- Em honra dos deuses, realizavam-se ainda nos **santuários** representações teatrais e competições desportivas, como os **Jogos Olímpicos**, celebrados todos os quatro anos em Olímpia com atletas de toda a Hélade (por isso se chamavam **pan-helénicos**, isto é, que uniam todos os gregos **12** e **14**).

Os Gregos pensavam que os deuses podiam ajudar ou prejudicar os seres humanos e que davam a saber as suas intenções por meio de **oráculos** interpretados por **adivinhos**. O oráculo mais famoso era o de **Delfos**, ao qual recorriam pessoas de todas as condições para consultar a opinião dos deuses.

■ A formação do cidadão

Em **Atenas**, os rapazes iniciavam os estudos elementares (leitura, escrita e cálculo) com um pedagogo e, entre os 15 e os 18 anos, frequentavam o **ginásio**, onde praticavam atletismo e estudavam **oratória** (a arte de bem falar em público), **literatura** (sobretudo a *Iliada* e a *Odisseia*) e **música** **15**. Eram também praticados **exercícios físicos**, que habituavam os jovens ao convívio com os outros cidadãos e os preparava para o serviço militar.

Em **Esparta**, esta educação era pública e obrigatória para os filhos dos cidadãos e as raparigas também frequentavam a escola (embora menos tempo que os rapazes). As mulheres espartanas eram, assim, mais instruídas e livres do que em Atenas ou noutras cidades gregas.

Após o cumprimento do **serviço militar** (entre os 18 e os 20 anos), a participação dos rapazes em celebrações e cultos públicos completava a sua formação. O **teatro** desenvolveu-se como um divertimento educativo e edificante para cidadãos livres **16**.

■ A tragédia e a comédia

O teatro, com a **tragédia**, começou por ser uma cerimónia em honra do deus Dioniso, com histórias de deuses e de homens em que a transgressão de valores morais provocava grandes desgraças às personagens. Ésquilo, Sófocles e Eurípedes destacaram-se como grandes autores de tragédias. Outro estilo, o da **comédia**, era muito popular e ridicularizava personalidades conhecidas e os costumes da vida quotidiana. Aristófanes foi um dos mais célebres autores de comédias.



12 Os atletas vencedores eram coroados com folhas de louro ou de oliveira.



13 Nos sacrifícios, homens e deuses comiam em conjunto. Depois de morto o animal sacrificado, os ossos e a gordura eram queimados (para serem consumidos pelos deuses através do fumo) e a carne era consumida pelos homens em convívio.

SABER MAIS

A *Iliada* e a *Odisseia*

As obras literárias que têm estes nomes são dois longos poemas, atribuídos pela tradição a Homero, um poeta do século VIII a. C. Pensa-se que podem ser versões de histórias contadas oralmente. A *Iliada* conta a história dos reis gregos contra a cidade de Troia. A *Odisseia* narra as aventuras de Ulisses, que conquista Troia, mas que enfrenta uma série de perigos no seu regresso ao reino de Ítaca.

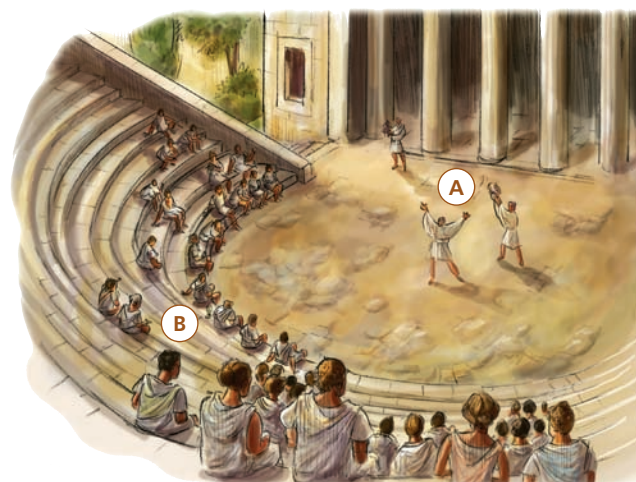


A. Antes dos jogos, rendia-se tributo a Zeus no templo, sacrificando inúmeros animais. As cerimônias repetiam-se ao quarto dia, realizando-se também banquetes. **B.** Nas competições, só podiam participar homens livres; os escravos e as mulheres eram excluídos. **C.** Corrida de quadrigas. **D.** Corridas de velocidade e de resistência (algumas eram disputadas carregando elmo e escudo). **E.** Luta de pé (vencia quem derrubasse o adversário três vezes sem ser derrubado). **F.** Luta livre. **G.** Lançamento de dardo e de disco.

14 Competições desportivas nos Jogos Olímpicos (reconstituição). Os jogos realizavam-se desde 776 a. C. e, enquanto duravam, as cidades em guerra faziam tréguas (interrompiam as hostilidades).



15 O mestre, à direita, ensina os jovens alunos.



16 Representação teatral. Só os homens é que atuavam no palco, interpretando inclusive os papéis femininos. **A.** Atores, que atuavam com máscaras. **B.** Espectadores.

ATIVIDADES

- 1** Consulta as definições de **tragédia** e **comédia** nas páginas 195 e 198 e diferencia os dois conceitos.
- 2** Enumera os diferentes tipos de cultos e manifestações religiosas na Grécia Antiga.
- 3** Enumera as etapas da educação de um jovem cidadão ateniense.
- 4** Justifica a seguinte afirmação: «Na Grécia, a formação do cidadão pretendia desenvolver de forma harmoniosa o corpo e a mente.»
- 5** Relê nas páginas 62 (incluindo a fig. 7 na pág. 63) e 66 as informações dadas sobre as mulheres gregas.
 - 5.1** Explica por que razão se pode dizer que as mulheres eram discriminadas negativamente.
 - 5.2** Compara a educação das mulheres em Atenas e em Esparta e as consequências, para a sua liberdade, das diferenças entre as duas cidades.

Dramatizar um mito grego



Saber

A turma divide-se em grupos e cada um seleciona o mito grego que irá dramatizar. Três mitos, em especial, têm todos os elementos para se criar uma trama com muita aventura, reviravoltas, expectativa e emoção: o mito de Prometeu e Pandora, o mito de Édipo e o mito da guerra de Troia.

Há que distribuir as tarefas no grupo: coordenação, atuação, decoração, figurino, maquiagem e outros elementos necessários para se realizar uma encenação teatral. É importante que cada aluno escolha a tarefa mais apropriada às suas características.

Fazer

Eis um guia de trabalho:

- Pesquisar o mito selecionado na Internet, em enciclopédias ou em livros de mitologia grega.
- Definir as personagens e os lugares onde a narrativa será desenvolvida.
- Redigir, com a ajuda do(a) professor(a), o roteiro da peça.
- Organizar, no interior de cada grupo, duplas para ensaiar os diálogos e as ações das personagens.
- Promover um ensaio geral para identificar as dificuldades do trabalho e orientar as ações de cada membro do grupo. É importante tratar o ensaio como se fosse a primeira apresentação ao público.
- Apresentar a peça à turma.

Qual é coisa qual é ela? De manhã, tem quatro pernas, ao meio-dia tem duas e ao entardecer três.



Édipo e a Esfinge, numa cerâmica grega do século v a. C.

Saber fazer

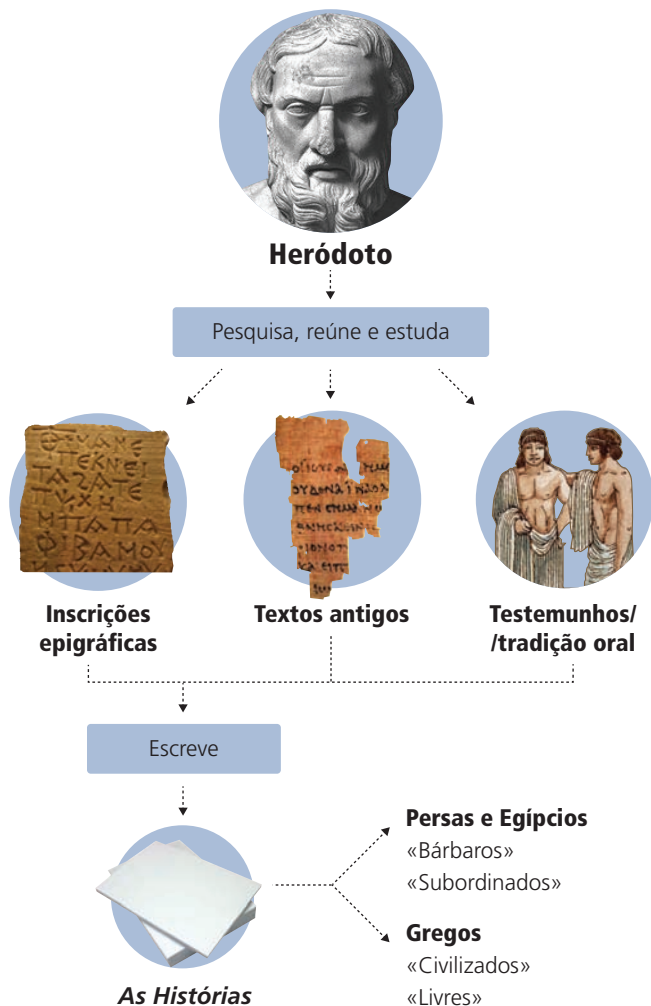
1. Leiam, na ilustração acima, o enigma que a Esfinge propôs a Édipo, narrado num dos mitos mais conhecidos da Grécia antiga. Investiguem a solução do enigma.
2. Em conjunto, façam um balanço das peças que foram encenadas, discutam e concluam sobre estes pontos:
 - a) Quais foram as dificuldades que as equipas encontraram?
 - b) Que características da Grécia Antiga conseguiram as peças mostrar?
 - c) Qual é a mensagem moral dos mitos dramatizados pelos grupos?

■ A Filosofia, a História e as ciências

O ambiente da pólis, voltado para a formação dos cidadãos, criou condições para surgirem e se desenvolverem, sobretudo em Atenas, **ramos do saber** tão importantes como a **História** (com Heródoto e Tucídides) **17** e a **Matemática** (com Pitágoras, Euclides e Arquimedes). Foram, porém, os **filósofos**, como Sócrates, Platão e Aristóteles, quem nos legou a parte mais importante e universal da cultura grega: a reflexão sobre o Homem e as grandes questões da existência, a que se chama **Filosofia** (de *philos* + *sophia*, isto é, amor à sabedoria).

Os Gregos foram também os primeiros a procurar uma **explicação racional** para os fenômenos da Natureza e para os comportamentos humanos. Essa reflexão já começara antes dos filósofos, com os **sofistas**, que se dedicavam a uma multiplicidade de saberes e à educação dos jovens. Por isso, é comum dizer-se que, além da Filosofia, os Gregos inventaram a **Ciência**. Nos séculos V e IV a. C., a **Medicina**, uma das áreas científicas fundamentais, teve em Hipócrates um importante cultor **Doc.**

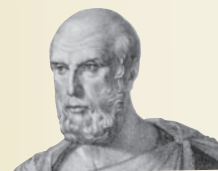
Os autores gregos tornaram-se, assim, prestigiados em todo o mundo mediterrâneo e o **grego** tornou-se a **língua de cultura** por excelência nos séculos seguintes. Muitos não gregos aprendiam-na para poderem ler na língua original os grandes historiadores, matemáticos e filósofos da Hélade.



17 A obra *As Histórias*, de Heródoto (cerca de 440 a. C.).

Documento

A missão do médico



Juro [...] por todos os deuses e deusas, tomando-os por testemunhas, e cumprirei este juramento para ajudar os que sofram

5 [...], não darei veneno mortal algum a quem mo pedir [...]. Em quantas casas entrar, irei para auxiliar os doentes. [...] Aquilo que vir ou ouvir no exercício da

10 minha profissão [...] calá-lo-ei.

Juramento de Hipócrates
(adaptado)

ATIVIDADES

1 Consulta a definição de **filósofos** na página 196 e redige uma frase sobre a relação dos filósofos com a sabedoria.

2 Observa os quatro bustos.



Aristóteles.



Pitágoras.



Platão.



Tucídides.

2.1 Atribui a cada personalidade a área do saber em que se distinguiu: 1. História; 2. Matemática; 3. Filosofia.

3 Lê o documento. Seguindo as pistas que te são dadas, seleciona o que Hipócrates promete no seu juramento: **a)** sobre venenos; **b)** sobre as casas em que entrar; **c)** sobre o que souber das doenças de cada um.

4 Observa a figura 17 e responde às questões.

4.1 Que fontes utilizou Heródoto?

4.2 Sobre que povos escreveu Heródoto?

4.3 Qual deles parece favorecer? Porquê?

■ A arte clássica

No século v a. C. definiu-se, sobretudo em Atenas, o modelo da **arte clássica**. Na **arquitetura**, na **escultura** e na **cerâmica** exprimiu-se uma nova ideia de beleza, exaltando a geometria e as formas do corpo humano. Este modelo irá influenciar a arte no Mediterrâneo, na Europa e, depois, no Mundo, durante muitos séculos.

■ A arquitetura e os templos

Os Gregos construíram edifícios muito variados, mas os mais importantes de todos eram os **templos**, locais de culto às divindades.

Os templos construíam-se sobretudo em **mármore branco** e eram pintados com cores que se perderam com o passar do tempo. Tinham forma retangular e, ao contrário da arquitetura egípcia — que era enorme e «esmagadora» —, tinham uma **medida humana**. Os templos erguiam-se sobre uma plataforma e dispunham de várias dependências: **pronaos** era o vestíbulo (átrio ou entrada); **naos** era a sala principal e nela era guardada a estátua da divindade; **opistódomo** era o lugar onde se colocavam as oferendas realizadas pelos fiéis **18**.

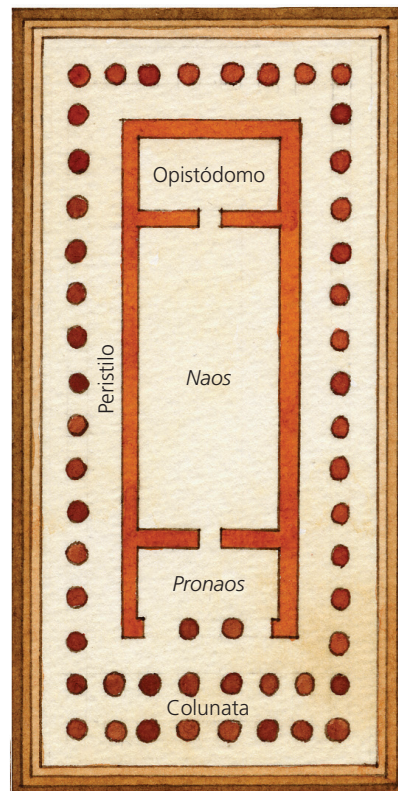
Os Gregos não usavam o arco nem a abóbada, pelo que cobriam os seus templos com tetos planos que eram sustentados por colunas e paredes. Os telhados eram de dupla vertente **19**.

■ As ordens arquitetónicas

A preocupação dos Gregos com a **harmonia**, a **beleza** e as **proporções corretas** levou os seus arquitetos a construírem segundo regras estritas que determinavam o tamanho dos elementos arquitetónicos e a sua combinação. A estas regras chamava-se **ordens** (**20** a **22**). No princípio, existiam duas ordens: a **dórica** e a **jónica**. Posteriormente, apareceu a **coríntia**.



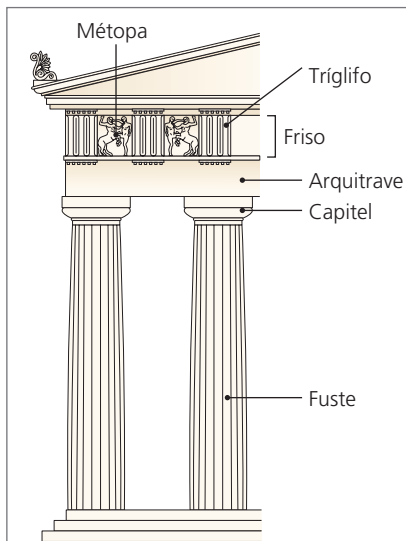
19 O Pártenon, dedicado à deusa Atena (acrópole de Atenas). É uma das grandes construções do século v a. C.



18 Planta de um templo grego.

ATIVIDADES

- 1 Consulta a definição de **arte clássica** na página 195 e redige um texto de cinco linhas com os principais traços definidores da arte ateniense do século v a. C.
- 2 Enumera, a partir da figura 18, as três divisões fundamentais de um templo grego.
- 3 Identifica na figura 19 um elemento assinalado na figura 18.
- 4 Explica o significado da palavra «ordem» na arquitetura grega.
- 5 Observa as figuras 20, 21 e 22. Compara as três ordens e identifica dois pormenores em que se distinguem.



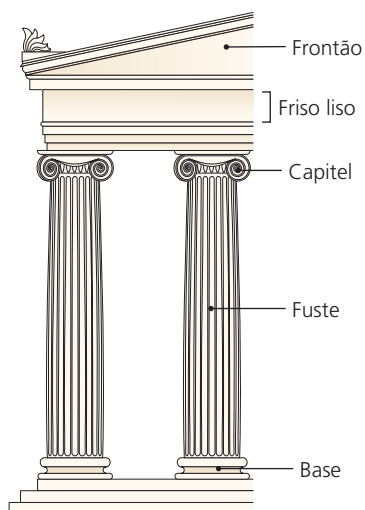
Coluna dórica.

O fuste está canelado com arestas vivas. O capitel não é decorado.



Templo dórico de Pesto (Itália).

20 A ordem dórica.



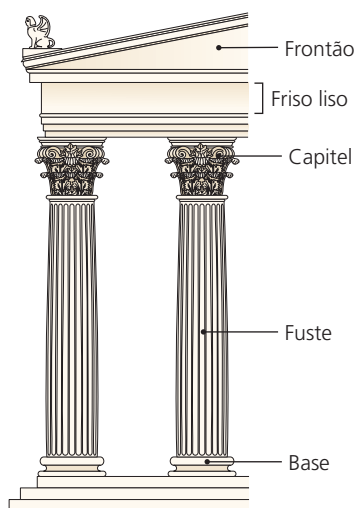
Coluna jônica.

O fuste está canelado com arestas suaves. O capitel está decorado com duas volutas. Apoia-se numa base.



Templo jônico de Atena Nikê (Atenas).

21 A ordem jônica.



Coluna coríntia.

O fuste está canelado com arestas suaves. O capitel está decorado com folhas de acanto. Apoia-se numa base.



Colunas do templo coríntio de Zeus (Atenas).

22 A ordem coríntia.

■ A escultura

A maioria das estátuas e dos relevos gregos tinha uma **função religiosa** e representava divindades e heróis. Por isso, muitas destas esculturas estavam colocadas em templos. Outro grupo importante de esculturas gregas servia para adornar túmulos. Também eram esculpidas estátuas de atletas.

Os escultores gregos sentiram um grande interesse em representar a **beleza ideal do corpo humano** nu. Esta beleza baseava-se em **proporções harmoniosas**, o que levou os artistas do século v a. C. a criarem corpos perfeitos, de acordo com regras preestabelecidas [23]. Para isso, os escultores estudavam minuciosamente a anatomia humana.

Os materiais mais utilizados pelos escultores eram o **bronze** e o **mármore**, embora também usassem a madeira, a terracota, o ouro, o marfim e outros materiais. Quase todas as esculturas eram pintadas com **cores vivas** que não foram conservadas pelo tempo. A maioria das esculturas de bronze perdeu-se, mas podemos saber como eram graças às cópias feitas pelos Romanos. As esculturas gregas eram de grande qualidade. Por este motivo, serviram de **modelo** para os artistas das épocas posteriores.

■ A cerâmica

Os vestígios de cerâmica grega que chegaram até nós são muito abundantes e graças a eles podemos fazer uma ideia de como era a **pintura**, de que apenas sobraram amostras. A cerâmica passou por **diferentes estilos** segundo a época a que pertence.

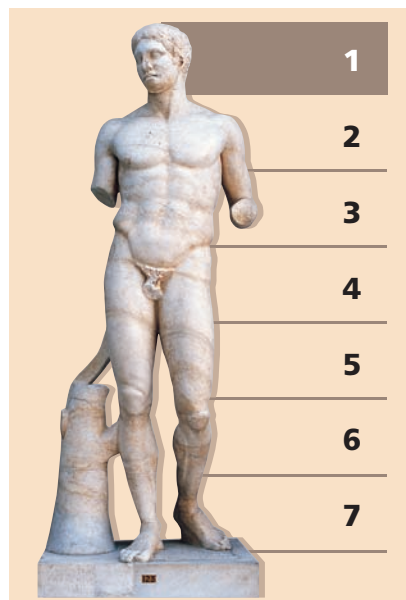
- Na época arcaica (800-490 a. C.), as figuras eram pintadas em preto sobre um fundo avermelhado: é a **cerâmica de figuras negras** [24].
- Na época clássica (490-338 a. C.), as figuras eram pintadas a vermelho sobre fundo negro: é a **cerâmica de figuras vermelhas** [25].
- Na época helenística (338-30 a. C.), as figuras eram pintadas em várias cores sobre um fundo branco.



[24] Cerâmica com cena desportiva.



[25] Cerâmica com cena do quotidiano.



[23] O cânone (palavra grega que significa «vara» ou «régua» e que passou a ser usada como sinónimo de «norma»). De acordo com a norma estabelecida pelo escultor Policleto no século v a. C., o corpo deveria medir seis vezes o tamanho da cabeça. Esta escultura, da autoria, o *Doríforo*, mostra a sua aplicação.

Documento

Beleza do corpo e da alma

Divino Pã – e vós deuses outros destas paragens! Dai-me a beleza da alma, a beleza interior e fazei com que o meu exterior se harmonize com essa beleza espiritual. Que o sábio me pareça sempre rico; que eu tenha tanta riqueza quanto um homem sensato possa suportar e empregar.

«Prece de Sócrates» em PLATÃO, *Fedro* (adaptado)

Analisar obras de arte

Saber

A análise e a comparação das obras de arte permite inferir muitas informações históricas importantes. Nelas é possível ver a evolução dos gostos da sociedade e das técnicas dos artistas, mas também o modo como uns povos influenciaram outros.

Na Grécia do princípio do século v a. C., depois de se imitar durante muito tempo os estilos de civilizações mais avançadas, os escultores começaram a representar de modo realista o movimento que observavam na realidade e as características naturais do corpo humano.

Fazer

A análise de uma escultura, além da identificação do material em que é feita, implica:

- reconhecer a figura representada;
- descrever a parte do corpo representada (busto, com peito e cabeça, ou corpo inteiro, por exemplo);
- a expressão da figura: se transmite movimento ou se tem postura estática, e que emoções faz transparecer.

Saber fazer

- Compara as estátuas A e B.
 - Que semelhanças encontras na expressão das figuras?
 - Tendo em conta que a civilização egípcia é anterior à grega, que conclusões podes tirar quanto ao povo que influenciou e foi influenciado?
- Compara agora as estátuas B e C e preenche os espaços 1 a 4 no teu caderno.

Estátuas	Postura corporal	Emoções transmitidas
B	1	2
C	3	4



- A.** Escultura egípcia representando um faraó.
B. *Kouros*. Na época arcaica grega representavam-se atletas nus (*kouroi*) e jovens vestidas (*koraí*). Eram figuras muito rígidas e sem movimento.
C. *Discóbolo*, de Míron.

ATIVIDADES

- Explica a regra (cânone) definida por Policleto para a escultura grega.
- Observa as figuras 24 e 25 e identifica a época em que se inserem (arcaica, clássica ou helenística).
 - Justifica a tua resposta anterior.
- Lê o documento e responde.
 - Identifica o autor do texto.
 - Regista o que o texto diz sobre o ideal de beleza.
 - Observa a estátua da figura 23 e aplica as ideias de beleza transmitidas pelo texto às características que podes observar no *Doríforo* de Policleto.
 - Faz uma pesquisa sobre Míron ou Policleto, na qual esclareças:
 - quando e onde viveu;
 - onde desenvolveu a sua arte.

VERIFICA O QUE APRENDESTES

SITUA NO ESPAÇO

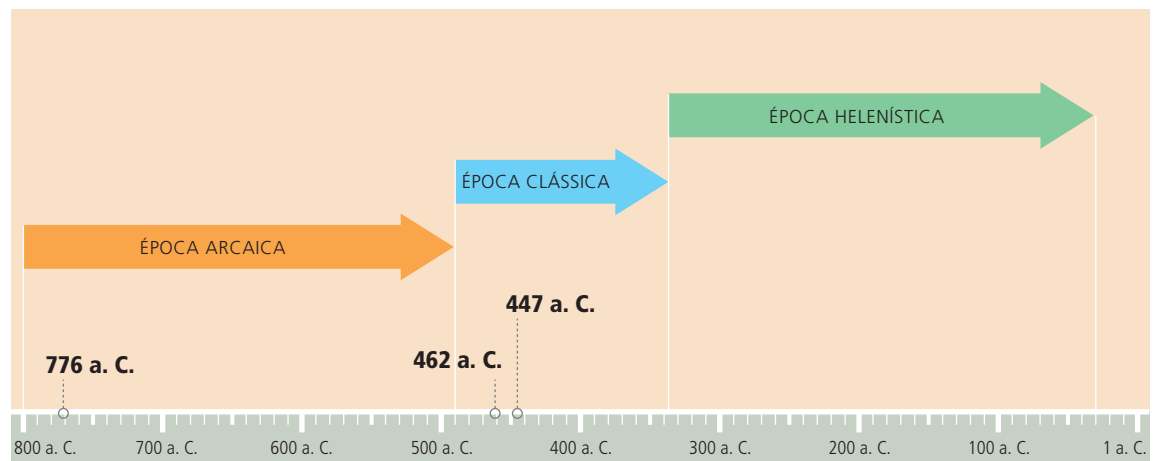
- 1 Observa o mapa e responde às questões.



- 1.1 Consulta a página 59 e atribui a cada número do mapa o nome da cidade grega a que corresponde.
- 1.2 Distingue as cores que no mapa representam cidades gregas e colónias fundadas pelas primeiras.
- 1.3 Menciona a cor que no mapa representa o espaço da Hélade.
- 1.3.1 Identifica os países atuais que correspondem a este espaço.
- 1.4 Observa a área de influência grega no Mediterrâneo e enumera os continentes por ela abrangidos.

SITUA NO TEMPO

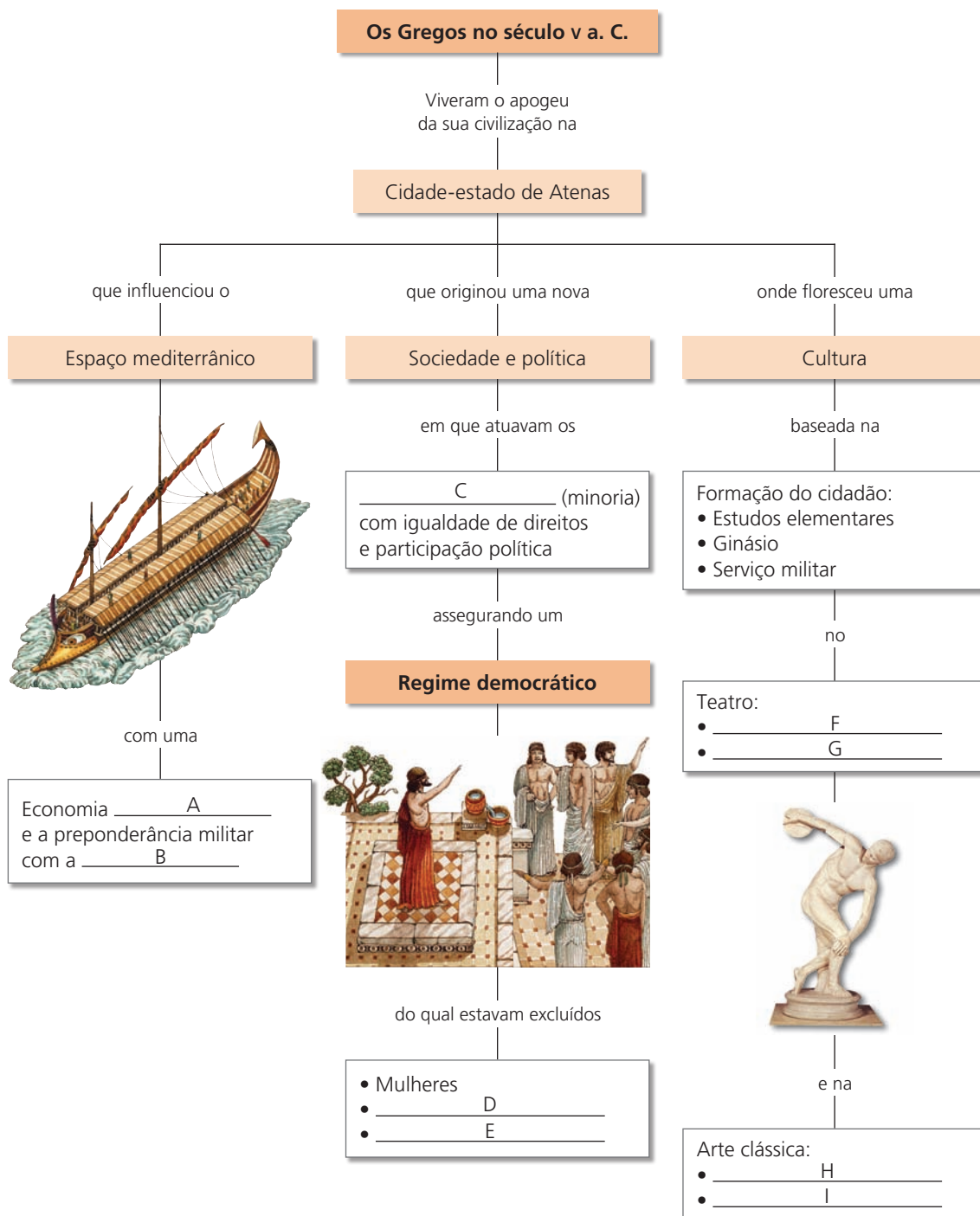
- 2 Observa a linha do tempo e responde às questões.



- 2.1 Selecciona as datas que assinalam na barra cronológica:
- a) a realização dos primeiros Jogos Olímpicos;
 - b) o ano da reforma de Péricles que introduziu remuneração nos cargos públicos;
 - c) a formação da Liga de Delos (hegemonia de Atenas na Hélade).

ESTABELECE RELAÇÕES

- 3 Selecciona na chave o elemento correto para cada uma das letras dos espaços em branco.



CHAVE:

Beleza

cidadãos

Comédia

Escravos

Harmonia

marítima e comercial

Metecos

Liga de Delos

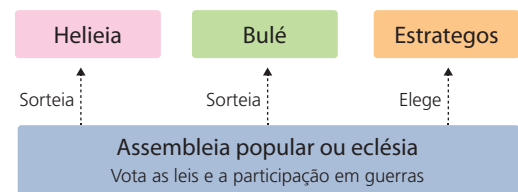
Tragédia

4 Para cada questão, seleciona a única opção totalmente correta.

- 4.1** A Hélade, o mundo grego da Antiguidade, era:
- a) um conjunto de colónias fenícias localizadas nas costas do Mediterrâneo.
 - b) um conjunto de civilizações diferentes unidas pela proximidade geográfica.
 - c) uma civilização de diferentes cidades-estado e colónias unidas por uma mesma religião e uma mesma língua (o grego).
- 4.2** No regime democrático de Atenas eram cidadãos (detentores de direitos políticos):
- a) todos os habitantes da cidade, sem distinção de sexo ou de condição.
 - b) só os homens adultos, filhos de pais atenienses e com o serviço militar feito.
 - c) só os homens e as mulheres em idade adulta e nascidos em Atenas.
- 4.3** A eclésia, assembleia dos cidadãos, era:
- a) o órgão que julgava os cidadãos acusados de violar as leis.
 - b) o órgão político que votava as leis, que tomava as decisões mais importantes e decidia a paz e a guerra.
 - c) o conjunto dos estrategos (chefes militares) e dos arcontes (que presidiam aos tribunais e às cerimónias religiosas).
- 4.4** A religião grega:
- a) venerava vários deuses e incluía ritos familiares e públicos, cerimónias como os Jogos Olímpicos e o teatro e a consulta de oráculos, como o de Delfos.
 - b) resumia-se ao culto a Zeus.
 - c) era em tudo semelhante à religião egípcia.

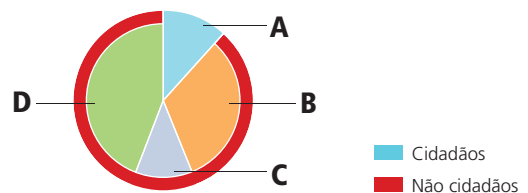
- 4.5** Os principais filósofos gregos foram:
- a) Sólon, Clístenes e Péricles.
 - b) Ésquilo, Sófocles e Eurípedes.
 - c) Sócrates, Platão e Aristóteles.
- 4.6** As ordens arquitetónicas gregas eram:
- a) a dórica, a jónica e a coríntia.
 - b) as que os Gregos copiaram dos Egípcios.
 - c) a arcaica, a clássica e a helenística.

5 Observa a imagem, consulta a página 63 e preenche os espaços A a H no teu caderno.



Órgão político	Função	Número de membros
Eclésia	A	B
Bulé	C	D
Magistrados	E	F
Helieia	G	H

6 Observa as imagens, consulta a página 63 e responde.



- 6.1** Atribui a cada letra o grupo social que lhe correspondia na Atenas do século V a. C.
- 6.2** Redige uma frase em que uses as quatro expressões seguintes: «regime democrático ateniense», «cidadão», «maioria» e «minoria».
- 6.3** Distingue a democracia atual da democracia ateniense do século V a. C.

- 7 Observa a fachada do Palácio de São Bento, onde se reúne a Assembleia da República.

- 7.1 Enumera na imagem os elementos comuns à arquitetura grega.
- 7.2 Identifica a ordem arquitetónica em que se podem classificar as colunas.
- 7.3 Explica o significado político da utilização neste edifício do modelo clássico de Atenas.



TRABALHA DOCUMENTOS

- 8 Lê o texto, observa a imagem e responde.



- A nossa cidade não está sujeita ao poder de um só homem. Atenas é livre. O povo é quem governa e são os cidadãos e os magistrados anuais quem administra o Estado. Os ricos não são privilegiados e, graças às leis escritas, o pobre e o rico têm direitos iguais. [Na justiça, o] fraco pode responder ao poderoso que o ataca e, se tiver razão, consegue defender os seus direitos. A liberdade é visível nas palavras que são tradicionalmente endereçadas aos cidadãos na eclésia: «Quem quer dar uma opinião útil à sua pátria?» Cada um pode então falar e tentar brilhar, ou calar-se. Pode ser imaginada uma igualdade mais bela do que esta?

EURÍPIDES, *As Suplicantes*
(tragédia do século V a. C., adaptado)

- 8.1 Lê a referência do fim do texto, que te dá a conhecer o autor, a obra a que pertence e a época em que foi escrito.
- 8.1.1 Identifica o autor.
- 8.1.2 A que género teatral se destinava o texto?
- 8.1.3 Situa este texto no tempo.
- 8.2 Esclarece se o texto é um documento histórico ou um texto historiográfico. Justifica.
- 8.3 Transcreve do texto a frase que:
- a) esclarece a relação de poder entre ricos e pobres;
- b) diz quem governa Atenas;
- c) refere que a cidade é governada por um conjunto de pessoas;
- d) explica que todos são iguais nos tribunais, independentemente do poder que tenham fora deles.
- 8.4 Explica por que razão diz Eurípides que, na política ateniense, qualquer cidadão pode «falar e tentar brilhar, ou calar-se».
- 8.5 Observa a imagem do documento e esclarece se confirma o que Eurípides diz sobre a igualdade política dos cidadãos em Atenas.

O MUNDO ROMANO NO APOGEU DO IMPÉRIO



A língua que falamos todos os dias é um legado histórico vivo do mundo romano. Que realizações foram as desse povo para a sua língua estar na base de tantas línguas atuais?

«MUNDUM CONSERVARE DEBEMUS AD FUTURAS GENERATIONES.»



1 PORTUGAL E BRASIL

- «É preciso preservar o Planeta para as futuras gerações.»



2 ESPANHA

- «Es necesario preservar el Planeta para las generaciones futuras.»



3 CATALUNHA

- «És necessari preservar el Planeta per a les generacions futures.»



4 FRANÇA

- «Il faut préserver la Planète pour les générations à venir.»

As línguas latinas no mundo atual, uma herança do Império Romano.



Principais línguas neolatinas

- Espanhol
- Francês
- Português
- Italiano
- Romeno
- Catalão

Países onde se fala mais de uma língua oficial

- Francês e espanhol
- Francês e italiano



- 1 No Quebec, no Canadá, a maior parte da população descende de franceses.



- 2 A região do atual estado da Luisiana, nos Estados Unidos, foi colonizada por franceses.



- 3 No estado do Novo México, nos Estados Unidos, é forte a presença de hispano-americanos. O espanhol é um dos idiomas oficiais da região.

OBSERVA, INTERPRETA, REFLETE

- 1 Observa atentamente o mapa e enumera:
- a) as línguas latinas identificadas no mapa;
 - b) um país de cada continente onde se fala oficialmente língua latina.
- 1.1 Por quantos continentes está hoje espalhada a herança linguística do Império Romano?
- 2 Lê as frases que aparecem na base do mapa.
- 2.1 Se a frase em português não estivesse no mapa, conseguirias perceber o seu sentido em alguma das outras línguas?
- 2.2 O que concluis das semelhanças de outras línguas com o português?



5 ITÁLIA

- «È necessario preservare il Pianeta per le future generazioni.»



6 ROMÉNIA

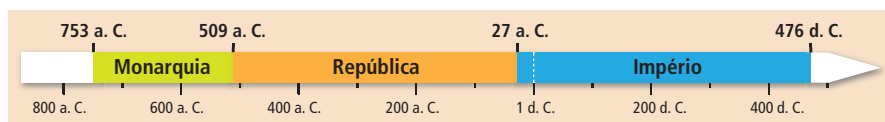
- «Este nevoie să păstrăm Planeta pentru generațiile viitoare.»

4.1 O Mediterrâneo romano nos séculos I e II

A história de Roma

Segundo a lenda, Roma foi **fundada no ano 753 a. C.** por dois irmãos gêmeos: Rômulo e Remo **1**. Viviam então em Itália muitos povos. Dois dos mais importantes eram os **Etruscos**, no Norte, e os **Latinos**, no centro **3**. Os Latinos fundaram várias povoações numa zona com sete colinas, nas margens do rio Tibre, de cuja união surgiu a cidade de Roma **4**.

Durante os primeiros séculos da sua história, Roma foi uma **monarquia** governada por um rei eleito pelos representantes das famílias mais importantes da cidade: os patrícios. Estes constituíam uma assembleia, o Senado. No século VI a. C., os Etruscos conquistaram Roma, mas a sua autoridade nunca foi bem aceite, acabando expulsos em 509 a. C. Nesse ano, após o derrube do último rei etrusco, estabeleceu-se uma nova forma de governo: a **república**. Esta assentava em três instituições principais — os Comícios, as Magistraturas e o Senado —, que, como veremos, foram incorporadas e transformadas, a partir de 27 a. C., sob um novo regime político — o **império** **2**.



2 Etapas da história de Roma.

Da cidade ao império

A civilização romana desenvolveu-se em torno do **mar Mediterrâneo**, a que os Romanos chamavam **Mare nostrum** («nosso mar»). Roma, situada nas margens do rio Tibre, na península Itálica (ou Itália), no centro do Mediterrâneo, está num **lugar estratégico** para dominar esse mar.

A **expansão do domínio romano** esteve relacionada com a rivalidade com outros povos da península Itálica e do Mediterrâneo. Na sequência de guerras, ou por razões de segurança, Roma foi expandindo a sua autoridade sobre **territórios cada vez mais vastos**. Os tributos cobrados às cidades e povos dominados foram também um incentivo a este expansionismo. Já no período do império, o domínio do mar Mediterrâneo — e de todas as terras à sua volta — era visto pelos Romanos como condição para a **preservação** da sua hegemonia.

Entre 500 e 250 a. C., Roma conquistou os territórios da península Itálica. Depois, começou a sua expansão pelo Mediterrâneo, o que a levou a afrontar e destruir o poderio cartaginês nas três Guerras Púnicas **Doc.**. Nos **séculos I e II** da nossa era, o império alcançou a sua **máxima extensão**, desde as Ilhas Britânicas no Norte até ao deserto do Sara no Sul, e desde a Mesopotâmia no Leste até à Península Ibérica no Ocidente, com um número estimado de 50 a 100 milhões de habitantes **5**.



1 Loba capitolina. Segundo uma lenda, os dois fundadores de Roma foram salvos e criados por uma loba, que se tornou o símbolo de Roma.



3 A península Itálica no século VIII a. C.

Relembra

A importância da cidade de Cartago já foi estudada este ano. Consulta as páginas 46-47.



4 As sete colinas de Roma.

Documento

Roma contra Cartago: as Guerras Púnicas (século III a. C.)

Convencidos os Romanos de que a guerra contra os Cartagineses decorreria na Ibéria [Península Ibérica] e em África, porque nunca imaginaram que os Púnicos [Cartagineses] pudessem invadir a Itália, enviaram Tibério Semprônio Longo [...] para África [...]; enviaram também Públio Cornélio Cipião para a Ibéria, em sessenta barcos com dez mil infantes [soldados a pé] e setecentos cavaleiros, e com ele o seu irmão Cneio Cornélio Cipião como legado.

APIANO, *Ibéria* (adaptado)



5 A expansão territorial de Roma à volta do Mediterrâneo.

ATIVIDADES

- 1 Consulta a definição de **império** na página 197 e, a partir do mapa da figura 5, escreve uma frase com o conceito e com os nomes de algumas das províncias assinaladas no mapa.
- 2 Enumera os três regimes políticos da história de Roma.
- 3 Regista o nome dos dois povos principais que viviam na península Itálica no século VIII a. C.
- 4 Regista:
 - a) o ano em que se iniciou o período do império;
 - b) os limites norte, sul, este e oeste do império nos séculos I e II.
- 5 Lê atentamente o documento de Apiano.
 - 5.1 Identifica os adversários dos Romanos.
 - 5.2 Nomeia as três províncias em que decorreu a guerra entre Roma e Cartago.
- 6 Observa o mapa da figura 5 e responde.
 - 6.1 Em que períodos da história de Roma foi a Península Ibérica sujeita ao seu poder?
 - 6.2 Por que continentes se estendia o poderio romano no período imperial?

■ O exército e a «paz romana»

Em geral, em todos os territórios conquistados, as **diferentes tradições religiosas e culturais** eram respeitadas pelos Romanos. No entanto, para manter a sua autoridade, Roma estacionava as **poderosas legiões** do seu exército nas várias províncias do Império, deslocando-as, sempre que necessário, por terra ou por mar. Para as **deslocações** por terra, as estradas eram fundamentais, razão pela qual a sua construção se tornou um dos principais sinais da expansão romana **6**. Uma **rede de estradas gigantesca** espalhou-se por todo o império, servindo, como veremos, para facilitar as trocas comerciais.

A esta ordem assim mantida em todo o império chamou-se **pax romana** («paz romana»). Tratava-se de uma paz vigiada e armada, em que Roma recorria à violência sempre que se sentia ameaçada.

■ Os fatores de integração do Império Romano

A diversidade de povos com crenças, hábitos e línguas diferentes era um desafio ao domínio romano, pelo que foi necessário também encontrar meios pacíficos de os integrar no império:

- A **presença das legiões** foi um fator importante na difusão dos hábitos romanos junto dos povos dominados, transformando-se os soldados muitas vezes em colonos, que fundavam explorações agrícolas ou povoações nos moldes romanos.
- A adoção de hábitos e gostos romanos era promovida junto dos chefes dos povos dominados, de modo a criar-se uma **lealdade e ligação afetiva a Roma** **Doc.**
- A utilização da rede de estradas pelos **comerciantes** criou laços económicos entre as várias partes do império e os seus diferentes povos.
- A difusão do **direito romano**, isto é, o conjunto das leis romanas. Estas leis diziam respeito ao governo da cidade e à eleição de magistrados (**direito público**) e à vida privada dos cidadãos em aspetos como a sua propriedade ou o casamento (**direito privado**).
- A instituição de **municípios** por todo o império, que eram cidades e seus territórios que passavam a reger-se pelas mesmas normas que vigoravam em Roma.
- A **concessão da cidadania romana** aos habitantes do império cresceu com a fundação de municípios, tendo sido estendida, no ano 212 d. C., pelo imperador Caracala, a todos os homens livres que vivessem sob domínio romano.
- A organização do império em **províncias** e o envio para estas de **funcionários** nomeados pelo imperador permitiu a existência de uma **administração** eficiente e hierarquizada, que assegurava o controlo dos chefes locais, dos colonos e dos municípios.
- Por fim, a língua falada pelos Romanos, o **latim**, espalhada por comerciantes e colonos e pelas necessidades de administração, foi adotada por muitos povos dominados, deixando vestígios profundos em várias línguas modernas.

Documento

A adesão aos costumes romanos

A maioria converteu-se em latinos e recebeu colonos romanos, de modo que pouco lhes falta para que sejam todos romanos. As cidades que se fundaram agora [...] entre os Celtas, [...] entre os Túrduos [...], em território celtibero e algumas outras, mostram com clareza a evolução destas constituições; todos os iberos que adotaram este modo de ser chamam-se togados*.

*Assim chamados por usarem toga, como os cidadãos romanos.

ESTRABÃO, *Geografia*,
Livro III (adaptado)

ATIVIDADES

- 1 Consulta as definições de **município**, **direito** e **administração** nas páginas 195, 196 e 197 e escreve uma frase com os três conceitos.
- 2 Observa a figura 6. Explica a importância da construção de estradas para a manutenção do Império Romano.
- 3 Identifica três dos fatores da integração dos povos dominados.
- 4 Redige uma definição de **pax romana**.
- 5 Lê o documento de Estrabão e identifica a palavra que se refere àqueles que adotaram hábitos romanos.

O exército romano

O exército romano estava organizado em legiões, grupos de 4000 a 5000 soldados (legionários). Cada legião estava rigidamente organizada, de modo a manter-se a obediência aos chefes e a eficácia durante os combates.



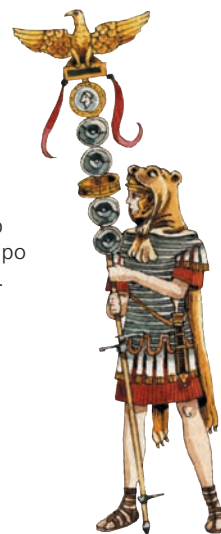
Legionário romano.



Legado.
Comandava a legião por meio dos centuriões.



Centurião.
Cada um tinha sob seu comando um grupo de 100 legionários.



Porta-insígnia.
Guardava a águia, a insígnia (símbolo) mais importante da legião.

Trompeta.
Transmitia as ordens dos oficiais (centuriões) aos legionários.



Táticas e máquinas



«Tartaruga».
Tática que permitia aos legionários defenderem-se das setas inimigas.



Máquina de assalto.
Servia para atacar e derrubar muralhas.



- A. Marco miliário, colocado a cada 1480 metros, assinalando a distância das povoações mais próximas.
- B. A estrada era construída em quatro camadas.
- C. A última camada era coberta por lajes de pedra lisa, unidas por argamassa de cinzas vulcânicas e areão.
- D. Escravos trabalhando sob a vigilância de soldados.

6 Construção de uma estrada romana (reconstituição).

■ A romanização: o caso da Península Ibérica

Os fatores de integração do espaço do império foram moldando os hábitos, os costumes, as leis e até a língua dos diferentes povos dominados, fazendo-os cada vez mais **parecidos com os Romanos**. A esse processo chama-se **romanização**. A Península Ibérica foi uma das regiões do império mais intensamente romanizadas.

A conquista romana da Península Ibérica, a que os Romanos chamavam **Hispania**, iniciou-se em 197 a. C. Essa conquista foi mais fácil no **Sul** e no **Leste**, onde os seus habitantes se identificavam com um modo de vida urbano e civilizado, dados os contactos anteriores com Fenícios, Gregos e Cartagineses. No **Norte** e no **Oeste**, a resistência aos Romanos foi grande, destacando-se os Lusitanos, que viviam em grande parte do atual território português. A partir de 155 a. C., ocorreu a chamada **Guerra Lusitana**, em que o chefe lusitano Viriato encabeçou a resistência; no entanto, alguns companheiros seus, subornados pelos Romanos, assassinaram-no em 139 a. C. **Doc.**

Só no tempo de Otávio (Augusto) se pacificou definitivamente a Hispania. Esta foi dividida em províncias e a romanização espalhou-se por toda a Península, que passou a estar atravessada por **estradas** e organizada em **idades** de traçado e com **edifícios de estilo romano** (7 e 8). Várias cidades atuais nasceram ou tornaram-se importantes no período romano, como foi o caso de algumas das principais cidades portuguesas 10.

Os Romanos difundiram as culturas dos **cereais**, da **vinha** e da **oliveira**, especialmente desenvolvidas nas **villae** (plural de *villa*), grandes explorações agrícolas e pecuárias 11. A **extração mineira** (sobretudo de cobre e de ouro) foi uma das razões para o interesse romano pelo espaço ibérico. A extração de **sal** e o fabrico de **garum** (uma pasta de peixe usada para condimentar os alimentos) 9 foram outras importantes atividades económicas desenvolvidas pelos Romanos.

As **principais línguas** atuais da Península — português, galego, castelhano e catalão — têm **raiz latina**, sendo vestígios muito relevantes e duradouros da romanização do início da nossa era.



8 Teatro de Emerita Augusta (Mérida, Espanha).



Documento

Viriato

Este Viriato era, pois, originário dos lusitanos que habitam junto do Oceano. Sendo pastor desde criança, estava habituado 5 à vida na montanha [...]; vivendo constantemente em armas e em combates contra feras e salteadores, tornou-se famoso entre as populações, e foi por elas escolhido para chefe. [...] Pelos seus êxitos nas batalhas [...] ganhou também reputação pela capacidade excepcional de liderança.

DIODORO SÍCULO, *Biblioteca Histórica* (adaptado)



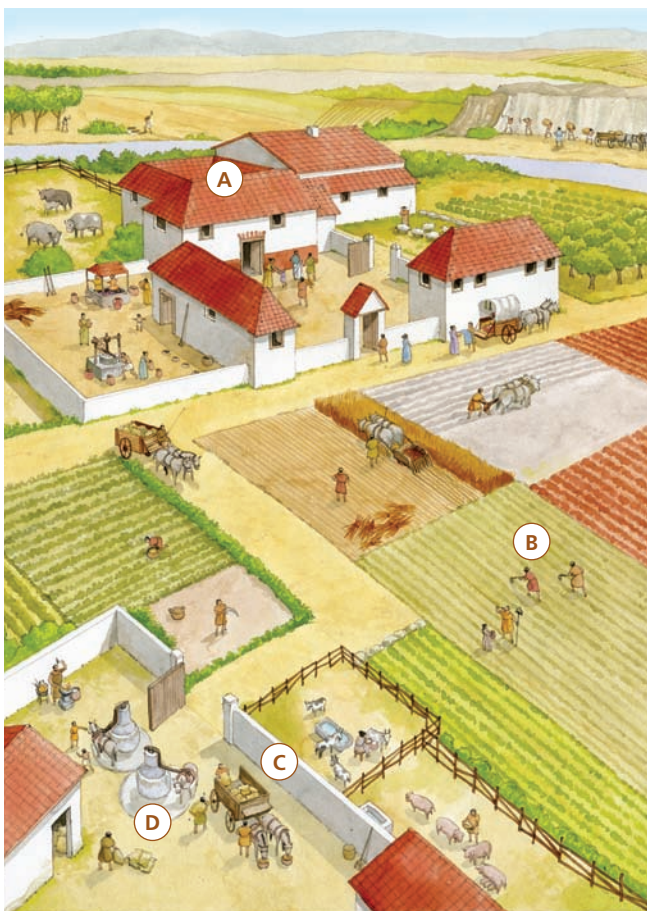
7 Templo romano de Évora (século I d. C.), dedicado ao culto imperial.



9 Salgadeiras no sítio arqueológico de Troia (Grândola).



- 10** A Hispânia romana no século III d. C., dividida em cinco províncias: Galécia, Lusitânia, Bética, Tarraconense e Cartaginense (no mapa, em latim).



- 11** Uma villa hispano-romana (reconstituição).

A. Na mansão residia a família do proprietário. **B.** Os camponeses e os escravos que realizavam os trabalhos viviam em cabanas (ou choças). **C.** Existiam armazéns, adegas, currais e cavalariças. **D.** Os cereais eram moídos em moinhos mecânicos e nos lagares transformavam-se as uvas em vinho e as azeitonas em azeite.

ATIVIDADES

- Redige com palavras tuas uma frase em que expliques o significado do conceito de romanização.
- Relaciona o contacto anterior com povos mediterrânicos com a forma como o domínio romano foi recebido na Península Ibérica.
- Observa o mapa da figura 10 e regista:
 - as províncias romanas que abrangem parte do atual território português.
 - quatro cidades portuguesas atuais que já eram povoações importantes no período romano.
- Observa a figura 11 e identifica algumas das culturas agrícolas difundidas e desenvolvidas pelos Romanos.
- Lê o documento e responde às questões.
 - Refere em que parte da Lusitânia situa o autor a origem de Viriato.
 - Que ocupação tinha Viriato desde criança?
 - Identifica as capacidades que Viriato demonstrou para chefiar os Lusitanos nas guerras contra os Romanos.

■ Uma economia urbana, comercial e monetária

Roma era uma cidade muito dependente da **agricultura** e da **pecuária** praticadas na região que a envolvia (o Lácio). As famílias romanas mais ricas e poderosas possuíam geralmente extensas propriedades com terras cultivadas e pastagens (os **latifúndios**), recorrendo a **mão de obra escrava** e a **camponeses**. Existiam também **pequenos proprietários**, muitos dos quais perdiam as terras depois de as hipotecarem para pagarem dívidas. No Lácio, cultivava-se sobretudo a vinha, a oliveira e o trigo. Mas, através de uma **economia comercial e monetária** que se estendia a toda a bacia do Mediterrâneo, a cidade tinha relações económicas com todo o império.

Antes dos Romanos, os Fenícios e os Gregos tinham já desenvolvido sociedades cuja vida política e económica estava centrada em cidades orientadas para o **comércio**. A importância das trocas comerciais havia estimulado o uso da **moeda** por todo o Mediterrâneo. A hegemonia romana, pondo termo a guerras e combatendo a pirataria, veio facilitar estas trocas e a sobrevivência económica das cidades. O poder romano foi, por isso, geralmente aceite como protetor e civilizador.

Como já sabes, às **rotas comerciais mais seguras** os Romanos juntaram uma extensa **rede de estradas**, vigiadas pelas legiões, cuja presença tornava a circulação dentro do império bem mais segura do que em épocas anteriores (**14** e **15**). Muitos **rios** eram também **navegáveis**, servindo de vias de comunicação complementares. O comércio pôde assim prosperar, assistindo-se também à difusão intensa das moedas, cunhadas por Roma e por outras cidades importantes. As cidades cresceram e outras foram fundadas pelos Romanos em todo o espaço por si dominado.

■ Roma, centro da economia mediterrânica

Roma foi assim transformada pela **intensificação do comércio**. Com os recursos obtidos por meio dos tributos recebidos de todo o império, tornou-se **grande consumidora** de tudo aquilo que era produzido no mundo conhecido. Esse consumo estimulava as atividades económicas e alimentava o comércio, tornando Roma a **maior cidade do império** e o centro da sua economia **Doc.**

O crescimento das cidades estimulou a multiplicação das **oficinas de artesãos**, que funcionavam também como lojas para o público. As **peles** e os **couros** vinham de várias paragens, até de fora do império, como o mar Báltico. A procura de **metais** levou os Romanos a abrirem **minas** em diferentes regiões, incluindo a Península Ibérica **12**, de onde era também enviado **sal**, fundamental para a conservação dos alimentos. Produtos exóticos como as **especiarias**, a **seda** e o **algodão** chegavam de lugares mal conhecidos e longínquos da Ásia **13**.

O poder romano fortaleceu, assim, em todo o mundo mediterrânico, uma **civilização urbana** e uma **economia comercial e monetária**.

Relembra

As atividades comerciais de Fenícios e Gregos já foram anteriormente estudadas, bem como o uso da moeda. Relê as páginas 46-47 e 60-61.

Documento

A importância do comércio

De todos os cantos da terra e dos mares afluem [a Roma] os produtos de todas as nações e de todos os países, os dos rios e dos lagos, e tudo o que pode produzir a indústria dos Gregos e dos Bárbaros [...]. Tantos navios de transporte vêm abordar ao cais do [rio] Tibre, que Roma é, de alguma forma, como que o mercado universal do mundo.

ÉLIO ARISTIDES, *Discursos*
(adaptado)

Quem foi melhor cidadão do que [o imperador] Trajano, quando abriu rotas, reparou portos e os uniu às diversas nações por meio de um comércio tal que os produtos de um lugar parecem pertencer a todos os povos?

PLÍNIO, *Panegírico de Trajano*
(adaptado)



12 Mina romana de Valongo.



13 Rede de estradas e produtos das diferentes regiões do vasto espaço romano.



14 Navio mercante romano e ânforas para transporte de vinho, azeite ou grãos.



15 Carro romano transportando mercadorias.

ATIVIDADES

- 1** Consulta as definições de **economia comercial e monetária** e **latifúndios** nas páginas 196 e 197 e redige um texto de cinco linhas com o primeiro conceito, comparando a economia no Império Romano com aquilo que sabes da economia dos nossos dias.
- 2** Lê os documentos de Élio Aristides e de Plínio e responde às questões.
 - 2.1** Substitui a expressão de Élio Aristides «mercado universal do mundo» por outra que queira dizer o mesmo.
 - 2.2** Explica como as medidas de Trajano beneficiaram o comércio.
- 3** Observa o mapa da figura 13 e responde.
 - 3.1** Imagina que és um grande comerciante do império. Tenta satisfazer as encomendas, localizando regiões que te possam abastecer de:
 - a)** ouro; **b)** âmbar; **c)** cavalos; **d)** vidro.
 - 3.2** Identifica no mapa duas cidades que ainda hoje sejam importantes (excluindo Roma).

4.2 Sociedade e poder imperial

Os aristocratas

No topo da sociedade romana estavam os aristocratas mais ricos e poderosos, que constituíam a **ordem senatorial** e se diziam descendentes dos fundadores de Roma; eram muitas vezes grandes proprietários de latifúndios **[16]**. O termo «senatorial» indicava que eram senadores, isto é, membros do **Senado**, a assembleia de antigos magistrados, que governava a cidade, propunha as leis e dirigia a política externa no período republicano.

Abaixo destes estavam os cavaleiros da **ordem equestre**, aristocratas mais recentes que haviam enriquecido com o comércio ou os negócios (a designação antiga de cavaleiro estava relacionada com o facto de terem posses para se apresentarem a cavalo quando convocados para a guerra). A partir do século I d. C., para afirmarem o seu poder, os imperadores combateram a influência da ordem senatorial. Tenderam, por isso, a favorecer e promover a ordem equestre, nomeando os seus membros para cargos no Senado, nos tribunais, na administração de Roma ou das províncias.



[16] Aristocratas romanos.

Os plebeus

Os **plebeus** eram a maioria dos cidadãos **[19]**. Estavam ligados às profissões dos **ofícios** e do **comércio** **[17]**, ao **serviço doméstico** nas casas das famílias aristocratas ou à **agricultura** (como pequenos proprietários). Alguns eram muito pobres, vivendo dependentes das distribuições de trigo feitas pelas autoridades ou pelas famílias ricas. A abundância de escravos condenava-os muitas vezes a não ter trabalho. A vida da cidade era algumas vezes perturbada pelas suas rebeliões, motivadas pela fome e as más condições de vida. O imperador e os aristocratas habituaram-se, por isso, a dar-lhes «pão e circo», isto é, trigo e espetáculos gratuitos nos circos e anfiteatros (vê a página 90).

Como cidadãos, podiam recorrer aos tribunais para defender os seus interesses, assim como deter propriedade (terras, casas), casar-se e constituir família. Tinham conquistado direitos de participação política através dos Comícios, as assembleias de cidadãos que votavam as leis propostas pelo Senado e que elegiam os magistrados.



[17] Plebeus.

Os escravos e os libertos

Tal como outras sociedades antigas, a romana admitia a escravatura. Os escravos existiam em **grande número** **[18]**. Podiam ser prisioneiros de guerra, filhos de outros escravos ou cidadãos condenados pela justiça com a perda da liberdade. Os escravos eram comprados e vendidos como uma mercadoria. Faziam os **trabalhos mais duros**, como o de mineiro ou de gladiador **[Doc.]**, e desempenhavam tarefas domésticas, chegando, quando tinham estudos, a ensinar os filhos dos seus amos. Podiam ganhar a liberdade por concessão dos seus donos, tornando-se então **libertos**, embora permanecessem sem direitos de cidadania.



[18] Escravos.



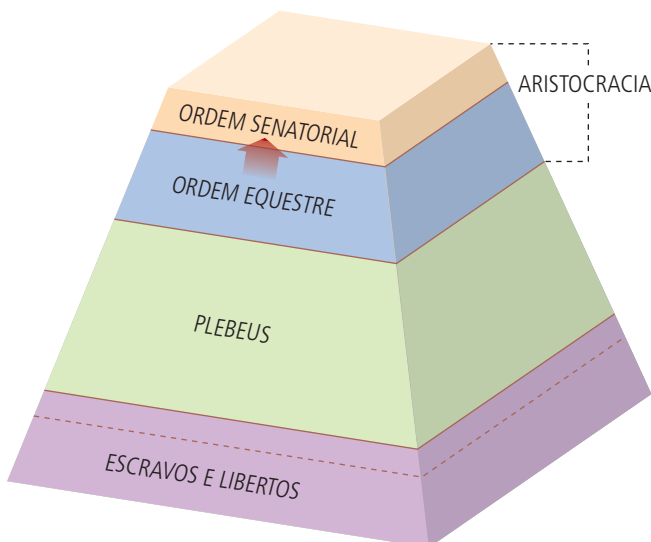
As mulheres na Roma antiga



Aristocrata romana e escrava.

As mulheres, independentemente da sua riqueza ou origem social, não tinham direitos de participação política. Eram sempre tuteladas por um homem: primeiro, o seu pai e, falecido este, um irmão ou outro parente. Quando se casavam, passavam a dependentes do marido. Mesmo assim, as mulheres podiam possuir propriedades, gerir negócios e participar em festas e espetáculos. Apesar de o seu papel principal ser o de esposas e mães, muitas trabalhavam no campo, em lojas ou como parteiras. Algumas mulheres ricas (sobretudo aristocratas), apesar de não poderem aceder a cargos políticos, alcançavam grande influência na sociedade.

Organiza em grupo uma **pesquisa** sobre os direitos da mulher na nossa sociedade atual, comparando-os com os vários pontos aqui focados sobre a situação da mulher romana.



19 Esquema da ordem social romana.

Documento



A revolta de Espártaco (73-71 a. C.)

Em Cápua [Sul de Itália], um homem chamado Léntulo Baciato organizava combates de gladiadores com os seus escravos, muitos deles gauleses e trácios. [...] Sesenta e dois conseguiram escapar. O mais importante era

5 Espártaco [...], um trácio, nascido numa tribo nómada de pastores. [...] Os escravos emboscaram aqueles que saíam armados da cidade e tomaram-lhes muitas armas, que eram adequadas para a guerra. [...]

Por causa do perigo desta situação, o Senado encarregou dois cônsules [...] de uma guerra da maior dificuldade.

PLUTARCO, *Vida de Crasso* (adaptado)

Kirk Douglas no filme de Stanley Kubrik, *Spartacus* (1960).



ATIVIDADES

- 1 Consulta a definição de **senado** na página 198 e redige uma frase com este conceito e com o termo «ordem equestre».
- 2 Distingue cidadãos de não cidadãos na sociedade romana, referindo os direitos dados ou negados nas duas situações.
- 3 Refere a razão que levou os imperadores a favorecerem politicamente os cavaleiros.
- 4 Explica o significado que tinha na sociedade romana a expressão «pão e circo».
- 5 Lê o documento de Plutarco e responde.
 - 5.1 Que uso fazia Baciato dos seus escravos?
 - 5.2 Que razões os terão levado à revolta?
 - 5.3 Copia a frase que mostra a gravidade que esta revolta teve para o poder romano.

■ A vida quotidiana

Em Roma, as habitações permitiam diferenciar os ricos e os pobres: os primeiros viviam em *domus* e os segundos nas *ínsulas* [22]. A cidade era insegura, sobretudo nos bairros pobres e à noite [Doc.].

A maioria dos Romanos tinha uma dieta muito simples, na qual se destacavam o **pão**, as **verduras**, as **frutas** e o **peixe**. Temperavam os alimentos com **azeite** e a sua bebida favorita era o **vinho**. A carne também era consumida, sobretudo pelos mais ricos, e, tal como o peixe, era conservada em sal ou vinagre, seca ao sol ou consumida com o *garum*, uma pasta de sabor intenso feita à base de vísceras de peixe, ovas e marisco. Os mais ricos eram dados a excessos durante os banquetes que organizavam em suas casas.

Os homens usavam, como roupas mais comuns, uma **túnica** até aos joelhos com mangas curtas. Usavam uma ou várias sobrepostas conforme a época do ano. A túnica ajustava-se à cintura com um cinto de couro ou de cânhamo. Calçavam-se com diferentes tipos de sapatos feitos de pele. As sandálias eram muito comuns. Só os cidadãos romanos podiam usar sobre a túnica uma peça grande chamada **toga**. A toga enrolava-se à volta do corpo e mantinha-se presa sem necessidade de pregadeiras. As mulheres utilizavam uma túnica até aos pés, chamada **estola**. Esta apertava-se também com um cinto. Sobre os ombros usavam uma espécie de xaile e, cobrindo a cabeça, um véu [20]. As mulheres cuidavam muito dos seus penteados, que podiam ser tanto mais complicados quanto mais alta era a sua condição social e económica. Também usavam joias e, no verão, abanicos de plumas e sombrinhas.

Os Romanos levantavam-se cedo, com o nascer do dia. Depois da higiene matinal e de uma primeira refeição, iniciavam o dia de trabalho. Este terminava ao meio-dia e, depois de nova refeição, dedicavam-se ao ócio (ocupação dos tempos livres). Os mais abastados frequentavam as termas, que tinham dois recintos: a palestra, para realizar exercícios físicos, e os banhos públicos. Nas termas existiam também espaços para leitura e para atividades culturais. Assistiam ainda a espetáculos como o teatro, as corridas de quadrigas e os combates de gladiadores, muito populares sobretudo entre os plebeus [21].

Documento

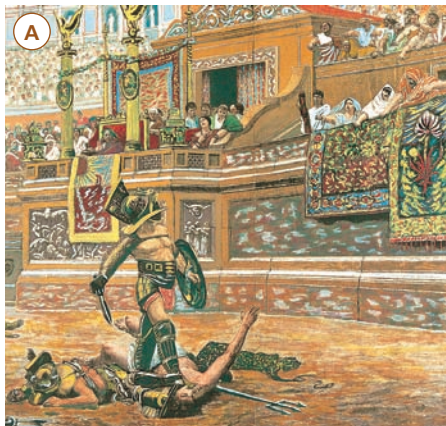
A vida num bairro popular

Vivemos numa cidade onde grande parte das casas é construída com frágeis vigas de madeira. Por esta razão, são frequentes os desmoronamentos e os incêndios. [...] Em que andar alugado é possível dormir em sossego nestes bairros? É preciso ser-se rico para poder dormir sem barulhos, em calmas vivendas [...]. Nas ruas é difícil avançar por entre o mar de gente que me comprime e que me empurra. [...] E não é raro aparecerem-nos pela frente bandidos, de faca em punho.

JUVENAL, *Sátiras* (adaptado)



[20] Vestuário de homem e mulher romanos.



A. Combate de gladiadores. B. Corrida de quadrigas.

[21] Espetáculos populares em Roma (reconstituições).



A. As insulas eram precários edifícios comunitários, construídos com tijolo e madeira, que desabavam com alguma frequência. **B.** Os andares altos eram os mais baratos, pois eram os mais difíceis de evacuar em caso de incêndio, o que era frequente. **C.** Os edifícios pertenciam às personalidades mais ricas de Roma, que alugavam os apartamentos a trabalhadores, artesãos e comerciantes. **D.** No piso térreo das insulas havia bancas e lojas de artesãos e comerciantes. Aí se comprava o que era necessário para o dia a dia.

E. As casas não tinham água corrente. A água era tirada de chafarizes e grandes tanques que havia nas ruas. **F.** As *domus* eram as casas das famílias ricas, que herdavam as propriedades de geração em geração. **G.** As casas ricas tinham um só piso, sem janelas para o exterior. As divisões organizavam-se em redor de um pátio central, que era a fonte de luz e de ar fresco. **H.** As *domus* eram luxuosas, tinham paredes decoradas com frescos (pinturas), esculturas e pisos de mosaicos. **I.** Eram os escravos quem trabalhava nas *domus*. Não tinham quartos próprios e dormiam no chão da cozinha ou junto dos quartos dos seus amos. **J.** Os homens e as mulheres tinham quartos separados, mas existiam espaços comuns nos quais toda a família se reunia.

22 As habitações urbanas no mundo romano (reconstituição).

ATIVIDADES

- 1 Observa a figura 22 e caracteriza a *domus* e a *ínsula* nas várias categorias da tabela.

Categorias	<i>Domus</i>	<i>Ínsula</i>
Espaço para cada habitante	A	B
Conforto e decoração	C	D
Grupo social que aí habita	E	F

- 2 Refere três formas que os Romanos tinham de passar os seus tempos livres.
- 3 Identifica como as diferenças de vestuário entre romanas e romanos pobres e ricos.
- 4 Compara a alimentação dos Romanos com a dos Gregos (consulta a página 60).

SABER MAIS

As termas



Em todas as cidades romanas existiam banhos públicos, as termas. Banhavam-se em água fria no *frigidarium*, quente no *caldarium* e morna no *tepidarium*. Também ali se podia descansar, realizar exercícios físicos, receber massagens e até cortar o cabelo e embelezar-se.

■ A subida ao poder de Otávio, primeiro imperador

No século I a. C., começou em Roma um período de corrupção e lutas civis. Para conter a desordem crescente, foram criados **triumviratos**, alianças de três homens que partilhavam o poder durante algum tempo.

O primeiro triunvirato foi formado por **Júlio César** [23], Crasso e Pompeio; de um desentendimento entre os três, que conduziu a mais uma guerra civil, triunfou Júlio César, que governou como **ditador** perpétuo até 44 a. C., ano em que foi assassinado. Formou-se então novo triunvirato com Marco António, Lépido e **Otávio** [24]. Este último era filho adotivo de César e acabou por afastar do poder os dois primeiros.

■ O poder dos imperadores

Ao aceder sozinho ao poder, Otávio recebeu do Senado plenos poderes e o título de **Augusto**, isto é, «sagrado» ou «digno de veneração» (27 a. C.). Só depois de eliminar os seus principais opositores se atreveu a iniciar uma nova forma de governo: o **império**. Neste novo modelo político, o imperador passava a **concentrar uma série de poderes** que estavam dispersos no período republicano. As antigas **magistraturas** [26] e instituições políticas não foram abolidas, conservando-se a aparência de continuidade com a república. Porém, a partir de Otávio, todas as magistraturas e instituições foram sujeitas ao **poder pessoal do imperador** [25]:

- Em **termos políticos**, como **princeps senatus** (primeiro do Senado), presidia ao Senado, que passou apenas a pronunciar-se sobre as decisões imperiais; passou a propor os magistrados, que eram controlados pelos funcionários imperiais em todo o império (sobretudo os **prefeitos**); convocava os comícios (eleitos pelos cidadãos e que confirmam os magistrados) só quando queria; ditava as leis e lançava impostos [Doc.].
- Em **termos militares**, acumulava o cargo de cônsul (que o fazia chefe supremo do exército).
- Em **termos religiosos**, era **pontifex maximus** (mais alto sacerdote), tornando-se mais tarde uma divindade, à qual era prestado culto em todo o império (**culto imperial**).

■ Os cinco séculos de imperadores

Nos séculos I e II d. C., o mundo romano alcançou o seu **esplendor e poder** máximos, com imperadores como Otávio, Cláudio, Vespasiano, Trajano, Adriano e Marco Aurélio. Roma e as demais cidades cobriram-se de grandes e belas construções. Foi o período por excelência da **pax romana**, de prosperidade económica e de desenvolvimento cultural.

A partir do século III, o Império Romano entrou numa grave **crise**, que se prolongou até ao ano 476, quando foi deposto o último imperador.



[23] Júlio César (100-44 a. C.).



[24] Otávio César Augusto (63 a. C.-14 d. C.).

Documento

Um poder absoluto

Os imperadores procedem ao recrutamento de tropas, recolhem impostos, declaram a guerra e fazem a paz. Dão ordens em toda a parte e sempre, tanto aos aliados como aos Romanos. Podem condenar à morte tanto cavaleiros como senadores. Assim detêm os poderes que pertenciam outrora aos cônsules e outros magistrados. [...] Pelo facto de serem consagrados sacerdotes [...] são senhores de todas as coisas santas e sagradas.

DÍON CÁSSIO, *História Romana*
(adaptado)

TRABALHA DOCUMENTOS

Analisar uma moeda como símbolo do poder



Saber

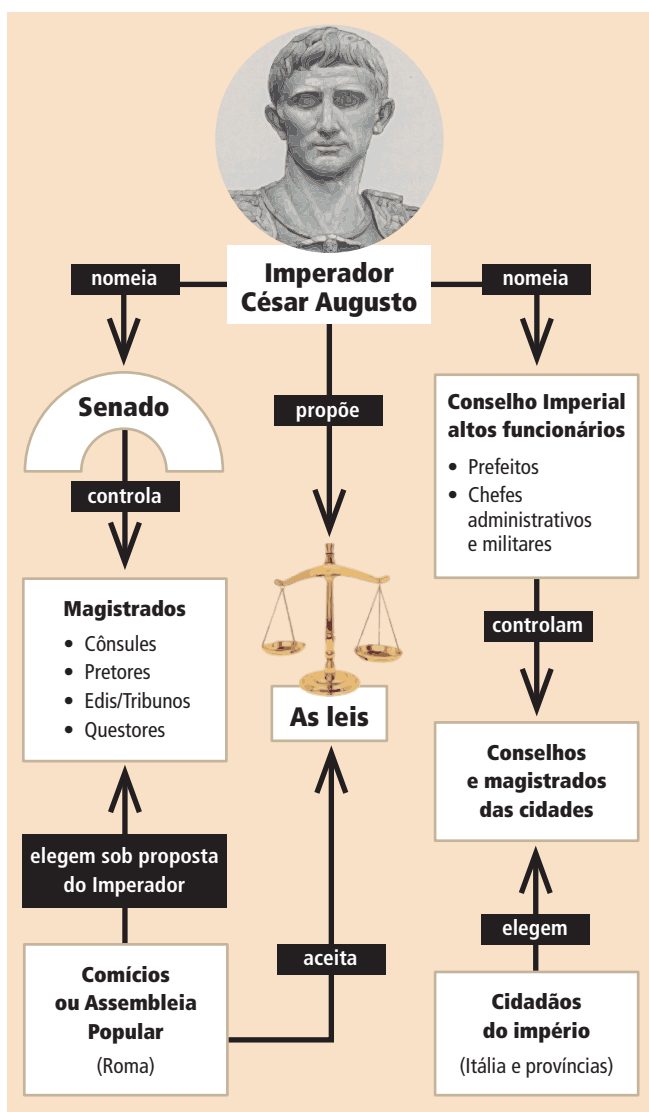
Nas moedas, o imperador ostentava todos os seus títulos e funções. É o que acontece nesta moeda de ouro de Trajano (início do século II d. C.).

Fazer

Devem decifrar-se as abreviaturas que constam na inscrição (tarefa aqui já feita).

Saber fazer

Identifica na inscrição legendada as funções imperiais.



25 Concentração dos poderes no imperador.

Edis: tomavam conta dos serviços públicos (abastecimento da cidade, segurança, pavimentação das ruas e organização de jogos públicos).

Pretores: eram responsáveis pela Justiça.

Cônsules: eram responsáveis pelo comando dos exércitos em tempos de guerra, além de presidirem ao Senado e aos Comícios.

Censores: faziam a contagem da população, controlavam a conduta do cidadão e supervisionavam as despesas públicas.

Questores: cuidavam do tesouro público.



26 Magistraturas romanas.

ATIVIDADES

- 1 Consulta a definição de **magistraturas** na página 197 e, a partir da figura 25, elabora um esquema simples em que refiras os diferentes tipos de magistrado.
- 2 Situa no tempo (ano) o início do regime imperial em Roma.
- 3 Lê o documento de Dión Cássio e identifica quem perdeu poderes para o imperador.
- 4 Observa a figura 25 e enumera os poderes políticos do imperador.

4.3 A civilização romana

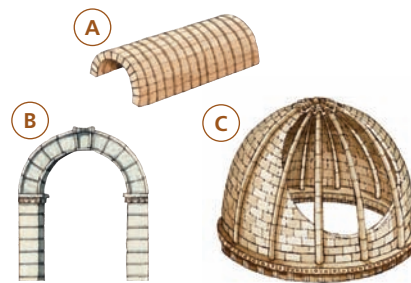
■ Um urbanismo prático e monumental

A conceção e construção de cidades (**urbanismo**) é uma das heranças mais marcantes da civilização romana. Como arquitetos, criaram **técnicas** ainda hoje utilizadas, com ligeiras modificações, erguendo grandes cidades [29]. A solidez de grande parte dos edifícios romanos devia-se ao facto de já serem construídos com cimento (cal e argila) e betão (pedras, areia, água e cal). Usavam-se também novos **elementos de construção** como o arco, a abóbada e a cúpula, que permitiam construir grandes divisões cobertas [27]. Para decorar os edifícios, os Romanos faziam pinturas nas paredes e mosaicos no piso (vê a página 97).

As grandes obras arquitetónicas romanas tinham sempre um **sentido prático** e utilitário, dado que se destinavam a satisfazer as necessidades da população. Tinham também um **aspeto monumental**, grandioso, para serem uma imagem do poderio de Roma [29]. Podemos classificar os edifícios de acordo com as suas funções:

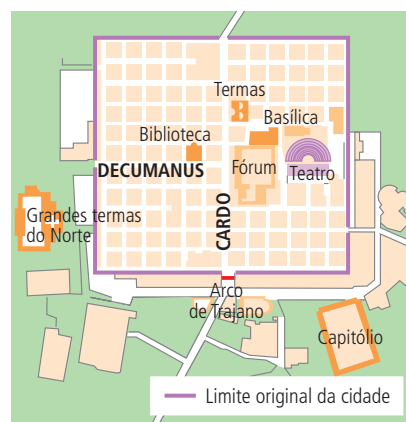
- **Edifícios religiosos:** os templos, de influência grega, dedicados aos deuses, onde os sacerdotes realizavam os cultos religiosos.
- **Edifícios políticos e económicos:** sobretudo a basílica, de grandes dimensões, onde se realizavam as trocas comerciais e se administrava a justiça. O edifício da cúria, em que se reunia o Senado, também pertencia a esta categoria.
- **Edifícios para exercício e lazer:** eram muito numerosos. Nos anfiteatros (como o Coliseu de Roma) realizavam-se as lutas de gladiadores ou com feras [30]. Os teatros serviam para as representações de comédias e tragédias. Nos circos celebravam-se as corridas de quadrigas de cavalos, muito populares. Nos ginásios e nas termas, além de se frequentar os banhos públicos, era possível descansar, ler e fazer exercícios físicos.
- **Monumentos comemorativos:** serviam para recordar feitos importantes e grandes vitórias. Entre estes, destacam-se os arcos de triunfo e as colunas (vê a página 96).
- **Obras públicas:** todo o império estava servido de vias de comunicação, como as calçadas (que era como os Romanos chamavam às estradas) e as pontes, e por aquedutos, que transportavam a água dos rios até ao interior das cidades. Existia uma rede canalizada de **distribuição de água** e de **esgotos**.

As cidades romanas seguiam quase sempre o **mesmo modelo**. Quando eram projetadas de novo, tinham uma planta retangular com ruas paralelas a dois eixos principais: o *cardo*, com orientação norte/sul, e o *decumanus* (este/oeste). Tal como em Roma, existia um **fórum**, a praça central que era decorada com estátuas dos imperadores e outras figuras ilustres, e onde se situavam os principais templos e as basílicas. Nas imediações do fórum ficavam as **termas** e as principais **lojas** e **oficinas** de artesãos [28].



27 Elementos de construção.

A. Abóbada de canhão. B. Arco redondo (ou romano). C. Cúpula.



28 Planta da cidade de Timgad (atual Argélia).

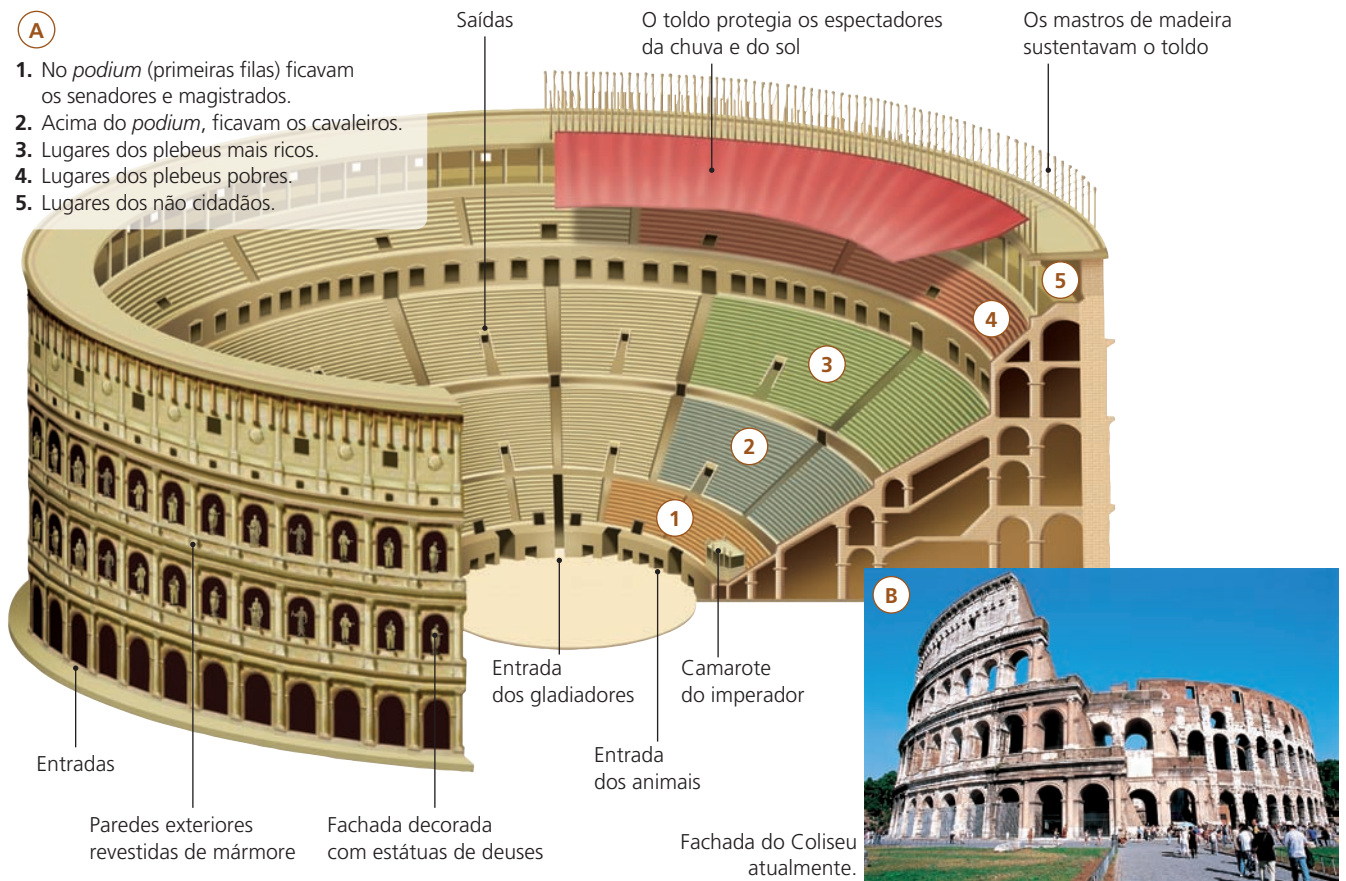
ATIVIDADES

- 1 Consulta a definição de **urbanismo** na página 198 e redige uma frase sobre as cidades romanas em que incluas este conceito.
- 2 Enumera os elementos de construção típicos da arquitetura romana.
- 3 Observa as figuras 29 e 30 e localiza na figura 29 o anfiteatro Flávio representado na figura 30.
- 4 Identifica características do urbanismo romano identificáveis nas cidades atuais.



29 Maqueta de Roma imperial no século II d. C. Nesta época, a cidade tinha mais de um milhão de habitantes.

A. Capitólio («acrópole» primitiva); **B.** Fórum; **C.** Palatino (onde está o palácio imperial); **D.** Anfiteatro Flávio;
E. Aqueduto; **F.** Circo Máximo; **G.** Teatro de Marcelo; **H.** Termas de Agripa; **I.** Panteão.; **J.** Bairro popular de Suburra.



30 O Anfiteatro Flávio, construído no século I, hoje conhecido como Coliseu de Roma. **A.** Reconstituição. **B.** Aspeto na atualidade.

■ A escultura, a pintura e o mosaico

Em Roma, a pintura e o mosaico, as **estátuas** e **baixos-relevos** (figuras salientes em superfícies planas ou abauladas) decoravam as praças e edifícios públicos, bem como as *domus* e palácios das pessoas ricas. A maioria das estátuas e baixos-relevos era feita de bronze e de mármore.

Os Romanos copiaram os **modelos gregos**, de modo que muitas das obras gregas são hoje conhecidas através de cópias romanas.

A novidade introduzida pela escultura romana foi os retratos de **grande realismo**, que mostravam até os defeitos físicos das pessoas retratadas. Realizavam-se retratos de corpo inteiro, bustos **31** e estátuas equestres (quando a personalidade era retratada a cavalo).

Os baixos-relevos representavam acontecimentos da história de Roma e cenas religiosas e da vida quotidiana **32**.

As paredes dos edifícios eram decoradas com **pinturas**. Estas imitavam mármore ou pedras, representavam elementos arquitetônicos ou retratavam cenas da vida quotidiana ou mitológica **33**.

A técnica do **mosaico** foi tomada dos Gregos, mas os Romanos aperfeiçoaram-na e desenvolveram-na para decorar paredes e pisos de edifícios. Os mosaicos eram feitos com pequenas peças de cor que se incrustavam em materiais como o cimento. Os temas eram variados, como os da pintura **34**.

■ O ensino, a Literatura e a História

Em Roma, a partir dos 7 anos, meninos e meninas das famílias ricas frequentavam a **escola**, aprendendo a ler, a escrever e a fazer cálculos. Algumas crianças pobres também frequentavam a escola se não tivessem de trabalhar para ajudar a família. Aos 12 anos, as raparigas em geral e os rapazes pobres deixavam de estudar, começando a aprender um trabalho manual, normalmente na família.

Os rapazes das famílias ricas prosseguiram os estudos com professores de **Gramática** ou de **Literatura**. Liam então os grandes autores gregos e latinos e aprendiam **Retórica** (a arte de discursar com perfeição). Aos 16 anos, os rapazes ricos estavam aptos a ingressar na vida política ou militar, ambicionando chegar a cargos de prestígio.

Na cultura romana, a **Literatura** e a **História** foram muito influenciadas pelos autores gregos, que eram seguidos como modelos. O período da transição da república para o império foi o de maior brilho das letras romanas: **Cícero** (106-43 a. C.) foi o principal pensador e orador; **Virgílio** (70-19 a. C.) foi o autor de *Eneida*, o grande poema épico (heroico) sobre Roma; **Tito Lívio** (59 a. C.-17 d. C.) foi o historiador por excelência de Roma e do seu império **Doc.**



31 Senhora romana de condição aristocrática (escultura do século II).



32 Coluna de Trajano (Roma), edificada para comemorar a conquista da Dácia (atual Romênia) em 106 d. C. No pormenor, uma cena de guerra retratada na coluna, em baixo-relevo.



33 Pintura numa casa de Pompeia (Sul de Itália), bem conservada graças às cinzas do vulcão Vesúvio, que soterrou a cidade em 79.



34 Mosaico de uma *domus* em Conímbriga (junto a Condeixa-a-Nova, Portugal).

Documento

O trabalho de um historiador antigo

Será sempre uma satisfação para mim ter dado um contributo para perpetuar os feitos de um povo, que é agora senhor do mundo. [...] O assunto requer muito trabalho, pois exige recuar sete séculos [...]. As histórias lendárias que chegaram até nós sobre a origem da nossa cidade [...] serão tratadas com a indulgência que nos devem merecer as coisas antigas [...], mas não lhes darei demasiada importância. [...] O que pretendo é que o leitor possa ajuizar como viviam os nossos antepassados [...] até chegarmos aos tempos atuais.

TITO LÍVIO, *História de Roma* (adaptado)

SABER MAIS

A Eneida

A *Eneida* foi encomendada pelo imperador Otávio (Augusto), que queria ver celebrada em poesia a grandeza de Roma. O poeta Virgílio propôs-se então escrever uma epopeia que superasse em beleza e brilho a *Iliada* e a *Odisseia* (vê a página 66). A obra foi terminada em 19 a. C. e contava em verso as aventuras de Eneias, um troiano que se tornaria o antepassado de todos os Romanos. As personagens são homens e deuses, estando ambos sujeitos ao *fatum* (fado ou destino), que não podem modificar. Ao longo da história, a *Eneida* influenciou outros grandes poetas, como o português Luís de Camões (século XVI).

ATIVIDADES

- 1** Refere a principal influência da escultura romana.
- 2** Observa a coluna de Trajano (figura 32) e explica o objetivo da construção de uma obra como esta.
- 3** A partir das figuras 33 e 34, enumera os principais temas da pintura e dos mosaicos romanos.
- 4** Lê o documento de Tito Lívio e transcreve uma frase que ilustre o objetivo do autor ao escrever a sua obra *História de Roma*.

■ As crenças religiosas em Roma e no império

A religião era muito importante na vida dos Romanos, que eram **politeístas**. Os deuses principais eram **Júpiter**, **Juno** e **Minerva**, conhecidos como tríade «capitolina», pois o templo que lhes era dedicado ficava na colina do Capitólio.

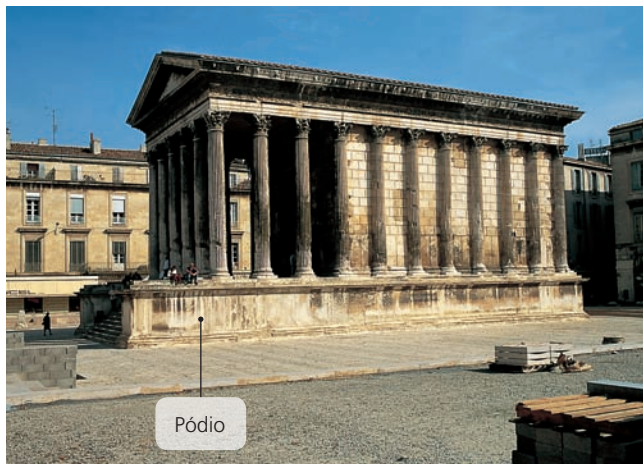
Os Romanos construíam **templos** para realizar os ritos da sua religião. Os templos eram muito parecidos com os gregos; a principal diferença era a existência de um pódio [35].

Os Romanos tinham um pequeno altar nas suas casas, no qual prestavam culto a três grupos de divindades: os **lares**, que eram os génios protetores do lar; os **penates**, que eram os deuses que asseguravam o abastecimento da casa; e os **manes**, espíritos dos antepassados [36]. Este culto doméstico era dirigido pelo **pater familias** (pai de família).

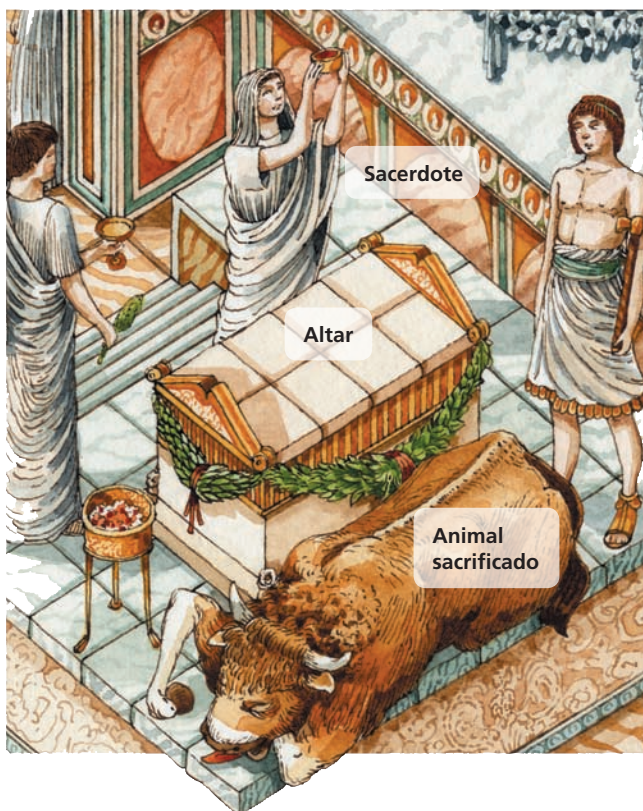
No tempo do império, o **culto cívico** foi-se centrando na figura do imperador. Como sabes, este foi divinizado e deveria ser adorado em todo o império. A função deste **culto imperial** era fomentar a unidade de todos os povos dominados sob a autoridade de Roma e do seu governante supremo.

Os Romanos eram muito tolerantes. Permitiam aos povos que conquistavam manter a sua religião, prestando mesmo culto aos **deuses dos povos conquistados**. Assim, incorporaram nas suas crenças numerosos deuses orientais, como Ísis, Cibele e Mitra. Os deuses romanos eram muito semelhantes aos dos Gregos.

Os **sacerdotes** eram encarregados de realizar o culto religioso nos templos, que geralmente incluía o sacrifício de animais [37].



[35] La Maison Carrée, em Nîmes (Sul de França). Edificado em 16 d. C., é o templo romano mais bem conservado.



[37] Sacrifício num culto romano (reconstituição).



[36] Altar doméstico.

ATIVIDADES

- 1 Enumera os tipos de divindades que eram objeto do culto doméstico romano.
- 2 Observa a figura 35 e menciona dois aspetos semelhantes aos templos gregos e um diferente (podes consultar as páginas 70-71).
- 3 Explica a função do culto imperial.

■ O aparecimento do cristianismo na Judeia

A Judeia era uma província romana, em grande parte coincidente com os territórios de Israel e da Palestina nos nossos dias. Tinha aquele nome por ser a terra dos Judeus, que se originaram nos Hebreus. No início do século I d. C., era muito forte entre este povo o **messianismo**, uma forte vontade religiosa e política de libertação do domínio romano por meio de um grande líder. Este, designado messias, seria enviado por Deus.

Por volta do ano 27, um judeu de 30 anos, de nome **Jesus**, oriundo de Nazaré, começou a anunciar publicamente uma nova mensagem religiosa, a que se referia como **boa-nova** (em grego, **evangelho**). Apesar de não se assumir como um chefe político, Jesus foi reconhecido pelos seus discípulos, os **apóstolos**, como o verdadeiro **messias** (em grego, **Cristo**, que significa «ungido»).

■ Uma nova religião

Nasceu assim uma nova religião, fundada por Jesus Cristo e chamada **cristianismo**. Na sua base estão três ideias fundamentais:

- Há **um só Deus** e **todas as pessoas são iguais** aos seus olhos.
- Os seres humanos devem **amar-se e perdoar-se uns aos outros**.
- Aqueles que se comportem segundo este ideal receberão como prémio uma **vida eterna depois da morte**.

Esta mensagem preocupou os dirigentes judaicos, pois Jesus desvalorizou as leis e o poder dos sacerdotes **[Doc.]**; por isso, cerca do ano 30, acusaram Jesus e entregaram-no ao governador romano **Pôncio Pilatos**, que o condenou à morte na cruz. Os seguidores de Jesus acreditaram que ele havia ressuscitado ao terceiro dia, subindo ao céu.

■ A ação dos apóstolos

Depois da morte de Jesus, os apóstolos continuaram a espalhar a sua mensagem. Um dos mais destacados foi **Pedro**. Também considerado apóstolo, **Paulo** converteu-se então, realizando inúmeras viagens no Mediterrâneo para difundir a nova religião.

As comunidades cristãs agruparam-se em **igrejas**, palavra que deriva do termo grego «eclésia» (assembleia), que já conheces. Entre os convertidos à nova religião misturavam-se pobres e ricos, escravos e livres e pessoas com e sem cidadania romana. Este facto e a recusa dos cristãos a prestarem culto a outros deuses (incluindo o imperador) despertaram a **desconfiança das autoridades** imperiais.

Os primeiros convertidos ao cristianismo saíram em grande parte das comunidades da **diáspora judaica** nas várias cidades do império, visitadas pelos apóstolos. Mas muitos **não judeus** converteram-se também.

Relembra

O judaísmo já foi estudado na página 48.

Documento

Jesus e os dirigentes judaicos

Jesus entrou no templo [de Jerusalém] e pôs de lá para fora todos os que ali estavam a vender e a comprar. Atirou ao chão **5** as bancas dos que trocavam dinheiro e as mesas dos que vendiam pombas [para sacrifícios]. Depois disse-lhes: Deus diz nas Escrituras «o meu templo será **10** uma casa de oração», mas vocês transformaram-no em caverna de ladrões. [...] Os chefes dos sacerdotes e os doutores da Lei [dirigentes judaicos] ficaram **15** irritados quando viram as maravilhas que Jesus fazia e ouviram as crianças a gritar no templo «glória ao filho de David!*.». Por isso, perguntaram-lhe: «Ouves **20** o que eles dizem?» «Sim», disse Jesus, «e vocês nunca leram aquela passagem da Escritura que diz “da boca dos pequeninos e das crianças de peito farei sair louvores”?»

Evangelho segundo Mateus, capítulo 21 (adaptado)

* Para os Judeus, «filho de David» era sinónimo de «messias».

■ A perseguição ao cristianismo

Durante os seus **primeiros três séculos** de história, o cristianismo foi alvo de perseguições. Logo no século I, a sua presença em Roma e a expansão pelo império atraíram atenções. Em 64 ocorreu a primeira de muitas perseguições **[Doc.]**. Aqueles que morriam por não repudiarem as suas crenças eram considerados **mártires** pelos outros cristãos.

Perante o perigo em que viviam, as igrejas das várias cidades do império uniram-se sob a autoridade de **bispos**, celebrando muitas vezes os seus cultos junto a **catacumbas** (subterrâneos), onde também enterravam os seus mortos.

Apesar destas condições adversas, a unidade do mundo romano favoreceu a expansão da religião cristã: a facilidade de comunicações e a utilização do grego e do latim (as línguas mais faladas do império) facilitaram a ação dos apóstolos **[39]**.

■ O cristianismo, religião oficial

A situação dos cristãos mudou quando, no ano 313, o imperador **Constantino**, cuja mãe, Helena, era cristã, lhes concedeu a **liberdade religiosa**, permitindo-lhes realizar em público o seu culto (édito de Milão). A partir de então, o cristianismo expandiu-se e adaptaram-se ou construíram-se as primeiras **basílicas** para o culto cristão **[38]**.

Em 380, o imperador **Teodósio** declarou o cristianismo **religião única e oficial** do império (édito de Salónica). Perante a crise que grassava no império desde o século III, a nova religião era agora vista como um instrumento de unidade. Todas as demais religiões foram então proibidas, incluindo a religião tradicional romana.

Sob a proteção dos imperadores, os bispos reuniram-se em **concílios** para definir e precisar os principais aspetos da doutrina cristã. Os que subcreviavam pontos de vista condenados nos concílios passaram a ser perseguidos. Até ao fim do século IV, definiram-se também os escritos incluídos na **Bíblia cristã**: os livros sagrados judaicos (**Antigo Testamento**) e os textos aceites sobre a vida de Jesus e dos primeiros cristãos (**Novo Testamento**).

Documento

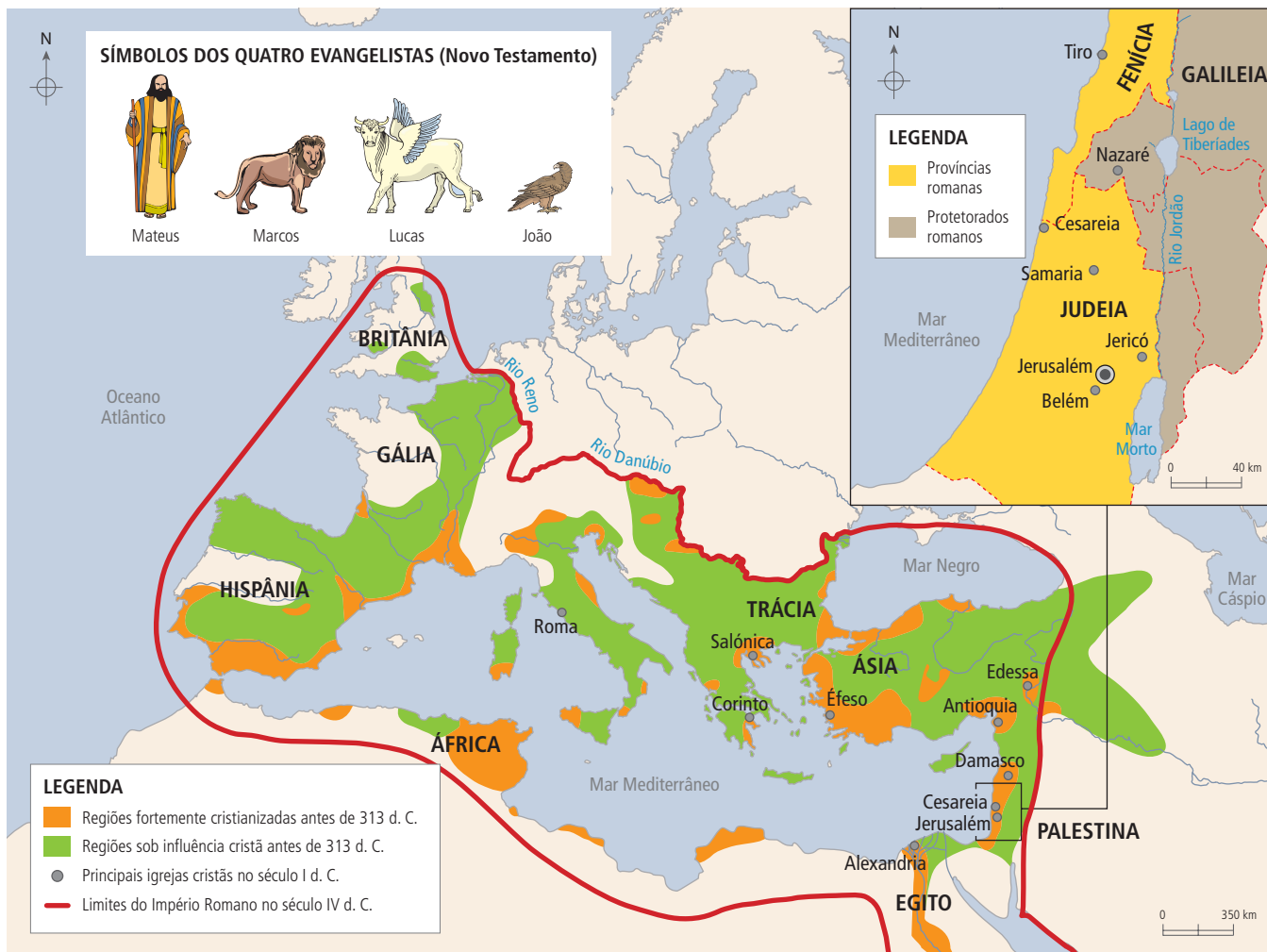
O início das perseguições

Não se conseguiu contradizer a infâmia segundo a qual o incêndio [em Roma no ano 64] fora ordenado por alguém. Querendo pôr fim a estes rumores, o imperador Nero apontou culpados e submeteu às torturas mais requintadas estes homens detestados e aos quais o povo chama «cristãos». [...] Torturar e matar os cristãos tornou-se uma diversão: uns, cobertos de peles de animais, morrem devorados pelos cães; outros, pregados numa cruz, eram queimados ao fim do dia para iluminar a noite.

TÁCITO, *Anais* (adaptado)



[38] Basilica cristã de Santa Sabina (Roma), século V.



39 A expansão do cristianismo pelo Império Romano, a partir da Judeia.

SABER MAIS

Um símbolo cristão



Nos primeiros séculos do cristianismo, os fiéis da nova religião eram identificados por meio de um peixe, *ichthys* em grego. Essa palavra podia ser lida como uma sigla significando *Iesous Christos Theou Uios Soter*, isto é, «Jesus Ungido Filho de Deus Salvador». Numa simples figura ficava assim representada a profissão de fé dos cristãos.

ATIVIDADES

- 1 Consulta as definições de **messianismo**; **evangelho**, **apóstolos**, **cristianismo**, **Antigo Testamento** e **Novo Testamento** nas páginas 195 a 198 e elabora um esquema em que uses os cinco conceitos.
- 2 A partir do documento da página 99, enuncia as ideias fundamentais do cristianismo.
- 3 Observa o mapa da figura 39 e regista as principais igrejas cristãs no século I.
- 4 Identifica os locais onde se reuniam os cristãos:
 - a) durante as perseguições;
 - b) depois das perseguições.
- 5 Identifica o imperador que:
 - a) concedeu liberdade de culto aos cristãos;
 - b) tornou o cristianismo religião oficial do império.

Atenas, Roma e Jerusalém



Três cidades pertencentes ao mundo mediterrâneo da Antiguidade têm sido consideradas a fonte da identidade ou das características mais marcantes da Europa ao longo da sua história. Essas cidades são:

- **Atenas, o centro por excelência da arte, da ciência e da cultura clássicas.**

Os conceitos de belo e de harmonia da arte do século v a. C. perduraram nos séculos seguintes, assim como o interesse dos Gregos pela Ciência, pela História e pela Filosofia.

- **Roma, a capital de uma ordem política assente no direito e na administração.**

A partir dos Romanos, a ideia de que as leis deveriam formar um todo coerente, assente em regras respeitantes à vida dos cidadãos em sociedade (direito privado) e à organização do Estado (direito público), permaneceu um traço definidor das sociedades civilizadas.

- **Jerusalém, o berço das três grandes religiões monoteístas.**

Capital do reino de Israel onde se situava o Templo de Salomão, tornou-se uma cidade sagrada para os Judeus. Dada a sua importância na vida de

Jesus, também os Cristãos assim a consideraram. Mais tarde, os Muçulmanos vão igualmente valorizá-la por acreditarem que o seu profeta aí foi elevado ao céu.

A estas características que nos foram deixadas por estas três cidades da Antiguidade chamamos **legados históricos**. Em torno destas três cidades podemos resumir o que o mundo contemporâneo, e a Europa em particular, recebeu do mundo antigo.

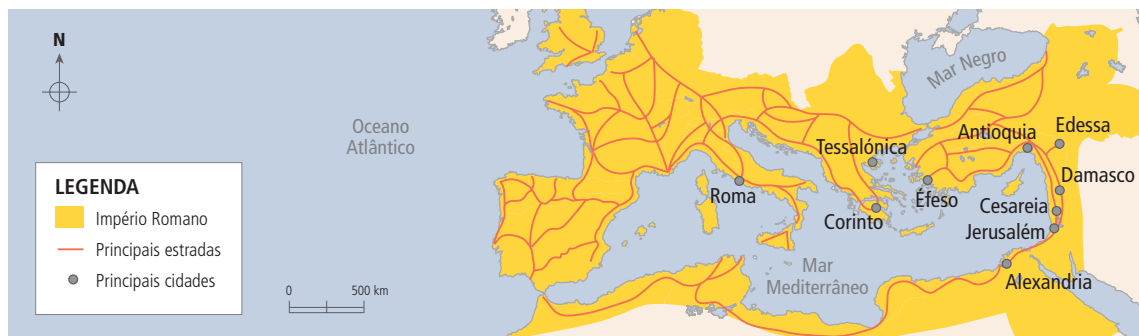
Tarefas

1. Além dos referidos no texto, identifica outros legados:
 - a) de Atenas no século v a. C.;
 - b) de Roma nos séculos I e II da nossa era.
2. Enumera as três religiões monoteístas ligadas à cidade de Jerusalém.
 - 2.1 Das três religiões monoteístas, qual foi a que teve mais influência na história europeia?
3. Faz uma pesquisa sobre a situação de Atenas, Roma e Jerusalém na atualidade (podes referir a que países pertencem e que estatuto têm).

VERIFICA O QUE APRENDESTES

SITUA NO ESPAÇO

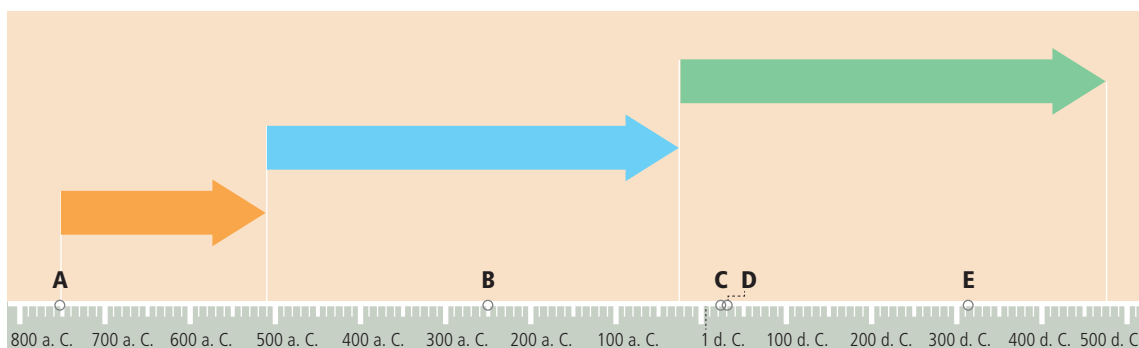
- 1 Observa o mapa e responde às questões.



- 1.1 Identifica a época a que correspondem os limites do Império Romano representados no mapa (compara-o com o da figura 5 da página 81).
- 1.2 Observa a rede de estradas no mapa. Dá exemplos de ligações dentro do império que tinham de ser feitas por mar.
- 1.3 Enumera as principais igrejas cristãs do século I:
- a) duas no Egito e na Judeia;
 - b) três na Ásia Menor e na Grécia;
 - c) uma na península Itálica.

SITUA NO TEMPO

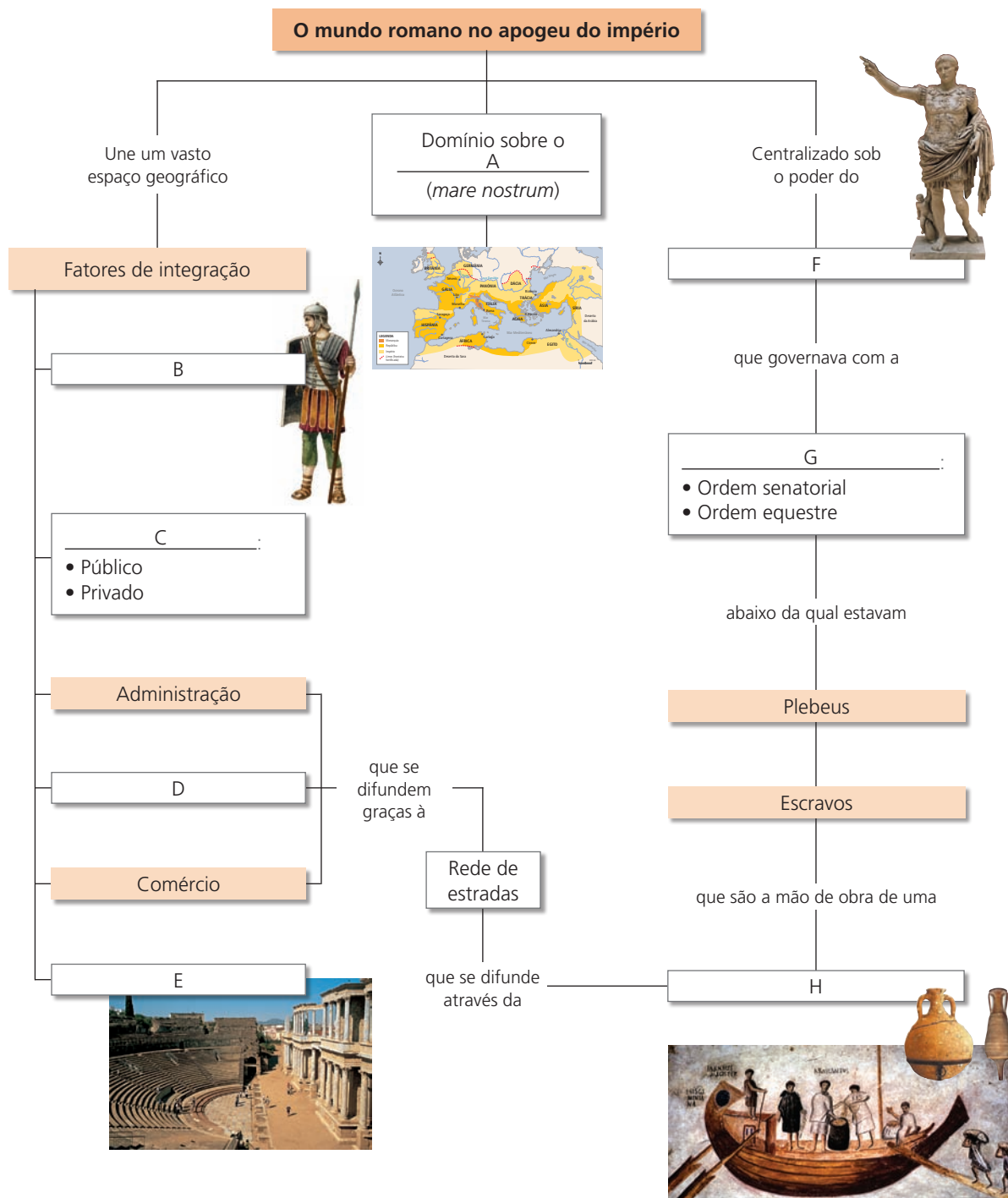
- 2 Observa a linha do tempo e responde às questões.



- 2.1 Identifica as cores a que corresponde cada um dos períodos da história de Roma:
- a) Império; b) Monarquia; c) República.
- 2.2 Selecciona as letras que assinalam na barra cronológica:
- a) o fim das perseguições aos cristãos, decretado pelo imperador Constantino;
 - b) fim da conquista da península Itálica;
 - c) a morte de Jesus Cristo;
 - d) o fim do governo de Otávio César Augusto;
 - e) a fundação de Roma, segundo a lenda.

ESTABELECE RELAÇÕES

3 Selecciona na chave o elemento correto para cada uma das letras dos espaços em branco.



CHAVE:

Aristocracia

Direito romano

Economia urbana, comercial e monetária

Imperador

Latim

Legiões

Mar Mediterrâneo

Urbanismo

4 Para cada questão, seleciona a única opção totalmente correta.

4.1 Segundo a lenda, Roma foi fundada em:

- a)** 985 a. C.
- b)** 743 a. C.
- c)** 753 a. C.

4.2 Nos séculos I e II d. C., o Império Romano:

- a)** atingiu a sua máxima extensão e o seu período de maior esplendor.
- b)** viveu uma fase de irremediável declínio.
- c)** passou uma fase de transição da monarquia para a república.

4.3 Os municípios romanos eram:

- a)** cidades do império que adotavam as leis romanas e tinham autonomia para escolher os seus próprios magistrados.
- b)** territórios que Roma administrava diretamente por meio de governadores.
- c)** cidades aliadas de Roma que não tinham de lhe pagar tributos.

4.4 Por *pax romana* entende-se:

- a)** o facto de Roma nunca ter estado em guerra com nenhum povo.
- b)** a ordem que Roma impôs no seu império e baseada na força das suas legiões.
- c)** os períodos de paz na história de Roma.

4.5 Romanização significa:

- a)** a atividade de construção de estradas por todo o Império Romano.
- b)** o movimento de conquistas levadas a cabo por Roma.
- c)** a influência cultural que Roma exerceu sobre as terras por si conquistadas, desde a língua às leis e aos hábitos.

4.6 A economia de Roma e do seu império era baseada:

- a)** em intensas trocas comerciais por mar e por terra, recorrendo ao uso da moeda.
- b)** nas atividades económicas da região em que Roma se inseria (o Lácio).
- c)** em exportações que Roma fazia para todas as províncias do seu império.

4.7 Os grupos que compunham a sociedade romana eram:

- a)** os aristocratas, os plebeus e os libertos.
- b)** os plebeus, os libertos e os escravos.
- c)** os aristocratas, os plebeus, os escravos e os libertos.

4.8 Nos séculos I e II d. C., o sistema político romano era:

- a)** baseado numa partilha do poder entre o Senado e os comícios dos plebeus.
- b)** concentrado na figura do imperador, que absorvera as competências do Senado, dos magistrados e dos Comícios.
- c)** dominado pelo Senado, baseado no poder dos romanos mais ricos.

4.9 O urbanismo romano:

- a)** tinha uma motivação unicamente religiosa, pois só incluía templos.
- b)** tinha um grande sentido prático, patente nas basílicas, termas, calçadas, pontes e aquedutos difundidos por todo o império.
- c)** centrava-se em construções para o lazer, como os anfiteatros e os circos.

4.10 O cristianismo:

- a)** nasceu no século I na Judeia, foi perseguido até 313, passando a ser tolerado, e tornou-se religião oficial em 380.
- b)** tornou-se religião oficial em 313, mas deixou de o ser em 380.
- c)** foi sempre perseguido até 380.

- 5 Completa o texto usando os conceitos da chave.

CHAVE: administração; Direito; economia comercial e monetária; Império; magistrados; latifúndios; municípios; Senado; urbanismo.

Roma era uma cidade governada por diferentes A e pelos seus habitantes mais ricos, que constituíam o B. Uns e outros viram o seu poder diminuído desde o governo de Otávio (Augusto), quando começou o período do C. A sociedade romana organizava-se de acordo com leis, que formavam um todo coerente, o D romano. Para governar as províncias conquistadas, existia uma E constituída por governadores e prefeitos nomeados pelo imperador. A algumas cidades era concedida autonomia, sendo-lhes concedido o estatuto de F. As trocas comerciais entre Roma e as províncias desenvolveram-se, dando origem a uma G em todo o Império Romano. Apesar da importância da agricultura, visível nas grandes propriedades chamadas H, as cidades cresceram à volta do mar Mediterrâneo e deixaram-nos exemplos magníficos do I romano.

- 6 Observa as imagens e responde às questões.



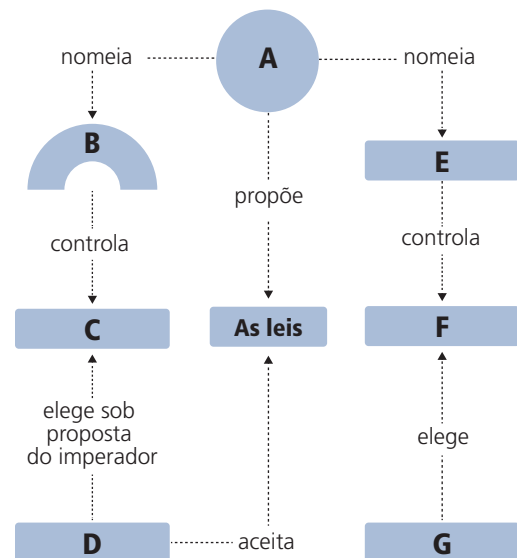
Ponte romana (Chaves, Portugal).



Pormenor do Anfiteatro Flávio (ou Coliseu), Roma.

- 6.1 Qual era a utilidade de cada uma das construções?
- 6.2 Identifica nas imagens um elemento que foi uma das inovações da arquitetura romana.
- 6.3 Refere três outros tipos de construção próprios do urbanismo romano.
- 6.4 Explica a presença de construções deste género em todo o espaço mediterrânico.

- 7 Observa o esquema do poder político romano durante o apogeu do império.



- 7.1 Atribui a cada letra do esquema um conceito da chave.

CHAVE: Comícios; Imperador; Magistrados; Prefeitos; Senado; Cidadãos do Império; Conselhos e magistrados das cidades.

- 8 Preenche o quadro com os conceitos da chave.

CHAVE: Antigo Testamento; apóstolo; Cristianismo; diáspora; Evangelho; messianismo; Novo Testamento.

	Conceitos
Judeus antes de Jesus	A
Seguidores de Jesus	B

TRABALHA DOCUMENTOS

- 9 Lê o texto, observa a imagem e responde.

Documento

A riqueza de Roma

De todas as terras e de todos os mares chega aqui tudo aquilo que é dado pelas estações do ano, tudo o que produzem os vários países. Quem quisesse ver todas as produções do Mundo poderia
5 percorrer o universo inteiro ou simplesmente vir a Roma. Porque tudo o que cresce, tudo o que é fabricado em cada país encontra-se aqui em abundância [...]. Os carregamentos vindos da Índia, e mesmo da Arábia, podem ser vistos em Roma em
10 grandes quantidades. Os tecidos de Babilónia e as joias dos países bárbaros chegam aqui em grande número. [...] Os campos de Roma são o Egito, a Sicília e a parte cultivada de África. Neste porto [próximo de Roma] os navios não param de chegar
15 e partir [...]. Pode dizer-se que o que não se vê em Roma não existe ou nunca existiu.

ÉLIO ARISTIDES, *Discursos* (adaptado)



Ânforas.

- 9.1 Completa a tabela com as informações de Élio Aristides.

Mercadorias	Origem geográfica
«Carregamentos»	A
Tecidos	B
C	Países bárbaros
«Campos de Roma»	D

- 9.2 Identifica o tipo de produtos a que se refere a expressão «campos de Roma».
- 9.3 Explica a última frase do texto com palavras tuas.
- 9.4 Justifica, a partir do texto, por que razão serão as ânforas um dos vestígios arqueológicos mais abundantes da civilização romana.

- 10 Lê atentamente os excertos do Novo Testamento, relativos às crenças dos cristãos dos primeiros séculos.

Documento

Episódios da vida de Jesus

Excerto 1

Depois do sábado, quando já rompia a manhã de domingo, Maria Madalena e a outra Maria foram ver o túmulo. [...] Um anjo disse então às mulheres: «Não tenham medo. Eu sei
5 que procuram Jesus, que foi crucificado. Não está aqui, pois ressuscitou, conforme ele mesmo tinha dito».

Evangelho segundo Mateus, capítulo 28 (adaptado)

Excerto 2

Jesus nasceu em Belém, na região da Judeia, no tempo do rei Herodes. Depois do seu nascimento, vieram uns sábios do Oriente a Jerusalém e perguntaram: «Onde está o rei dos Judeus que
5 acaba de nascer? É que nós vimos a sua estrela no Oriente e viemos adorá-lo».

Evangelho segundo Mateus, capítulo 2 (adaptado)

- 10.1 Faz corresponder cada excerto a um episódio da vida de Jesus comemorado numa festa do calendário cristão.

Festas cristãs	Excerto
Nascimento de Jesus (Natal)	A
Ressurreição (Páscoa)	B



A FORMAÇÃO DA CRISTANDADE OCIDENTAL E A EXPANSÃO ISLÂMICA

Início da Idade Média

300

400

476

500

600

700

370

Hunos chegam à Europa e pressionam os Godos.

380

Édito de Teodósio proclama o cristianismo religião oficial do Império Romano.

395

Divisão do Império Romano em Ocidente e Oriente.

409

Suevos invadem a Península Ibérica e fixam-se na Galécia (Nordeste do território).

476

Queda do Império Romano do Ocidente.

416

Visigodos entram na Península Ibérica.

410

Visigodos entram em Roma e saqueiam a cidade.

486

Fundação do reino dos Francos por Clóvis.

550

São Martinho, futuro bispo da cidade, chega a Braga para fundar um mosteiro.

529

São Bento de Núrsia redige a sua regra de vida monástica.

496

Conversão dos Francos ao catolicismo.

580

Nascimento de Maomé, na Arábia.

635

Muçulmanos iniciam conquista da Síria e da Pérsia.

622

Hégira: Maomé foge de Meca para Medina.



585

Visigodos unificam a Península Ibérica depois de conquistarem o reino suevo.

711

Muçulmanos iniciam conquista da Península Ibérica.

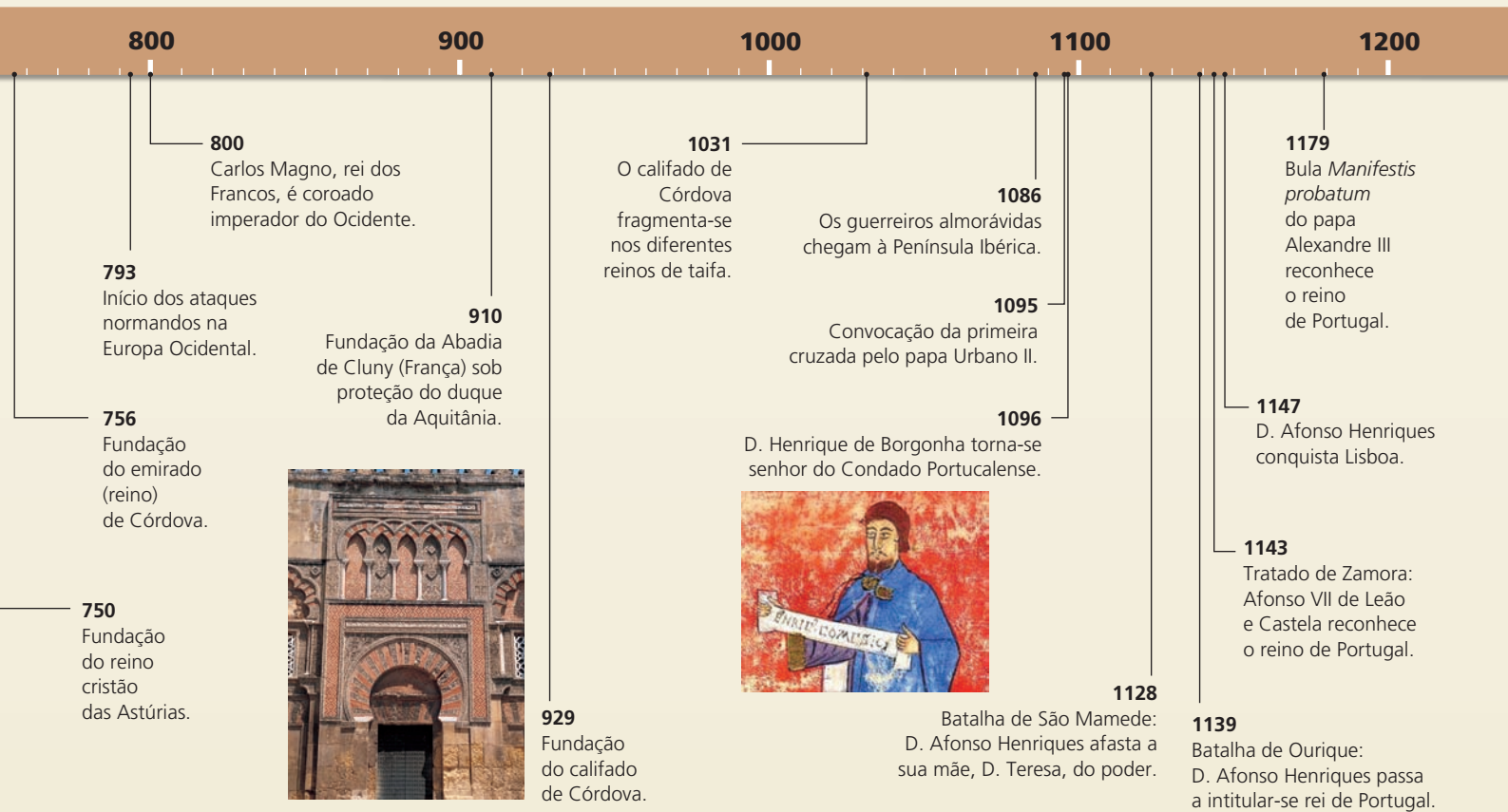
718

Batalha de Covadonga.



FORMAÇÃO DA CRISTANDADE E APARECIMENTO DO ISLÃO



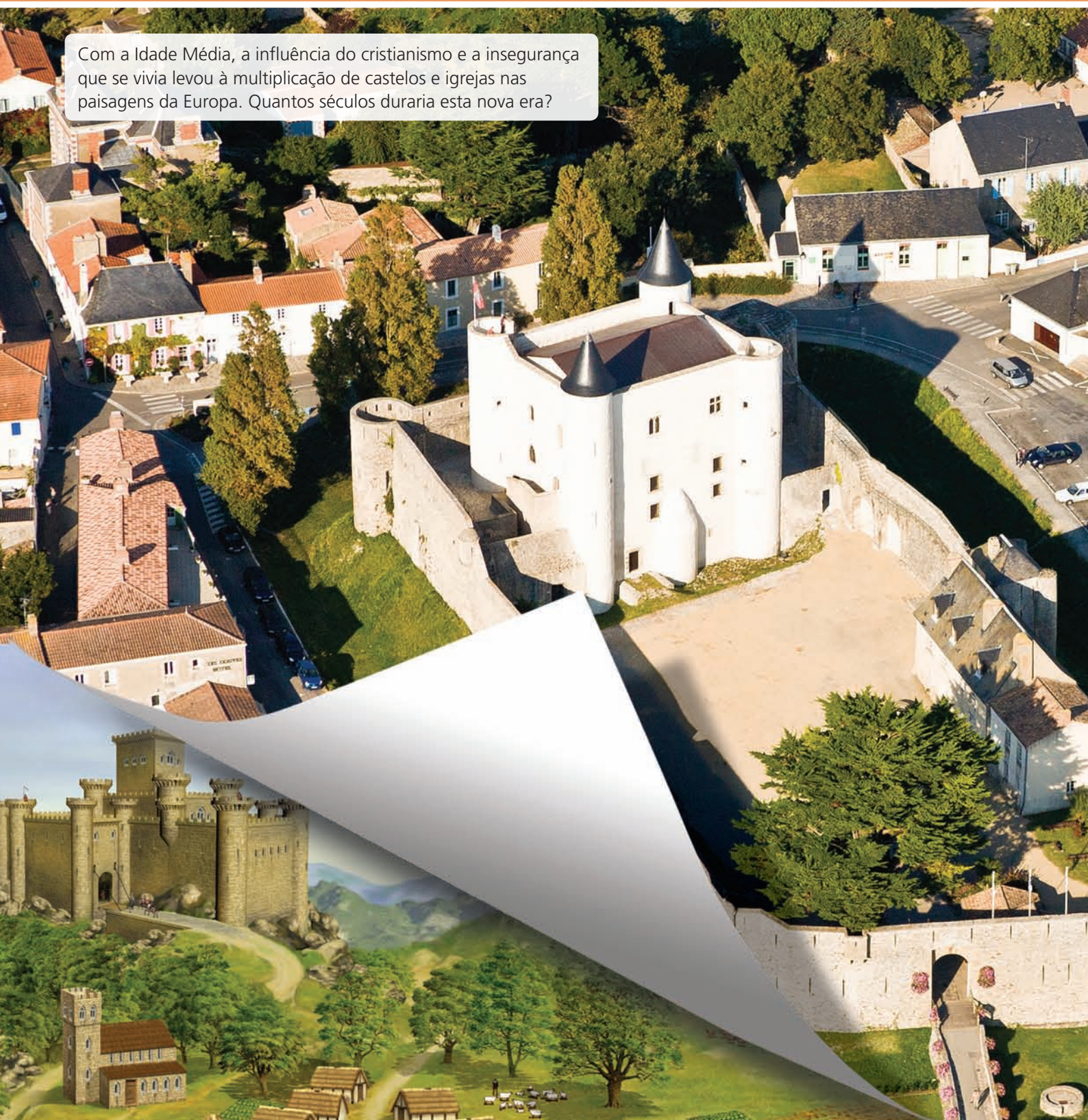


CONFRONTO ENTRE A CRISTANDADE E O ISLÃO



A EUROPA CRISTÃ DO SÉCULO VI AO SÉCULO XII

Com a Idade Média, a influência do cristianismo e a insegurança que se vivia levou à multiplicação de castelos e igrejas nas paisagens da Europa. Quantos séculos duraria esta nova era?





Reconstituição de paisagem rural medieval e paisagem rural europeia (em Noirmoutier em l'île, Vendeia, França), com aldeia, castelo e igreja do século XIII.

OBSERVA, INTERPRETA, REFLETE

- 1 Observa a paisagem e identifica:
 - a) os edifícios de valor histórico mais importantes;
 - b) a função que esses edifícios tinham e que explica a sua construção no passado;
 - c) edifícios semelhantes na imagem mais pequena (reconstituição).
- 2 Refere alguns edifícios semelhantes que já tenhas visto.
- 3 Nas paisagens da Europa Ocidental encontram-se muitos edifícios como os representados. Qual será a explicação para isso?

5.1 Os povos germânicos e o novo mapa político da Europa

■ A crise do Império Romano

Durante os séculos III e IV, o Império Romano entrou num período de **decadência**, da qual não mais saiu no Ocidente. As causas eram:

- As **lutas pelo poder** entre diferentes candidatos a imperador, apoiados por fações rivais do exército, que enfraqueceram o poder imperial e **espalharam o caos**.
- A **pressão junto às fronteiras** do império exercida por um conjunto de diversos povos a que os Romanos chamavam **Bárbaros** — ou seja, que falavam outra língua e tinham um modo de vida diferente. Tratava-se dos povos **germânicos**, que se estendiam pelo Norte e o Leste da Europa: Anglos, Saxões, Suevos, Francos, Vândalos, Ostrogodos e Visigodos. A estes, juntaram-se os Alanos, um povo originário das estepes da Ásia Central. Oriundos da mesma área geográfica, os **Hunos** atacaram os Germanos no fim do século III, fazendo-os entrar em grandes hordas no território do império, em busca de terras mais seguras **1**.
- A **crise económica** provocada pelo peso crescente dos impostos e pela insegurança, que levou o comércio a entrar em colapso e muitos habitantes das cidades a refugiaram-se no campo.

■ A desagregação do império e os reinos germânicos

Estas dificuldades levaram o imperador Teodósio, no ano 395, a **dividir o império** em Ocidental e Oriental. A partir de então, passaram a existir dois imperadores e duas capitais: **Roma** e **Constantinopla** **2**.

A partir de 406, as províncias do Império Romano do Ocidente começaram a ser invadidas de forma violenta. Em 410, os Visigodos conseguiram mesmo entrar em Roma **Doc.**. Os imperadores do Ocidente tiveram de abandonar a cidade e retirar-se para Ravena, no Norte de Itália. O seu poder foi sendo reduzido, até que, em 476, o **último imperador**, Rómulo Augusto, foi derrubado. Este acontecimento marca o início de uma nova época histórica, a **Idade Média** **3**.

A ordem que Roma mantivera durante séculos desapareceu. No seu lugar surgiram novos **reinos**, nos quais conseguimos já reconhecer, no século VI, alguns dos principais países europeus **4**:

- O reino dos Francos, na atual França.
- Os reinos anglo-saxões, na atual Grã-Bretanha.
- O reino dos Visigodos, na Península Ibérica.
- Na península Itálica, o reino dos Lombardos (outro povo germânico, que invadiu a Itália no século VI).



Huno

Germano

1 Guerreiros bárbaros (reconstituição).

Documento

A queda de Roma

Chega-nos uma notícia terrível: Roma foi tomada pelos Bárbaros. [...] Foi conquistada a cidade que conquistou o Universo! Que dor ver [...] esta miséria!

Carta de São Jerónimo,
410 (adaptado)

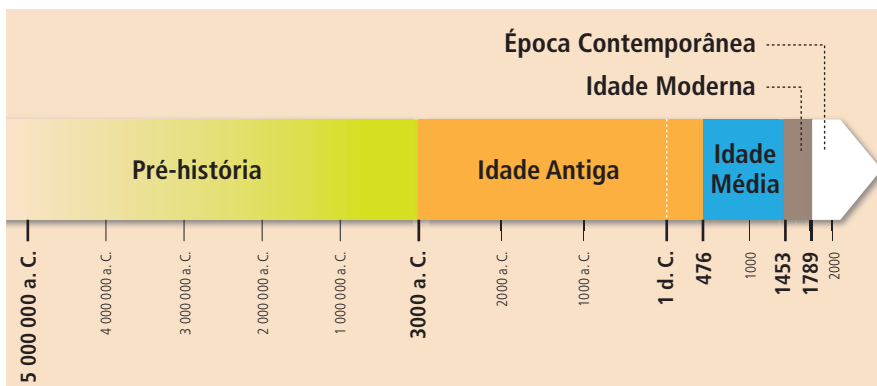
SABER MAIS

Mais mil anos de império

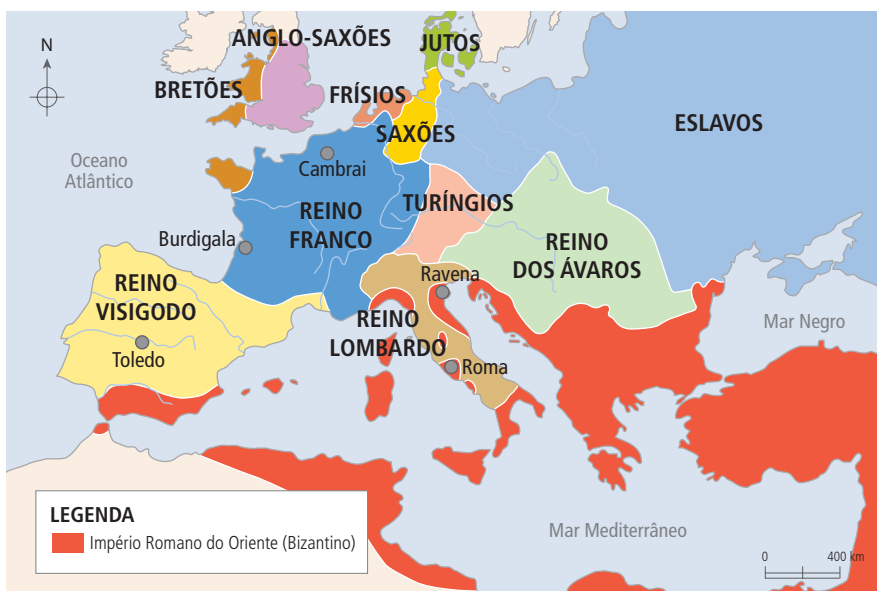
O Império Romano do Oriente continuou a existir até 1453, ano em que Bizâncio (antiga Constantinopla) foi tomada pelos Turcos. Durante vários séculos, esse império, chamado bizantino, foi uma grande potência do Mediterrâneo Oriental.



2 Divisão do Império Romano e invasão dos povos bárbaros.



3 A Idade Média no contexto da periodização mais comum da História.



4 Os reinos germânicos no século VI.

ATIVIDADES

- 1 Consulta as definições de **Bárbaros**, **Idade Média** e **reinos** nas páginas 195, 197 e 198 e escreve uma frase com os três conceitos.
- 2 Identifica as causas da crise do Império Romano.
- 3 Lê o documento de São Jerónimo e refere de que forma este reagiu à queda de Roma.
- 4 Observa o mapa da figura 2 e explica o que aconteceu à unidade do Império Romano na época das invasões.
- 5 Observa o mapa da figura 4 e enumera os principais reinos bárbaros surgidos das invasões.

5.2

A Igreja Católica no Ocidente europeu

■ A cristianização dos reinos germânicos

Perante a derrocada do Império Romano no Ocidente, causada pelas invasões, o cristianismo adquiriu uma estrutura unida e hierárquica na **Igreja Católica**, chefiada pelo bispo de Roma (ou Papa). A Igreja tornou-se assim um **fator de unidade** numa época de desagregação política. Os bispos assumiram-se muitas vezes como chefes das suas cidades, tentando, pela negociação ou pela conversão dos reis germânicos, protegê-las da violência dos invasores. Foi assim que Clóvis, rei dos Francos, se converteu ao cristianismo católico em 496, levando todo o seu povo a adotar a nova religião. Graças à ação de **missionários** cristãos, foi possível unir bárbaros e populações romanizadas.

No século VI, na Península Ibérica, **Martinho de Dume** (Braga) **Leitura** converteu os Suevos e **Leandro de Sevilha**, os Visigodos; estes estabeleceram, a partir de 585, um reino cristão unificado em toda a Península (**5** e **Doc.**).

■ As ordens religiosas e o monaquismo

Neste movimento de missionaç o tiveram grande importância as **ordens religiosas** cristãs, que se formaram a partir do século VI. Eram constituídas por pessoas que se dedicavam intensamente   religião, optando por uma vida em comunidade, separadas do resto da sociedade. Edificaram para isso **mosteiros**, em locais isolados, onde trabalhavam, rezavam e se dedicavam ao estudo e   cópia de livros (feita por **monges copistas**) **6**. Dos mosteiros saíram os missionários que, por toda a Europa, difundiram o cristianismo junto dos reis e dos seus povos.

Bento de Núrsia foi o fundador da primeira grande ordem religiosa, cujos mosteiros se espalharam por toda a Europa. A ordem foi chamada **benedictina** a partir do nome do fundador e da **regra** de que Bento foi o autor. A regra estabelecia como os monges deveriam viver: rezar, trabalhar e obedecer ao superior do mosteiro (o **abade**). Graças ao trabalho dos monges, os mosteiros tornaram-se focos de **desenvolvimento da agricultura** e do trabalho artesanal. Os monges dedicavam-se ainda   **assistência aos necessitados** e ao **ensino**.

■ Clero regular e clero secular

Uma vez que viviam de acordo com uma regra, os monges formavam o **clero regular** (regular = de acordo com uma regra). Este distinguia-se do **clero secular**, formado pelos responsáveis religiosos que viviam junto das populações: os **bispos** (autoridades máximas em cada cidade) e os **presbíteros** (popularmente chamados padres e que dirigiam o culto em cada pequena igreja local).



Leitura

São Martinho de Dume



Martinho era natural da Pan nia (Hungria), de uma família de funcionários romanos [...]. Terá conhecido em Tours **5** [França] os embaixadores do rei dos Suevos, que o convenceram a vir com eles [...]. O clérigo fez-se acompanhar dos seus manuscritos gregos e latinos; **10** quando chegou a Braga, em 550, tinha 30 ou 40 anos de idade. Em 556 fundou em Dume, perto de Braga, um mosteiro de que foi o primeiro abade e depois **15** [...] abade-bispo, vindo posteriormente a ser metropolitano [arcebispo] de Braga até 579, ano em que morreu.

Enciclopédia do Estudante
Público/Santillana, vol. 15 (adaptado)



Documento

A conversão dos Visigodos

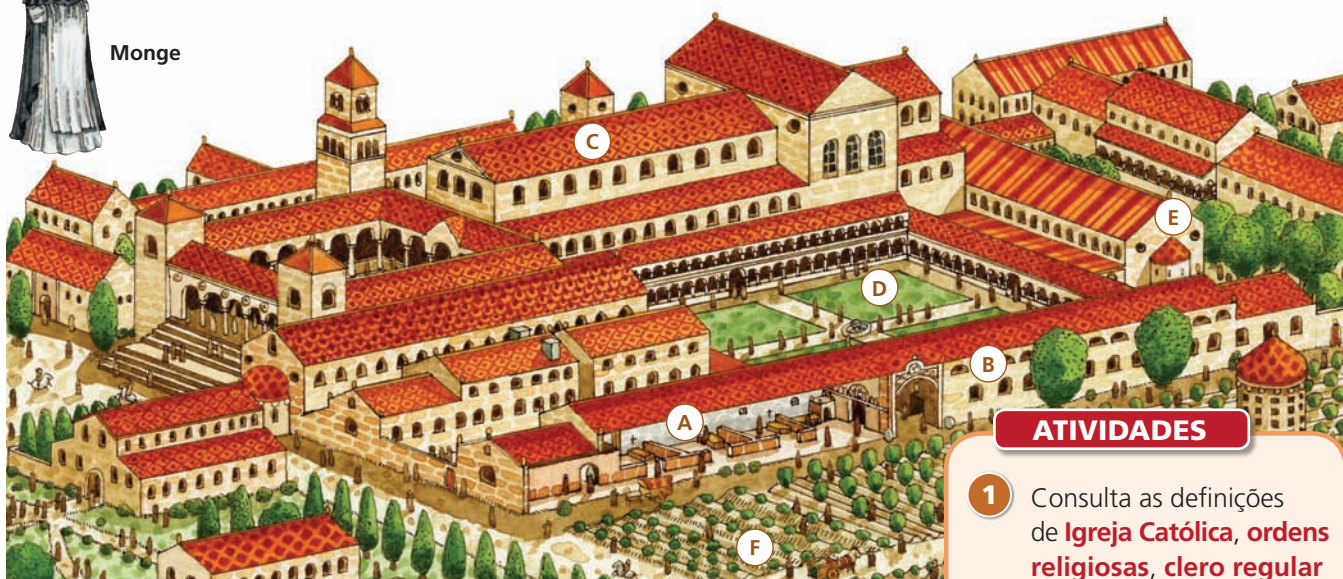
No [...] primeiro ano do seu reinado, Recaredo, com a ajuda de Deus, tornou-se católico e reuniu-se com os sacerdotes [...], fazendo com que [os seus súbditos] se convertessem à fé católica, mais pelo poder da razão do que pelo seu mando, levando todo o povo dos Godos e dos Suevos à unidade e paz da Igreja cristã.

JOÃO DE SANTARÉM, *Crónica* (adaptado)

- 5 Conversão de Recaredo ao catolicismo em 589 (reconstituição do século XIX). Filho de Leovigildo, que derrotou os Suevos e unificou a Península em 585, Recaredo subiu ao trono em 586.



Monge



- 6 Estrutura de um grande mosteiro (reconstituição).

A. Enfermaria (para tratar os necessitados). B. Refeitório. C. Igreja. D. Claustro.
E. Biblioteca e *scriptorium* (local onde trabalhavam os copistas). F. Campos cultivados.

SABER MAIS

Os dias da semana em português

Os nomes dos dias da semana em português têm uma forma única na Europa. Não seguem a designação astrológica ou dos deuses da antiga mitologia: dia do Sol, dia da Lua, dia de Marte, dia de Vénus, etc. (como acontece em inglês, francês, italiano, espanhol e outras línguas). Em português, os dias da semana têm origem nas designações utilizadas por missionários cristãos como Martinho de Dume, que usavam em latim os termos «*feria secunda*», «*feria tertia*», «*feria quarta*», etc., que deram origem a segunda-feira, terça-feira, quarta-feira, etc.

ATIVIDADES

- 1 Consulta as definições de **Igreja Católica**, **ordens religiosas**, **clero regular** e **clero secular** nas páginas 195, 197 e 198 e faz um esquema simples com os quatro conceitos.
- 2 A partir do documento de João de Santarém, explica o papel da Igreja Católica nas relações entre as populações locais e os povos invasores na Europa Ocidental.
- 3 Observa a figura 6 e identifica os locais onde os monges desempenhavam as suas diferentes atividades.

5.3

As transformações económicas e o clima de insegurança

■ As novas invasões (séculos VIII a X)

No início do século VIII, começou uma **nova vaga de invasões** que ameaçou a Europa cristã. Os novos reinos cristãos, ainda mal estabilizados, viram expandir-se com enorme rapidez o **poder dos Árabes**.

Em 711, a **Península Ibérica** foi invadida e o reino visigótico foi derrubado. Após uma tentativa de passarem os Pirenéus, os Árabes foram derrotados pelos Francos na **Batalha de Poitiers**, em 732. O avanço árabe foi travado, mas a Europa cristã permaneceu ameaçada por um adversário poderoso a sul. Do Norte de África, desenvolveu-se a pirataria dos **sarracenos**, que impediu os cristãos de navegarem com segurança no Mediterrâneo.

No fim do século VIII, a partir de 787, os **Normandos (ou Vikings)** iniciaram, a partir do Norte da Europa, os seus ataques aos reinos cristãos. Originários da Escandinávia, os Vikings eram excelentes marinheiros, navegando em barcos ligeiros e fáceis de manobrar (os **drakkar**); aproximando-se da costa ou entrando pelo estuário dos rios, saqueavam mosteiros, igrejas, aldeias e cidades [7].

Por fim, no século X, os **Húngaros (Magiares)**, provenientes das estepes da Ásia, invadiram o Leste da Europa, estabelecendo depois um reino que se tornou católico e originou a atual Hungria ([Doc.] e [8]).

■ Uma nova sociedade

A violência das invasões enfraqueceu os reinos do Ocidente europeu, espalhando um clima de **medo e insegurança**. Os reis deixaram de ter os meios militares e a autoridade para fazer cumprir as leis e as suas ordens. Por outro lado, as **cidades**, alvos preferidos dos invasores por concentrarem as riquezas, foram abandonadas novamente, como já se verificara na primeira vaga de invasões.

O decréscimo de importância das cidades, ligado ao colapso das trocas comerciais, tornou a sociedade mais dependente da agricultura e centrada na vida no campo (**ruralização**). As atividades agrícolas e artesanais eram praticadas para consumo local e não já para serem comercializadas; difundiu-se assim uma **economia de subsistência**.

As populações, não podendo contar com a proteção dos reis e ficando muitas vezes isoladas, procuraram nos **cavaleiros nobres** um novo tipo de **proteção**. Estes cavaleiros haviam sido muitas vezes representantes ou subordinados dos reis, mas, com o clima de insegurança, ganharam autonomia. Treinados para a guerra, organizaram a defesa local a troco de **impostos** e da **submissão** das populações. Nascia assim uma **aristocracia** guerreira, origem da **nobreza europeia** [9].



[7] Um saque de vikings a uma povoação do litoral (reconstituição).

Documento

A devastação de uma cidade

Os Magiares devastaram a Itália. Lançaram fogo a Pavia [Norte de Itália], cidade outrora muito rica e populosa [...]. Do seu grande número de habitantes ficaram apenas cerca de duzentos [...], que tiveram de recolher entre os escombros da cidade devastada alguma prata para resgatar vidas e a sua liberdade. [...] Saciados com o saque, os Magiares dirigiram-se para os Alpes e passaram para França.

FLODOARDO, *Anais* (adaptado)

Relembra

Na página 62 já estudaste o significado da palavra grega «*aristoi*», de que deriva o termo aristocracia.



8 A Europa cristã ameaçada pelas novas invasões.



9 Cavaleiro armado para o combate (reconstituição).

ATIVIDADES

- 1** Consulta as definições de **ruralização**, **economia de subsistência** e **aristocracia** nas páginas 195, 196 e 198 e reescreve-as com palavras tuas.
- 2** Observa o mapa da figura 8 e identifica as três novas vagas de invasões.
- 3** Observa a figura 7, lê o documento de Flodoardo e responde às questões.
 - 3.1** Identifica a região por onde passaram os Magiares (Húngaros).
 - 3.2** Refere as consequências para as populações da passagem dos invasores.
- 4** Observa a figura 9 e explica a necessidade de os cavaleiros se equiparem do modo retratado nesta imagem.
- 5** Relaciona as consequências para as cidades das novas invasões com a ruralização da sociedade europeia.

5.4 A sociedade senhorial

■ O domínio senhorial

As invasões provocaram a divisão do poder político e uma nova aristocracia ou nobreza guerreira ganhou prestígio. Estes nobres centravam o seu poder num **domínio senhorial**, protegendo os seus habitantes e as terras que o constituíam.

Em cada domínio, o senhor vivia rodeado da sua família e do conjunto dos seus homens de armas. Alguns destes eram **escudeiros**, jovens que se preparavam para a vida guerreira, aprendendo a combater a pé ou a cavalo. Em geral, os senhores fizeram construir uma fortificação ou **castelo** onde tinham a sua residência e que reforçava a defesa do domínio, mas também representava o seu poder.

As **terras do domínio** dividiam-se em dois tipos **12**:

- A **reserva**, que era a parte explorada pelo senhor e cujas colheitas lhe pertenciam na totalidade. Era trabalhada pelos **servos**, camponeses que haviam perdido a sua liberdade, estando impedidos de abandonar a reserva e o serviço ao senhor.
- Os **mansos**, que eram porções de terra que o senhor arrendava aos **camponeses livres** para seu sustento a troco de impostos.

■ Os nobres

Ao senhor competia **aplicar a justiça** de acordo com costumes locais e fazer **executar as penas** em caso de condenação. Tinha o dever de proteger os camponeses. Dos camponeses livres recebia como renda parte da produção dos mansos em géneros (alimentos e animais) ou em dinheiro e corveias (trabalho gratuito) **10**. Dado pertencerem-lhe as terras e os bosques (para a caça), assim como o moinho, o forno e o lagar (para fazer farinha, pão e vinho ou azeite), o senhor cobrava outros direitos pelo seu uso (chamados **banalidades**). Para entrarem e saírem do domínio, estranhos e residentes tinham também de pagar **portagem**.

Quando não estavam ocupados com a guerra ou a administração do domínio, os senhores dedicavam-se à **caça** e aos **torneios**, apreciando **refeições** e **convívios** com os seus familiares e homens de armas **11**.

■ Os camponeses

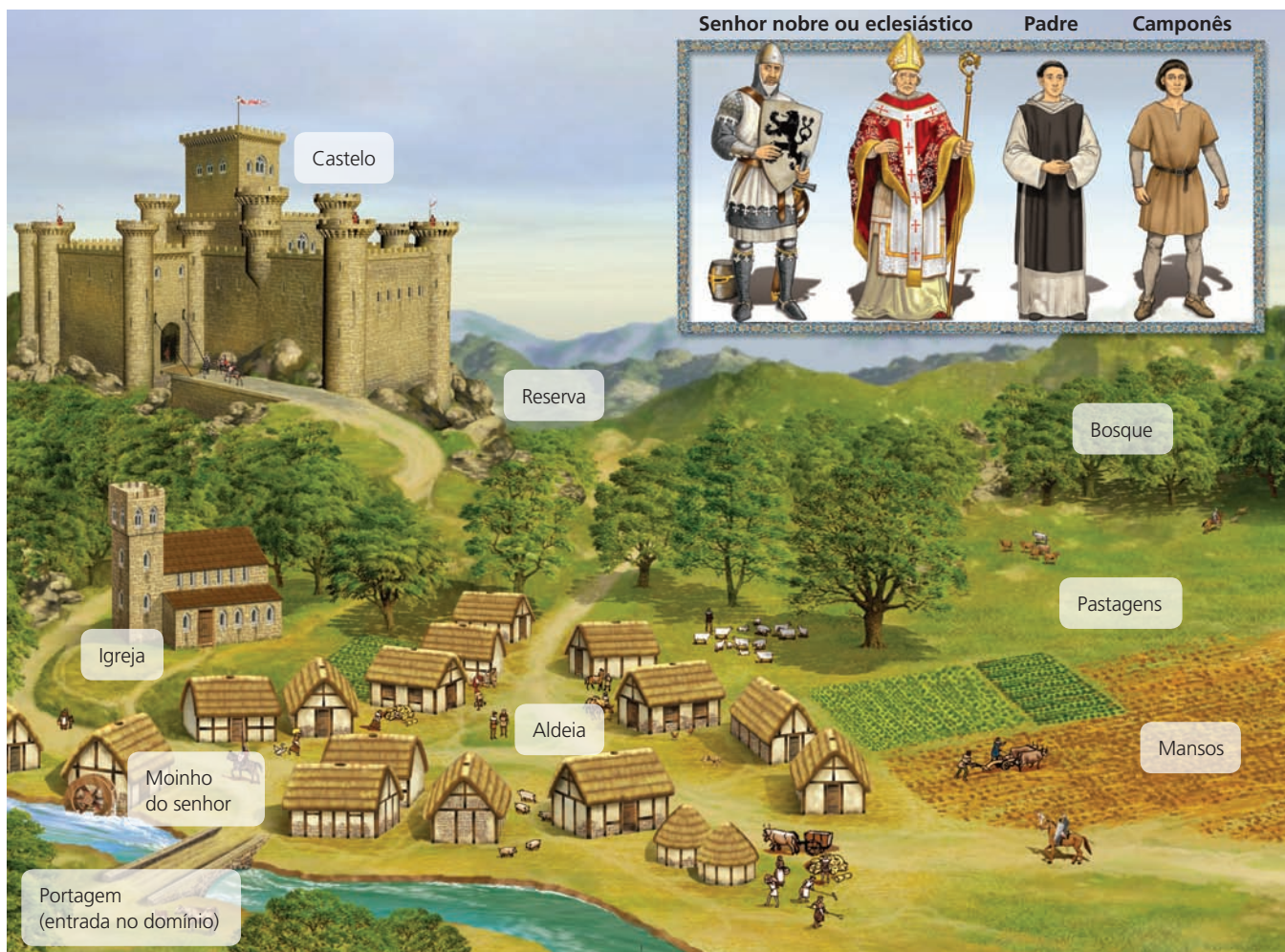
Os camponeses, tanto livres como servos, tinham uma **vida difícil**. O trabalho na terra e com os animais era duro, tinham de pagar impostos pesados e estavam sujeitos a uma justiça rude que recorria a **multas** e **castigos**. A alternativa era um mundo instável e cheio de perigos, no qual a subsistência fora do domínio era praticamente impossível. Nas suas **casas** partilhavam o espaço com animais **13**. As festas do calendário religioso, associadas às etapas do trabalho no campo, eram as suas diversões.



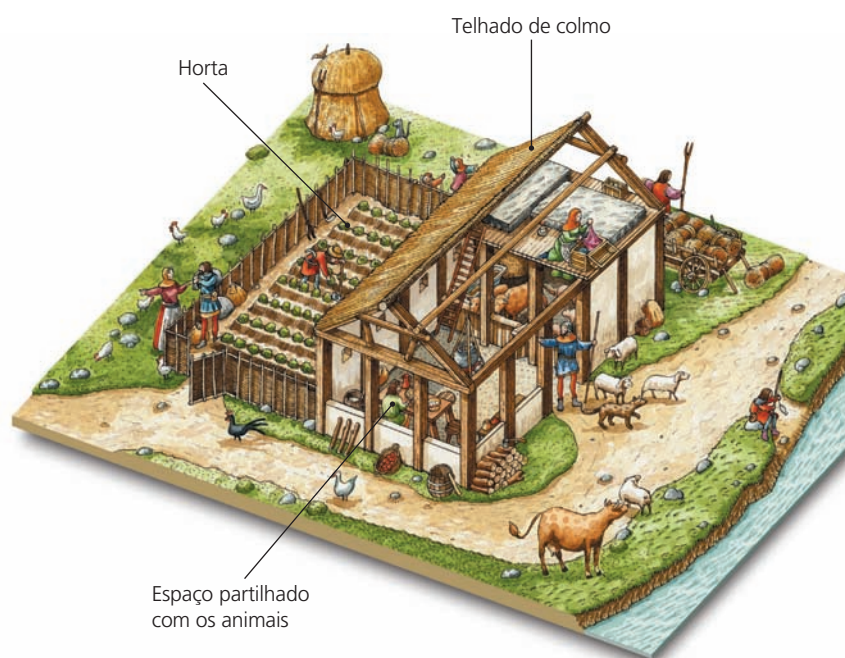
10 Relação de dependência entre o camponês e o seu senhor.



11 Cavaleiros lutando num torneio. Os torneios eram competições que simulavam um combate.



12 Um domínio senhorial (reconstituição).



13 Casa de camponeses livres (reconstituição com cortes, para se ver o interior).

ATIVIDADES

- 1** Consulta as definições de **domínio senhorial**, **reserva**, **servos** e **mansos** nas páginas 196, 197 e 198 e elabora um esboço simples de um domínio com os quatro conceitos.
- 2** Observa a figura 12 e distingue reserva de manso.
- 3** Observa a figura 10 e identifica duas obrigações dos camponeses para com o seu senhor.
- 4** O senhor também tinha obrigações para com a população do seu domínio? Justifica a tua resposta.
- 5** Observa a figura 11 e descreve as ocupações dos nobres.
- 6** Observa as figuras 12 e 13 e caracteriza:
 - a)** as condições de vida dos camponeses;
 - b)** as casas em que viviam os camponeses.

5.5 As relações feudo-vassálicas

■ As relações entre suseranos e vassallos

Ao domínio onde cada senhor exercia o seu poder dá-se o nome de **feudo**. O feudo era concedido ao senhor pelo rei em recompensa de serviços militares. Os senhores mais poderosos também entregavam feudos a outros nobres, colocando-os na sua dependência e possibilitando a formação de um exército em caso de guerra. Deu-se assim uma **distinção entre grandes e pequenos senhores** dentro da classe privilegiada.

Para assegurar a estabilidade dessas relações de proteção, desenvolveram-se códigos de conduta e cerimónias que tornassem públicos os compromissos entre grandes e pequenos senhores. Ao senhor que concedia a proteção era dado o nome de **suserano** e ao que recebia a proteção chamava-se **vassalo**. Entre suserano e vassalo celebrava-se em geral um **contrato de vassalagem** encenado numa cerimónia com os seguintes passos carregados de simbolismo:

- A **homenagem**, em que o vassalo ajoelhado reconhecia o suserano como seu protetor e se colocava em posição de submissão **[14]**;
- O **juramento de fidelidade**, no qual o vassalo se comprometia publicamente a ser leal e obediente ao suserano, auxiliando-o na guerra ou noutras dificuldades e aceitando submeter-se ao seu comando e, se necessário fosse, à sua justiça. No juramento era invocado Deus como testemunha **[Doc.]**;
- A **investidura**, em que o suserano reconhecia o vassalo como seu protegido e lhe entregava uma espada ou outro objeto que representava a entrega do feudo (terras e poder) ao vassalo **[15]**.

Ficavam assim seladas as relações de vassalagem entre suserano e vassallos e os direitos e deveres de cada parte no contrato estabelecido **[17]**.

■ Uma sociedade e três ordens

Constituiu-se assim na sociedade europeia aquilo a que os historiadores chamaram a **pirâmide feudal**: na base, o povo (sobretudo camponeses); acima, pequenos senhores e, mais acima, grandes senhores. No topo, o rei (mesmo que em grande parte desprovido dos seus poderes anteriores) **[16]**.

No seu todo, a sociedade da Europa cristã ficava organizada em três ordens diferentes e complementares **[18]**:

- Os **nobres** (de alta e baixa condição), com a missão de proteger toda a população por meio das armas.
- Os **clérigos** (poderosos como bispos e abades, e humildes como presbíteros e monges), rezando e intercedendo junto de Deus pela salvação de todos.
- O **povo** (na sua grande maioria, camponeses e artesãos), trabalhando para o sustento de toda a sociedade.



[14] A homenagem (reconstituição).

Documento O juramento

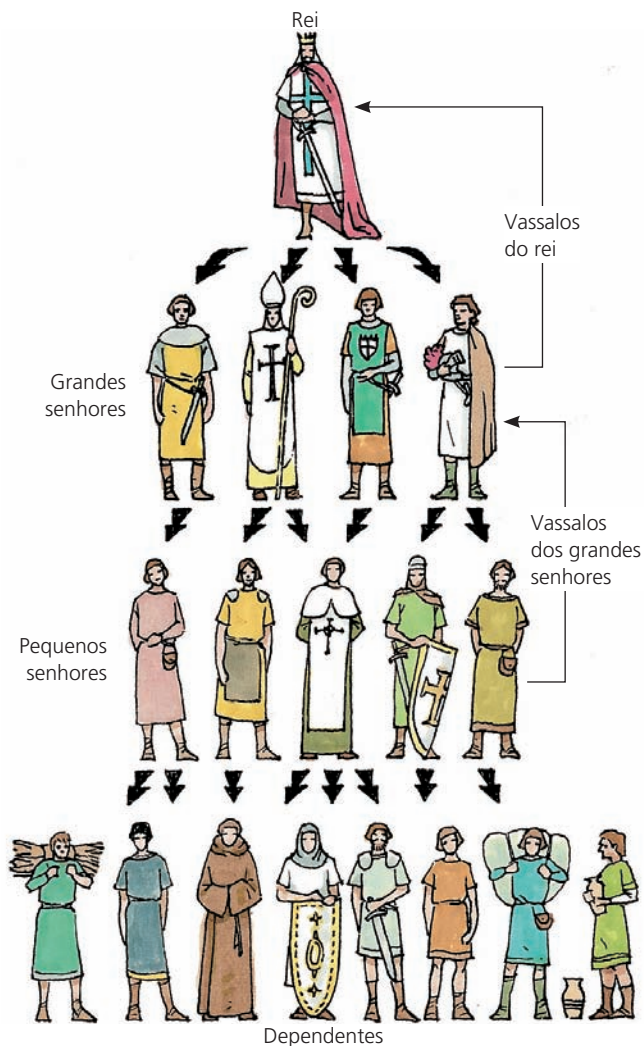
Aquele que havia prestado homenagem [o vassalo] jurou fidelidade ao [...] conde [o suserano], com estas palavras:

5 Comprometo-me, por minha fé, a ser fiel, daqui por diante, ao conde Guilherme e a cumprir integralmente a minha homenagem, de boa-fé e sem engano, [lutando por ele] contra todos.

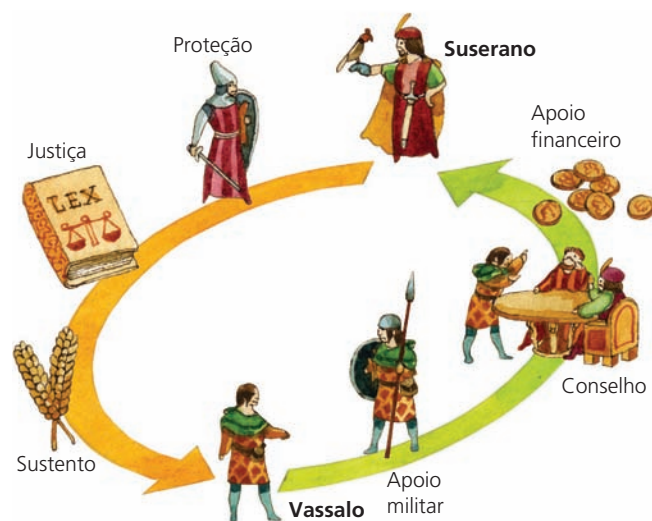
GALBERTO DE BRUGES, *História da Morte de Carlos, o Bom* (adaptado)



[15] A investidura.



16 A pirâmide feudal (reconstituição).



17 As relações de vassalagem.

Nobreza	Faz a guerra e protege pelas armas toda a sociedade.
Clero	Reza e intercede junto de Deus pela salvação de toda a sociedade.
Povo	Trabalha para assegurar o sustento material de toda a sociedade.

18 A sociedade trinitária.

SABER MAIS

Os duques, os marqueses e os condes

Os títulos de nobreza na Europa derivaram da corte de Carlos Magno, rei dos Francos, que chegou a ser coroado imperador do Ocidente no dia de Natal de 800. Existiam três títulos: o de duque (o mais elevado e reservado aos companheiros de armas de Carlos Magno); o de marquês (logo abaixo de duque, que governava e protegia as fronteiras ou «marcas» do reino); e o conde (aquele que administrava territórios mais pequenos e vivia da exploração do seu domínio, o condado).

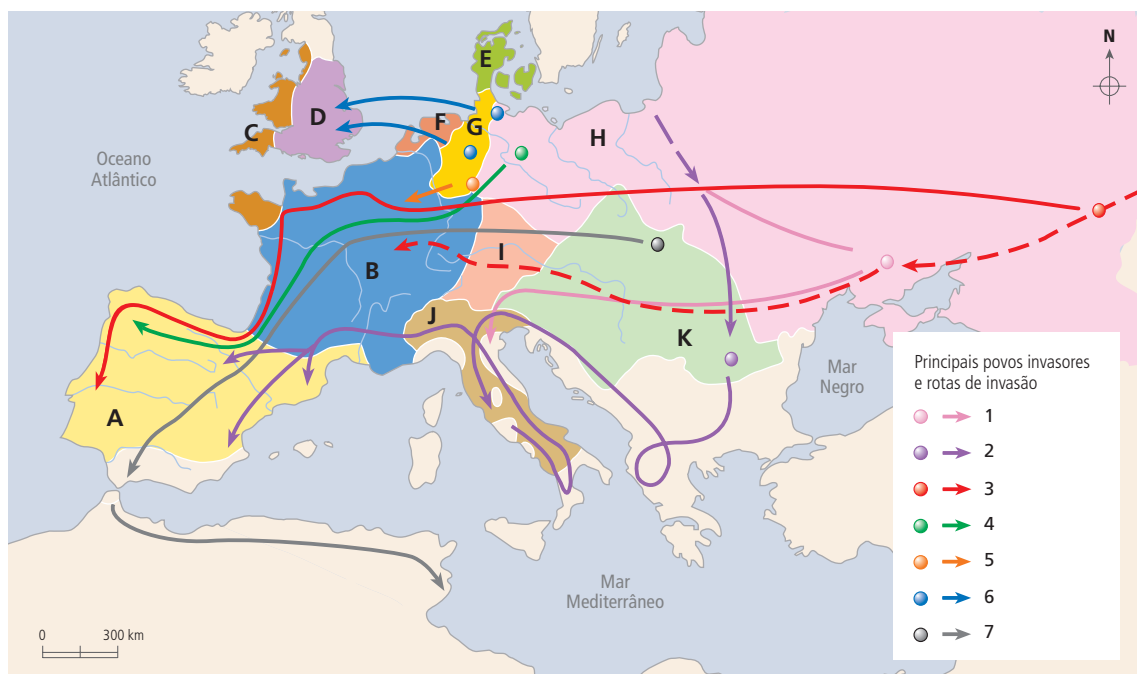
ATIVIDADES

- 1 Consulta as definições de **feudo** e **vassalos** nas páginas 196 e 198 e explica o segundo conceito com um esquema simples.
- 2 Observa a figura 17 e distingue vassalo de suserano.
- 3 Observa a figura 14 e descreve a cerimónia de homenagem.
- 4 Lê o documento de Galberto de Bruges e transcreve o que o vassalo promete ao suserano no seu juramento.
- 5 Observa a figura 16 e refere que outras sociedades já foram representadas no teu manual sob a forma de uma pirâmide.
- 6 Observa a figura 18 e identifica as três componentes da sociedade trinitária.

VERIFICA O QUE APRENDESTES

SITUA NO ESPAÇO

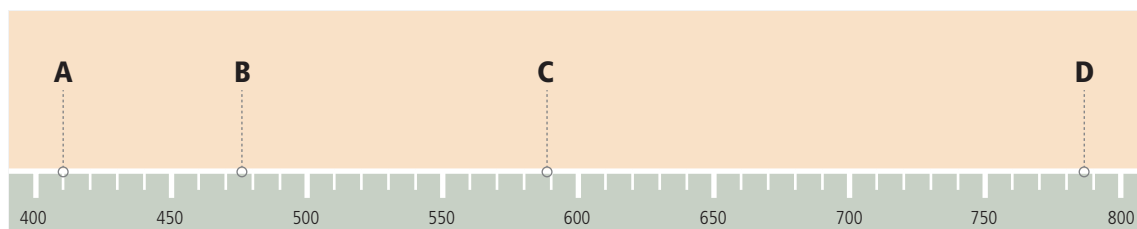
- 1 Observa o mapa e responde às questões.



- 1.1 Observa o mapa da figura 2 da página 113 e identifica o povo ao qual pertence cada um dos movimentos invasores do século V aqui representados com números.
- 1.2 Atribui a cada letra o reino ou território germânico correto.
- 1.3 Identifica a cor que, no mapa, representa o Império Romano do Oriente.
- 1.3.1 Nomeia a cidade que servia de capital a esse império.
- 1.4 Identifica os povos germânicos que se estabeleceram na Península Ibérica.

SITUA NO TEMPO

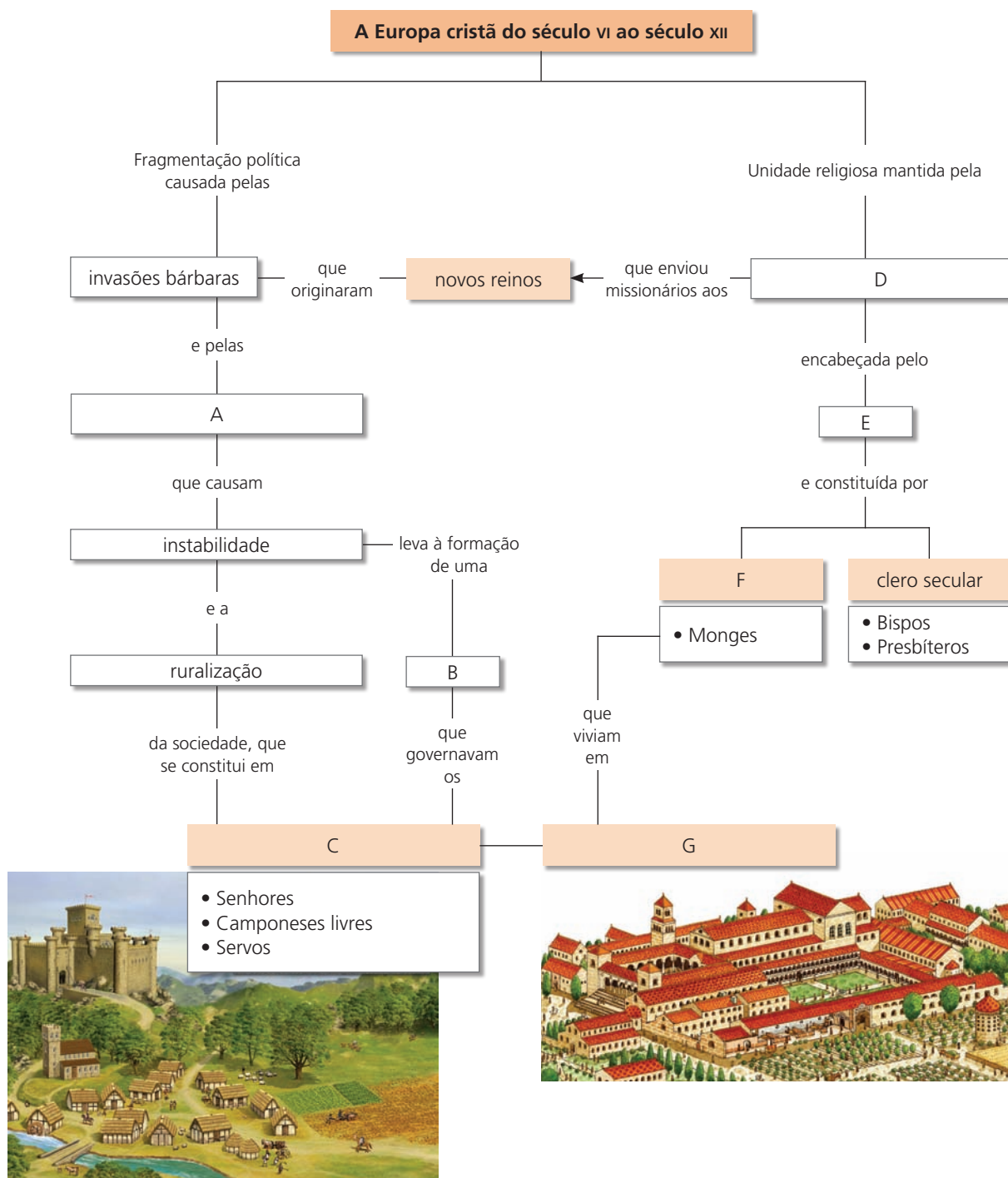
- 2 Observa a linha do tempo.



- 2.1 Selecciona as letras que assinalam na barra cronológica:
- a) a conversão do rei visigodo Recaredo ao catolicismo;
 - b) a tomada de Roma pelos Visigodos;
 - c) o início dos ataques dos Vikings na Europa Ocidental;
 - d) a queda do Império Romano do Ocidente.

ESTABELECE RELAÇÕES

- 3 Selecciona na chave o elemento correto para cada uma das letras dos espaços em branco.



CHAVE:

aristocracia guerreira

clero regular

domínios senhoriais

Igreja Católica

invasões (séculos VIII a X)

mosteiros

Papa

4 Para cada questão, seleciona a única opção totalmente correta.

4.1 O derrube do Império Romano do Ocidente deu-se depois de:

a) um período de decadência durante os séculos III e IV, a que se seguiram as invasões do século V.

b) Constantinopla ter substituído Roma como capital do império.

c) Caracala ter concedido a cidadania romana a todos os habitantes do império.

4.2 Nos séculos VIII a X, a Europa:

a) foi acossada por invasões dos mesmos povos que a tinham invadido no século V.

b) conheceu um prolongado período de paz e de prosperidade económica.

c) foi acossada por invasões de Árabes, Normandos (Vikings) e Húngaros (Magiares).

4.3 As alterações sofridas pelas sociedades da Europa Ocidental a partir do século VIII:

a) levaram a população rural a acorrer em grande número às cidades, em busca de proteção.

b) provocaram a fuga das cidades, a ruralização do modo de vida e o regresso a uma economia de subsistência.

c) reforçaram o poder dos reinos germânicos.

4.4 Os domínios senhoriais eram constituídos:

a) pela reserva do senhor, cultivada pelos servos, e pelos mansos dos camponeses livres.

b) por um castelo onde viviam com o senhor servos e camponeses livres.

c) por um castelo, um moinho e um lagar.

5 Seleciona o conceito correto para cada uma das descrições.

Conceitos	
Bárbaros	Reinos
Igreja Católica	Economia de subsistência
Clero regular	Idade Média
Ordens religiosas	Ruralização
Clero secular	

Descrições	Conceitos
Período histórico	A
Invasores	B
Declínio das cidades	C
Declínio do comércio	D
Divisão política	E
Unidade religiosa	F
Mosteiros	G
Bispos e presbíteros	H
Abades e monges	I

6 Observa as imagens e seleciona da chave as palavras corretas para substituir as letras.

CHAVE: aldeia; castelo; igreja; mansos (dos camponeses livres); moinho; reserva do senhor.



TRABALHA DOCUMENTOS

- 7 Lê o texto e responde às questões.

Documento

Um tempo conturbado

Povos numerosos e de grande ferocidade ocuparam toda a Gália. Tudo o que está entre os Alpes e os Pirenéus e entre o oceano e o rio Reno foi devastado por vários povos bárbaros. [...]

- 5 Maiença, cidade outrora ilustre, foi tomada e destruída; na igreja da cidade, vários milhares de pessoas foram massacrados. Worms ficou arruinada após um longo cerco. A poderosa cidade de Reims e outras tornaram-se germânicas. Várias
- 10 províncias foram devastadas.

- A guerra e a fome despovoam as cidades. Não posso conter as lágrimas ao mencionar a cidade de Toulouse que até aqui escapou à ruína graças aos méritos do seu bispo. A população da Hispânia
- 15 trema todos os dias, esperando que lhe aconteçam estes males. A invasão pode acontecer lá a qualquer altura.

SÃO JERÓNIMO, *Carta*, 406 (adaptado)

- 7.1 Refere qual foi o comportamento dos invasores nos casos referidos pelo autor.
- 7.2 Transcreve as expressões usadas pelo autor para descrever os sentimentos dos habitantes do império perante as invasões.
- 7.3 Atenta no que o autor diz da Hispânia (Península Ibérica).
- 7.3.1 Porque «tremia todos os dias» a sua população?
- 7.3.2 Que conhecimentos tens que te permitem concluir que os receios dessa população se concretizaram?

- 8 Observa a imagem, lê o texto e responde.



As tarefas do camponês.

Documento

Os deveres do camponês

Cultivar a terra e alimentar os animais é para o camponês a sua «guerra». Porque os cavaleiros e o clero vivem do que ele produz. O camponês trabalha muito e sofre: semeia o trigo, o centeio,

5 [...] a aveia, ceifa o prado, tosquia a lã, faz as cercas, levanta paliçadas, cava os viveiros nos rios, cumpre corveias, sofre as pilhagens e paga cem direitos.

Livro dos Costumes, século XII (adaptado)

- 8.1 Identifica as imagens relacionadas com a terra e com os animais.
- 8.2 Define corveias.
- 8.3 Explica o sentido da primeira frase do texto, em particular da palavra «guerra».
- 8.4 Atenta na frase «Porque os cavaleiros e o clero...». Que conceção da sociedade está presente nesta relação do camponês com o clero e os cavaleiros (nobres)?

O MUNDO MUÇULMANO E A RECONQUISTA

No século VII, uma nova religião monoteísta surgiu na Arábia, espalhando-se por grande parte do mundo medieval. Do seu confronto com o cristianismo na Península Ibérica sairia um novo reino chamado Portugal.



Refeição comunitária junto à Mesquita de Medina (Arábia Saudita) durante o Ramadão e numa gravura medieval.



OBSERVA, INTERPRETA, REFLETE

- 1** Descreve o que vês na imagem grande. Tem em consideração: quem são as pessoas retratadas; em que cidade e país se encontram; como se vestem e agem.
- 2** Compara as duas imagens quanto às práticas retratadas.
- 3** Identifica a religião a que pertencem as pessoas das duas imagens.

O mundo muçulmano em expansão

■ Maomé e a origem da religião islâmica

A **Arábia** é uma extensa península situada entre o mar Vermelho e o golfo Pérsico. O seu **clima desértico** apenas permite cultivar em algumas zonas da costa e nos oásis do interior. Os seus habitantes (os Árabes) estavam organizados em **tribos** independentes com crenças politeístas. A maioria da população era **nómada** e dedicava-se ao pastoreio **1**; o comércio concentrava-se em duas cidades: **Meca** (que já era considerada cidade sagrada) e **Medina**.

Maomé era um dos comerciantes da cidade de Meca. Nas suas viagens, havia conhecido duas religiões monoteístas: o judaísmo e o cristianismo. Num dado momento, Maomé sentiu-se chamado por Deus e dedicou-se a anunciar uma nova religião, o **islamismo** (ou **islão**), cujo significado em árabe é «submissão à vontade de Deus». Em árabe, o Deus único é chamado Alá. Ao crente em **Alá** chama-se **muçulmano**, quer seja árabe por nascimento e por língua ou não **2**.

Os comerciantes de Meca reagiram à nova religião e Maomé teve de abandonar a cidade no ano **622**, acontecimento que se designa **hégira** e que marca o início do calendário islâmico. Depois de formar um exército em Medina, Maomé conquistou Meca. A partir daí, dirigiu a expansão do islão a toda a Arábia.

■ Os princípios do islão

Os ensinamentos de Maomé foram recolhidos no **Alcorão**, que é o livro sagrado dos Muçulmanos. Segundo a doutrina islâmica, todo o muçulmano deve cumprir **cinco obrigações fundamentais**:

- Recitar a **profissão de fé** segundo a qual «não há outro Deus senão Alá e Maomé é o seu profeta».
- **Orar cinco vezes ao dia**: ao amanhecer, ao meio-dia, à tarde, ao pôr do Sol e ao anoitecer.
- Fazer a **peregrinação a Meca**, pelo menos uma vez na vida **3**.
- **Jejuar** durante o mês do **Ramadão**, do nascer ao pôr do Sol.
- Dar **esmola** para sustento dos pobres.

Após a morte de Maomé, em 632, os Muçulmanos lançaram-se num rápido movimento expansionista, motivados pelo princípio da **guerra santa** (defesa espiritual e armada do islão). Criou-se assim, em pouco mais de um século, um extenso império, do oceano Índico ao oceano Atlântico (**4** e **Doc.**). Até 750, a capital foi **Damasco** (na atual Síria).

A autoridade máxima do império era o **califa**, que dispunha de poder político e religioso. Era assistido pelos **vizires** (conselheiros) e por numerosos funcionários: os **valis** governavam as províncias, os **ulemas** interpretavam a lei do Alcorão e os **cádis** eram juizes.

Relembra

Os Árabes já foram referidos na página 116.



1 Beduíno (árabe do deserto), na Arábia atual.

SITUA NO TEMPO

Aplicar o calendário islâmico

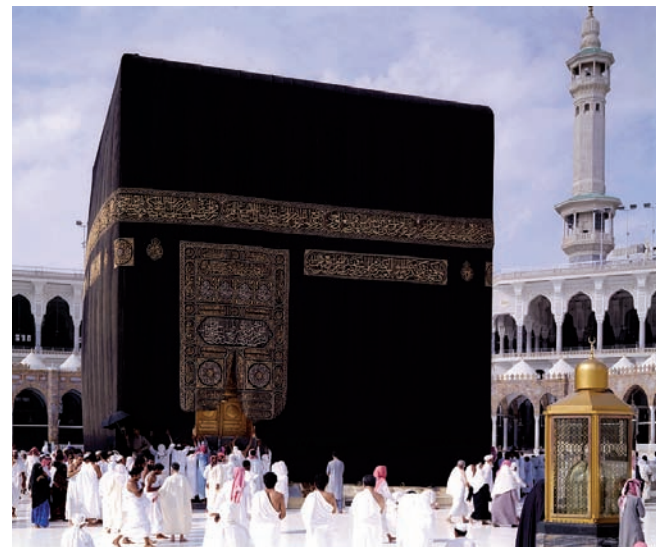
Os Muçulmanos contam o tempo a partir da hégira, no ano 622. Guiam-se pelo ciclo lunar (e não pelo solar, como no calendário ocidental), pelo que os seus anos têm 12 meses de 29 ou 30 dias, o que perfaz 354 ou 355 dias por ano. Se quiseres saber a que ano da era cristã corresponde um ano da era islâmica, **aplica** a seguinte fórmula:

$$C - 622 + \frac{C - 622}{33} * = H$$

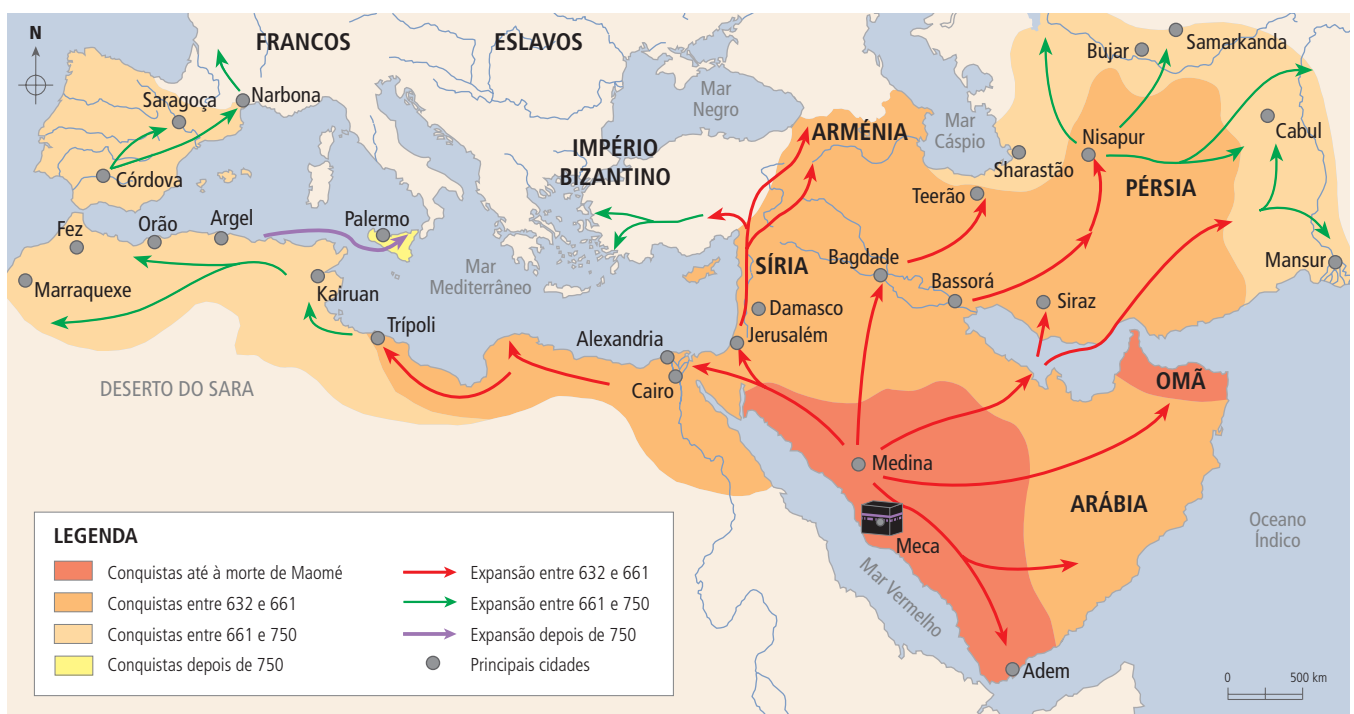
C Ano de Cristo
* Diferença entre o ano lunar e o solar
H Ano da hégira

	Cristianismo	Islamismo
Tipo de religião	Monoteísta	Monoteísta
Escritura sagrada	Antigo e Novo Testamento (Bíblia)	Alcorão
Jesus Cristo	É Deus encarnado, maior que todos os profetas	É um profeta, menos importante que Maomé
Religião e política	A Igreja é uma realidade distinta do Estado	A comunidade dos crentes contém o Estado
Casamento	Monogamia	Poligamia masculina
Alimentação	Sem proibições	Proibição de carne de porco e álcool

2 Comparação entre o cristianismo e o islamismo.



3 A Caaba, localizada em Meca, é o centro das peregrinações de Muçulmanos de todo o Mundo.



4 A expansão do Islão durante a Idade Média.

Documento

A guerra santa

Combatei nos caminhos do Senhor contra os que vos movem a guerra, mas não cometeis injustiças, tomando a ofensiva, pois Deus não ama os injustos. Ó crentes, quando vos encontrardes perante um exército armado, sede inabaláveis e repeti incessantemente o nome do Senhor. Sereis abençoados.

Alcorão

ATIVIDADES

- 1 Consulta as definições de **islamismo**, **muçulmano**, **Ramadhão** e **guerra santa** nas páginas 197 e 198 e redige um texto de cinco linhas com os quatro conceitos.
- 2 Relaciona a expansão do islão na Idade Média com a guerra santa.
- 3 Enumera os cinco princípios da religião islâmica.

■ A economia urbana no espaço islâmico

O mundo muçulmano, dada a sua extensão pelo Norte de África e por boa parte da Ásia, estava em contacto com uma **grande diversidade de povos e culturas** (egípcia, judaica, greco-latina, persa, indiana e até chinesa). Este contacto permitiu que os Muçulmanos aproveitassem **saberes e técnicas** de todos estes povos, divulgando-os facilmente por todo o seu império, ligando o Ocidente e o Oriente.

O mesmo acontecia com os produtos destas variadas regiões, que os comerciantes muçulmanos transportavam por **rotas comerciais** em terra e por mar. Por meio de **rotas caravaneiras** antigas, tinham acesso a grandes quantidades de **ouro, marfim e escravos** (através da rota que unia o Norte de África à Guiné) ou às **sedas** da China e às **especiarias** da Índia (através das rotas que da Pérsia chegavam a esses destinos). Da mesma forma, passaram a controlar as principais **rotas marítimas**, incluindo as do **golfo Pérsico** e do **mar Mediterrâneo**, onde a língua árabe substituiu o latim e o grego **Doc.**

As **idades** muçulmanas tornaram-se magníficos **centros de trocas** de produtos e de saberes. As mais importantes eram Damasco, Bagdade e Cairo. As áreas mais importantes das cidades eram o **alcácer** (centro político e militar, fortificado) e o **suq** (mercado) **5**. As **mesquitas** eram os locais de oração e destacavam-se pelos elevados minaretes, de onde os crentes eram chamados. Os **banhos públicos** eram muito frequentados pelos homens. As casas **6**, geralmente baixas, podiam ter terraços. Os elementos decorativos eram ricos.

Esta vida urbana florescente estimulou o **desenvolvimento da agricultura**, que, para abastecer as cidades, se tornou muito produtiva, graças às **técnicas de regadio**, com noras e moinhos de água **7**. Várias **culturas**, como o arroz, a laranja, o açafrão ou a cana-de-açúcar, foram difundidas pelos Muçulmanos.

■ Uma cultura florescente

Os Muçulmanos desempenharam um papel muito importante no desenvolvimento cultural da Humanidade. Adotaram **inovações** de outros povos, trazendo da Ásia novas **técnicas** (como a produção de papel, por exemplo) e novos **objetos** (a pólvora, a bússola ou o astrolábio) **8**. Realizaram também inovações próprias, em especial nos campos da **Astronomia**, da **Matemática** (a numeração árabe e a invenção da álgebra) e da **Medicina** (sobretudo os contributos de médicos como Ishaq, Avicena e Averróis) **9**.

Os Muçulmanos criaram também grandes **bibliotecas**, nas quais recolheram obras suas e dos grandes autores gregos e latinos, que assim se conservaram durante a Idade Média. Destacaram-se o matemático Al-Kharazmi (de cujo nome deriva a palavra «algarismo»), o historiador Ibn Khaldun e o geógrafo Ibn Batuta. Os seus escritores legaram ainda obras de grande beleza, como **As Mil e Uma Noites**.

Documento

A língua árabe

O uso da língua árabe veio a ser um símbolo do islão e de obediência aos Árabes. As nações [estrangeiras] evitavam usar os seus próprios dialetos e línguas em todas as cidades e províncias, tornando a língua árabe a sua própria língua.

IBN KHALDUN, *Prolegómenos*
(adaptado)

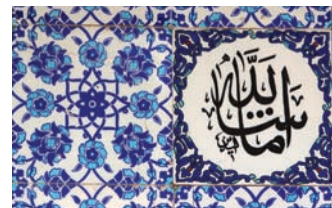


5 Aspeto de um **suq** (mercado) numa cidade muçulmana (atualidade).

SABER MAIS

O azulejo

Um dos elementos decorativos da arquitetura islâmica que mais perduraram foi o azulejo, ainda hoje muito usado em Portugal.



Azulejo árabe.



6 Casa de família abastada numa cidade islâmica (reconstituição).



7 Nora, elevando a água do rio para um aqueduto.



8 O astrolábio servia de orientação nas grandes viagens.



9 Tratado ilustrado de Medicina, de Hunayn ibn Ishaq (século XI).

ATIVIDADES

- 1** Consulta a definição de **rota comercial** na página 198 e regista os dois tipos de rotas referidos no texto.
- 2** Identifica os países atuais onde se situam as cidades de Bagdade, Damasco e Cairo.

- 3** Enumera alguns dos principais contributos dos Muçulmanos:
 - a)** nos diversos campos do saber;
 - b)** nas inovações técnicas;
 - c)** no desenvolvimento da agricultura.

A Península Ibérica: dois mundos em presença

■ A conquista muçulmana e a resistência cristã

No início do século VIII, o reino visigodo estava muito enfraquecido pelas lutas entre vários chefes que ambicionavam o título de rei. No ano de **711**, o rei eleito, Rodrigo, estava em guerra com os descendentes do rei anterior, Vitiza. Estes, para destronarem Rodrigo, pediram ajuda aos muçulmanos do Norte de África, que, chefiados por **Muça** e **Tárique**, atravessaram o estreito de Gibraltar e derrotaram o rei Rodrigo na **Batalha de Guadalete**.

No entanto, senhores já de grande parte da Península, os Muçulmanos permaneceram no território visigodo, considerando-o **conquistado**. Tal como acontecera antes com outros povos, a riqueza de recursos da Península incentivava-os a ficar e a dominar. Perante o avanço muçulmano, uma parte da população cristã refugiou-se na região montanhosa das **Astúrias**, no extremo norte da Península, vivendo da agricultura e do pastoreio **10**. Aí resistiram à tentativa muçulmana de os submeter: chefiados por **Pelágio**, os Cristãos venceram os Muçulmanos na Batalha de Covadonga, em 718.

A presença muçulmana na Península duraria até 1492, quando foi conquistado o reino de Granada **12**.

■ A vida no Al-Andaluz

Os muçulmanos que se deslocaram para a Península eram **árabes** e **berberes** (originários do Norte de África). Chamavam à Península **Al-Andaluz**. Ocuparam os cargos de direção política e militar, governando a população já residente e constituindo o grupo mais rico. As **cidades**, integradas na rede de contactos do mundo muçulmano, ganharam novamente habitantes e importância económica **11**.

Nas cidades e nos campos, grande parte dos cristãos acabou por converter-se à religião dos vencedores (o islamismo) e por adotar a sua língua e a sua cultura. O brilho e a riqueza da cultura muçulmana facilitaram esta adesão **Doc.**. Os que permaneceram **cristãos** foram inicialmente **tolerados** a troco do pagamento de um imposto, tal como se fazia em relação aos **judeus** que habitavam na Península. A estes cristãos sob domínio muçulmano chamou-se **moçárabes**.

A partir de **756**, o Al-Andaluz, com capital em Córdova, organizou-se como um reino (emirado), tão rico e desenvolvido que se tornou independente do Império Árabe no ano **929** (período do **califado Omíada**). A influência árabe e muçulmana foi marcante, deixando vestígios na língua **13**, no património construído **14**, na arte e nas atividades económicas.

Documento

A cultura árabe e os jovens moçárabes

Onde podemos encontrar hoje um cristão que leia os comentários da Bíblia em latim? [...] Todos os jovens cristãos notados pelas suas **5** qualidades conhecem apenas a língua e a literatura dos Muçulmanos. Eles leem e estudam com os livros em língua árabe [...] e dizem em todo o lado que esses **10** livros devem ser admirados por todos. [...] É difícil encontrar um que saiba redigir uma carta em latim para um amigo.

ÁLVARO de CÓRDOVA,
Carreiro Luminoso (adaptado)



10 Paisagem rural das Astúrias.



11 Olhão (Algarve), com as açoteias (terraços) de influência árabe.



12 A conquista muçulmana.

Nomes árabes de localidades

Al-Usbuna (Lisboa)	Iéborá (Évora)
Al-Kassar (Alcácer)	Sheherina (Serpa)

Palavras de origem árabe

açorda	alcatifa	alface	garrafa
almofada	azeite	oxalá	tapete

13 Influência árabe no vocabulário português.

SABER MAIS

Um grande muçulmano ibérico

Averróis é o nome que os Cristãos deram a Ibn Rushd, que nasceu em 1126 e morreu em 1189. Era um médico natural de Córdova e, nas obras que escreveu, mostra o domínio que os Muçulmanos tinham então de técnicas de Medicina muito avançadas para a época (anestesia e cirurgia). Averróis foi também comentador das obras de Platão e de Aristóteles, e foi por seu intermédio que estas foram redescobertas na Europa.



14 A mesquita de Córdova (Espanha).
A. Cúpula. B. Arcos em ferradura.

ATIVIDADES

- 1 Consulta a definição de **moçárabe** na página 197 e redige uma frase com este conceito.
- 2 Lê o documento de Álvaro de Córdova e explica a influência da cultura islâmica junto dos cristãos.
- 3 Enuncia três contrastes entre o modo de vida muçulmano e cristão na Península Ibérica.

6.3 A formação dos reinos cristãos no processo da Reconquista

Os reinos cristãos e a Reconquista

No início do século XI, o poder islâmico na Península fragmentou-se em pequenos estados rivais, os chamados **reinos de taifas**. Esta situação deu aos cristãos do Norte da Península uma oportunidade para desenvolver uma ofensiva contra o Sul muçulmano. De oeste para leste, os Cristãos constituíram **vários reinos**: Leão, Castela, Navarra e Aragão. Todos estavam apostados em recuperar para o cristianismo as terras perdidas em 711. A esta ofensiva cristã chamou-se **Reconquista** **18**.

Perante o avanço cristão, os muçulmanos ibéricos pediram auxílio aos muçulmanos do Norte de África, de onde chegaram, em 1086, os guerreiros **Almorávidas**, adeptos de um islamismo intolerante. Dado que muitos deles eram originários da Mauritânia, os Cristãos chamaram-lhes **mouros**. A ferocidade com que combatiam permitiu-lhes fazer frente aos Cristãos e unificar o território muçulmano.

Respondendo aos pedidos de ajuda dos reis cristãos da Península e da Igreja Católica, vários **cavaleiros nobres** de além-Pirenéus vieram combater os Almorávidas. Além de procurarem glória e novos domínios para si e para os seus descendentes, estes cavaleiros combatiam também com uma **forte motivação religiosa** — razão pela qual se chamavam **cruzados**, isto é, defensores da cruz, símbolo do cristianismo **15**.

O Condado Portucalense

Um destes cruzados, **D. Henrique**, veio da região da Borgonha (atual França) ajudar o rei **D. Afonso VI**, sob o governo do qual se haviam unido os reinos de Leão e Castela (**16** e **17**). Pelos serviços prestados por D. Henrique na luta contra os Muçulmanos, D. Afonso VI entregou-lhe, em 1096, um **condado**, chamado **Portucalense**, casando-o com uma das suas filhas, **D. Teresa**.

De acordo com as relações feudo-vassálicas que já estudámos, D. Afonso VI era o **suserano** e D. Henrique seu **vassalo**. Deste modo, o conde D. Henrique passou a governar o Condado Portucalense, ficando, no entanto, obrigado a obedecer e servir ao rei de Leão e Castela, de quem permanecia **dependente**.

O Condado Portucalense ficava no Noroeste da Península Ibérica. Estendia-se para sul até **Coimbra** e os seus limites com Leão e Castela não estavam ainda fixados, mas correspondiam aproximadamente ao atual território português a norte do **rio Mondego**. D. Henrique tentou unir todos os habitantes do condado em torno da sua família (a sua mulher D. Teresa e o seu filho e herdeiro, D. Afonso Henriques), **autonomizando-se** de Leão e Castela **Doc.**



15 Cavaleiros cristãos (*Apocalipse do Lorvão*, século XII, Arquivos Nacionais da Torre do Tombo).



16 D. Afonso VI, rei de Leão e Castela.



17 D. Henrique, conde de Portugal.



18 A Península Ibérica por volta do ano 1100.

Documento

Conselhos de D. Henrique a seu filho

E antes que morresse chamou seu filho D. Afonso e disse-lhe: Filho, toda esta terra que te deixo [...] não percas dela um palmo, pois eu a ganhei com grande sofrimento e trabalho. [...] E nem por pedidos nem por cobiça deixes de fazer justiça [...], guarda-a sempre no teu coração e terás contigo Deus e as gentes. E não consintas [...] que os teus homens sejam soberbos nem se atrevam a fazer mal [...], pois por tais coisas perderias o teu bom nome [...].

Gesta de D. Afonso Henriques (adaptado)

ATIVIDADES

- 1 Consulta as definições de **Reconquista**, **cruzados** e **condado** nas páginas 195, 196 e 198 e reescreve-as com palavras tuas.
- 2 Explica o avanço da Reconquista a partir das alterações ocorridas no início do século XI.
- 3 Usando as palavras «suserano» e «vassalo», caracteriza a relação entre o conde D. Henrique e o rei de Leão e Castela.

SABER MAIS

Portucale

O Condado Portucalense deve o seu nome à pequena povoação de Portucale, primeiro nome da atual cidade do Porto. Esta povoação desenvolveu-se no período dos Suevos e dos Visigodos e, já no período muçulmano, voltou às mãos dos Cristãos em 868, quando foi reconquistada e repovoada por Vímara Peres.

■ Do Condado Portucalense ao Reino de Portugal

Falecido o conde D. Henrique em 1112, e sendo D. Afonso menor, ficou a governar D. Teresa, que era próxima da nobreza da Galiza, uma região a norte do Condado Portucalense. Habitadas à autonomia assegurada por D. Henrique, as famílias portucalenses poderosas e os seus chefes juntaram-se em torno de D. Afonso Henriques para combaterem D. Teresa. Os dois lados enfrentaram-se em 1128 na Batalha de **São Mamede** (Guimarães), tendo D. Afonso triunfado, tornando-se conde portucalense.

Os objetivos de D. Afonso Henriques eram **aprofundar a autonomia** do condado em relação ao rei de Leão e Castela e **alargar o seu território** para sul, continuando a guerra contra os Muçulmanos. Assim, mudou-se de Guimarães para **Coimbra**, afastando-se de Leão e Castela e aproximando-se dos territórios que queria conquistar.

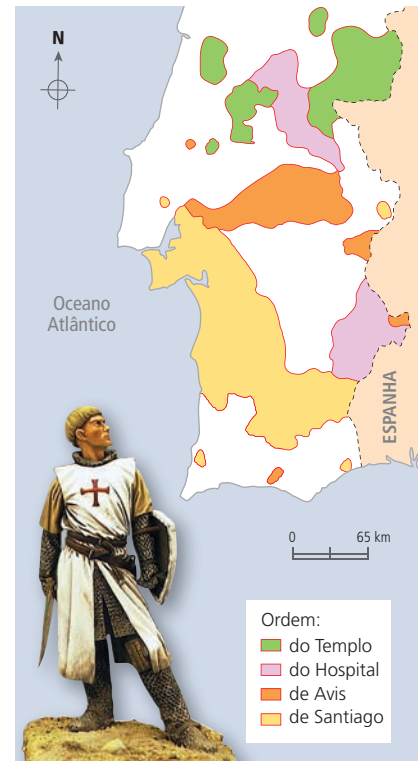
Nas suas **incursões** pelo Sul, D. Afonso Henriques travou e venceu, em 1139, a **Batalha de Ourique**, à qual atribuiu grande importância — de facto, após esta vitória, D. Afonso passou a intitular-se **rei de Portugal**. Mas estes avanços para sul não significavam um controlo efetivo do território. Só a conquista definitiva das cidades e dos seus castelos permitia dominar as terras envolventes.

A conquista das cidades de **Lisboa** e **Santarém**, em 1147, foi, assim, fundamental para fixar o avanço português na **Linha do Tejo**; aqui, o rio formava uma **barreira natural** fortalecida por um conjunto de castelos que a tornava praticamente **intransponível** para os Muçulmanos [21]. D. Afonso Henriques contou com a ajuda das **ordens religiosas militares** [20] e com a iniciativa de aventureiros como Geraldo Gualdes, o *Sem Pavor*, que em 1165 conquistou **Évora** e a entregou ao rei português. As ordens militares e a constituição de concelhos (vê a página 152) ajudaram a povoar o território do reino.

■ A independência e a definição do território português

Quatro anos depois da Batalha de Ourique, em **1143**, o rei de Leão e Castela, D. Afonso VII, reconheceu D. Afonso Henriques como rei de Portugal. A ocasião foi o **Tratado de Zamora**, cidade onde os dois reis negociaram um acordo para pôr fim às disputas de territórios a norte de Portugal. No entanto, o rei português continuava vinculado aos laços de vassalagem que o prendiam a Leão e Castela, que só seriam superados se conseguisse a proteção de um poder superior.

Para isso, D. Afonso Henriques recorreu ao papa, chefe espiritual dos cristãos. Só em **1179**, com uma bula do papa Alexandre III, foi obtida essa proteção e, assim, a **independência política** de Portugal [Doc.]. A Reconquista prosseguiu até à conquista definitiva do Algarve em 1249 por D. Afonso III (1.º rei de Portugal e do Algarve). O seu sucessor, D. Dinis, negociaria no Tratado de Alcanises (1279) a fixação das fronteiras do reino tal como permaneceram praticamente até hoje [22].



[20] Domínios concedidos às ordens religiosas militares, constituídas por monges guerreiros.

Relembra

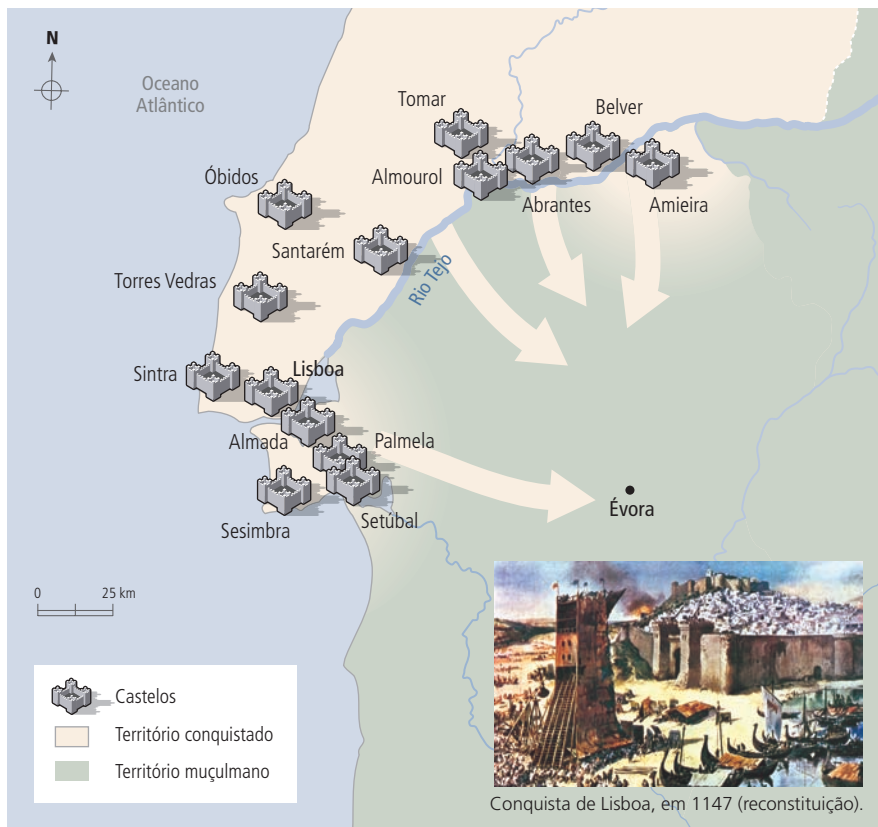
As relações feudo-vassálicas foram estudadas na página 120.

Documento

O papa e o rei

Alexandre III, ao caríssimo filho em Cristo, Afonso, ilustre rei de Portugal [...]. Está provado que [...] tens feito muitos serviços à Santa Igreja. Com coragem, tens combatido os inimigos da fé católica [...]. Sendo tu um rei prudente e justo, [...] entrego-te o reino de Portugal e concedo-te todas as honras e dignidade de rei. Reconheço também como tuas todas as terras que, com a ajuda de Deus, conquistaste aos Muçulmanos.

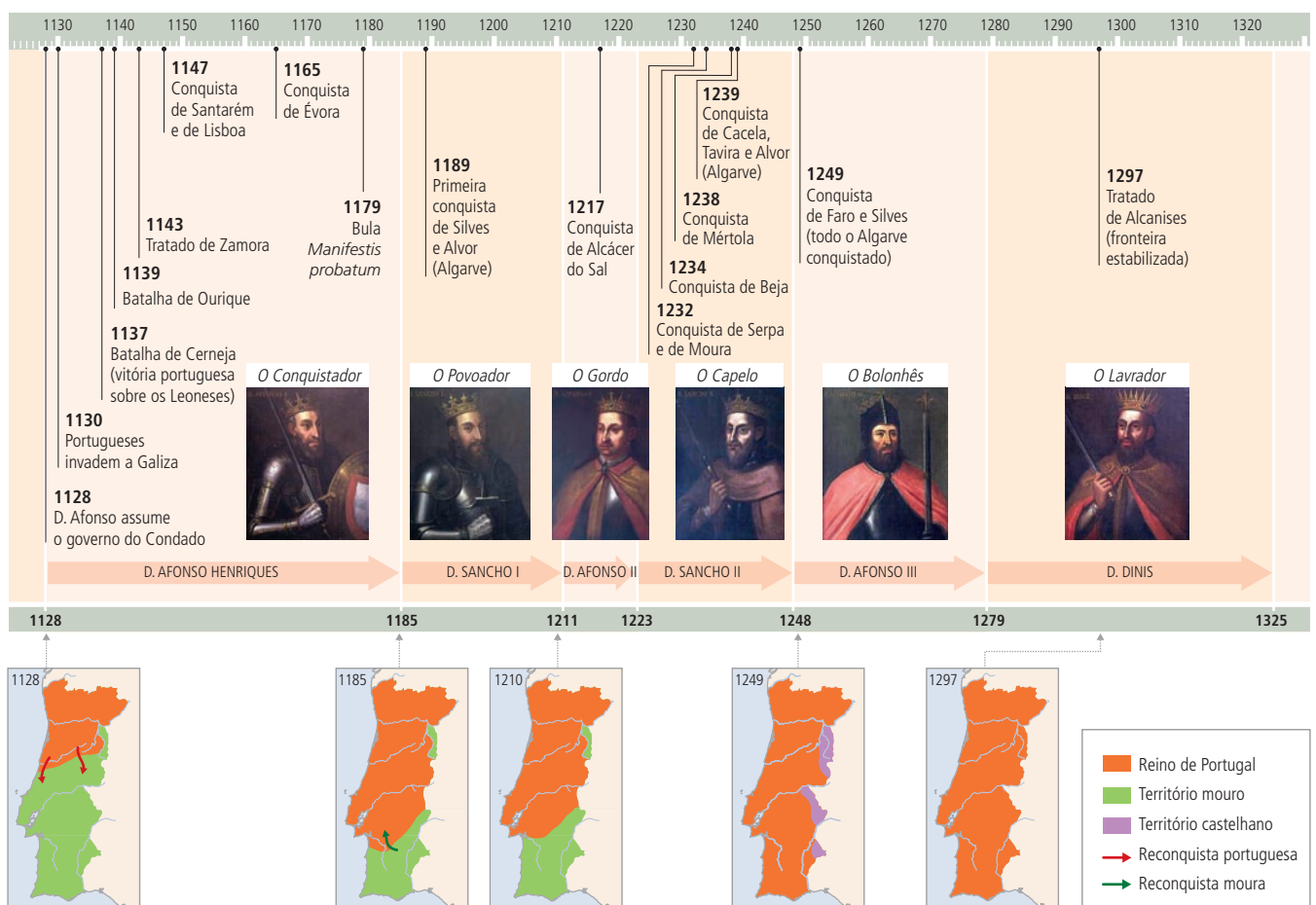
Bula *Manifestis probatum*, 1179
(adaptado)



ATIVIDADES

- 1 Consulta a definição de **independência política** na página 197 e redige uma frase sobre Portugal com este conceito e as datas de 1143 e 1179.
- 2 Observa a figura 21 e explica a importância da Linha do Tejo para D. Afonso Henriques.
- 3 Observa a figura 22 e responde às questões.
 - 3.1 Identifica o rei que efetuou mais conquistas definitivas.
 - 3.2 Identifica o rei que completou a Reconquista em Portugal.

21 Os castelos da Linha do Tejo e o avanço sobre o Alentejo.

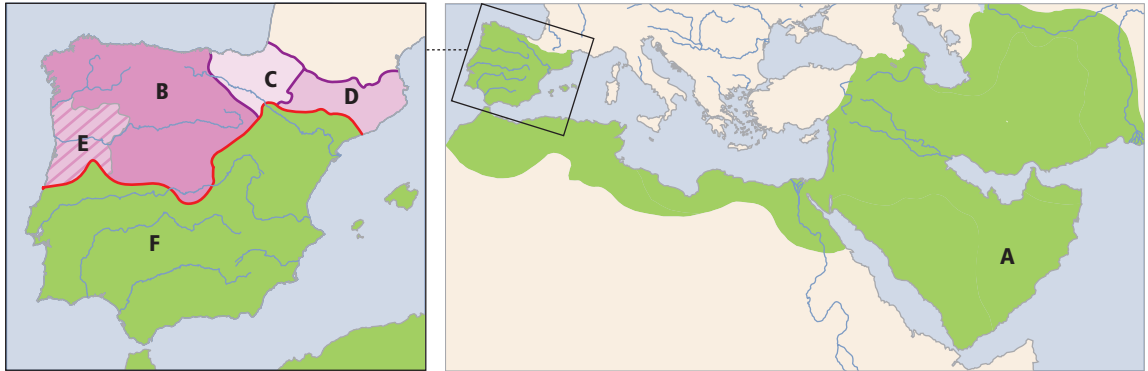


22 A definição do território português durante os reinados dos séculos XII e XIII.

VERIFICA O QUE APRENDESTES

SITUA NO ESPAÇO

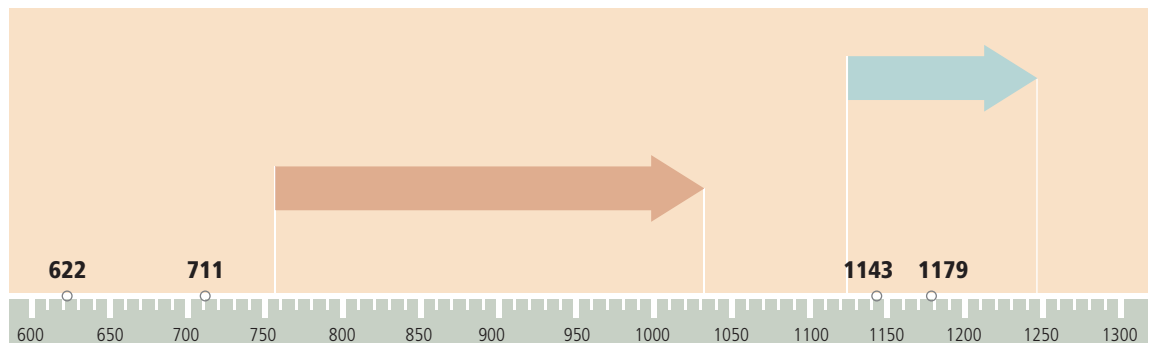
- 1 Observa o mapa e responde às questões.



- 1.1 Refere a cor que representa a extensão do Império Árabe no século VIII.
1.2 Substitui a letra A pelo nome da península que assinala no mapa.
1.3 Substitui as letras B, C e D pelos nomes dos reinos cristãos que representam.
1.3.1 Identifica a letra que representa o Condado Portucalense.
1.4 Explica o que é a área representada pela letra F.

SITUA NO TEMPO

- 2 Observa a linha do tempo e responde às questões.

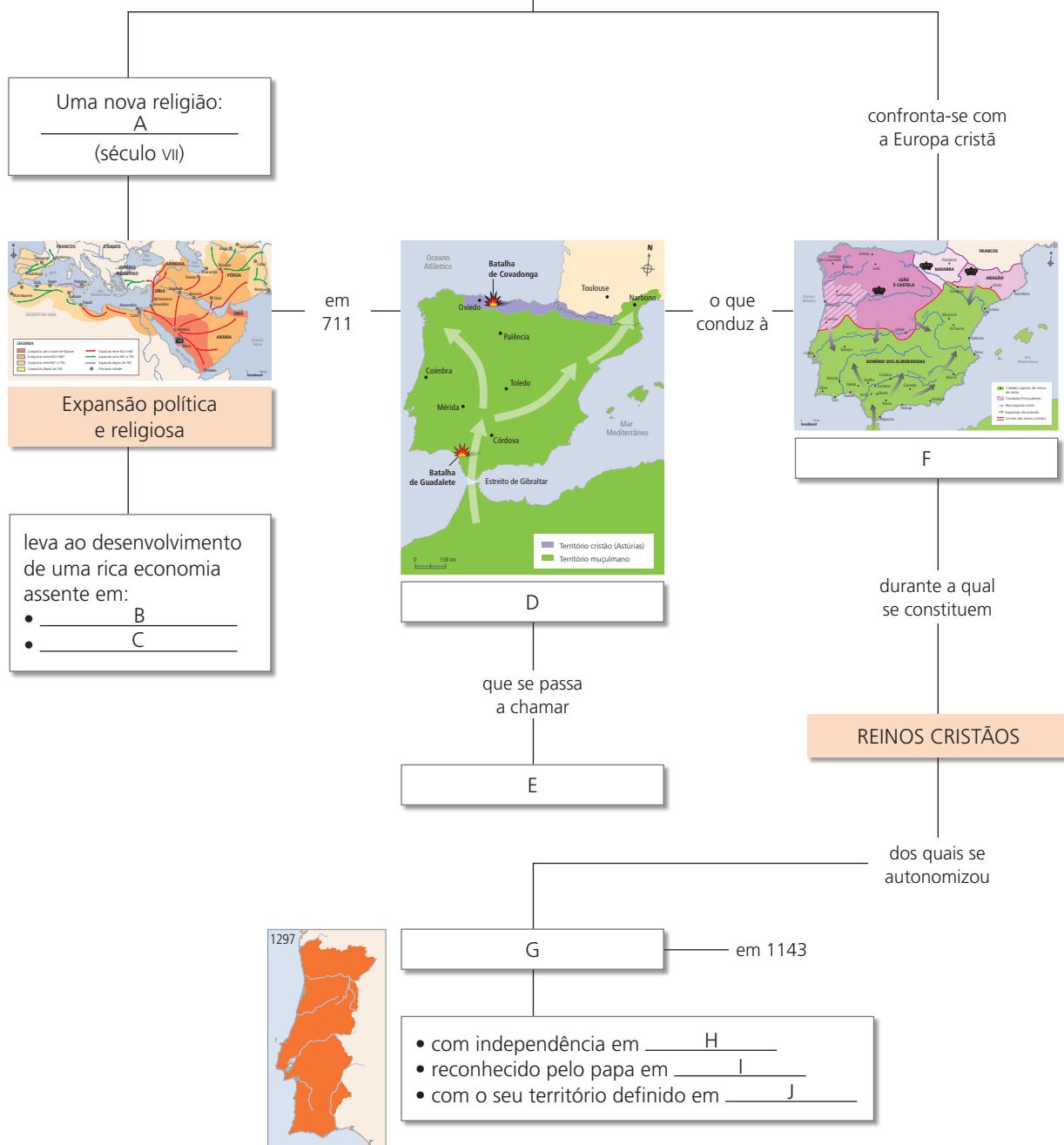


- 2.1 Selecciona as datas que assinalam na barra cronológica:
a) a bula papal de Alexandre III, que reconhece a independência política de Portugal;
b) a Hégira (fuga de Maomé para Medina), que marca o nascimento do islamismo;
c) a conquista da Península pelos Muçulmanos, chefiados por Muça e Tárrique;
d) o Tratado de Zamora, pelo qual D. Afonso VII reconhece D. Afonso Henriques como rei.
2.2 Identifica a cor da linha que representa o período:
a) da unidade do Al-Andaluz sob o reino (ou emirado) com capital em Córdova;
b) da formação do território português, do início do reinado de D. Afonso Henriques até à conquista definitiva do Algarve no reinado de D. Afonso III.

ESTABELECE RELAÇÕES

3 Selecciona na chave o elemento correto para cada uma das letras dos espaços em branco.

O mundo muçulmano e a Reconquista



CHAVE:

1143

1179

1297

Al-Andaluz

ciudades

conquista da Península Ibérica

islamismo

Portugal

Reconquista

rotas comerciais

4 Para cada questão, seleciona a única opção totalmente correta.

- 4.1** O islamismo é a religião dos que:
- a)** nasceram na Arábia ou falam árabe.
 - b)** aceitam Alá como Deus único e Maomé como seu único profeta.
 - c)** rezam cinco vezes ao dia.
- 4.2** Um século depois da morte de Maomé, o império islâmico:
- a)** continuava reduzido à Arábia.
 - b)** expandira-se para o Egito e a Pérsia.
 - c)** estendia-se do oceano Índico ao oceano Atlântico.
- 4.3** À cultura islâmica devemos:
- a)** inovações, técnicas e saberes nas áreas da Astronomia, da Matemática, da Medicina, da Geografia e da História.
 - b)** apenas contributos arquitetónicos.
 - c)** só o Alcorão e *As Mil e Uma Noites*.
- 4.4** O Condado Portucalense:
- a)** nasceu com o movimento da Reconquista e desapareceu com a ofensiva almorávida.
 - b)** nasceu com o movimento da Reconquista, autonomizando-se de Leão e Castela no século XI e tornando-se independente com D. Afonso Henriques no século seguinte.
 - c)** esteve vagamente associado a Portugal.
- 4.5** O território português:
- a)** foi todo doado por D. Afonso VI de Leão e Castela ao conde D. Henrique.
 - b)** foi conquistado ao longo de muitos séculos de uma forma ainda muito pouco conhecida.
 - c)** foi conquistado por D. Afonso Henriques até à Linha do Tejo e por D. Afonso III até ao Algarve.

5 Lê o texto e responde às questões.

Documento

Excertos do Alcorão

Excerto 1

Orai pontualmente, dai esmola e inclinai-vos com os que se inclinam diante de Mim.

Excerto 2

- 5** A lua do Ramadão, durante a qual se fez descer o Alcorão do Alto, para servir de guia aos homens, de explicação clara e de distinção entre o bem e o mal, é o tempo em que deveis jejuar. Aquele que está doente ou em viagem jejuará
- 10** depois um número igual de dias.

Excerto 3

Fazei peregrinação a Meca e visitai os lugares santos; e se não puderdes fazê-lo por estardes cercados de inimigos, enviai uma oferenda.

Excerto 4

Fazei a guerra aos que não creem em Deus nem no dia do Juízo Final, aos que não consideram proibido o que Deus e o seu Profeta proibiram e àqueles homens das Escrituras que não aceitam a crença na Verdade.

Alcorão, suras II e IX (adaptado)

- 5.1** Três dos excertos identificam quatro dos cinco princípios fundamentais do islão. Associa-os corretamente às letras da tabela.

Princípios	Excerto
Dar esmola aos pobres	A
Jejuar durante o Ramadão	B
Orar cinco vezes ao dia	C
Fazer peregrinação a Meca	D
Recitar a profissão de fé	E

- 5.2** Refere o princípio que não consta dos excertos escolhidos.
- 5.3** Um dos quatro excertos diz respeito à guerra santa. Identifica-o.

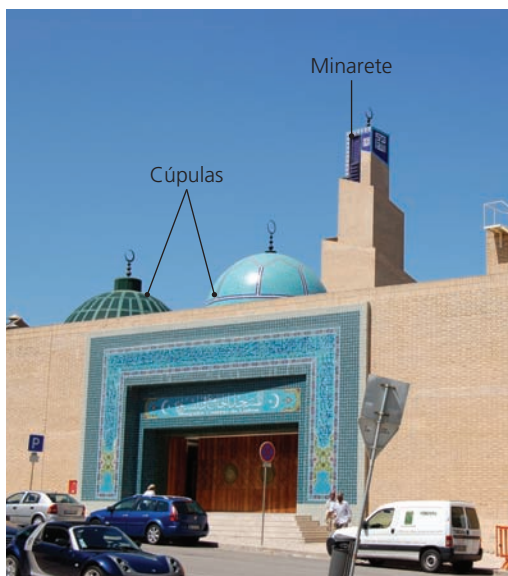
- 6 Distribui corretamente todos os termos da chave pelas duas categorias da tabela (A ou B).

Chave	
Astúrias	Urbano
Reino	Emirado
Latim	Cristão
Muçulmano	Rural
Califa	Guerra santa
Norte	Árabe
Sul	Cruzados
Reconquista	Córdova

Península Ibérica nos séculos XI e XII	
Al-Andaluz	Reinos cristãos
A	B

TRABALHA DOCUMENTOS

- 7 Observa a imagem e responde às questões.



Mesquita da Comunidade Islâmica de Lisboa (na atualidade), inaugurada em 1984.

- 7.1 Apesar de ser um edifício moderno, que pareças tem com outras mesquitas que já observaste? (Relê a página 130 e revê a figura 14 da página 133.)

- 7.2 Redige uma reflexão pessoal sobre esta imagem. Tem em consideração as seguintes questões: Que significado tem a sua construção e utilização diária? Será o islão uma religião do passado e de gente distante?

- 8 Lê os textos e responde às questões.

Documento

A Reconquista vista de dois lados

[Na tomada de Lisboa em 1147] os Flamengos e os Alemães [cruzados] encheram de lenha o túnel [que haviam escavado] e lançaram-lhe fogo. Entretanto, a torre móvel foi concluída. [...]

- 5 Dela saía uma ponte que caía sobre as muralhas. [...] Os Mouros, ao verem a ponte lançada, depuseram as armas e pediram tréguas com súplicas.

RANDULFO (cruzado), *Carta a Osberto* (adaptado)

[Geraldo Geraldês, *o Sem Pavor*] avançava sem ser percebido, na noite chuvosa, escura, tenebrosa, e, insensível ao vento e à neve, ia contra as cidades inimigas. Para isso levava escadas de madeira de grande comprimento [...]. Subiam acima dos muros [...], penetravam na cidade, matavam quantos encontravam, despojavam-nos e levavam todos os cativos e presa que estavam nela.

Relato de um muçulmano do século XII

- 8.1 Identifica a que lado pertencia cada um dos autores no contexto das guerras da Reconquista.
- 8.2 Ambos os textos relatam acontecimentos semelhantes. De que acontecimentos se trata?
- 8.3 Compara as perspetivas dos dois autores sobre os acontecimentos. Regista as diferenças patentes na forma como descrevem a tomada das cidades.



PORTUGAL NO CONTEXTO EUROPEU DOS SÉCULOS XII A XIV

1125

1125

Primeira feira em Portugal (Ponte de Lima).



1150

1153

Fundação do Mosteiro de Alcobaça, sob proteção de D. Afonso Henriques.

1175

1200



1209

Fundação da Ordem dos Frades Menores (Franciscanos).

1225

1231

Morte de Santo António de Lisboa, em Pádua (Itália).

1215

Fundação da Ordem dos Pregadores (Dominicanos).

1250

1249

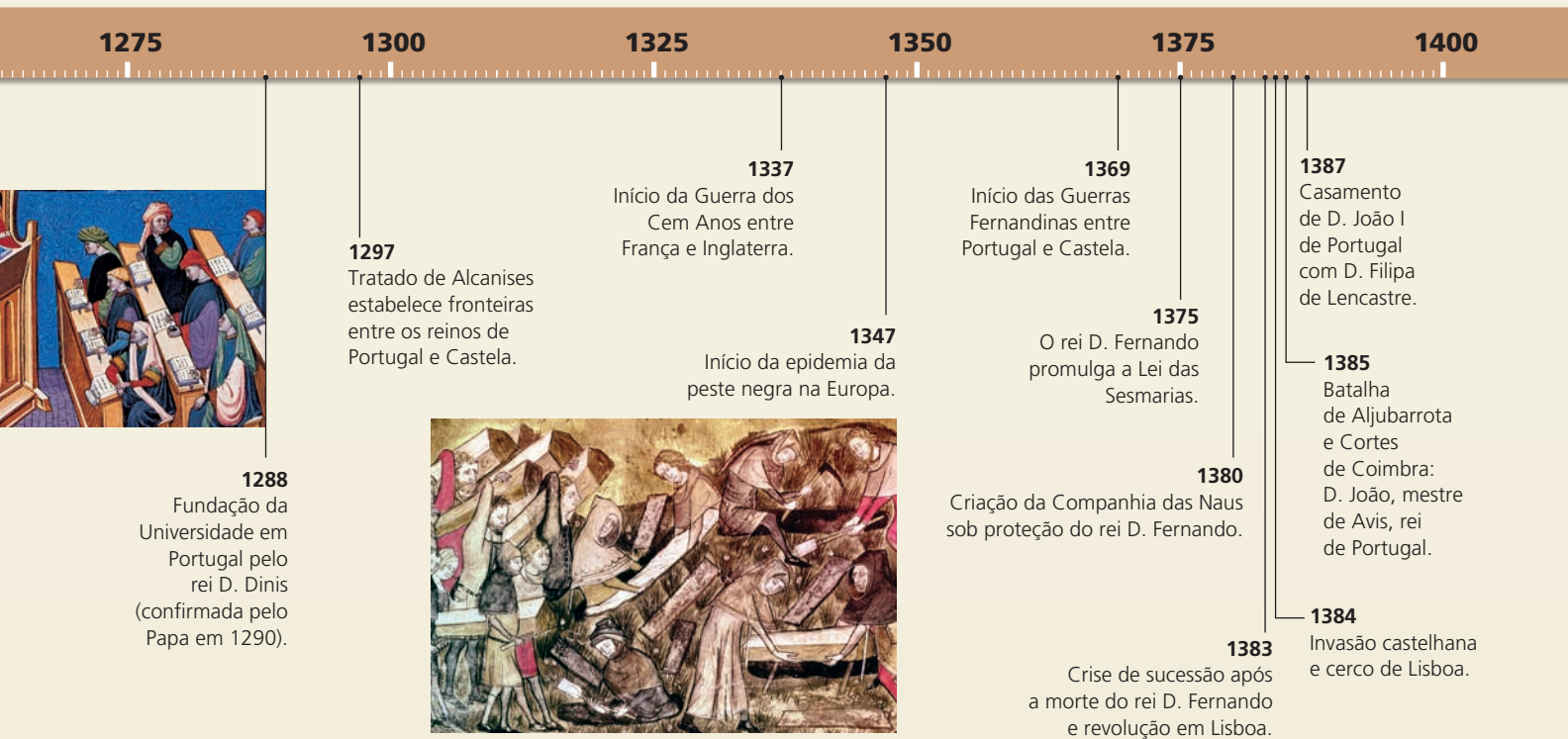
Conquista definitiva do Algarve por D. Afonso III (fim da Reconquista em Portugal).

1254

Cortes de Leiria, nas quais participam pela primeira vez os representantes dos concelhos.

TRANSFORMAÇÕES ECONÓMICAS E CULTURAIS





CRISES E REVOLUÇÃO



ECONOMIA, SOCIEDADE E PODER POLÍTICO NOS SÉCULOS XII A XIV

A partir do século XII, a Europa começou a sair do atraso em que parecera mergulhar desde o início da Idade Média. A produção cresceu, as trocas comerciais intensificaram-se e as cidades voltaram a ganhar importância.



Feira do Livro em Frankfurt (Alemanha), o maior evento mundial deste género, e rua comercial numa cidade medieval.



OBSERVA, INTERPRETA, REFLETE

- 1 Observa a imagem grande e responde às questões.
 - 1.1 De que evento se trata?
 - 1.2 O que te parece que levou as pessoas retratadas a irem a um evento deste género?
 - 1.3 Para acorrerem aqui pessoas de todo o Mundo, de que condições de transporte deverão usufruir?
- 2 Conheces eventos deste género, mesmo que de dimensão menor?
- 3 Que tipo de produtos poderia ser vendido num evento deste género durante a Idade Média?
 - 3.1 Que importância poderia este tipo de encontros ter numa sociedade até então marcada por uma economia de subsistência?

O dinamismo do mundo rural nos séculos XII e XIII

■ A expansão territorial da Europa cristã

A partir do século XI, os povos cristãos da Europa conseguiram fortalecer as suas fronteiras e a sua segurança. Exemplo desta situação foi a Reconquista cristã na Península Ibérica, que permitiu à Igreja Católica e à sociedade senhorial aumentarem a sua área de influência. O mesmo sucedeu no Norte e Leste da Europa, fazendo crescer o espaço da Europa cristã [2]. Nestas novas condições, a servidão tendeu a desaparecer na Europa Ocidental (relê a página 118).

■ Novos espaços e desenvolvimento da agricultura

Nos séculos XII e XIII, a Europa conheceu uma grande prosperidade económica, que melhorou as condições de vida da população.

A base dessa prosperidade foi o aumento da produção agrícola em quase todo o continente desde o século XII. Isso deveu-se ao crescimento da superfície cultivada com o abate de bosques e florestas ou ao desbravamento de matos para preparar as terras para o cultivo (**arroteias**) [1]. Também se drenaram pântanos em muitas regiões, secando terras que depois serviam para a agricultura ou o pastoreio. Em Portugal, apareceram assim novas povoações [Doc.].

A introdução de novas técnicas agrícolas permitiu uma exploração mais intensiva da terra:

- Substituição dos arados de madeira por **charruas** com peças metálicas, que permitiam lavar a terra mais profundamente [4].
- Difusão do **afolhamento trienal**, que deixava em pousio apenas um terço das terras (em vez de metade, como até então), o que permitia uma rotação de culturas mais produtiva [3].

Também se difundiram os **moinhos**, movidos pelo vento ou pela água dos rios, facilitando a moagem de grãos para fabricar farinha e pão [5]. Nas regiões mediterrânicas, a influência árabe contribuiu para melhorar as técnicas de **regadio** e introduzir **novas culturas** (relê a página 130).

■ O crescimento demográfico

Como consequência de todas estas mudanças, a **produção de alimentos aumentou**, o que permitiu diminuir a fome e a mortalidade e aumentar a natalidade. A população europeia cresceu muito entre os anos 1000 e 1300 [6]. Ocorreu desta forma na Europa um **crescimento demográfico** (isto é, populacional) pronunciado nos séculos XII e XIII. Por sua vez, este crescimento estimulou a ocupação de novas terras e a própria expansão territorial das sociedades europeias.



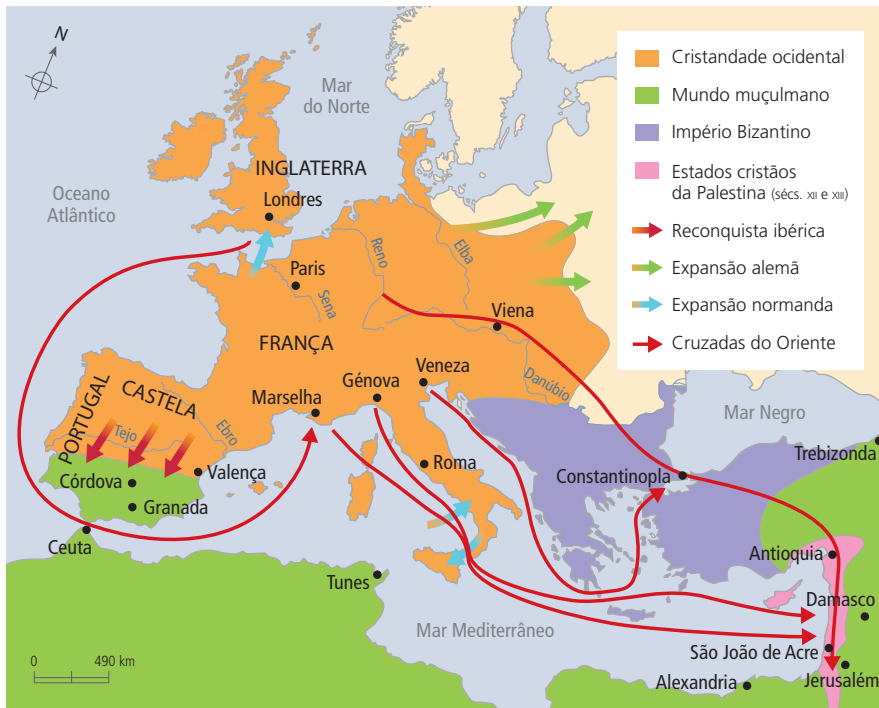
1 Abate de árvores (iluminura do fim da Idade Média).

Documento

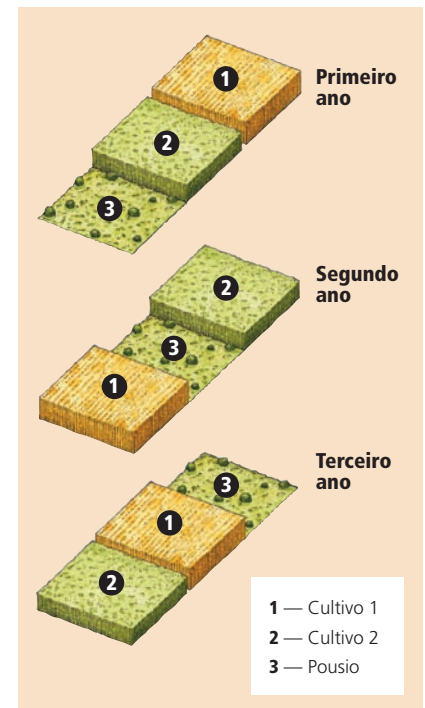
Novas povoações

D. Dinis, por graça de Deus rei de Portugal e do Algarve, [...] faço saber que dou e outorgo carta de foro a vós povoadores da
5 minha Póvoa do lugar de Ervedosa [...]. E deveis nomear os vossos juízes, que devem dar a cada um o seu direito. [...] Herdareis estas terras para sempre, vós e
10 todos os vossos sucessores [...]. E deveis vir em meu serviço sempre que me for necessário [...] e se eu por essa terra passar deveis fazer-me serviço [...].

Documento do rei D. Dinis (1288)



2 A expansão da Europa cristã no século XII.



3 Afolhamento trienal.

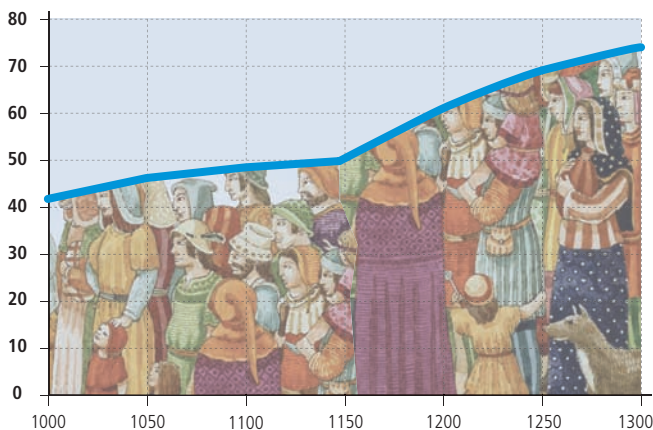


4 Trabalho da terra com charrua (iluminura).



5 Azenha ou moinho de água (iluminura).

EM MILHÕES DE HABITANTES



6 O crescimento da população europeia.

ATIVIDADES

- 1 Consulta as definições de **arroteias** e **afolhamento** na página 195 e redige um texto em que relaciones os dois conceitos.
- 2 Enumera três novas técnicas que conduziram aos progressos na agricultura.
- 3 Observa a figura 3 e explica por que razão, com o afolhamento trienal, a produção agrícola era maior ao fim de um ano.
- 4 Observa o gráfico da figura 6 e regista o número aproximado de habitantes da Europa no ano 1000 e em 1300.

■ As inovações nos transportes

Os **excedentes agrícolas**, tornados possíveis pelo aumento da produção, incentivaram as trocas dentro de cada região. Para isso, passou a ser necessário **transportar mais mercadorias**. Embora em alguns casos ainda se usassem estradas romanas, muitos caminhos eram difíceis e pouco seguros. A circulação também era dificultada pelas muitas portagens entre povoações e domínios senhoriais. Estas trocas eram feitas sobretudo pelos **almocreves**, homens que levavam mercadorias de terra em terra no dorso de animais de carga [7]. Apesar destas limitações, ocorreram inovações importantes no transporte de mercadorias:

- Onde os caminhos o permitiam, difundiu-se o uso de carroças atreladas a animais, por vezes em fila. O sistema de **atrelagem com coelheira**, que aumentava a capacidade de esforço dos animais, permitiu aumentar as cargas transportadas, tal como a **ferragem** dos cascos de muares e cavalos [8].
- Os rios e as ligações entre povoações costeiras também ganharam importância para o transporte de mercadorias. A difusão do **leme fixo à popa** nas embarcações tornou mais fáceis as manobras dos barcos e permitiu que estes pudessem transportar cargas maiores [9]. O uso de **instrumentos de orientação**, como a bússola, o astrolábio e os portulanos (mapas com indicações muito precisas sobre o recorte da costa e a localização dos portos), permitiu efetuar viagens em mar alto para destinos mais distantes.

■ As feiras e a animação das cidades

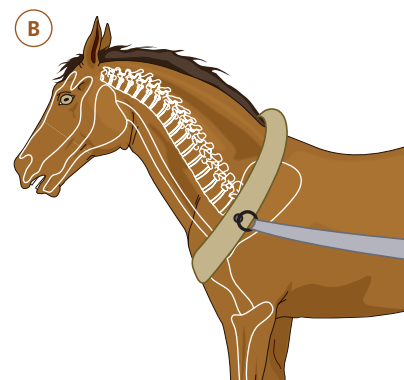
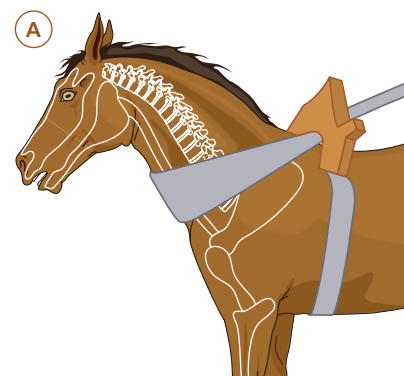
A maior facilidade de transportar as mercadorias e o aumento do volume de produtos disponíveis para a troca criaram condições para a concentração de vendedores e compradores num mesmo local. Nas várias **cidades e povoações** mais pequenas apareceram os **mercados**, nos quais os seus habitantes e os das imediações se encontravam em dias fixos e regulares para porem à venda o que lhes sobrava ou comprarem o que lhes faltava.

A venda de produtos agrícolas (alimentos) pelos camponeses permitia-lhes comprar bens produzidos pelos artesãos das cidades (roupas, instrumentos de trabalho ou utensílios domésticos). Isto levou ao **crescimento da indústria artesanal e dos ofícios** [Doc.]. Aquele crescimento **atraiu às cidades mais pessoas**, desejosas de abandonar a vida no campo e o trabalho duro na agricultura.

As cidades voltaram, assim, a crescer, constituindo-se um burgo novo fora das muralhas [10]. Um novo grupo social surgiu associado a esta expansão das cidades, a **burguesia**. Os burgueses eram sobretudo comerciantes e artesãos. Este crescimento das cidades tornava-as mais dependentes do comércio e da afluência de produtos. As **feiras** instituíram-se e multiplicaram-se para permitir **trocas a uma escala ainda maior**, com mercadores de diferentes cidades e produtos mais raros [11]. Em Portugal, a **primeira feira** foi instituída em Ponte de Lima, em 1125.



[7] Almocreve com a sua montada. Levava de uma povoação para outra bens de todo o género (alimentos, sal e produtos artesanais), mas também as «novas» (notícias) ocorridas nos grandes centros.



[8] Sistemas de atrelagem de cavalos. **A.** No sistema antigo, o peso poderia sufocar o animal. **B.** A coelheira, um «colar» rígido, distribui o peso pela estrutura óssea do cavalo.



9 Barco com leme fixo à popa.



10 Cidade europeia no fim da Idade Média. É visível a expansão da cidade para fora das muralhas.



Leitura

As ruas de artesãos nas cidades

Nas cidades e vilas importantes, os mesteres [ofícios] estavam arruados, ou seja, reunidos por profissões numa mesma rua. Ainda hoje nomes de ruas mostram bem esse princípio de arrumação: Rua dos Sapateiros, Rua dos ⁵ Correeiros, Rua [dos ourives] do Ouro, Rua da Prata, em Lisboa; Rua da Ferraria, Rua dos Sapateiros, Rua das Tendas, no Porto. A tenda, propriedade do mesteiral ou alugada, era simultaneamente oficina e loja.

A. H. OLIVEIRA MARQUES,
A Sociedade Medieval Portuguesa (adaptado)



11 Cena de feira (um bispo abençoa os participantes).

SABER MAIS

Os ofícios (ou mesteres)

Os ofícios estavam ligados às necessidades dos habitantes das cidades; os **sapateiros** fabricavam e reparavam calçado; os **carpinteiros**, móveis e objetos de madeira; os **alfaiates** faziam e vendiam roupas, tal como os **fanqueiros**, que negociavam peças de pior qualidade; os **correeiros** vendiam objetos de couro (arreios, cintos, etc.); os **oleiros**, peças de cerâmica (pratos, potes e jarras); os **pedreiros** faziam construções em pedra. Outros dedicavam-se ao fabrico ou venda de víveres, como os **padeiros** ou os **carniceiros** (que abatiam animais, cuja carne vendiam).

ATIVIDADES

- 1** Consulta as definições de **mercado**, **feira** e **burguesia** nas páginas 195 a 197 e reescreve-as com palavras tuas.
- 2** A partir das figuras 8 e 9, refere duas inovações ocorridas nos transportes.
- 3** Indica duas razões que conduziram ao crescimento das cidades.

Os senhores, os concelhos e o poder régio em Portugal

■ A permanência da sociedade senhorial

Apesar das mudanças verificadas na economia, nos transportes e na demografia, as relações de poder na Europa medieval, que já estudámos anteriormente, não se alteraram muito. As sociedades europeias continuaram dominadas pelos **reis**, pelo **alto clero** e pela **nobreza senhorial**. As mudanças económicas levaram a ordem social e política a adaptar-se aos novos tempos mais do que a sofrer grandes alterações, tanto no centro da Europa cristã (**crístandade**) como nas suas áreas geográficas mais afastadas. Era o caso de Portugal, que, nos seus primeiros séculos, foi exemplo da expansão e das **alterações económicas** por que passava a Europa, conservando embora uma **ordem social e política** de carácter senhorial.

■ Os senhorios laicos e os senhorios eclesiásticos

No esforço de expandir o território para sul à custa dos Muçulmanos, os primeiros reis portugueses valeram-se da ajuda dos **nobres** e do **clero**. Para assegurarem o povoamento das terras recém-conquistadas, concederam muitas delas a estes grupos sociais.

As terras mais férteis do **Noroeste** (área de influência atlântica) foram concedidas sobretudo à nobreza, que aí constituiu a maioria dos seus senhorios (**honras**) **14**. As honras eram, assim, o suporte da força e do prestígio do **estrato mais antigo da nobreza portuguesa**, que ganhara os seus privilégios como recompensa pela participação nas guerras da Reconquista.

As regiões mais inóspitas do território (o **Centro** e o **Sul**, de influência mediterrânica) foram povoadas em grande parte por meio de doações à Igreja, sobretudo às ordens religiosas, que aí constituíram os seus **coutos** **13**. De facto, as **ordens religiosas**, de regra beneditina (cistercienses e cluniacenses) foram protegidas pelos reis e formaram importantes coutos, como o de **Alcobaça**. Além dos outros privilégios, estas ordens gozavam do direito de asilo (de proteger foragidos da justiça). O mesmo sucedia com os coutos das **ordens religiosas militares**, que haviam auxiliado na conquista do território. Templários e Hospitalários, ordens de monges guerreiros nascidas nas cruzadas da Palestina, receberam desde o século XII grandes extensões de terra, que deveriam povoar e defender. Outras ordens militares, como a de Santiago, também constituíram **latifúndios** no Sul do País (revê a figura 20 da página 136).

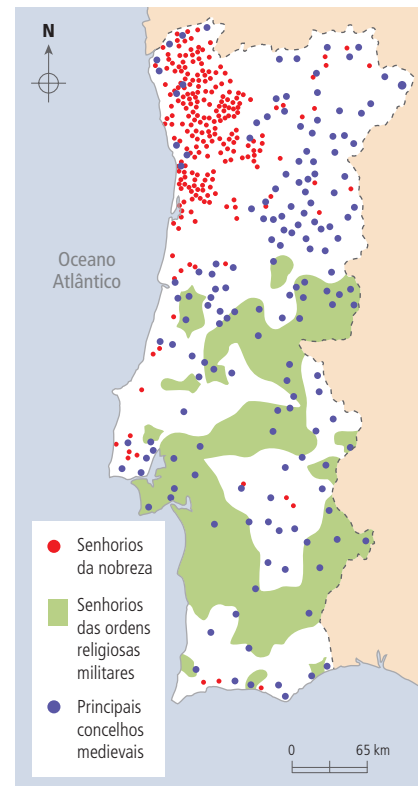
As honras (senhorios da nobreza) e os coutos (senhorios do clero) gozavam de **privilégios**: os seus detentores não pagavam impostos ao rei e aplicavam a justiça ao povo dentro dos seus domínios — embora só o rei pudesse aplicar as penas de morte ou de amputação de membros. Além dos senhorios laicos e eclesiásticos, existiam também os concelhos, governados pelo povo, como veremos de seguida **12**.

PATRIMÓNIO HISTÓRICO



Os castelos portugueses

A construção de castelos na Idade Média foi um sinal do fortalecimento da sociedade senhorial. Em Portugal, significou também a consolidação do poder real, pois muitos dos castelos pertenciam ao rei e tinham a função de defesa do território do reino face a Castela. **Pesquisa** os castelos portugueses existentes desde a Idade Média (até ao fim do século XIV) e cartografa a informação recolhida, elaborando um mapa de Portugal com a sua localização.



12 Senhorios e concelhos de Portugal medieval.



13

Ponte e torre do couro de Salzedas, em Ucanha (Tarouca). A torre servia tanto de alfândega para cobrança de impostos como para ostentar o poderio senhorial do mosteiro a que pertencia.



14 Castelo e paço de Ourém. As grandes famílias nobres, que viviam originalmente nas torres de menagem das suas fortificações, começaram, no século XIII, a construir paços (palácios) senhoriais mais grandiosos.

SABER MAIS

Alcobaça, um mosteiro dinâmico

Os monges cistercienses de Alcobaça criaram uma autêntica escola agrícola, ensinando várias técnicas de trabalho no campo aos colonos das suas terras: a escolha das culturas de acordo com a aptidão dos terrenos, a irrigação dos mesmos, a poda e a enxertia. Além disto, distribuíam ferramentas agrícolas fabricadas nas suas ferrarias, emprestavam sementes e disponibilizavam os moinhos e os lagares de azeite. Assim surgiram nos seus domínios cereais, legumes, linho, vinha, pomares e olivais.

ATIVIDADES

- 1** Consulta a definição de **nobreza** na página 198 e pesquisa no teu manual as ocasiões em que já se falou de nobres (ou aristocratas).
- 2** Explica a origem dos coutos e das honras.
2.1 Refere onde se localizava a maioria destes dois tipos de senhorios.
- 3** Enuncia dois privilégios de que gozavam os nobres nos seus territórios.
- 4** Identifica o privilégio específico que pertencia às ordens religiosas.
- 5** Observa o mapa da figura 12 e identifica o tipo de senhorio predominante na Idade Média na área geográfica em que habitas.

■ O povo e a autonomia concelhia

Desde a época de D. Afonso Henriques que tanto o rei como alguns senhores mais importantes estabeleciam contratos com os habitantes de **idades e vilas**. Nesses contratos, chamados cartas de **foral**, estavam escritos os direitos e os deveres dos habitantes. As terras que recebiam foral chamavam-se **concelhos** e muitos foram fundados como incentivo ao povoamento de territórios inóspitos (foi o caso de povoações do interior, mas também de póvoas marítimas).

Os habitantes dos concelhos (os vizinhos) governavam a vila ou cidade com grande autonomia, decidindo até quem podia entrar ou morar no concelho. Em geral, os vizinhos elegiam entre si os **homens-bons**, que formavam a **assembleia**, a qual, dentro do concelho, fazia as leis, julgava os criminosos, aplicava as penas e resolvia os problemas da vida em comunidade [17]. A autonomia do concelho era representada pelo **pelourinho** [18].

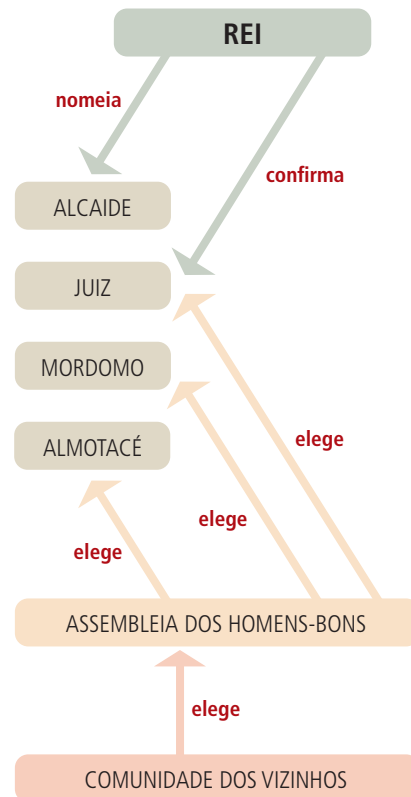
Em cada concelho, existiam magistrados escolhidos pela assembleia dos homens-bons, nomeadamente: o **almotacé** (fiscal de pesos, medidas e alimentos), o **mordomo** (oficial de justiça e cobrador de impostos), o **juiz** (que aplicava a justiça) e o **alcaide** (que mantinha o castelo e a defesa local e que era nomeado pelo rei) [15]. Estes cargos, assim como o estatuto de homem-bom, pertenciam aos vizinhos mais ricos, os **cavaleiros-vilãos** (assim chamados por fazerem a guerra a cavalo). Os vizinhos mais modestos eram chamados **peões**, pois faziam a guerra a pé.

■ O fortalecimento do poder real

O rei era o **maior proprietário** de terras, aquele que recebia **mais impostos** e que tinha maior número de pessoas nos seus senhorios (os **reguengos**). Mas o rei tinha também competências únicas, que engrandeciam o seu poder e decorreram do papel central que a **monarquia** desempenhou na guerra de Reconquista até 1249. Assim, o rei:

- **legislava** para todo o reino, detinha a «**justiça maior**» e geria o direito de apelação de todos os súbditos [Doc.];
- era a única autoridade com o privilégio de **cunhar moeda** (*regalia*);
- impunha **leis de desamortização**, que dificultavam a aquisição de mais terras pelo clero, impedindo-as de ficar isentas de impostos;
- ordenava **inquirições**, fiscalizando os abusos e as apropriações indevidas de propriedades reais pelos nobres e pelo clero.

No desempenho destas funções, o rei era ajudado por três oficiais: o **chanceler** (que redigia e selava os documentos [16]), o **mordomo-mor** (que administrava as finanças e a casa real) e o **alferes-mor** (que ajudava o rei nos assuntos da guerra). O rei tinha ainda um **conselho (ou cúria)** que o auxiliava, constituído por nobres e clérigos importantes, mas também por legistas (formados em direito). Esta cúria podia ser mais alargada, denominando-se **Cortes**, passando desde 1254 a incluir representantes dos concelhos [19].



[15] O poder régio e o poder concelhio na vida local.



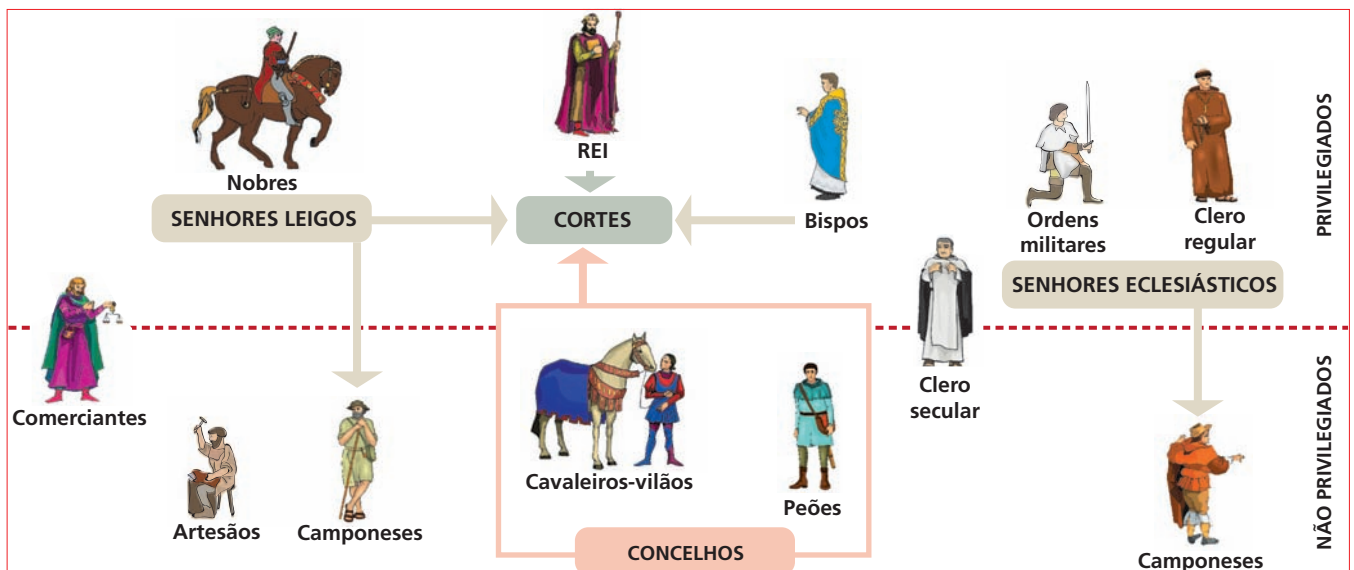
[16] Documento da chancelaria de D. Dinis com selo real pendente (reconstituição).



17 *Domus municipalis* de Bragança, onde se reunia a assembleia dos homens-bons.



18 Tribunal e pelourinho de Linhares da Beira. No pelourinho, eram castigados os condenados pela justiça municipal. **A.** Tribunal. **B.** Pelourinho.



19 Representação esquemática da sociedade portuguesa na segunda metade do século XIII.

Documento

A «justiça maior» e as apelações

Deveis saber que é direito e uso e costume geral dos meus reinos [Portugal e Algarve] que, em todas as doações que os reis fazem, ficam sempre guardadas para os reis as apelações⁽¹⁾ e a justiça maior⁽²⁾. Essas e outras coisas ficam para os reis em sinal do seu maior poder. E sempre se fizeram assim no tempo dos reis que foram antes de mim e no meu [tempo].

Carta régia de D. Dinis, 1317 (adaptado)

⁽¹⁾ Capacidade de confirmar ou atenuar a pena atribuída a um súbdito.
⁽²⁾ Reserva de aplicação das penas de morte ou de amputação de membros.

ATIVIDADES

- 1 Consulta as definições de **foral**, **concelhos**, **homens-bons**, **cavaleiros-vilãos**, **peões**, **monarquia**, **inquirições** e **Cortes** nas páginas 195, 197 e 198 e, baseando-te na figura 19, constrói um esquema em que os relaciones.
- 2 Refere os aspetos mais importantes da autonomia dos concelhos.
- 3 Selecciona as competências do rei que demonstram o fortalecimento do seu poder nos séculos XII e XIII.

Lisboa nos circuitos do comércio europeu

■ As feiras, as cidades e as rotas comerciais

Como te recordas, a Europa conheceu, a partir do século XII, uma reanimação do comércio. Neste contexto, a **economia monetária** resurgiu, associada a novos meios de pagamento, como as **letras de câmbio** — estas evitavam os perigos de transportar dinheiro em longas viagens, depositando-se uma quantia numa cidade em troca de uma letra que permitia levantá-la noutra cidade. Alguns **cambistas** passaram também a emprestar dinheiro a juros, tornando-se **banqueiros** [20].

A **atividade portuária**, também em expansão, integrava estas atividades numa verdadeira rede internacional de trocas através de **rotas e grandes feiras**, como as de Champagne (atual França), que puseram em contacto comerciantes de toda a Europa.

As **cidades** foram os centros a partir dos quais se organizou este comércio. Muitas das maiores cidades europeias eram **autónomas** ou mesmo **independentes** do poder real e senhorial, gozando os seus habitantes de uma liberdade nova. Eram os casos das cidades da **Liga Hanseática** (Norte da Alemanha, Flandres e costa do mar Báltico) e das **cidades italianas**, sobretudo Veneza, que dominavam o mar Mediterrâneo.

■ Lisboa como ponto de passagem

Ao longo das **rotas marítimas** estavam situadas outras cidades, onde os comerciantes europeus faziam **escala** e também vendiam e compravam. Uma dessas cidades era **Lisboa**, dada a sua posição geográfica (a meio caminho entre o mar do Norte e o mar Mediterrâneo) e o seu porto natural, favorável à aportagem de navios [21]. A cidade do **Porto** também beneficiou desta passagem de comerciantes europeus. Outras cidades, como Setúbal, Aveiro e Viana, desenvolveram-se graças à procura de sal por mercadores estrangeiros.

Na transição do século XIII para o século XIV, a afluência de mercadores estrangeiros a **portos portugueses** e a comunicação regular de mercadores portugueses com portos estrangeiros levaram o rei D. Dinis a organizar a marinha de guerra e comercial. Mais tarde, já no reinado de D. Fernando, foi incrementado o **comércio marítimo** por meio da lei de 1377, dirigida aos mercadores e comerciantes, e da fundação, em 1380, de uma **Companhia das Naus** que criou um seguro de viagem por ajuda mútua [Doc.].

De Portugal exportava-se **sal, vinho, azeite, cortiça e mel** e importava-se **trigo, armas, tecidos, açúcar e tintas**. Este comércio estimulou as atividades económicas no reino e, tal como acontecia na Europa, levou ao **crescimento das cidades** [22]. Nestas, ganhou peso económico a **burguesia**.



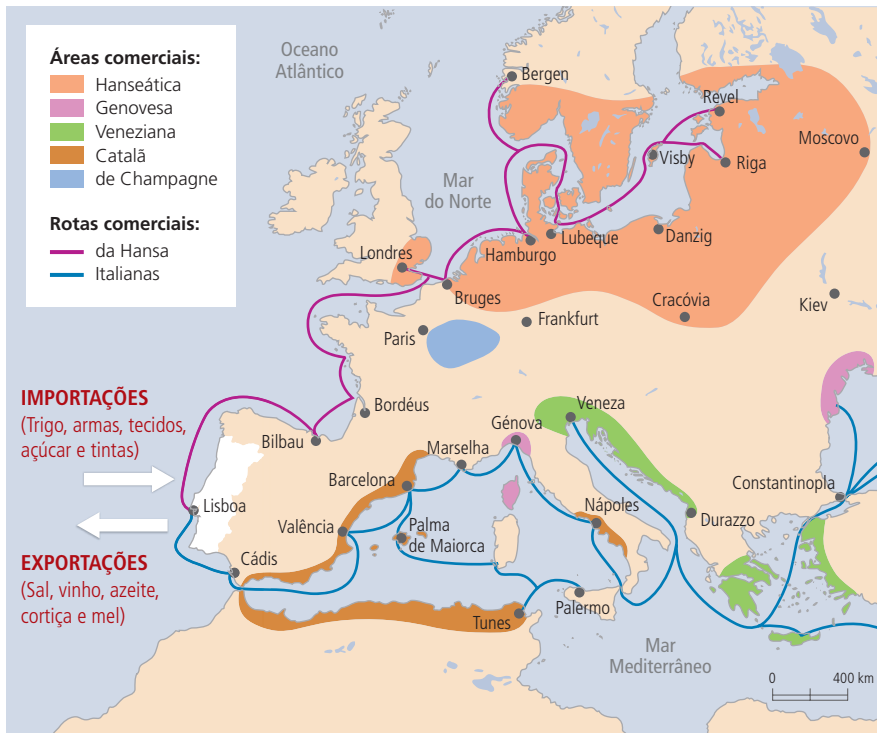
[20] Cambistas (quadro de Quentin Matsys, século XV).

Documento

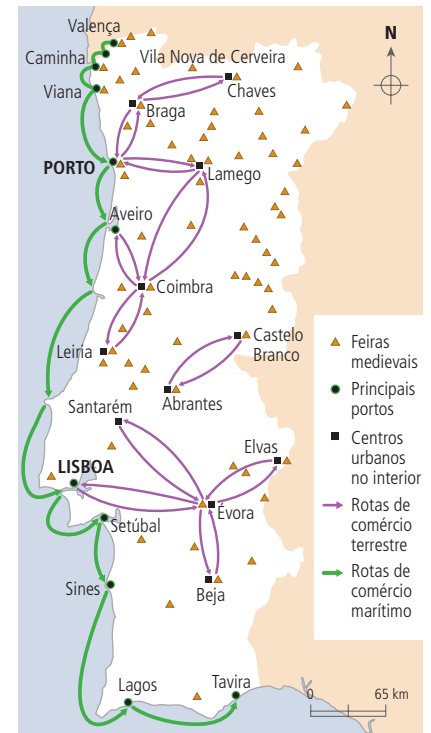
A proteção do rei à marinha mercante

O rei [...], querendo tomar alguma providência para ser cada vez maior o número de navios, e para que os diversos perigos do
 5 mar não pusessem em risco esses navios, determinou fazer uma associação de todos os donos de navios. [...] Mandou que fossem registados [...] todos os navios
 10 de cinquenta tonéis para cima. [...] E que houvesse duas bolsas, uma em Lisboa e outra no Porto [...]. Com o dinheiro delas comprar-se-iam outros navios para
 15 substituir aqueles que se perdessem e pagar-se-iam quaisquer outros encargos [...]. E quando em viagem de mercadorias acontecesse que algum ou alguns
 20 navios desaparecessem em tempestades, nos portos ou em viagem, ou tomados por corsários, esta perda se repartisse por todos os donos dos outros navios.
 25 E mais mandou o rei que os seus navios, que eram dezassete, entrassem nesta Companhia.

FERNÃO LOPES, *Crónica de D. Fernando* (adaptado)



21 Ligação de Portugal ao espaço de trocas europeu (século XIII).



22 Feiras e comércio interno em Portugal no século XII.

PARTICIPAÇÃO POLÍTICA

As minorias na Idade Média



Sinagoga de Tomar (século XV).

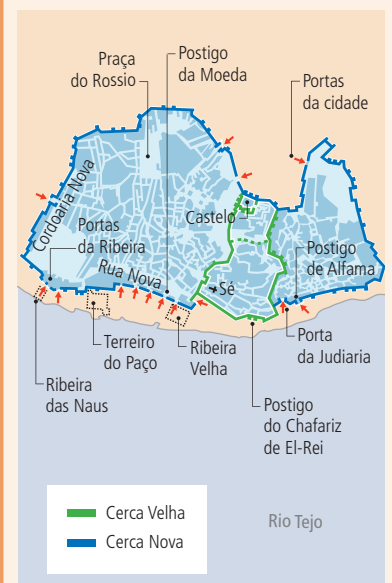


Lápide árabe de Lisboa.

Após a Reconquista, continuaram a viver em Portugal judeus e muçulmanos, sendo-lhes permitido manter em várias cidades as suas sinagogas e mesquitas (templos), bem como leis próprias, de acordo com as suas tradições religiosas. As duas minorias estavam isentas de interferências da Igreja e de outros poderes, estando apenas sujeitas à autoridade do rei. Os Judeus e Muçulmanos tinham profissões conceituadas (no comércio e nos ofícios, mas também havia médicos ou astrónomos); alguns comerciantes, sobretudo judeus, prosperaram no comércio externo e chegaram a emprestar dinheiro ao rei. Os bairros de Judeus chamavam-se «judiarias», e os dos Muçulmanos «mourarias». **Pesquisa** em Histórias de Portugal como viviam e que direitos tinham Judeus e Muçulmanos na época medieval.

ATIVIDADES

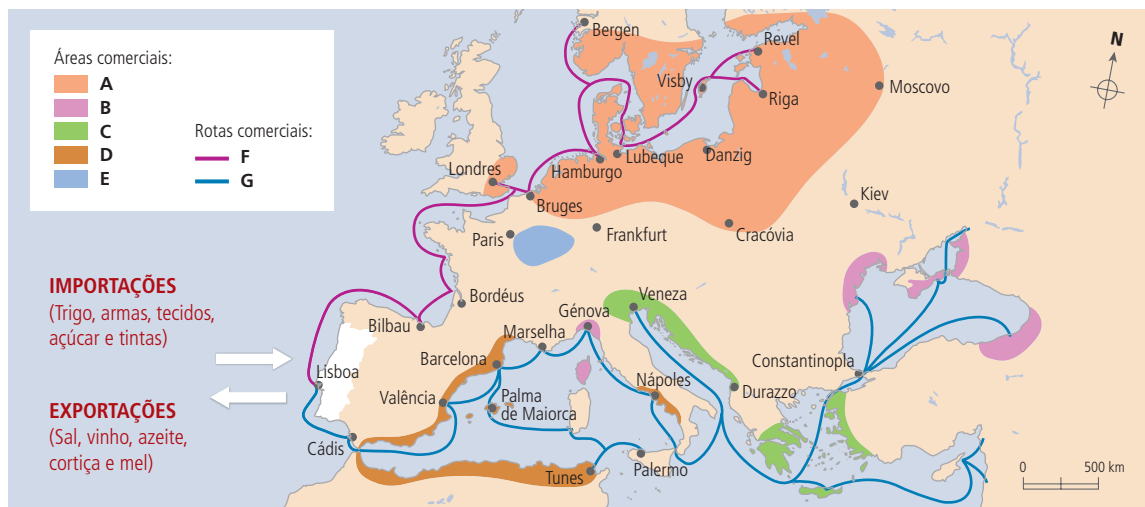
- 1 Observa o mapa da figura 21 e enumera as exportações e importações portuguesas.
- 2 Observa a planta de Lisboa e explica como é visível o crescimento da cidade.



VERIFICA O QUE APRENDESTE

SITUA NO ESPAÇO

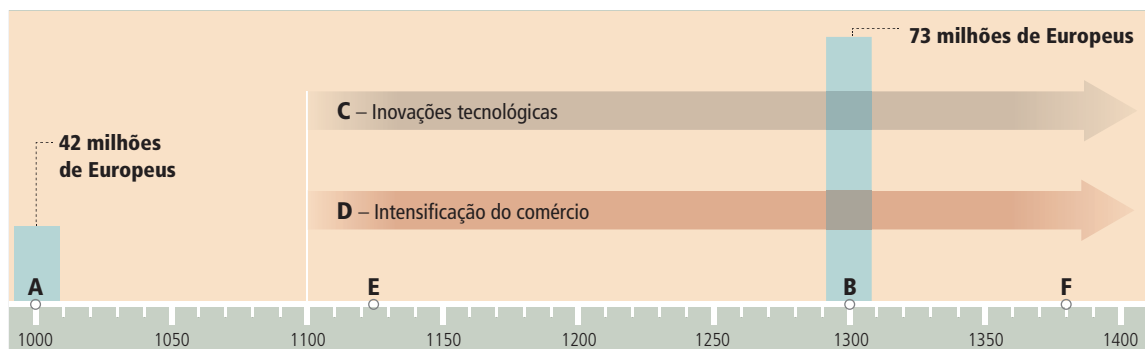
- 1 Observa o mapa e responde às questões.



- 1.1 Atribui a cada letra (A a E) a área comercial correta a que corresponde.
- 1.2 Substitui as letras F e G pelas áreas geográficas das cidades que as controlavam.
- 1.3 Refere três cidades italianas e três cidades hanseáticas.

SITUA NO TEMPO

- 2 Observa a linha do tempo e responde às questões.

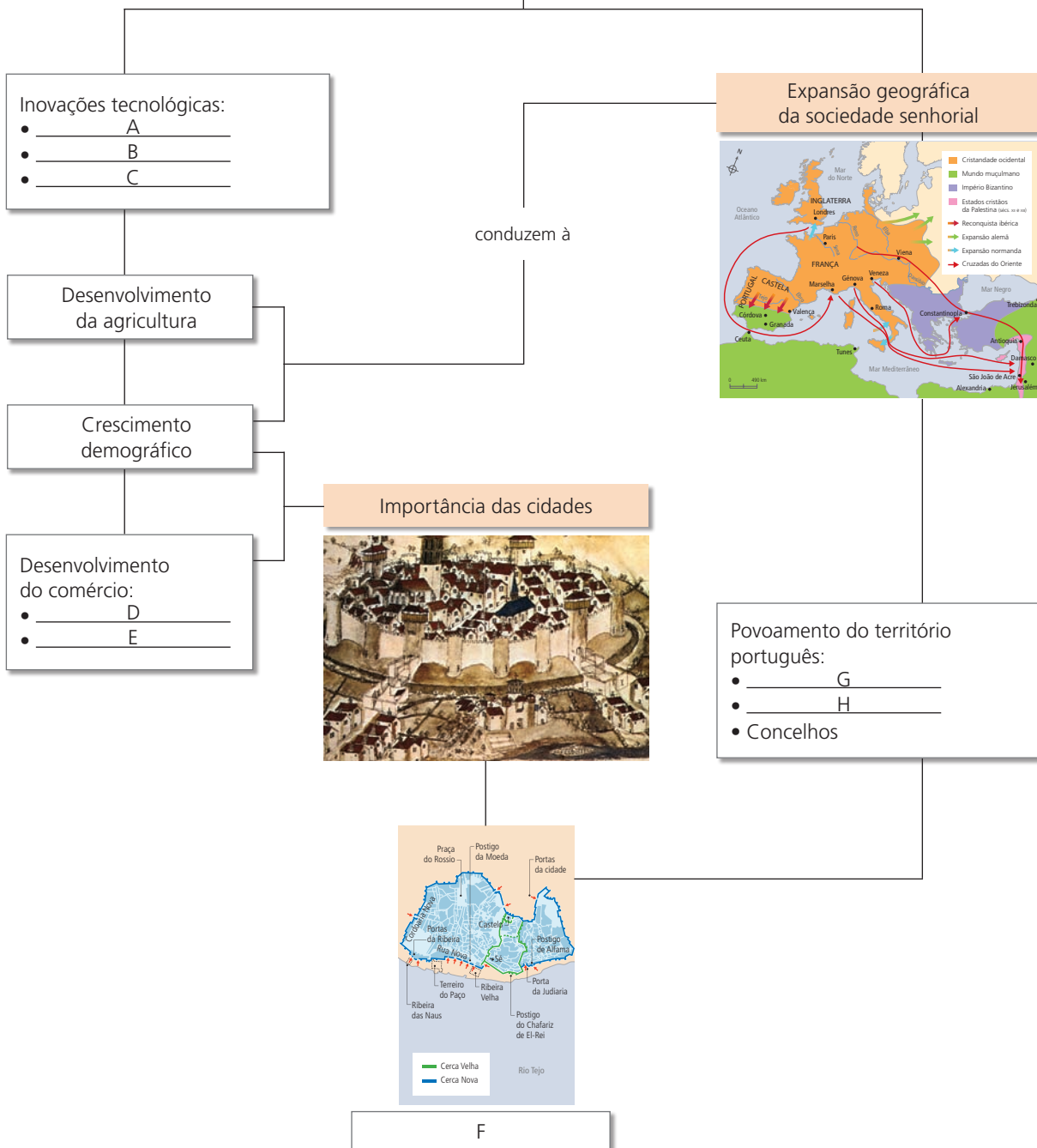


- 2.1 Selecciona as letras que assinalam na barra cronológica:
- a) o número de Europeus antes do progresso agrícola e comercial iniciado no século XII;
 - b) o número de Europeus depois desse progresso iniciado no século XII.
- 2.2 Observa as setas C e D e:
- a) enumera quatro inovações tecnológicas deste período na agricultura e nos transportes;
 - b) regista as duas principais áreas de comércio na Europa dos séculos XII e XIII.
- 2.3 Identifica as letras que representam:
- a) a instituição da primeira feira em Portugal;
 - b) a fundação da Companhia das Naus em Portugal.

ESTABELECE RELAÇÕES

- 3 Selecciona na chave o elemento correto para cada uma das letras dos espaços em branco.

Economia, sociedade e poder político nos séculos XII a XIV



CHAVE:

Afolhamento trienal

Atrélagem com coelheira

Crescimento de Lisboa

Coutos

Feiras

Honras

Leme fixo à popa

Mercados

4 Para cada questão, seleciona a única opção totalmente correta.

- 4.1** O dinamismo do mundo rural europeu nos séculos XII e XIII:
- a)** deveu-se ao aumento da produção agrícola permitido pela expansão da área cultivada e por inovações técnicas.
 - b)** deveu-se apenas ao afolhamento trienal.
 - c)** foi débil e não teve consequências.
- 4.2** O incremento do comércio europeu:
- a)** ocorreu por decisão dos reis.
 - b)** deveu-se a um crescimento súbito e inexplicável das cidades.
 - c)** foi favorecido por melhorias nos transportes terrestres e novos instrumentos de orientação para viagens marítimas.
- 4.3** Os concelhos medievais eram:
- a)** domínios da nobreza e do clero.
 - b)** comunidades populares autogovernadas mediante a concessão de um foral pelo rei ou um grande senhor.
 - c)** cidades independentes do poder do rei.
- 4.4** O fortalecimento do poder real em Portugal:
- a)** era visível na imposição das apelações, da «justiça maior», das inquirições e leis de desamortização e da regalia.
 - b)** não ocorreu durante a Idade Média.
 - c)** tinha como única expressão a reunião de Cortes com representantes dos concelhos.
- 4.5** Nos séculos XII e XIII, a cidade de Lisboa:
- a)** era uma cidade isolada da Europa.
 - b)** cresceu muito em dimensão e número de habitantes, mas apenas por causa da agricultura.

- c)** estava integrada nas rotas marítimas europeias como porto de escala entre a Europa do Norte e a Europa do Sul.

5 Seleciona na chave as frases corretas para substituírem as letras da tabela.

Chave

1. Dominado por Liga Hanseática e Italianos
2. Mais importância e uso da letra de câmbio
3. Aumento da produção de alimentos
4. Mais habitantes, feiras e mercados
5. Desenvolvem-se por terra e por mar

Transformações económicas nos séculos XII e XIII

Agricultura	A
Cidades	B
Comércio	C
Transportes	D
Moeda	E

6 Seleciona na chave os elementos (um ou mais) que dizem respeito a cada uma das letras da tabela.

Chave

- | | |
|---------------------|---------------------------|
| 1. Coutos | 6. Enriquece com comércio |
| 2. Fortalece poder | 7. Trabalha nos senhorios |
| 3. Ordens militares | 8. Concelhos |
| 4. Reguengos | 9. Privilégios |
| 5. Faz inquirições | 10. Honras |

A sociedade portuguesa no século XII

Rei	A
Nobreza	B
Clero	C
Povo	D
Burguesia	E

TRABALHA DOCUMENTOS

- 7 Lê o texto, observa a figura e responde.

Leitura



A indústria artesanal nos séculos XII e XIII

Os artesãos que fabricavam produtos de luxo existiam nas grandes cidades. No entanto, os artesãos que fabricavam bens indispensáveis à vida de todos os dias encontravam-se em todas as cidades: padeiros, carniceros, alfaiates, ferreiros, carpinteiros, oleiros.

Os habitantes dos arredores, que abasteciam a cidade de produtos agrícolas, compravam depois os produtos que todos esses artesãos fabricavam. A clientela das pequenas oficinas artesanais era assim formada pela burguesia local e pela população local dos arredores.

HENRI PIRENNE, *História Económica e Social da Idade Média* (adaptado)



Uma rua comercial numa cidade medieval.

- 7.1 A partir do que leste no texto, consulta o teu manual ou um dicionário de língua portuguesa e esclarece o que fazia cada um dos artesãos de que fala o texto. Com esses dados, constrói uma tabela como esta.

Artesão	Função
Padeiro	A
Carniceiro	B
Alfaiate	C
Ferreiro	D
Carpinteiro	E
Oleiro	F

- 7.1.1 Identifica:

- quem consumia os bens de luxo;
- quem consumia os bens «indispensáveis à vida de todos os dias».

- 7.1.2 Copia do texto a frase que demonstra as relações comerciais entre a cidade e o campo.

- 7.2 A partir do que observas na figura, responde às questões.

- 7.2.1 Transcreve do texto a frase que revela quem acorria às cidades para comprar os produtos da indústria artesanal.

- 7.2.2 Descreve a figura, tendo em consideração os seguintes aspetos:

- concentração de vendedores;
- diversidade de produtos e lojas;
- forma como são exibidos os produtos.

- 7.2.3 Regista os meios de pagamento que poderiam ser usados pelas pessoas representadas na figura.

CULTURA, ARTE E RELIGIÃO NA EUROPA E EM PORTUGAL

A partir do século XII, a cultura, a arte e a religião conheceram mudanças em Portugal e na Europa, relacionadas com a importância crescente das cidades. Quais foram as principais manifestações dessas mudanças?



Espectáculo em Chicago (Estados Unidos) na atualidade e reconstituição de atuação de um jogral na rua de uma cidade medieval.



OBSERVA, INTERPRETA, REFLETE

- 1 Observa as imagens e identifica o tipo de evento que reúne as pessoas retratadas.
- 2 Os espaços retratados são urbanos ou rurais? Justifica a tua resposta.
- 3 Compara as duas imagens e estabelece entre elas semelhanças e diferenças quanto:
 - a) ao tipo de espetáculo a que assistem as pessoas;
 - b) à preparação do espaço para a realização de espetáculos;
 - c) aos gostos das pessoas nas duas épocas representadas.
- 4 A importância das cidades ter-se-á acentuado desde o século XII até aos nossos dias? O que te leva a pensar que sim (ou não)?

8.1

A cultura na sociedade medieval dos séculos XII a XIV

■ A cultura popular

A vida do povo era marcada pelo **ritmo anual** dos trabalhos agrícolas e pelas **festas celebradas coletivamente** e ligadas ao calendário cristão: Páscoa, São João, Assunção, mas também o Natal e o Carnaval (antes do início da Quaresma, que antecede a Páscoa). Nestes dias organizavam-se **bailes, procissões e romarias**, nas quais os aspetos religioso e festivo se misturavam [3]. Esta **cultura popular** era baseada em **provérbios, lendas e cantigas tradicionais**, transmitidos oralmente e de geração em geração nos serões passados em família ou durante as longas horas de trabalho no campo, pois quase toda a gente era analfabeta [Doc.]. Nas cidades, as diversões eram, além de festas religiosas, os espetáculos de rua, que atraíam muita gente: saltimbancos, malabaristas, contadores de histórias e jograis (que também frequentavam as festas da nobreza) [4].

■ A cultura monástica

Só nos mosteiros existia uma cultura mais **erudita** (própria das pessoas cultas). Os monges eram o grupo social em que a leitura e a escrita estavam mais difundidas, pelo que copiavam e estudavam livros na biblioteca e no *scriptorium* do mosteiro, sobretudo a Bíblia e os livros dos autores gregos e romanos da Antiguidade. Estes livros eram feitos manualmente e decorados com iluminuras, o que os tornava muito caros e raros [1]. Dado o contacto com os livros, os monges eram o único grupo social que se **dedicava ao saber**. Passaram, por isso, a ensinar os filhos dos nobres e, mais tarde, de alguns burgueses. Nos **mosteiros**, tal como nas sés ou **catedrais** das principais cidades (igrejas onde estavam os bispos), surgiram, assim, **escolas** abertas a outros estudantes.

■ A cultura cortesã

Nos palácios em que viviam **os nobres e os reis** (as suas **cortes**), começaram a ser cultivadas a leitura e audição de histórias e poemas em **saraus** também abrilhantados com música e canções [2]. Era o início de uma **cultura cortesã**. Muitos poemas eram compostos para serem cantados por **jograis** (cantores de origem humilde) ou **trovadores** (de origem nobre). Os jograis preferiam poemas de gosto popular, que caricaturavam pessoas e situações e que, na Península Ibérica, se chamaram **cantigas de escárnio e maldizer**; os trovadores optavam por **cantigas de amor** (dedicadas a uma dama) [5] ou **de amigo** (como se fosse a dama a falar do seu amado). Entre os nobres alfabetizados cresceu também o interesse pelas histórias relatadas nos **romances de cavalaria** (histórias dos feitos de cavaleiros ilustres e suas damas), pelas **crónicas** (relatos históricos escritos por ordem cronológica) e pelos **livros de linhagens** (genealogias e feitos de famílias nobres).

Relembra

Sobre a vida nos mosteiros, consulta as páginas 114-115.



[1] Monge copista fazendo iluminura num livro (reconstituição).



[2] O rei diverte-se num serão da corte animado por jograis.



3 Camponeses cantando e bailando a caminho de uma romaria.



4 Jogral animando espetáculo de rua numa cidade (reconstituição).

Documento

Provérbios medievais

Grão a grão enche a galinha o papo.

O néscio calado por sábio é contado.

Antes com os bons a faltar que com os maus a orar.

Nem sábado sem sol nem moça sem amor.

SABER MAIS

Latim e «língua vulgar»

A cultura cortesã não utilizava o latim, mas sim a língua falada e compreendida por todos, ou «língua vulgar», como então se dizia. Foi assim que o português passou a ser escrito e se enriqueceu.

ATIVIDADES

- 1 Consulta as definições de **cultura popular** e **cultura cortesã** na página 196 e distingue os dois conceitos.
- 2 Caracteriza a cultura popular, partilhada pela maioria da população.
- 3 Lê o documento e identifica o tipo de canção de que se trata.

Documento

Quero eu à maneira provençal
Fazer agora um cantar de amor;
E muito hei de louvar minha senhora
Em graça e formosura sem igual
Nem em bondade! E mais direi também
Que tanto Deus a fez cheia de bem
Que mais que todas as do mundo vale!

Cantiga composta pelo rei D. Dinis (adaptado)



5 Cena de amor cortês. O jovem cavaleiro nobre compromete-se a servir a sua dama e a ser-lhe leal (vassalagem amorosa).

- 4 Explica por que razão a cultura monástica era considerada uma cultura erudita.

8.2 As ordens mendicantes e a universidade

Os Franciscanos e os Dominicanos

No século XIII, manifestava-se um grande descontentamento com a riqueza e o poder do alto clero e das ordens religiosas, que levou, em várias regiões da Europa, ao aparecimento de movimentos heréticos (que contestavam as verdades defendidas pela Igreja). Para contrariar esta situação, apareceram novas ordens religiosas dentro da Igreja Católica: os **Franciscanos**, fundados por São Francisco de Assis em 1209 ⁷, e os **Dominicanos**, por São Domingos de Gusmão em 1215. Os religiosos franciscanos e dominicanos viviam das esmolas que mendigavam (daí o nome de **ordens mendicantes**) e instalaram-se em cidades por toda a Europa, pregando junto do povo a sua mensagem. Apesar de menos isolados, também viviam em comunidade, em **conventos**. Os membros destas ordens eram chamados **frades e freiras** (o que significa «irmão» e «irmã»), conforme pertencessem a ordens masculinas ou femininas.

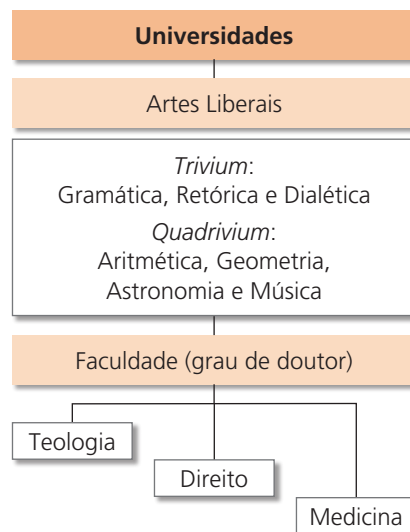
Os **Dominicanos** chegaram a **Portugal** em 1217, desenvolvendo a sua obra a partir de Santarém. Os **Franciscanos** chegaram por volta de 1219, instalando-se primeiro em Guimarães, Coimbra, Alenquer e Lisboa e, graças à proteção régia, ganharam grande importância no ensino da Teologia. **Santo António** (de seu nome Fernando de Bulhões) saiu então do velho Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra e juntou-se à nova ordem, vindo a ser um grande pregador franciscano em Itália.

As novas instituições de ensino

Na época de implantação das ordens mendicantes na Europa consolidavam-se em determinadas cidades grandes escolas de ensino superior — as **universidades**. Estas instituições, também chamadas **Estudos Gerais**, estavam abertas a estudantes não pertencentes ao clero, sobretudo **jovens burgueses** que, tendo já passado por escolas monásticas ou catedrais, pretendiam aprofundar os seus estudos. As primeiras universidades foram as de **Bolonha** (século XII), **Oxford** (1214) e **Paris** (cerca de 1215). No século XIII muitas outras foram fundadas por toda a Europa. Eram **associações de professores e alunos** com direitos reconhecidos e protegidos por reis ou bispos por meio de estatutos que regulavam a sua organização interna.

Nas universidades, além das **artes liberais** (constituídas pelo *trivium* e o *quadrivium*), estudava-se **Teologia, Medicina ou Direito** (⁶ e ⁸). Os reis passaram a colocar ao seu serviço os formados em Direito (**legistas**), pois o Direito romano estudado nas universidades favorecia o seu poder, assim inspirado no dos antigos imperadores romanos.

Em **Portugal**, a universidade constituiu-se por iniciativa e proteção do rei **D. Dinis**, em 1290 ^{Doc.}. Funcionou ora em Lisboa ora em Coimbra, onde se estabeleceu definitivamente no século XVI.



⁶ Currículo de estudos universitários.

Documento

A fundação da universidade em Portugal

Desejando nós [o rei] enriquecer estes reinos [Portugal e Algarve], [...] houvermos por bem ordenar, na real cidade de ⁵ Lisboa [...] um Estudo Geral [universidade], que não só munimos com cópia de doutores em todas as artes, mas também [...] com privilégios [...]. Prometemos com a presente carta plena ¹⁰ segurança a todos os que nela estudam ou queiram estudar e não permitiremos que lhes seja cometida ofensa. [...] Além ¹⁵ disso, quantos a ele vierem nos acharão em suas necessidades de tal modo generosos que podem e devem [...] confiar nos múltiplos favores da alteza real [do rei].

Carta de 1 de março de 1290
(adaptado)



- 7** São Francisco de Assis pregando aos pássaros. Repara no hábito de frade e nos seus pés descalços. A simplicidade, o amor pela Natureza e o desprendimento dos bens materiais eram características da sua pregação.



- 8** Aula numa universidade medieval.

ATIVIDADES

- 1** Consulta as definições de **ordens mendicantes** e **universidade** na página 198 e elabora um texto em que expliques os objetivos e funções dessas instituições.
- 2** Explica a razão do aparecimento das ordens mendicantes.
- 3** Enumera os cursos que podiam ser frequentados depois da faculdade das artes.
- 4** Lê o documento e responde às questões.
 - 4.1** Explica o objetivo do rei quando refere que quer enriquecer o reino.
 - 4.2** Identifica dois privilégios concedidos a esta universidade.

COMUNICA CONHECIMENTOS

Interpretar e redigir uma biografia

Saber

Uma biografia é um texto sobre a vida e a obra de determinada personalidade. Qualquer biografia deve ter estes elementos: onde e quando o biografado nasceu, que educação teve, que feitos mais importantes realizou durante a sua vida e onde e quando faleceu.

Fazer

Para interpretar uma biografia, deves registar estes dados essenciais relativos à pessoa biografada ou, se fores tu a redigi-la, deverás pesquisar esses dados para os incluíres. Neste caso, deves utilizar palavras tuas, adaptando o que leste. Lê esta biografia de Santo António.

Santo António de Lisboa (c. 1190-1231)



Nascido em Lisboa, iniciou a sua vida religiosa entre os Cónegos Regrantes de São Vicente de Fora (Lisboa), passando depois para o Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, onde foi ordenado presbítero. O contacto com pregadores franciscanos aproximou-o dos mendicantes, aos quais se juntou, embarcando para Marrocos, para converter muçulmanos, e depois para Itália.

A sua eloquência levou

São Francisco de Assis a convidá-lo a ensinar Teologia, ao que se dedicou nos anos seguintes. Faleceu em Pádua, já com fama de santo, sendo canonizado, em 1232, pelo papa Gregório IX.

Saber fazer

- 1.** Calcula quantos anos viveu Santo António.
- 2.** Identifica os locais por onde Santo António passou ao longo da sua vida.
- 3.** Refere as informações do texto que permitem concluir que Santo António era muito conceituado quando morreu.
- 4.** Escolhe outra personalidade e redige uma biografia com os elementos adequados.

8.3 Do Românico ao Gótico

■ A arquitetura românica

Na época de consolidação da cristandade, depois do ano 1000, desenvolveu-se na Europa Ocidental um estilo artístico e arquitetônico que se denomina **Românico**. Esse estilo tomou forma sobretudo em **mosteiros e igrejas de peregrinação** (10 e 12). Os principais elementos que identificam a estrutura dos edifícios românicos são:

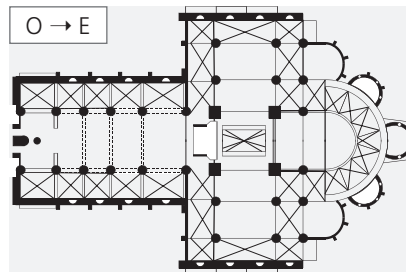
- **Planta** em forma de **cruz latina**, com uma ou três naves (9).
- Paredes grossas reforçadas por **contrafortes**, situados no exterior e reforçando as paredes.
- **Arcos** redondos (ou de **volta inteira** ou perfeita) no interior e nos portais (10).

As igrejas românicas eram, em geral, relativamente pequenas, dado que a sua **estrutura pesada** suportava mal espaços muito amplos. As paredes grossas e os tetos suportados por arcos redondos ou **abóbadas de berço** estreitavam a **nave central** (11 e 14). Dada a sua estrutura pesada, a espessura das paredes e a pequena dimensão das janelas, o interior era sombrio e **pouco iluminado** pela luz natural.

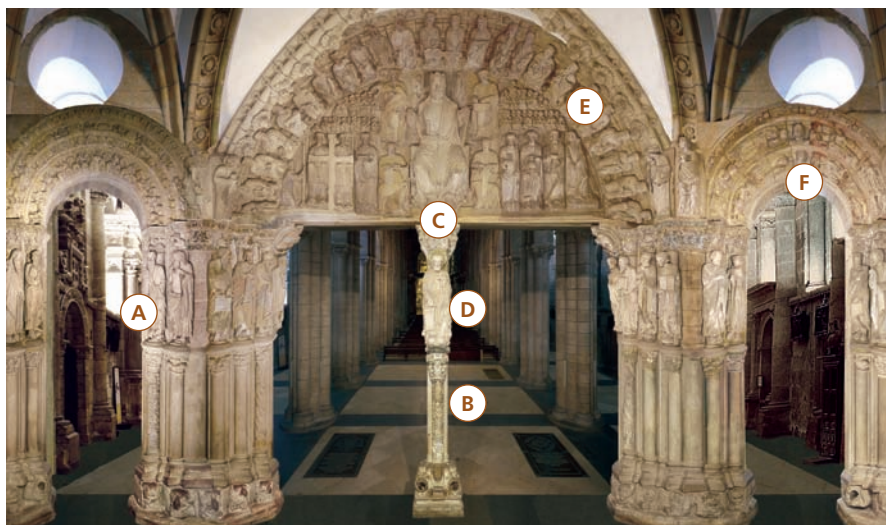
■ A escultura e a pintura românicas

Na escultura, usada como elemento decorativo nas igrejas, predominavam **figuras rígidas e majestosas** de Cristo, dos apóstolos ou da Virgem Maria, com a função de contarem a história de Jesus a uma população analfabeta (13). Também eram retratadas cenas da vida quotidiana, elementos vegetais, demónios ou animais imaginários.

A pintura desenvolveu-se nos **frescos** coloridos que decoravam as igrejas e nas **iluminuras** dos livros ilustrados nos mosteiros.



9 Planta de uma igreja românica, com o altar virado para leste, onde se situava Jerusalém.



10 Pórtico da Glória, na Igreja de Santiago de Compostela, decorado com figuras bíblicas. A. Apóstolos, patriarcas e evangelistas. B. Árvore de Jessé. C. Juízo Final. D. Santiago Maior. E. Os 24 Anciãos do Apocalipse. F. Arco redondo.



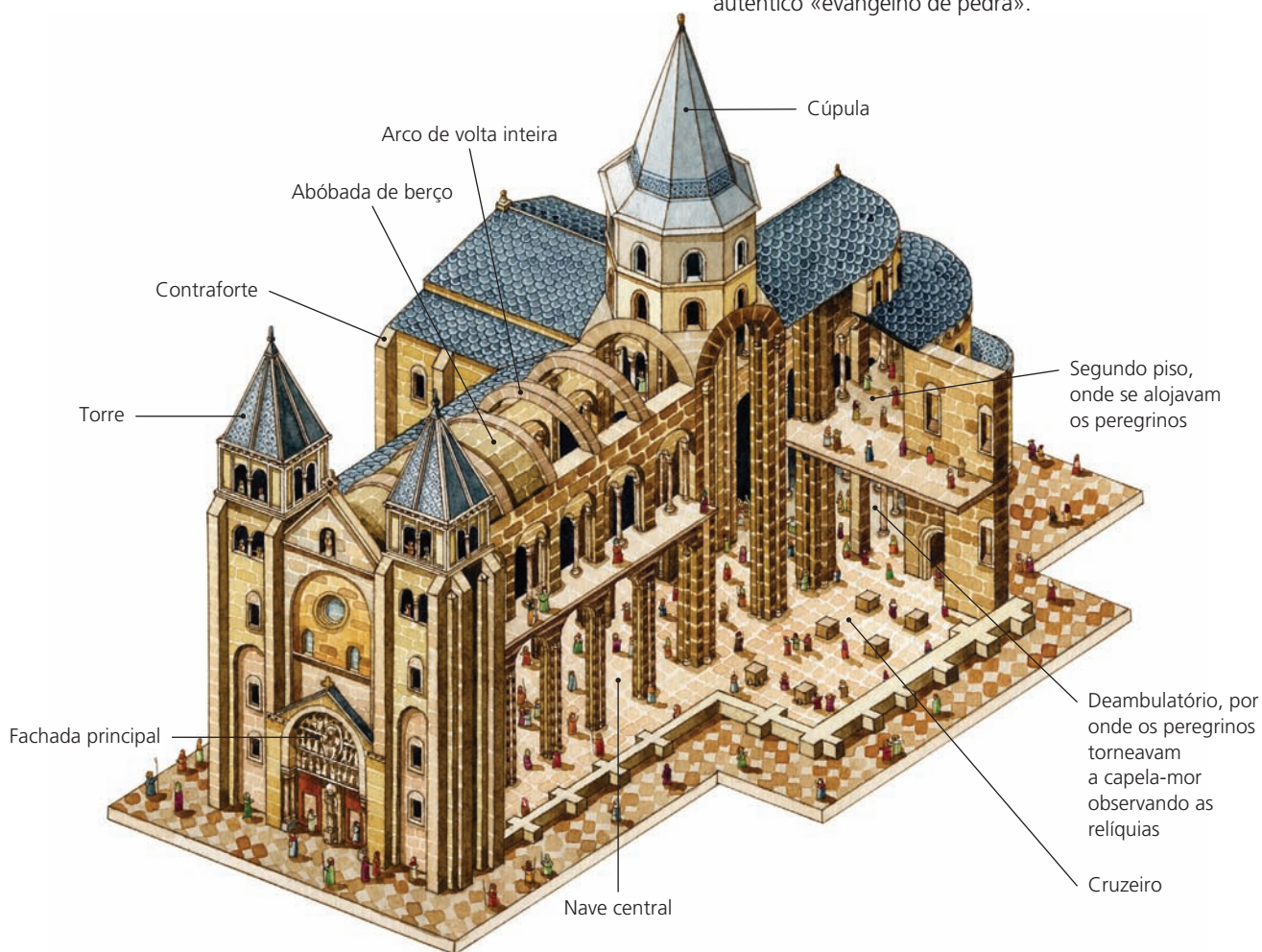
11 Nave central da Igreja de Santiago de Compostela, com o teto em abóbada de berço.



12 Igreja românica de Saint-Nectaire (França).



13 Escultura pintada num capitel (Saint-Nectaire), um autêntico «evangelho de pedra».



14 Reconstituição da uma grande igreja românica (Santiago de Compostela).

ATIVIDADES

- 1** Consulta a definição de **Românico** na página 198 e reescreve-a com palavras tuas, usando algumas das características destacadas na figura 14.
- 2** Identifica nas figuras 11 e 14 os elementos característicos da arquitetura românica.
- 3** Relaciona o sistema de suporte da cobertura das igrejas românicas com o seu interior sombrio e pouco iluminado.
- 4** Caracteriza a escultura românica quanto ao aspeto das figuras representadas.

■ A arquitetura gótica

O crescimento das cidades e a necessidade de construir igrejas maiores conduziram os arquitetos medievais a transformarem a estrutura românica das igrejas e a criarem um **novo estilo**, que se começou a desenvolver a partir de 1140 (construção da Abadia de Saint-Denis, em França). No século XII espalhou-se também uma visão mais positiva da religião: «Deus é luz». Apareceu assim o estilo **gótico**, com características que possibilitaram a construção das **grandes catedrais**:

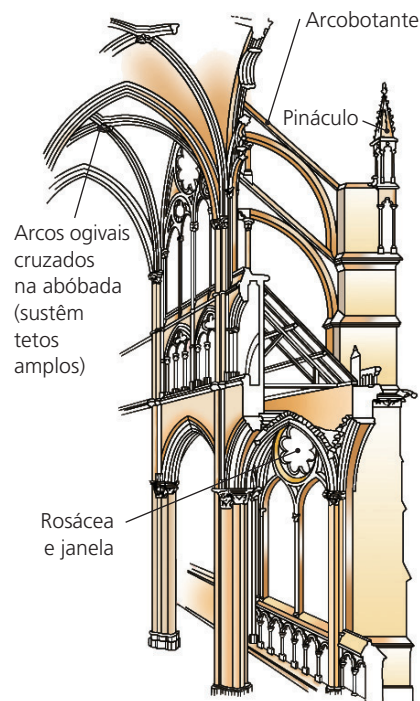
- **Arcos ogivais** (ou quebrados) que substituem os arcos redondos (ou de volta inteira) nos portais e que, cruzando-se nas abóbadas, permitem suportar uma **área maior** do teto, criando um **espaço mais amplo** no interior da igreja [15].
- **Arcobotantes**, que são contrafortes em forma de arco exterior e que absorvem a pressão colocada sobre as paredes. Isto permite a abertura de **amplas janelas e rosáceas** nas paredes por onde entra a luz natural, tornando o edifício **mais iluminado**.

Relativamente às igrejas românicas, as igrejas góticas eram construções mais **leves, verticais e iluminadas** [19]. As **decorações** eram também mais ricas e intensamente trabalhadas. Os **vitrais**, colocados nas janelas, representavam cenas da vida de Jesus, dos apóstolos e dos santos e davam um novo colorido luminoso ao interior ([17] e [18]).

Por toda a Europa, a construção de catedrais simbolizou a **afirmação das cidades e da burguesia**, que as financiava.

■ A escultura e a pintura góticas

Na pintura e na escultura manteve-se a mesma **temática religiosa** e pedagógica que no Românico, embora já surgissem **temas profanos** ou relacionados com a Antiguidade greco-romana. O estilo gótico desenvolveu uma expressividade antes desconhecida na arte românica. As figuras tornaram-se mais **realistas**, transmitindo uma maior sensação de movimento e **naturalidade** nas expressões faciais e corporais ([16] e [20]).



[15] Elementos da arquitetura gótica.



[16] Pormenor de frontispício para um manuscrito de Virgílio (encomendado por Petrarca), de Simone Martini (1285-1344).

SABER MAIS

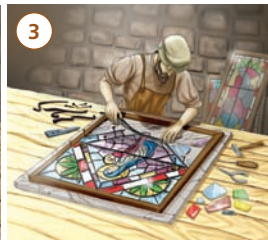
Como se fazia um vitral



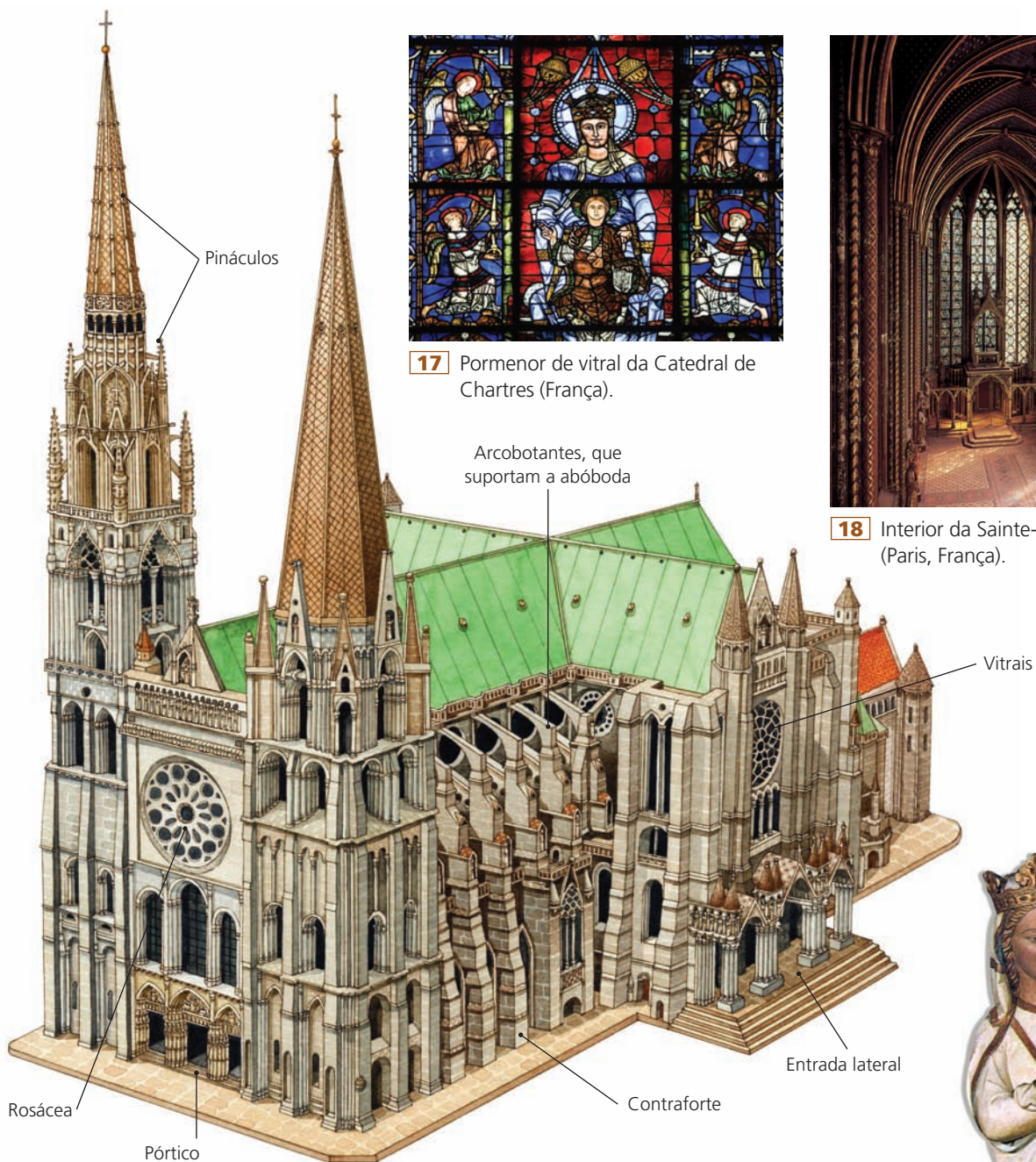
1 Primeiro faz-se um desenho com o motivo religioso a representar.



2 Sobre o desenho colocam-se pedaços de vidro com cores, mas retocados com esmalte.



3 Depois de aquecidas num forno, mantêm-se as peças com varetas de chumbo num painel.



17 Pormenor de vitral da Catedral de Chartres (França).



18 Interior da Sainte-Chapelle (Paris, França).



20 Virgen blanca da Catedral de Toledo.

19 Reconstituição da uma catedral gótica (Chartres, França).

ATIVIDADES

- 1** Consulta a definição de **Gótico** na página 197 e elabora um quadro comparativo das igrejas góticas e românicas relativamente a arcos, dimensão, luminosidade e sensação de verticalidade.
- 2** Menciona duas razões para o aparecimento das construções góticas.
- 3** A partir das figuras 17 e 18, explica o papel pedagógico que os vitrais tinham nas igrejas góticas.
- 4** Observa a figura 15 e identifica os mesmos elementos da arquitetura gótica na figura 19.
- 5** Compara a escultura da figura 20 com as esculturas da figura 13 da página 167.

■ O Românico em Portugal

A influência da **Ordem de Cluny** durante o período da Reconquista (na transição do século XI para o século XII) trouxe ao território português, vindo de França, o estilo românico. Muitas das **pequenas igrejas** do século XII e seguintes são remodelações em estilo românico de antigos edifícios dos tempos visigodos, uns abandonados, outros ocupados pelos moçárabes [21]. Também se construíram templos de raiz.

A influência cluniacense está também patente nos traços românicos de edifícios maiores, construídos no século XII: as **sés catedrais** de Braga, Coimbra [22] e Lisboa. O único exemplo de **arquitetura civil** (não religiosa) românica é a chamada *domus municipalis* de Bragança (revê a página 153).

Dada a sua associação ao período da Reconquista, os edifícios românicos situam-se sobretudo na **metade norte do território** português e têm, em especial no caso das sés, uma **aparência acastelada** útil à sua defesa perante um avanço muçulmano.

■ O Gótico português

A introdução do estilo gótico em Portugal coincidiu com a influência das **ordens mendicantes**. Os primeiros exemplos foram as **igrejas** de São Francisco e Santa Clara de Santarém (início do século XIII), São Domingos de Elvas e São Francisco de Estremoz. Algumas **sés catedrais** cuja construção fora iniciada no estilo românico foram terminadas com influência gótica — caso das de Braga, Porto, Évora e Viseu.

De raiz gótica foram já as **sés da Guarda e de Silves** e as grandes abadias ou mosteiros de **Alcobaca** (séculos XII e XIII) [24] e da **Batalha** (século XIV) ([27] e [28]). Em ambas há excelentes exemplos de **estatuária gótica** ([25] e [26]).

O Gótico difundiu-se no nosso país num período em que a Reconquista já tinha terminado, o que possibilitou a sua difusão mais para sul.

Embora a **pintura** só se tenha desenvolvido plenamente a partir do século XV, o século anterior já deixou bons exemplares góticos portugueses, sobretudo **iluminuras** [23].



[21] Igreja de São Pedro de Rates (Póvoa de Varzim).



[22] Sé Velha de Coimbra.



[23] O calvário (iluminura do século XIV).

PATRIMÓNIO HISTÓRICO



O património do teu município

Com a tua turma, podes fazer um levantamento do património construído. **Faz uma lista** do património construído na Idade Média (e, se existir, também na Antiguidade) existente no teu concelho. **Organiza a informação** por séculos e estilos (por exemplo, romano, românico, gótico).



24 Nave central da igreja do Mosteiro de Santa Maria de Alcobaça.



25 Túmulo de D. Inês de Castro (Alcobaça). O rendilhado da decoração é tipicamente gótico.



26 Pormenor dos Apóstolos (pórtico da Batalha).



27 Fachada do Mosteiro da Batalha, com a sensação de verticalidade dos pináculos.



28 Teto do claustro do Mosteiro da Batalha, com os arcos cruzados na abóbada.

ATIVIDADES

- 1** Identifica as ordens religiosas responsáveis pela introdução dos estilos românico e gótico em Portugal.
- 2** Realiza uma pequena pesquisa na região onde vives e faz um levantamento de edifícios típicos da arquitetura românica e/ou gótica.
- 3** Identifica os estilos a que pertencem os edifícios representados nas figuras 22 e 27. Justifica a tua escolha.

VERIFICA O QUE APRENDESTES

SITUA NO ESPAÇO

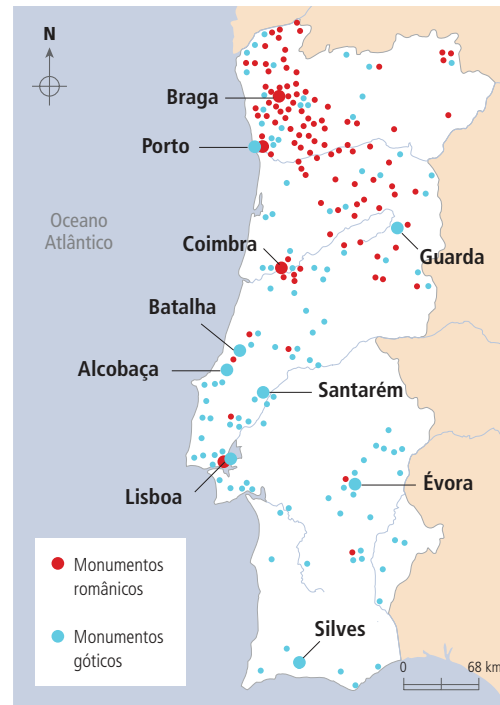
1 Observa o mapa e responde às questões.

1.1 Depois de consultares a página 170, identifica a que estilo pertencem os edifícios existentes nas localidades representadas por círculos grandes. Coloca à frente do nome de cada um o estilo a que pertence, de acordo com o mapa.

- | | |
|--------------------|--------------------|
| a) Porto | f) Santarém |
| b) Guarda | g) Lisboa |
| c) Coimbra | h) Évora |
| d) Batalha | i) Silves |
| e) Alcobaça | j) Braga |

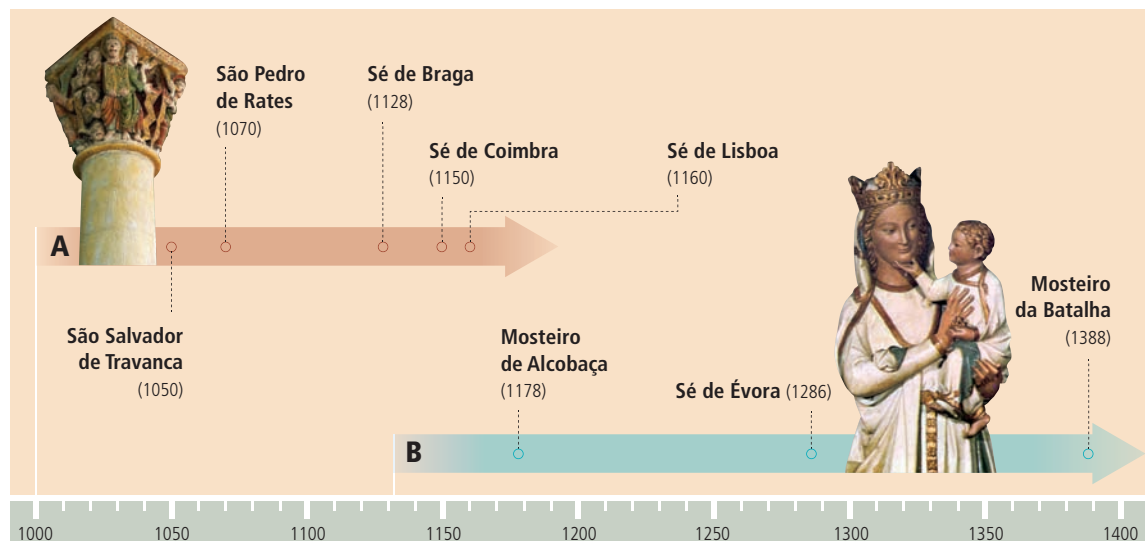
1.2 Esclarece em que região do País (metade norte ou metade sul) predomina o estilo românico.

1.2.1 Justifica por que razão histórica isso aconteceu.



SITUA NO TEMPO

2 Observa a linha do tempo e responde às questões.



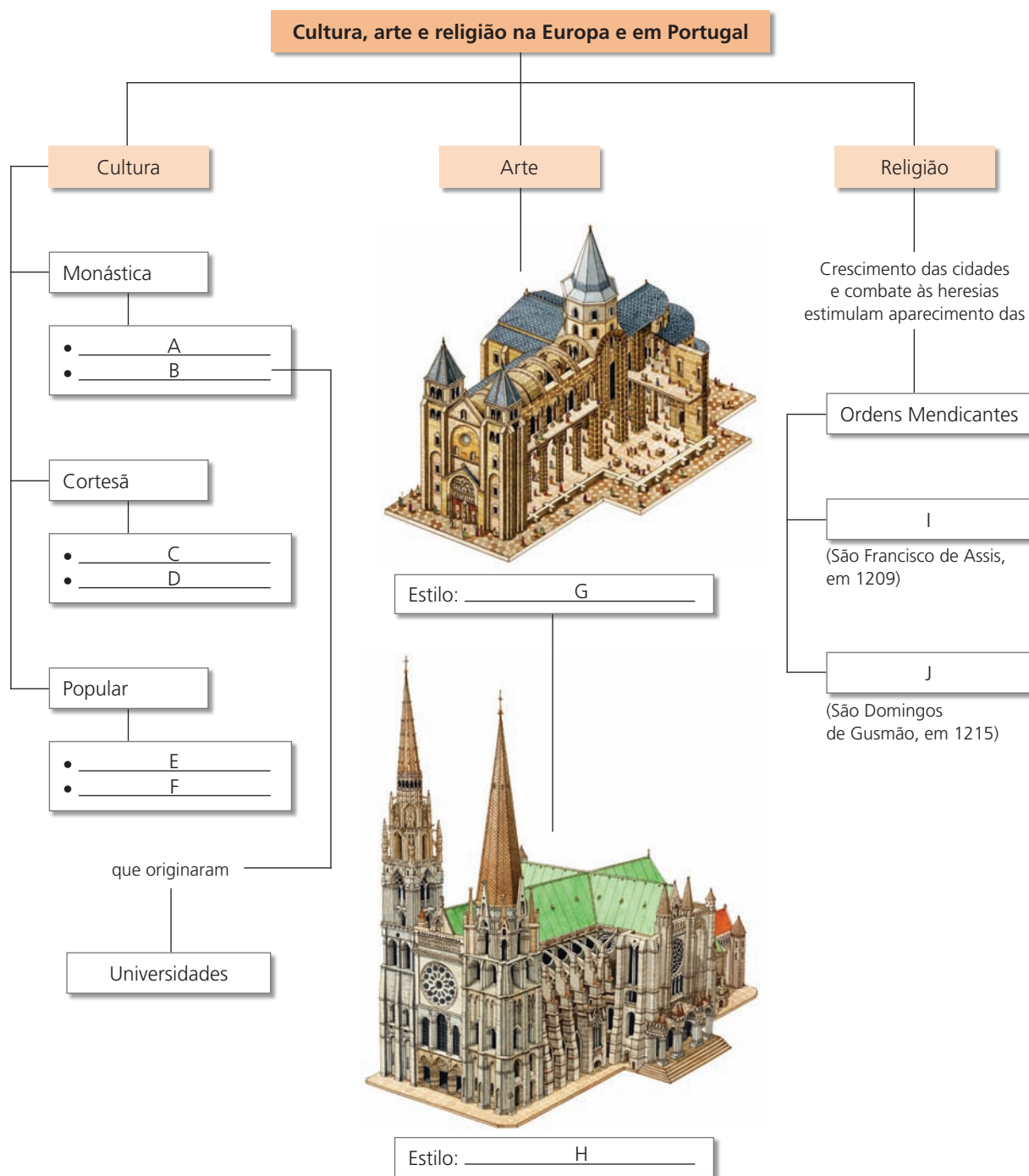
2.1 Selecciona as letras que assinalam na barra cronológica o período de expansão do estilo românico e o período de expansão do estilo gótico em Portugal.

2.2 Identifica na linha do tempo:

- a)** o período de transição entre os dois estilos;
- b)** o primeiro edifício de cada um dos estilos.

ESTABELECE RELAÇÕES

- 3 Selecciona na chave o elemento correto para cada uma das letras dos espaços em branco.



CHAVE:

- | | | |
|--|--|-------------|
| Bailes, procissões e romarias | Cópia e estudo de livros nos mosteiros | Dominicanos |
| Escolas de mosteiros e catedrais | Franciscanos | Gótico |
| Provérbios, lendas e cantigas tradicionais | Romances de cavalaria | Românico |

4 Para cada questão, seleciona a única opção totalmente correta.

4.1 A cultura cortesã:

- a)** era aquela que florescia nas cortes dos reis e dos nobres, em torno dos ideais da cavalaria, de jograis e trovadores.
- b)** era a dedicação ao saber e ao ensino que imperava nos mosteiros medievais.
- c)** era o conjunto das tradições populares, vividas em torno das festividades religiosas e da oralidade.

4.2 As ordens mendicantes:

- a)** eram iguais às ordens religiosas anteriores, pois os seus membros também viviam em mosteiros.
- b)** eram diferentes das anteriores porque os seus membros eram frades e não monges.
- c)** eram diferentes das anteriores porque abandonaram os mosteiros isolados e rejeitaram a acumulação de riquezas.

4.3 As universidades europeias:

- a)** eram escolas monásticas que rejeitaram a religião e passaram a ensinar o Direito romano e a Medicina.
- b)** eram escolas superiores que atraíam sobretudo jovens burgueses.
- c)** foram fundadas para educar os reis.

4.4 A arquitetura românica:

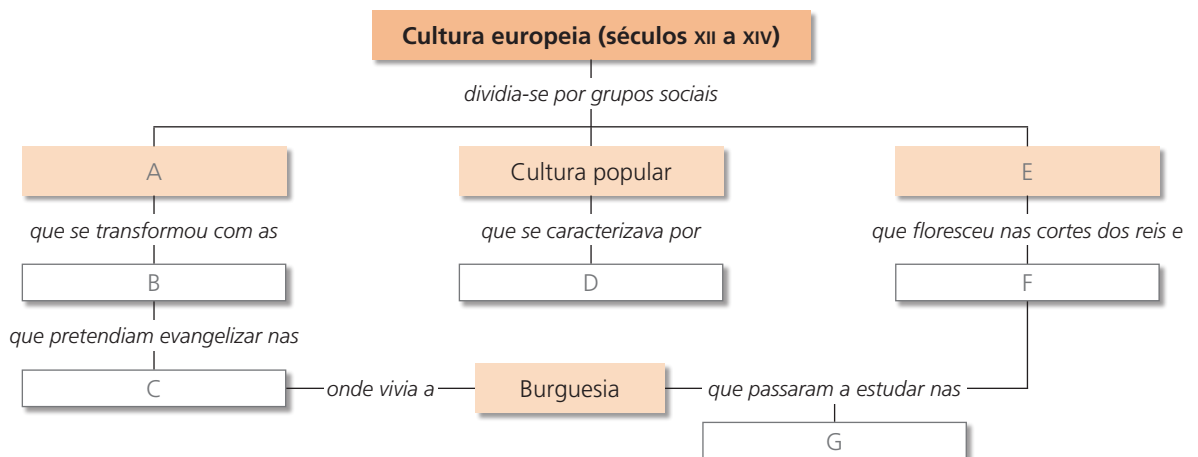
- a)** introduziu os arcos em ogiva, os arcobotantes e os pináculos.
- b)** utilizava os vitrais nos seus edifícios.
- c)** ergueu igrejas relativamente pequenas, mal iluminadas e com uma estrutura pesada.

4.5 A arquitetura gótica:

- a)** fez grande uso de arcos de volta inteira.
- b)** criou áreas maiores no interior das igrejas graças às suas esculturas expressivas.
- c)** ergueu grandes catedrais com estruturas de aparência leve, iluminada e vertical que afirmavam a importância das cidades.

5 Completa o esquema com as palavras da chave.

CHAVE: cidades; cultura cortesã; cultura monástica; festividades e carácter oral; ordens mendicantes; nobres; universidades.



- 6 Observa as duas imagens e atribui a cada letra as características que lhe pertencem.



Características	Doc. A	Doc. B
Dimensão	C	D
Decoração	E	F
Iluminação	G	H
Tipo de arco	I	J
Estilo	K	L

TRABALHA DOCUMENTOS

- 7 Lê o texto, observa a imagem e responde.



Leitura

A função dos vitrais

O abade Suger, de Saint-Denis [França], dizia que os vitrais do seu mosteiro serviam para ensinar às pessoas que não sabiam ler a Bíblia quais eram as verdades em que deveriam crer. Apesar de hoje
5 esses vitrais poderem afetar muito a nossa sensibilidade, eles estavam originalmente pensados para instruir e, tal como os modernos cartazes publicitários de hoje, pretendiam captar a atenção e o olhar das pessoas para um determinado fim.

DONALD MATTHEW, *A Europa Medieval* (adaptado)



Pormenor de vitral (Catedral de Chartres, França).

- 7.1 Identifica o estilo arquitetónico que difundiu os vitrais.
- 7.2 Esclarece qual era, segundo o autor do texto, a intenção dos construtores das catedrais ao colocarem vitrais com cenas como a que se vê na imagem.
- 7.3 Pode dizer-se que os vitrais tinham uma intenção religiosa. Transcreve a frase do texto que permite concluir isso.
- 7.4 Explica de que forma os vitrais prendiam (e prendem) a atenção de quem os observa.

CRISES E REVOLUÇÃO NO SÉCULO XIV

O século XIV foi um tempo de fomes, pestes e guerras. Em Portugal, esta situação coincidiu com uma crise política que acabou por resolver-se pelas armas na Batalha de Aljubarrota. Como lidaram os nossos antepassados com tamanha crise?



A Batalha de Aljubarrota em iluminura de época e em reconstituição nos nossos dias.



OBSERVA, INTERPRETA, REFLETE

- 1 Observa nas imagens as personagens e as bandeiras. Consegues identificar os exércitos e as bandeiras representados?
- 2 Quando e onde teve lugar a batalha representada nas imagens?
- 3 Tenta explicar a importância que este acontecimento teve para Portugal.
- 4 Na imagem grande vemos uma reconstituição histórica. Que interesse te parece ter para os nossos dias este tipo de recriação de acontecimentos do passado?

A crise económica e os conflitos sociais no século XIV

■ A crise económica na Europa

Depois do progresso dos séculos XII e XIII, o século seguinte trouxe a toda a Europa uma realidade oposta. **Alterações climatéricas** provocaram sucessivos invernos rigorosos e prolongados, que prejudicaram as colheitas e a produção de alimentos. Nas **cidades**, já muito povoadas e dependentes dos fornecimentos dos campos, fez sentir-se grande **carência de alimentos** e **fome**. O século XIV foi, assim, marcado por uma **crise económica**.

Os rendimentos dos senhores diminuíram e as **dificuldades de sobrevivência** dos camponeses agravaram-se. Os reis e os senhores tentaram então forçar os camponeses a intensificar a exploração das terras, evitando que as abandonassem e partissem para as cidades; noutros casos, aumentaram as rendas. Esta **pressão dos senhores** e a degradação das condições de vida explicam a ocorrência, no século XIV, de **revoltas populares** nos campos e nas cidades **Doc.**

■ A peste negra e a Guerra dos Cem Anos

A chegada da **peste negra** à Europa, a partir de 1347, agravou este cenário de crise. A bactéria responsável por esta epidemia de peste bubónica era transmitida aos humanos pelas pulgas dos ratos que viajavam a bordo de barcos vindo das regiões infetadas. A peste **espalhou-se rapidamente** de leste para oeste, chegando a Portugal no outono de 1348 **2**. As populações, enfraquecidas por uma alimentação e por condições de higiene deficientes, tornaram-se vulneráveis ao contágio. Em consequência disto, estima-se que por toda a Europa, em poucos anos, morreu cerca de um terço da população, o que provocou uma **quebra demográfica** (**3** e **4**).

Neste contexto de crise, as rivalidades entre os reinos europeus agudizaram-se, pois os reis disputavam mais violentamente recursos e territórios. O conflito mais grave e prolongado foi a **Guerra dos Cem Anos** (1337-1453) entre França e Inglaterra **1**; os aliados de uma e de outra, como Castela e Portugal na Península Ibérica, envolveram-se também em guerras, generalizando a quase todo o continente este estado de **conflitos armados e destruição** causada pela deslocação dos exércitos.

Perante esta situação, o medo levou à difusão, em muitos locais, da ideia de que se aproximava o **fim do Mundo** e de que a fome, a peste e a guerra eram **castigos divinos**. A Europa mergulhou assim, numa **crise profunda**. Embora os circuitos comerciais se tenham mantido, como a rápida difusão da peste negra mostrou, a prosperidade dos dois séculos anteriores foi abalada. Esta nova situação foi sentida até nos limites geográficos da cristandade, como veremos a seguir no caso de Portugal.

Documento

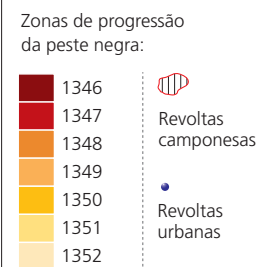
Revoltas em França: a *Jacquerie* (1358)

Alguns camponeses sem chefe juntaram-se e não eram cem. Diziam que todos os nobres do reino de França, cavaleiros **5** e escudeiros, desarmavam e traíam o reino e que seria grande bem destruí-los. [...] Então, juntaram-se e foram ao paço [palácio] de um cavaleiro que morava **10** ali perto, armados de bastões e facas. Forçaram a porta, mataram o cavaleiro, a dama, os filhos pequenos e grandes e lançaram fogo ao paço [...]. E multiplicaram-se até serem bem seis mil e por todo o lado onde iam crescia o seu número. Tinham feito um «rei» entre eles [...], chamado Jacques Bonhommeur. **20** [...] Queimaram mais de sessenta paços e torres fortificadas.

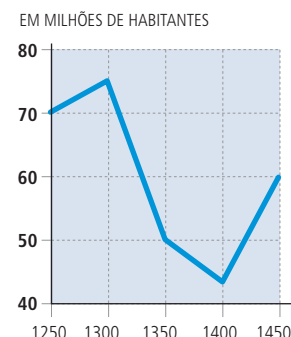
JEAN FROISSART,
Crónicas, século XIV (adaptado)



1 A Batalha de Crécy (1346) opõe Franceses e Ingleses durante a Guerra dos Cem Anos.



Evolução da população europeia



2 Difusão da peste negra e revoltas sociais na Europa (século xiv). As cidades portuárias eram os primeiros focos de difusão. No gráfico, a evolução da população europeia.



3 Vítimas da peste são sepultadas em Tournai (França), em 1349.



4 Hospital medieval. A medicina e a farmacologia do século xiv eram insuficientes para enfrentar com sucesso a peste negra.

ATIVIDADES

- 1** Consulta as definições de **crise económica** e **quebra demográfica** nas páginas 196 e 198 e redige uma frase em que relaciones os dois conceitos.
- 2** De acordo com o documento, descreve as ações dos camponeses revoltados em França.
- 3** Observa a figura 2 e responde às questões.
 - 3.1** Identifica os primeiros focos de difusão da peste negra.
 - 3.2** Descreve a evolução da peste negra e das revoltas sociais presentes no mapa.
 - 3.3** Relaciona a evolução da peste negra com a quebra demográfica.
 - 3.4** Refere outros dois fatores que contribuíram para essa quebra demográfica.
- 4** Observa as figuras 3 e 4 e reflete: que meios havia no século xiv para combater uma epidemia como a peste negra?

A crise de 1383 e a formação da identidade nacional

Os efeitos da crise europeia em Portugal

Os efeitos da **peste negra** em Portugal foram tremendos. A partir de 1348, em pleno reinado de D. Afonso IV, morreu muita gente. Os **trabalhos agrícolas** eram **abandonados** e, tal como na Europa, agravou-se a carência de alimentos, o que provocou a **fome nas cidades**. Os reis tentaram resolver esta situação:

- D. Afonso IV promulgou **Leis do Trabalho** logo em 1349 **[Doc.]**;
- D. Fernando aprovou a **Lei das Sesmarias**, em 1375.

Ambas as medidas pretendiam obrigar os trabalhadores agrícolas a voltar aos campos e estabeleciam (tabelavam) os salários que deveriam ser pagos. A implementação destas leis foi difícil e a guerra com Castela agravaria a crise em Portugal **[6]**. De facto, entre 1369 e 1382, o rei D. Fernando envolveu Portugal numa longa e dispendiosa guerra com Castela, cuja coroa ambicionava conquistar. Este conflito, denominado **Guerras Fernandinas**, empobreceu o tesouro real e levou D. Fernando, ávido de mais recursos, a efetuar sucessivas **desvalorizações da moeda**. Este expediente permitia-lhe pagar dívidas cunhando moedas com menos metal precioso (ouro ou prata) mas com o mesmo valor facial; no entanto, uma vez em circulação, estas moedas perdiam valor, fazendo **subir o preço dos bens** com elas adquiridos **[5]**.

A crise de sucessão ao trono

A guerra com Castela saldou-se em várias derrotas, a última das quais levou D. Fernando a assinar, a 2 de abril de 1383, o **Tratado de Salvaterra de Magos**. O tratado fazia casar D. Beatriz, única herdeira de D. Fernando, com o rei de Castela; a coroa portuguesa seria depois herdada pelo filho de ambos logo que fizesse 14 anos. Assim, num futuro próximo, **Portugal e Castela** passariam a ter **o mesmo rei**.

Em Portugal, esta disposição do tratado revelou-se **muito impopular** entre a generalidade das **camadas populares** e da **burguesia**, que receavam que Portugal perdesse a sua **independência**. Parte da nobreza e do clero partilhava esta preocupação. Quando o rei D. Fernando morreu, a 22 de outubro de 1383, a sua esposa, **D. Leonor Teles**, tornou-se regente (governando em nome do rei). A sua primeira medida foi ordenar a **aclamação da sua filha D. Beatriz** como rainha. A maioria da grande nobreza e do alto clero apoiou a posição de D. Leonor.

Em Lisboa, a aclamação de D. Beatriz provocou protestos. Um meio-irmão do falecido rei D. Fernando, chamado **D. João, mestre de Avis**, tornou-se a esperança dos descontentes. Instigado pelos seus apoiantes, D. João decidiu agir, liquidando o conde Andeiro, o principal executante da política pró-castelhana da regente (6 de dezembro de 1383). Estava consumada a crise de sucessão em Portugal **[7]**.

Documento

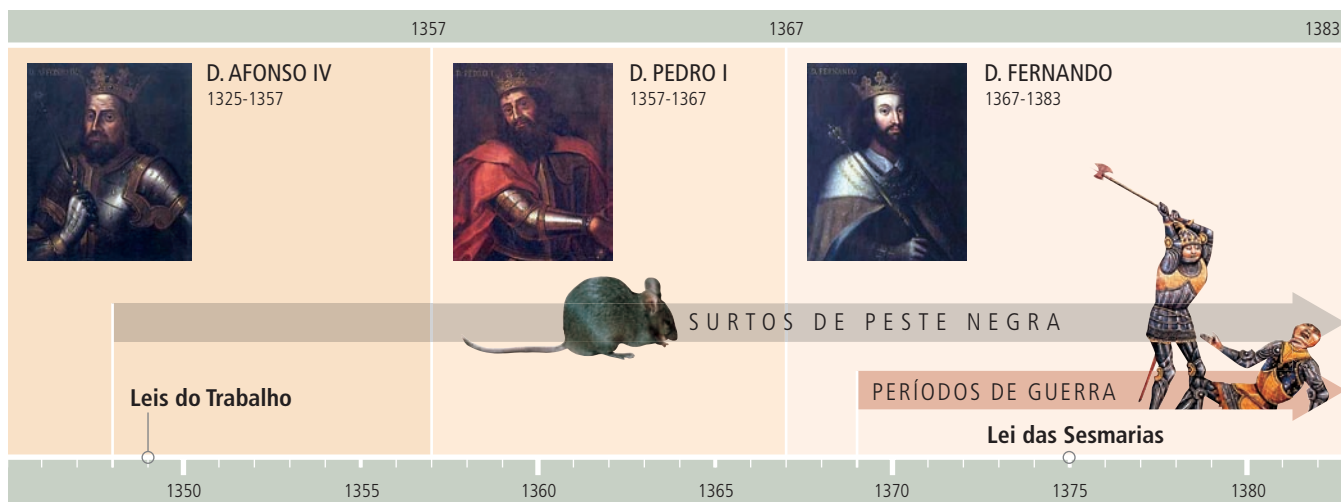
Leis do trabalho

Foi-me dito que nessa vila e no seu termo há homens e mulheres que antes da peste ganhavam dinheiro pelo esforço do seu trabalho [...] e que agora que herdaram alguns bens por morte de algumas pessoas se sentem tão importantes que não querem trabalhar [...] como antes faziam.
10 [...] E que há também muitos outros [...] que não querem trabalhar se não lhes pagarem quanto pedem [...]. Mando-vos que obrigueis que cada um
15 exerça os mesteres e serviços que antes exercia [...] e que, se achardes homens e mulheres [...] a pedir pelas portas [...], obrigai-os a trabalhar naquilo que vos parecer melhor.

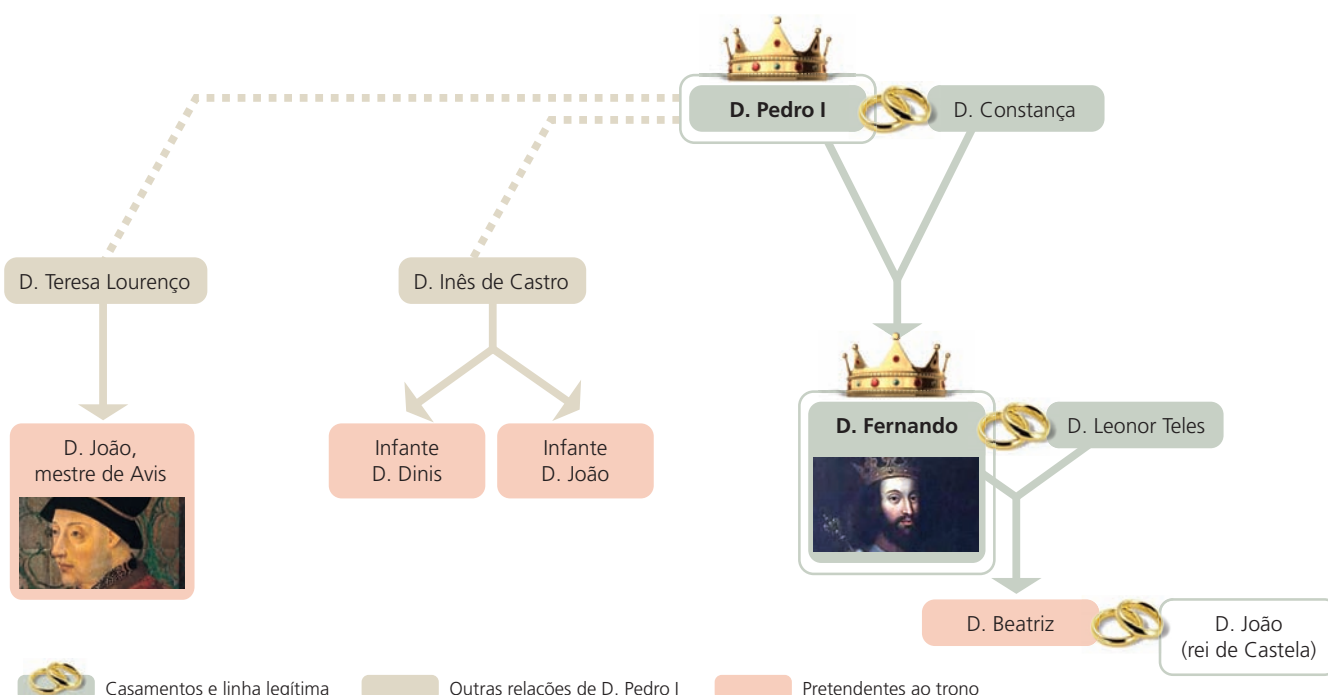
D. AFONSO IV,
Carta aos Concelhos, 1349
(adaptado)



[5] A desvalorização da moeda.



6 A crise social e económica em Portugal em três reinados do século xiv.



7 A crise de sucessão que pôs fim à primeira dinastia (sucessão regular de reis dentro da mesma família).

ATIVIDADES

- 1 Consulta a definição de **desvalorização da moeda** na página 196 e, a partir da figura 5, imagina uma situação que ilustre o conceito.
- 2 A partir da leitura do documento, explica em que consistiram as medidas tomadas por D. Afonso IV.
- 3 Observa as figuras 5 e 6 e caracteriza o ambiente de crise que se vivia em Portugal no século xiv.
- 4 Explica de que forma o Tratado de Salvaterra de Magos, assinado entre Portugal e Castela em 1383, ameaçava a independência de Portugal.
- 4.1 Enumera os grupos sociais que recebavam o tratado.
- 5 Refere a medida tomada pela rainha D. Leonor logo que D. Fernando morreu.
- 5.1 Enumera os grupos sociais que apoiaram a rainha.
- 6 Observa a figura 7 e explica a importância de D. João, mestre de Avis, na crise de sucessão, após a morte de D. Fernando.

Interpretar uma crónica

Documento

O início da revolução em Lisboa

A rainha [D. Leonor Teles], olhando para os homens que acompanhavam o Mestre, viu-os todos armados [...].

Então, o Mestre despediu-se da rainha e tomou o conde [Andeiro] pela mão e saíram ambos [...] para uma grande casa em frente [...].

As palavras entre eles foram tão poucas e ditas tão baixo que nenhum dos que os acompanhava as ouviu bem; porém, dizem que foram deste teor:

«Conde, eu estou muito surpreendido por serdes um homem de quem eu gosto e que, no entanto, andou a preparar a minha perdição e a minha morte.»

«Eu, senhor?!», disse o conde. «Quem vos disse tal mentira?!»

O Mestre, que tinha mais vontade de o matar do que de discutir com ele, sacou de um cutelo comprido e deu-lhe um golpe na cabeça. [...] O conde tentou fugir para o quarto da rainha e Rui Pereira [...] espetou-lhe a sua arma, matando-o. Os outros queriam também espetar-lhe as suas armas, mas o Mestre ordenou que parassem.

E mandou Fernando Álvares e Lourenço Martins fechar as portas e dizerem ao seu pajem que fosse gritar pela cidade que o estavam a querer matar. E eles assim fizeram. [...] O pajem do Mestre [...] foi a galope no seu cavalo, dizendo em voz alta pelas ruas: «Matam o Mestre! Matam o Mestre nos Paços da Rainha! Ajudem o Mestre, porque o querem matar!» [...]

As pessoas ouviam isto e saíam à rua para verem o que se passava. Começaram a falar umas com as outras e, ficando cada vez mais alvoraçadas, começaram a pegar em armas [...].

Álvaro Pais [...], por seu lado, percorria também a cidade, cavalcando e bradando: «Acorramos ao Mestre, amigos, acorramos ao Mestre, que é filho de el-rei D. Pedro!»

FERNÃO LOPES,

Crónica de D. João I, capítulo 9 (adaptado)

Fazer

Um documento histórico pode ser interrogado, dando-nos respostas surpreendentes. Lê o texto e responde às perguntas.

1. A rainha percebeu as intenções do Mestre? Justifica a tua resposta com base nos seus comentários.
2. Apesar de ser seu adversário político, o Mestre respeita a figura da rainha. Explica como se pode depreender isso da sua atitude.
3. Identifica a personalidade da corte que o Mestre procurava.
4. Explica por que razão esta passagem indicia que Fernão Lopes interrogou pessoas que estiveram presentes neste acontecimento.
5. Esclarece que acusação está implícita nas palavras do Mestre contra o conde.
6. Comenta a reação do conde.
7. Vamos apurar o que se passou, de acordo com o relato de Fernão Lopes:
 - a) Quem realmente matou o conde?
 - b) Que comportamento tiveram as outras pessoas presentes?
 - c) Como se comportou o Mestre?
8. No decurso dos acontecimentos, o Mestre delineia uma estratégia política:
 - a) O que pede o Mestre que o pajem faça?
 - b) Contrasta o que diz o pajem com o que realmente acontecera no paço da rainha.
 - c) Que reação pretenderia ele suscitar na população de Lisboa?
9. Esclarece se a estratégia do Mestre foi bem sucedida. Justifica a tua resposta.
10. Reflete: como nos ajudam as palavras de Álvaro Pais a perceber a forma de os apoiantes do Mestre legitimarem a sua pretensão à Coroa de Portugal?

■ A revolução em Lisboa e os apoios do Mestre

Após os acontecimentos de dezembro de 1383 em Lisboa, o **povo** da cidade revoltou-se contra a rainha regente e proclamou **D. João**, mestre de Avis, «**defensor e regedor do reino**». A notícia da **revolução** espalhou-se a outras cidades, como Porto, Coimbra, Viseu, Évora ou Silves, que também aclamaram D. João.

Entre os **apoiantes** do mestre de Avis estavam, além da «**arraia miúda**» (pobres e humildes), os artesãos e comerciantes (**burgueses**) de Lisboa e Porto, que o auxiliavam financeiramente. Entre os **nobres** apoiantes de D. João destacava-se o jovem D. Nuno Álvares Pereira, então nomeado condestável (chefe militar) do reino.

■ O cerco de Lisboa e as Cortes de Coimbra

Em janeiro de 1384, o rei de Castela ordenou a invasão de Portugal. A progressão das tropas castelhanas teve um primeiro revés na **Batalha de Atoleiros** (Alentejo), onde D. Nuno Álvares Pereira conseguiu chefiar a primeira vitória portuguesa (6 de abril). Porém, os Castelhanos dirigiram-se a Lisboa, cercando de 29 de maio a 3 de setembro a cidade, que **resistiu com grande determinação**. Esta resistência e o surto de peste que assolou o exército invasor forçaram à retirada castelhana **8**.

Neste ambiente de guerra com Castela foram convocadas **Cortes** para Coimbra (abril de 1385) com o objetivo de resolver a crise de sucessão. Grandes do reino e procuradores dos concelhos discutiram e escutaram argumentos, mas foi a defesa dos direitos de D. João, mestre de Avis, feita pelo **doutor João das Regras**, que se impôs. Ouvidas as suas alegações, o Mestre foi por todos **aclamado rei de Portugal** com o nome de **D. João I** **Doc.**



8 Lisboa cercada no verão de 1384. À direita, vê-se o exército castelhano acampado.

Documento

A aclamação de D. João I

Juntos em Coimbra, os prelados [bispos] e fidalgos [nobres] que concordavam em defender Portugal e alguns procuradores de
5 certas vilas e cidades [...], disse aquele doutor [João das Regras]: «Assim pelas cousas que vimos até agora, este D. João, mestre de Avis, que tanto trabalhou e tra-
10 balha por honra e defesa destes reinos, é apto e merece esta honra e estado de rei» [...]. Concordaram todos os grandes e o povo, que o promoveram à alta dignidade e estado de rei.

FERNÃO LOPES,
Crónica de D. João I
(adaptado)

ATIVIDADES

- 1** Consulta a definição de **revolução** na página 198 e pesquisa acontecimentos históricos que se incluem neste conceito.
- 2** Identifica os apoiantes do mestre de Avis.
- 3** Observa a figura 8 e responde às questões.
 - 3.1** Identifica o objetivo do cerco à cidade de Lisboa realizado pelos Castelhanos.
 - 3.2** Explica o resultado desse cerco.
- 4** Lê o documento e regista as razões apontadas pelo doutor João das Regras para a aclamação de D. João, mestre de Avis, como rei de Portugal.

■ A Batalha de Aljubarrota

Alguns meses depois das Cortes de Coimbra, o exército castelhano invadiu novamente Portugal. Derrotados na **Batalha de Trancoso** (8 de junho de 1385), os Castelhanos dirigiram-se de novo para Lisboa. A estratégia portuguesa consistiu em evitar um segundo cerco da cidade. Novamente comandadas por **D. Nuno Álvares Pereira**, as forças portuguesas atraíram o invasor a **Aljubarrota** para um combate que seria decisivo.

A batalha teve lugar no dia **14 de agosto de 1385** e desenrolou-se num terreno demasiado estreito para as forças em presença, sendo o exército castelhano bem mais numeroso do que o português. Ajudados por arqueiros ingleses, os Portugueses atraíram a cavalaria castelhana (apoiada por cavaleiros franceses) para armadilhas preparadas no terreno («**covas de lobo**»). Perante a dificuldade de avanço do adversário, a retaguarda de D. João I (com cavaleiros e soldados a pé) massacraram os castelhanos que passaram as armadilhas e pôs os restantes em fuga ([9] e [12]). **A invasão fora repelida e a independência salva.**

■ Uma nova era histórica

Com D. João I iniciou-se uma nova linha de reis, que duraria até ao fim do século XVI — a **dinastia de Avis**. No quadro da Guerra dos Cem Anos, o casamento do novo rei português com a princesa inglesa **D. Filipa de Lencastre** selou a aliança que permitiu a Portugal encontrar um apoio externo contra a influência de Castela e de França [11].

Para **assegurar o poder** recentemente conquistado, o novo rei confiscou terras e bens aos poderosos que haviam apoiado Castela, entregando-os a muitos dos seus apoiantes, de condição social inferior, cobrindo-os de honras e promovendo-os à condição de nobres. Ao povo, D. João I concedeu **reuniões frequentes das Cortes**, nas quais ouvia as suas queixas, e conseguiu o seu apoio para fortalecer a nova dinastia. Formaram-se, assim, um **novo grupo dirigente** e uma relação de confiança entre a monarquia e o povo.

Para comemorar a vitória em Aljubarrota, D. João I mandou construir, na Batalha, o imponente **Mosteiro de Santa Maria da Vitória** [10].



[10] Mosteiro da Batalha e estátua equestre de D. Nuno Álvares Pereira.



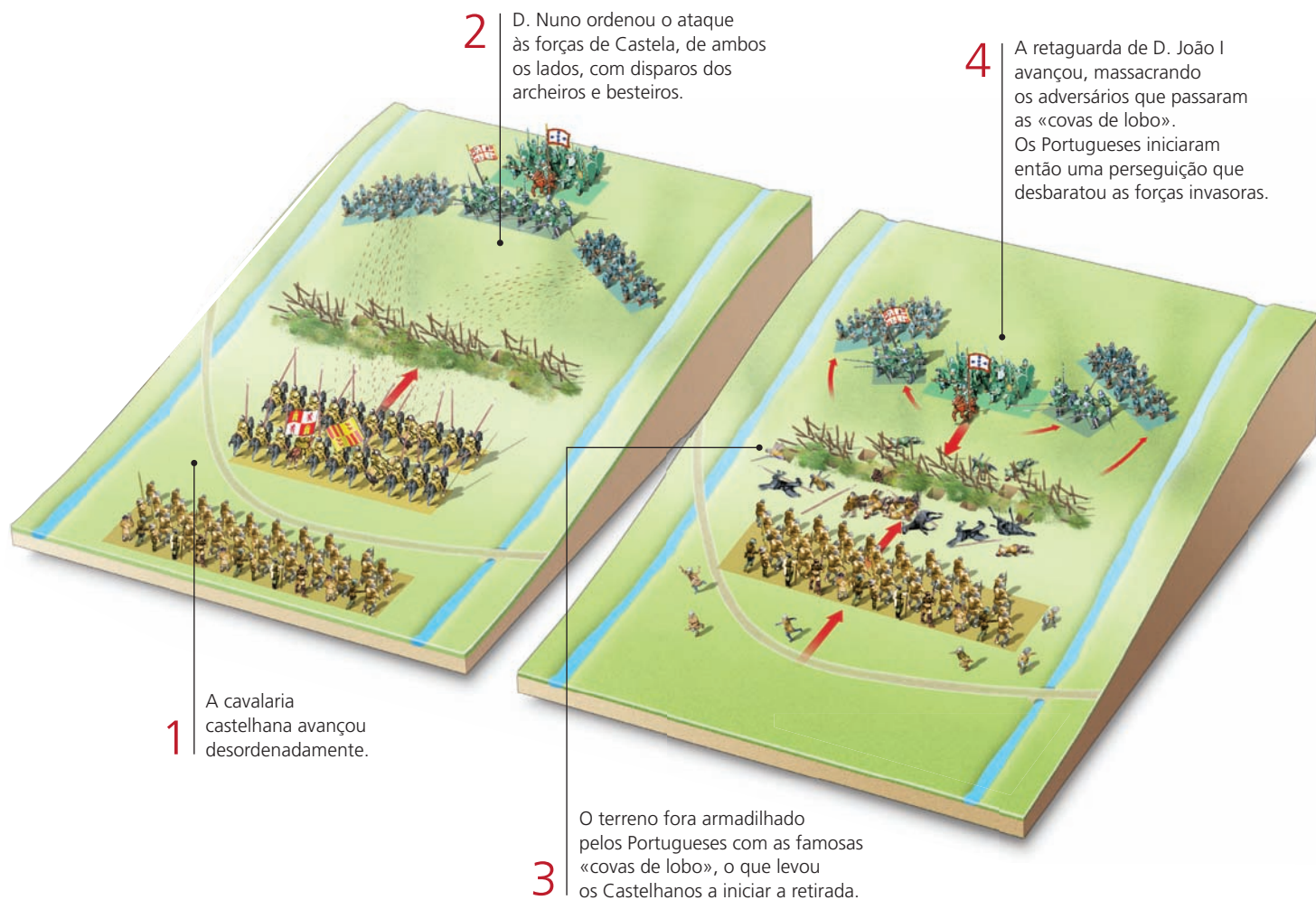
[9] As duas invasões castelhanas e principais vitórias portuguesas (1384-1385).

Relembra

O Mosteiro da Batalha já foi referido nas páginas 170-171.



[11] Casamento de D. João I com D. Filipa de Lencastre, na Sé do Porto (1387).



12 A Batalha de Aljubarrota.

SABER MAIS

Os exércitos em Aljubarrota

Exército português



Exército castelhano



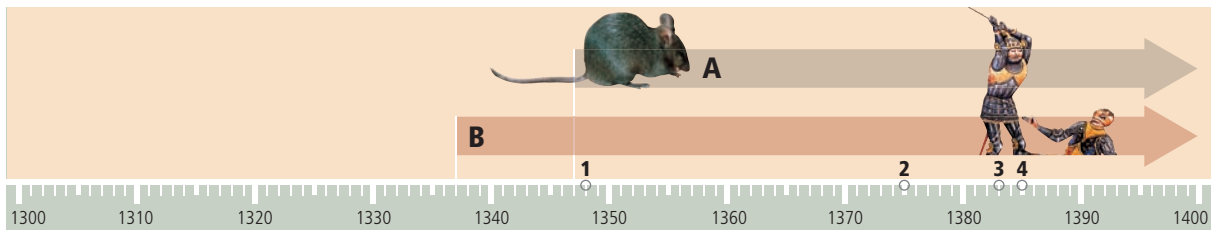
ATIVIDADES

- 1** Observa o mapa da figura 9 e enumera as principais batalhas assinaladas.
- 2** Identifica a invasão castelhana durante a qual ocorreu a Batalha de Aljubarrota.
- 3** Observa a figura 12 e responde às questões.
 - 3.1** Quem comandava o exército português?
 - 3.2** Refere os apoios que ambos os lados receberam de outros reinos europeus.
- 4** Refere as medidas tomadas por D. João I depois da vitória sobre os Castelhanos em relação:
 - a)** às recompensas dadas aos seus apoiantes;
 - b)** à aliança que estabeleceu por meio do seu casamento.
- 5** Explica por que razão se afirma que a Revolução de 1383-1385 abriu uma nova era na história de Portugal.

VERIFICA O QUE APRENDESTES

SITUA NO ESPAÇO E NO TEMPO

1 Observa a linha do tempo e responde às questões.



1.1 Selecciona as letras que assinalam na barra cronológica:

- a) a Guerra dos Cem Anos durante o século XIV (mas que só terminou em 1453);
- b) a difusão da peste negra por todo o continente europeu.

1.2 Identifica os números que situam na barra os seguintes acontecimentos:

- a) a Lei das Sesmarias de D. Fernando;
- b) a chegada da peste negra a Portugal;
- c) a Batalha de Aljubarrota;
- d) o início da revolução em Lisboa, que tornou o Mestre de Avis defensor e regedor do reino.

ESTABELECE RELAÇÕES

2 Selecciona na chave o elemento correto para cada uma das letras dos espaços em branco.



CHAVE:

Crise de sucessão ao trono

D. João, mestre de Avis

Guerra dos Cem Anos

Guerras Fernandinas

Peste negra

3 Para cada questão, seleciona a única opção totalmente correta.

3.1 A crise do século XIV foi marcada:

- a) por uma acentuada quebra demográfica causada pela peste, pela guerra e pela fome.
- b) apenas pela Guerra dos Cem Anos.
- c) por revoltas populares.

3.2 Quando faleceu D. Fernando, em 1383:

- a) todo o reino concordava que lhe sucedesse a sua filha D. Beatriz, casada com o rei de Castela.
- b) o reino dividiu-se entre os que apoiavam a aclamação de D. Beatriz e os que queriam o governo de D. João, mestre de Avis.
- c) sucedeu-lhe normalmente o seu filho.

3.3 O D. João, mestre de Avis, era apoiado:

- a) pela «arraia miúda» e burguesia das principais cidades e por parte da nobreza.
- b) apenas por um grupo de nobres.
- c) por todos os portugueses da sua época.

3.4 Na Batalha de Aljubarrota, em 1385:

- a) D. Nuno Álvares Pereira lutou sozinho.
- b) os Castelhanos foram derrotados, mas impediram o Mestre de Avis de ser rei.
- c) os Portugueses, ajudados pelos Ingleses, derrotaram os Castelhanos e asseguraram a independência do reino de Portugal.

4 Observa a tabela e responde às questões.

1312	Motins em Liège (atual Bélgica)
1315	Tumultos em Siena (Itália)
1344	Levantamento em Barcelona
1358	Revolta em Paris e «Jacquerie»
1380	Tumultos em Lubeque e Paris
1381	Revolta camponesa em Inglaterra
1383	Levantamento popular em Paris

4.1 Esclarece se a agitação social que se verificou em Portugal em 1383-1385 era anormal na Europa dessa época. Justifica a tua resposta.

4.2 Identifica as três principais causas desta agitação social em Portugal e na Europa.

4.3 Reflete a partir do que sabes sobre o século XIV: este tipo de agitação social é mais comum em épocas de crise ou em épocas de crescimento? Justifica a tua resposta.

TRABALHA DOCUMENTOS

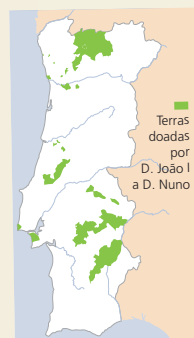
5 Lê o texto, observa o mapa e responde.

Documento

O condestável

Quando o Mestre foi elevado a rei, falou-se logo que deveria nomear um condestável [chefe militar] para 5 conduzir a guerra em que estávamos envolvidos. [...] E o rei [D. João I] ordenou que fosse o seu mui leal e fiel servidor Nuno Álvares Pereira, que tinha naquele tempo vinte e quatro anos e nove meses [...], sabendo-se que era muito honesto e sabedor das coisas da cavalaria. [...] A forma como dirigia os combates mostrava grande autoridade, pois [todos] cumpriam exatamente aquilo que ele mandava. [...] Nas reuniões [com o rei] nada de importante se decidia sem o seu acordo.

FERNÃO LOPES, *Crónica de D. João I* (adaptado)



5.1 Identifica a personalidade sobre a qual escreve Fernão Lopes.

5.2 Caracteriza, de acordo com o documento, a capacidade de chefia militar dessa personalidade.

5.3 Explica de que forma essa personalidade foi recompensada por D. João I, em 1385.

LISTA DE AUTORES CITADOS

Álvaro de Córdoba — Escritor moçárabe (falecido em 861).

António Brandão, Frei — Clérigo e historiador do Mosteiro de Alcobaça (1584-1637).

Apiano — Historiador grego de Alexandria no período romano (95-165 d. C.).

Bakenkonsu — Sacerdote de Amon no reinado de Ramsés II (século XIII a. C.).

Díon Cássio — Historiador romano dos séculos II e III d. C.

Diodoro Sículo — Historiador grego do período romano (século I a. C.).

Dua-Khety — Escriba egípcio, autor de *Instruções de Dua-Khety* (obra também conhecida como *Sátira dos Ofícios*), c. 2400 a. C.

Élio Aristides — Retórico grego do período romano (129-189 d. C.).

Estrabão — Geógrafo grego no período romano (c. 63 a. C.-24 d. C.).

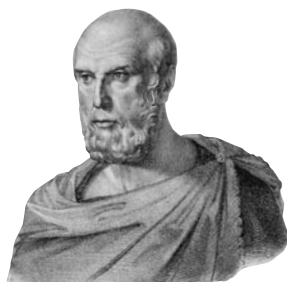
Eurípides — Poeta grego e autor de tragédias (c. 480-406 a. C.).



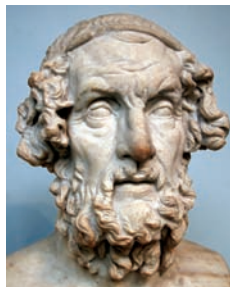
Fernão Lopes — Cronista português (c. 1380-c. 1460).

Flodoardo — Clérigo e autor na atual França (século IX).

Galberto de Bruges — Clérigo e autor da Flandres, atual Bélgica (faleceu em 1134).



Hipócrates — Médico grego (c. 460-370 a. C.).



Homero — Poeta grego (cerca do século VIII a. C.).



Ibn Khaldun — Historiador árabe do Norte de África (1332-1406).

Jean Froissart — Cronista francês da Guerra dos Cem Anos (c. 1337-c. 1405).



Jerónimo, São — Autor cristão (347-420).

João de Santarém — Autor cristão da Península Ibérica (c. 550-620).

Juvenal — Poeta romano dos séculos I e II d. C.



Platão — Filósofo grego (c. 424-c. 348 a. C.).

Plínio, o Jovem — Jurista romano (c. 61-114 d. C.).



Plutarco — Filósofo e historiador grego do período romano (46-126 d. C.).

Randulfo — Cruzado do século XII.

Tácito, Públio Cornélio — Historiador romano (55-120 d. C.).



Tito Lívio — Historiador romano (c. 59 a. C.-17 d. C.).

CRONOLOGIA

a. C. (antes de Cristo)

DATAS	FACTOS
c. 2 500 000	Primeiros vestígios do <i>Homo habilis</i> , em África
PALEOLÍTICO	
c. 2 000 000	Primeiros vestígios do <i>Homo ergaster</i> , em África Fabrico dos primeiros instrumentos em pedra
c. 1 500 000	Vestígios do <i>Homo erectus</i> na Ásia
c. 500 000	Domínio do fogo
c. 200 000	Primeiros vestígios do Homem de Neandertal, na Ásia Ocidental e na Europa Primeiras sepulturas
c. 100 000	Primeiros vestígios do <i>Homo sapiens sapiens</i> , em África
c. 40 000	Primeiros vestígios do <i>Homo sapiens sapiens</i> na Europa
c. 30 000	Extinção do Homem de Neandertal Primeiras manifestações artísticas (arte rupestre e móvel) do <i>Homo sapiens sapiens</i>
c. 10 000	Recuo dos glaciares e subida da temperatura nas zonas temperadas
NEOLÍTICO	
c. 9000	Primeiros aldeamentos de agricultores e pastores na região do Crescente Fértil Primeiros utensílios de pedra polida Desenvolvimento da agricultura e da pastorícia Primeiros vestígios de cultos agrários Desenvolvimento da cerâmica, da tecelagem e da cestaria
c. 6500	Início do trabalho com o cobre
c. 6000	Primeiras comunidades neolíticas na Europa
c. 4800	Primeiras construções megalíticas na Península Ibérica
c. 4000	Formação da civilização mesopotâmica Início do trabalho com o bronze Invenção do arado, da vela e da roda
c. 3400	Escrita cuneiforme na Mesopotâmia
ANTIGUIDADE	
3100	Unificação do Egito
c. 2900	Construção do cromeleque de Stonehenge (Inglaterra)
2600	Início da construção da pirâmide de Khufu, em Guiza
c. 1950	Abraão conduz os Hebreus da Mesopotâmia para a Palestina
c. 1600	Difusão do uso do ferro Estabelecimento dos Hebreus no Egito
c. 1500	Início da influência fenícia no Mediterrâneo Invenção do alfabeto pelos Fenícios
c. 1400	Início da cultura micénica, na Grécia
c. 1250	Moisés conduz o Êxodo dos Hebreus (do Egito para a Palestina)
c. 900	Primeiras cidades-estado na Grécia
c. 750	Início da colonização grega no Mediterrâneo

776	Primeiros Jogos Olímpicos
753	Fundação lendária de Roma
509	Instauração da República em Roma
508	Reformas de Clístenes democratizam o regime político de Atenas
490	Vitória grega contra os Persas em Maratona
477	Constituição da Liga de Delos e início da hegemonia ateniense
447-432	Construção do Pártenon na acrópole de Atenas
443-429	Governo de Péricles em Atenas
399	Morte do filósofo Sócrates
336-323	Reinado de Alexandre, o Grande (início do período helenístico)
264-241	Primeira Guerra Púnica (entre Roma e Cartago)
197	Início da conquista romana da Península Ibérica
155-139	Guerra Lusitana (Viriato chefia a resistência lusitana)
146	Os Romanos destroem Cartago
52	Júlio César completa a conquista romana da Gália
44	Assassinato de Júlio César
30	O Egito torna-se uma província do Império Romano
27	Otávio César Augusto torna-se o primeiro imperador romano
3	Data provável do nascimento de Jesus Cristo

d. C. (depois de Cristo)

DATAS	FACTOS
NASCIMENTO DE JESUS CRISTO	
14	Morte do imperador Otávio César Augusto
30	Morte de Jesus Cristo
43	Depois de conquistada, a Bretanha é integrada no Império Romano
64	O imperador Nero inicia a perseguição aos Cristãos
97-117	O Império Romano atinge a sua extensão máxima, sob o governo de Trajano
238	Primeiras incursões dos Godos no Império Romano
313	Édito de Milão, promulgado por Constantino, concede liberdade de culto aos Cristãos
370	Hunos chegam à Europa e pressionam Godos
380	Édito de Teodósio proclama o cristianismo religião oficial do Império Romano
395	Divisão do Império Romano em Ocidente e Oriente
409	Suevos invadem a Península Ibérica e fixam-se na Galécia (noroeste do território)
410	Visigodos entram em Roma e saqueiam a cidade
416	Visigodos entram na Península Ibérica
476	Queda do Império Romano do Ocidente
INÍCIO DA IDADE MÉDIA	
486	Fundação do reino dos Francos por Clóvis
496	Conversão dos Francos ao catolicismo
c. 529	São Bento de Núrsia redige a sua regra de vida monástica

550	São Martinho, futuro bispo da cidade, chega a Braga para fundar um mosteiro
580	Nascimento de Maomé, na Arábia
585	Visigodos unificam a Península Ibérica depois de conquistarem o reino suevo
622	Hégira: Maomé foge de Meca para Medina
635	Muçulmanos iniciam conquista da Síria e da Pérsia
711	Muçulmanos iniciam conquista da Península Ibérica
718	Batalha de Covadonga
750	Fundação do reino cristão das Astúrias
756	Fundação do emirado (reino) de Córdoba
793	Início dos ataques normandos na Europa Ocidental
800	Carlos Magno, rei dos Francos, é coroado imperador do Ocidente
910	Fundação da Abadia de Cluny (França) sob proteção do duque da Aquitânia
929	Fundação do califado de Córdoba
1031	O califado de Córdoba fragmenta-se nos diferentes reinos de taifa
1086	Os guerreiros almorávidas chegam à Península Ibérica
1095	Convocação da primeira cruzada pelo papa Urbano II
1096	D. Henrique de Borgonha torna-se senhor do Condado Portucalense
1125	Primeira feira em Portugal (Ponte de Lima)
1128	Batalha de São Mamede: D. Afonso Henriques afasta a sua mãe D. Teresa do poder
1139	Batalha de Ourique: D. Afonso Henriques passa a intitular-se rei de Portugal
1143	Tratado de Zamora: Afonso VII de Leão e Castela reconhece o reino de Portugal
1147	D. Afonso Henriques conquista Lisboa
1153	Fundação do Mosteiro de Alcobaça, sob proteção de D. Afonso Henriques
1179	Bula <i>Manifestis probatum</i> do papa Alexandre III reconhece o reino de Portugal
1209	Fundação da Ordem dos Frades Menores (Franciscanos)
1215	Fundação da Ordem dos Pregadores (Dominicanos)
1231	Morte de Santo António de Lisboa, em Pádua (Itália)
1249	Conquista definitiva do Algarve por D. Afonso III (fim da Reconquista em Portugal)
1254	Cortes de Leiria, nas quais participam pela primeira vez os representantes dos concelhos
1288	Fundação da Universidade em Portugal pelo rei D. Dinis (confirmada pelo Papa em 1290)
1297	Tratado de Alcanises estabelece fronteiras entre os reinos de Portugal e Castela
1337	Início da Guerra dos Cem Anos entre França e Inglaterra
1347	Início da epidemia da peste negra da Europa
1369-1382	Guerras Fernandinas entre Portugal e Castela
1375	O rei D. Fernando promulga a Lei das Sesmarias
1380	Criação da Companhia das Naus sob proteção do rei D. Fernando
1383	Crise de sucessão após a morte do rei D. Fernando e revolução em Lisboa
1384	Invasão castelhana e cerco de Lisboa
1385	Batalha de Aljubarrota e Cortes de Coimbra: D. João, mestre de Avis, rei de Portugal
	Início da Dinastia de Avis
1387	Casamento de D. João I de Portugal com D. Filipa de Lencastre
1411	Tratado de paz com Castela

APRENDER A ESTUDAR

A atenção nas aulas é a base fundamental para organizares o teu estudo. No entanto, não basta ouvires as explicações do professor; deves também habituar-te a tomar notas. A partir delas, poderás depois desenvolver um trabalho de memorização e aprofundamento da compreensão das matérias (ou seja, aprender a estudar). Para tanto, há algumas regras que deves reter.



FAZER OS MEUS POWERPOINT

Podes converter as tuas notas de estudo em PowerPoint. Expõe as diferentes matérias estudadas em pontos ou, sempre que possível, em esquemas e tabelas, como podes ver no manual. Podes ilustrar estas notas com imagens pesquisadas na Internet e que ilustrem situações semelhantes às que aparecem no manual. Não te esqueças de submeter os teus PowerPoint à apreciação do teu professor ou dos teus colegas. Se gostares de estudar em grupo, os PowerPoint são um bom ponto de partida: cada colega pode ficar incumbido de cobrir uma parte da matéria e, posteriormente, juntam-se para apreciarem e discutirem o trabalho de cada um. As dúvidas devem ser esclarecidas com o professor de História.

ATENÇÃO NAS AULAS E REGISTO DE NOTAS

- **Deixar uma margem nas folhas do caderno.** O espaço assim deixado livre permitir-te-á anotar comentários do professor relativos à matéria, dúvidas tuas sobre o que estás a anotar, um pensamento que te ocorreu ligado ao assunto das notas, etc.
- **Destacar o assunto da aula e fazer parágrafos.** O início das notas de cada aula deve sempre fazer-se com o sumário dado pelo professor (podes deixar o espaço para o colocar apenas no fim da aula); destaca o sumário, como se fosse um título. À medida que o professor for mudando de assunto, inicia um novo parágrafo e tenta dar-lhe um pequeno subtítulo.
- **Classificar.** Podes classificar os parágrafos a partir do número da aula: p. ex., 14A, 14B, 14C, etc.
- **Sublinhar** os títulos, os subtítulos e as noções básicas ou conceitos que o professor destaque ou refira muitas vezes.
- **Escrever com rapidez,** mas rever em casa o que se escreveu na aula. Podes fazer pequenas correções noutra cor, mas, se habitualmente tens muitas modificações a fazer, podes passar regularmente os apontamentos para outro caderno: é um excelente hábito de estudo!
- **Tirar dúvidas** com o professor no fim da aula sobre aquilo que escreveste sem compreender. Neste caso, podes aproveitar as margens para anotares uma explicação com palavras tuas.
- **Conservar os apontamentos.** Ser-te-ão muito úteis para estudares para os testes, para trocares impressões com os teus colegas ou para identificares dúvidas a colocar ao professor.

TRABALHO EM CASA OU NA ESCOLA

- **Ler as notas feitas na aula.** Este exercício permite-te refletir sobre a matéria dada na aula e pode ser a base do teu estudo diário.
- **Memorizar.** Não deves querer memorizar tudo, apenas o significado das noções básicas ou das expressões mais usadas pelo professor.
- **Compreender.** Para o sucesso do teu estudo, além do que deves memorizar, é importante compreenderes a lógica que está implícita na relação de umas coisas com as outras. Tenta apreender o raciocínio do professor na forma como explicou a matéria ou determinada técnica de trabalho.

- **Comparar as notas com o manual.** Tenta encontrar no manual os assuntos a que dizem respeito as tuas notas e compara-os. Podes completar as notas, corrigir alguns termos e expressões mal escritos e reorganizar a sequência das notas.
- **Gerir o tempo de estudo.** Para reveres as tuas notas e releses o manual, tenta definir uma hora em que estejas suficientemente desperto e em que tenhas algum sossego em casa ou no centro de recursos da escola. Habitua-te a marcar compromissos com os teus amigos em função deste compromisso contigo mesmo.
- **Regularidade no estudo.** Estudar é um hábito que se desenvolve. Se te habituares a dar-lhe uma hora do teu dia, não te vai custar fazê-lo. Por isso, é muito importante que o desenvolvas como prática diária. Sim, se assim te parecer bem, podes interromper aos fins de semana (até te vão saber melhor!).

REDIGIR TEXTOS

A redação de textos é fundamental para elaborar boas respostas nos testes e fazer bons trabalhos temáticos. Mas, acima de tudo, a redação permite-te organizar as ideias e os conhecimentos adquiridos, permitindo o aprofundamento das tuas capacidades de estudo. Até as tuas notas de aula beneficiarão. Aqui ficam as regras essenciais.



PREPARAÇÃO

- **Compreender o tema do texto.** A primeira etapa é questionares-te sobre o tema do texto: O quê? Quem? Onde? Como? Porquê? É necessário refletir sobre o significado das palavras, perceber quais são as noções básicas já estudadas relacionadas com ele e quais são as suas «fronteiras».
- **Explorar o tema.** Numa folha de rascunho, escreve as ideias ou as perguntas que te ocorrem sobre o tema. Depois, tenta situá-lo nas tuas notas de aula e no manual, de modo a poderes trabalhar as ideias que te surgiram ou responder às perguntas que te ocorreram.
- **Formular uma questão.** É a forma mais clara de iniciar um texto sobre qualquer assunto. A questão formulada é a razão de ser do texto, que tentará encontrar uma solução ou resposta para ela. A questão formulada pode ser o título do texto.

REDAÇÃO

- **Organizar o texto.** Um texto deve ter uma introdução, um desenvolvimento e uma conclusão. Na introdução, deves explicar a questão que colocas (e que pode ser o título do texto). No desenvolvimento, apresentarás toda a informação e todos os argumentos que te permitem resolver a questão formulada (deves fazer uso do manual). Na conclusão, já sem teres de voltar à informação e aos argumentos que apresentaste no desenvolvimento, clarificas e resumes a solução que encontreaste para a questão formulada na introdução.
- **Rer ler todo o texto e corrigi-lo.** É fundamental que, ao leres o que escreveste, fiques certo de que o texto é claro e convincente para o leitor (professor, colegas). Na correção final, deves ter atenção especial à ortografia dos nomes próprios e aos verbos (concordâncias).
- **Rascunho e apresentação.** O texto deve ser escrito primeiro num rascunho, para poderes fazer livremente as correções, os cortes e acrescentos necessários até à revisão final. Deve depois ser cuidadosamente copiado para uma folha limpa, sem correções acrescentadas nem rasuras, assinado e datado, para ser entregue à leitura.

PESQUISAR E FAZER UM PORTEFÓLIO

Só te tornarás um bom estudante se fores construindo o teu próprio saber. Não basta ouvir o que diz o professor, ler o manual e as notas ou até escrever bem. É necessário que pesquises por ti próprio os temas que mais te interessam, que reúnas documentos, que os estudes e organizes. Assim, ampliarás os teus saberes, descobrirás muitas coisas novas e tornar-te-ás um verdadeiro «aprendiz de historiador».



FAZER UM BLOGUE DE HISTÓRIA

Vai aos sítios do Blogger ou WordPress e segue os passos para criares o teu blogue pessoal ou de grupo sobre História. Podes publicar e editar os teus resumos de matéria, as tuas impressões sobre os assuntos estudados na disciplina e as reflexões e interesses que te suscitaram as aulas, o manual ou as discussões com colegas. Mais uma vez, podes usar a Internet para pesquisar informação, fazendo ligações para páginas interessantes ou recolhendo imagens que ilustrem os temas abordados. Faz uma pesquisa de blogues e sítios de História no Google ou noutro motor de busca, de modo a inspirares-te e a adaptares as melhores ideias e soluções às tuas necessidades.

COMO COMEÇAR

- **Uma pesquisa à tua imagem.** Só deves escolher temas que te interessem particularmente porque esta pesquisa só tem sentido se tiveres gosto em fazê-la. O manual é um ótimo ponto de partida para a seleção dos temas. Não convém dispersares-te muito. Tenta agrupar temas relacionados ou mesmo definir um só tema de pesquisa. Podes desenvolver este trabalho ao longo do ano letivo.
- **Materiais a pesquisar.** Podes encontrar informação em livros ou revistas de História (atlas, enciclopédias, livros temáticos, Histórias de Portugal ou Universais) e na Internet, através da qual tens acesso a fotografias e mapas através de um motor de busca como o Google.
- **O papel do professor e dos colegas.** Deves ir mostrando a tua pesquisa ao teu professor, de modo a receberes comentários e conselhos (que deves anotar em folhas próprias). Deves conversar com colegas que pesquise temas semelhantes, recolhendo também os seus pontos de vista.

COMO ORGANIZAR

- **Como arquivar os materiais.** Os materiais pesquisados não são para acumular, são para ser selecionados. Só os materiais relevantes devem ser arquivados. Deves elaborar uma lista dos materiais arquivados, com a sua identificação e uma pequena nota sobre a relevância das suas informações para o estudo do tema escolhido. O arquivamento pode ser feito num *dossier*, numa pasta ou, se preferires, num suporte diferente como a *pen drive*.
- **Outras fontes.** O teu portefólio deve incluir tudo aquilo que, sendo relevante para o tema, vai surgindo ou na tua pesquisa ou no dia a dia. Assim, podes organizar uma «revista de imprensa» com recortes de notícias entretanto saídas, fichas de leitura de determinados livros ou uma lista de *links* para consulta na Internet (que também serve para notícias disponibilizadas *online*).
- **Para que serve a pesquisa.** Uma recolha de materiais sobre um tema do teu interesse pode acompanhar-te toda a vida. Mas podes propor ao teu professor que seja avaliado como trabalho de fim de ano. Neste caso, a tua pesquisa pode ir transitando e desenvolvendo-se de um ano para outro.

A

Acumulação de excedentes — Situação em que um agricultor ou criador de gado produziu mais alimentos do que aqueles que precisa para sobreviver. Aquilo que lhe sobra é o excedente.

Administração — Conjunto dos funcionários de um Estado, encarregados de prestar serviços públicos. Esses serviços têm uma contrapartida: os impostos. Uma das tarefas da administração é recolher os impostos pagos pelos cidadãos.

Afolhamento — Divisão da terra em áreas (folhas) cultivadas e áreas em pousio (não cultivadas para que recuperem ao longo de um ou dois anos as suas propriedades minerais, que possibilitam boas colheitas). Quando o afolhamento é bienal, o agricultor divide a terra ao meio durante um ano: numa parte tem uma cultura e noutra o pousio; ao fim de um ano, troca a área de pousio com a de cultivo. O afolhamento trienal, com divisão da terra em três áreas, permite ao agricultor ter dois terços da terra cultivada e produzir mais (o pousio é feito em cada parcela de três em três anos).

Aglomeramentos urbanos — Concentração de muitas pessoas e dos seus locais de habitação e trabalho numa dada área.

Aí passam a viver várias centenas ou milhares de pessoas em grande proximidade, constituindo cidades.

Aldeamentos — Pequenas concentrações de habitações, junto das quais normalmente se cultivavam os campos e se criava gado.

Antigo Testamento — Nome dado pelos cristãos ao conjunto dos livros sagrados judaicos (ou «Bíblia Judaica»). Inclui a Torá ou Pentateuco (cinco livros atribuídos a Moisés), Livros Históricos (dezasseis livros biográficos e de crónicas), Profetas (oito livros de história e profecias) e Sapienciais (livros de poemas, cantos e textos diversos). Os cristãos aceitam estes livros como inspirados, considerando-os as raízes das suas próprias crenças. Ver Novo Testamento.

Apóstolos — Conjunto dos doze homens que Jesus escolheu para o seguirem. Um deles, Judas Iscariotes, traiu-o. Este nome é também dado a São Paulo, que só se converteu ao cristianismo depois da morte de Jesus.

Aristocracia — Palavra de origem grega que significa «governo dos melhores».

Também era aplicada aos cavaleiros nobres da Idade Média por se presumir que eram o grupo social mais bem colocado para desempenhar determinadas funções (nomeadamente, a proteção militar das populações ou o governo local).

Arqueologia — Ciência que procura e estuda objetos do passado (cultura material). Estes objetos são fontes históricas (ver); os mais antigos estão muitas vezes escondidos no solo e torna-se necessário proceder a cuidadosas escavações para os recuperar.

Arroteias — Processo de transformação de terrenos de modo a poderem ser utilizados para a agricultura.

Arte clássica — Nome dado ao estilo de arquitetura e escultura usado na Antiguidade por Gregos e Romanos e cujo modelo foi definido na Grécia no século v a. C. (sobretudo em Atenas). A arte clássica foi sempre imitada, sobretudo durante o Renascimento (séculos xv e xvi d. C.) e no chamado período neoclássico (século xviii).

Arte rupestre — Conjunto de manifestações artístico-simbólicas (em especial pinturas) do Paleolítico (ver), feitas ao ar livre ou no interior de cavernas.

B

Bárbaros — Era o nome que os Gregos e os Romanos davam aos povos que não falavam a sua língua.

Burguesia — Nome dado ao conjunto dos burgueses, isto é, os habitantes de uma cidade ou burgo. Os burgueses distinguiram-se das restantes pessoas da Idade Média porque não viviam da agricultura ou das armas, dedicando-se ao comércio ou à indústria artesanal. Em determinadas cidades com autonomia política, como Veneza ou as cidades hanseáticas, gozavam ainda de invejável liberdade, pois não estavam sujeitos a senhores nobres.

C

Califa — Palavra de origem árabe que significa «sucessor» ou «representante» (do profeta Maomé). Era um género de imperador islâmico, simultaneamente chefe religioso, militar e político.

Cavaleiros-vilãos — A parte dos homens-bons de um concelho que era mais rica e fazia a guerra a cavalo, no caso de serem convocados pelo rei.

Cidadãos — São as pessoas às quais as leis da sua cidade ou país reconhecem

o direito de ser protegidos pelo Estado, de poder litigar (defender-se ou acusar) na justiça e, no caso das democracias, de participar no governo por meio do voto e da eleição para cargos públicos.

Nas democracias antigas, a cidadania era concedida apenas a uma minoria; nas democracias atuais é dada a todos (na sua plenitude, a todos os adultos).

Cidade-estado — Cidade que se governa a si mesma, que tem um governo independente. As cidades-estado foram muito comuns na Antiguidade (Mesopotâmia, Fenícia, Grécia) e na Idade Média (cidades hanseáticas alemãs ou cidades italianas como Veneza ou Florença); na atualidade são poucas (por exemplo, Singapura ou o Vaticano).

Clero regular — Conjunto das ordens religiosas e dos respetivos monges e monjas. Chama-se regular porque os seus membros vivem de acordo com uma regra definida pelo fundador da ordem a que pertencem. No Ocidente, a Regra de São Bento foi a mais importante e definiu como forma de vida dos monges o trabalho e a oração (*ora et labora* em latim).

Clero secular — Conjunto dos clérigos (presbíteros e diáconos) que vivem junto das populações e as assistem no dia a dia (*seculum* em latim). Os presbíteros ou sacerdotes também são chamados padres e, quando dirigem uma paróquia, são chamados párocos.

Comédia — Género teatral em cujas peças (representação de uma história por atores) são ridicularizadas cenas da vida real, dos mitos e vícios do Homem, provocando o riso nos espectadores.

Concelhos — Vilas ou cidades (com um pequeno território circundante) que eram governadas pelos seus próprios habitantes. Eram parcelas do reino que estavam livres da sujeição aos senhores.

Condado — Território governado por um conde. Um conde é normalmente um nobre sujeito a um rei; deste modo, um condado é uma parte não independente de um reino.

Cortes — Reunião de representantes da nobreza, do clero e dos concelhos, convocada pelo rei quando necessitava de ajuda financeira ou conselho dos seus súbditos.

Crescente Fértil — Área geográfica do Médio Oriente que abrange os vales dos rios Nilo, Tigre e Eufrates (mas também regiões intermédias, como a Palestina). Porque esta região tem num mapa a forma lunar do quarto crescente e a terra banhada por aqueles rios é fértil, tornando-a propícia para a agricultura, os historiadores deram-lhe a designação de «crescente fértil».

Crescimento populacional — Aumento do número de pessoas num determinado território. Ocorre quando o número de nascimentos é superior ao número de óbitos (mortes) num dado período de tempo.

Crise económica — Situação em que a produção de bens deixa de satisfazer, em quantidade ou qualidade, as necessidades de uma população. As crises económicas mais comuns nas sociedades antigas e medievais eram as «crises de subsistência», que ocorriam quando a produção agrícola não era suficiente para alimentar toda a população.

Cristianismo — Religião daqueles que seguem os ensinamentos de Jesus Cristo e o consideram o messias (ver messianismo).

Cruzados — Guerreiros que tomavam parte nas Cruzadas, isto é, expedições militares organizadas pelos reinos cristãos da Europa para expulsar os Muçulmanos da Palestina («Terra Santa») e da Península Ibérica.

Cultura cortesã — É o conjunto de manifestações de todo o tipo em que se exprimem as crenças, preocupações e formas de pensar dos cortesãos. Os cortesãos são aqueles que vivem nas cortes dos reis ou dos nobres.

Cultura popular — É o conjunto de manifestações, crenças, preocupações e formas de pensar do povo. Essas manifestações podem ser canções, peças de artesanato, as lendas e histórias infantis ou as formas de divertimento.

D

Democracia — Palavra que podemos decompor em *demos* («povo») e *cratos* («poder»); significa, portanto, «governo do povo» ou «governo pelo povo». Utiliza-se quando se quer dizer que o conjunto dos cidadãos participa no governo da sua cidade ou país. Ver Cidadãos.

Democracia direta — Existe quando os cidadãos participam diretamente no governo da sua cidade ou país. Este tipo de democracia só é possível

em cidades pequenas como as cidades gregas da Antiguidade. Nas democracias atuais, os cidadãos participam indiretamente no governo, escolhendo (elegendo) representantes que governam em nome dos cidadãos, durante um determinado período.

Desvalorização monetária — Prática de refundir o metal precioso das moedas (ouro ou prata) para depois fabricar um número maior de moedas, ficando cada uma das novas moedas com uma percentagem mais pequena de metal precioso. Uma vez em circulação, estas novas moedas são consideradas menos valiosas, perdendo valor em relação às antigas, permitindo adquirir menos bens.

Diáspora — Conjunto das comunidades de emigrados de um determinado povo que vivem fora do seu país.

Direito — Conjunto das leis a que está sujeito um determinado povo. Essas leis devem formar um todo lógico e organizado, evitando contradições e sobreposições.

Divisão do trabalho — Transformação progressiva que ocorre em todas as sociedades que adquirem algum grau de desenvolvimento: a multiplicação das atividades económicas vai exigindo que um número crescente de pessoas concentre a sua aprendizagem e os seus esforços num só tipo de trabalho (em vez de ter várias ocupações).

Domínio senhorial — Território sobre o qual tem domínio um senhor. Este, além de ser proprietário da terra, aplicava a justiça aos habitantes e recebia impostos. O senhor podia ser nobre (laico) ou eclesástico (normalmente, um mosteiro).

E

Economia comercial e monetária — Sistema de trocas de bens por meio de relações comerciais e do uso da moeda e que assim abastece as necessidades de uma grande parte da população de um dado território.

Economia de produção — Forma de subsistência em que determinada população produz a grande parte dos bens que consome (sobretudo alimentos) por meio da agricultura e da criação de gado (pecuária). Comparar com economia recoletores.

Economia de subsistência — Situação económica em que determinada população está dependente, para sobreviver,

daquilo que produz ou é produzido localmente. O comércio é pouco importante ou inexistente.

Economia recoletores — Forma de subsistência em que determinada população vive de alimentos que são colhidos na Natureza (plantas, animais, etc.). Comparar com economia de produção.

Escravos — Pessoas às quais não eram reconhecidos direitos e que viviam privadas de liberdade toda a vida. Eram propriedade de pessoas livres e muitas vezes eram empregues em trabalhos duros, nos campos, em construções ou em minas. Em geral, os escravos eram inimigos derrotados em guerras ou filhos e descendentes daqueles.

Escrita alfabética — Forma de escrita que utiliza sinais (letras) que representam os sons que são utilizados na linguagem oral (fonemas). Distingue-se da escrita ideográfica, na qual os sinais representam objetos ou ideias.

Evangelho — Palavra de origem grega que significa «boa notícia» ou «novidade» e refere-se à mensagem religiosa de Jesus Cristo. É o nome também usado para designar os quatro livros que relatam a vida de Jesus e fazem parte do Novo Testamento (ver).

F

Feiras — Locais onde se encontravam produtos vindos de áreas geográficas distintas e mais ou menos longínquas, o que as tornava pontos de concentração de compradores e vendedores de diferentes povoações ou regiões.

Feudo — Terra dada por um suserano a um vassalo em troca da promessa de fidelidade.

Filósofo — Aquele que pratica a Filosofia (que quer dizer em grego «amor ou amizade pelo saber»). Os filósofos dedicavam-se ao saber, mas pressupunham que eram ignorantes e que o conhecimento sobre o Homem e o Mundo era difícil de obter e deveria ser procurado toda a vida. Distinguiam-se dos sofistas, que acumulavam uma grande quantidade de informações e se julgavam muito sábios.

Fontes escritas — Fontes ou documentos históricos em forma de texto, escritos há muito tempo e que nos dão informações sobre o passado. Os mais usuais podem ser escritos em placas de argila, pedra, papiro, pergaminho ou papel. Ver fontes ou documentos históricos.

Fontes ou documentos históricos — Vestígios do passado que nos permitem obter informações sobre a época de que são originários.

Foral — Documento escrito em que o rei ou um grande senhor reconhecia a um concelho as suas liberdades e autonomia a troco de determinados impostos e obrigações.

G

Gótico — Estilo arquitetónico e artístico que se desenvolveu na Europa a partir do século XII e que se caracterizou por edifícios com plantas amplas e técnicas de construção que realçavam a luminosidade no interior e a sensação de verticalidade. O nome «gótico» foi-lhe dado no Renascimento, para vincar a sua diferença em relação à arte clássica greco-romana que estava então a ser recuperada. «Era gótica» era o nome que então se dava à Idade Média.

Guerra santa — Guerra feita em nome de Deus. Este termo tem sido usado para traduzir a palavra árabe *jihad* (que significa «luta»). Para os Muçulmanos, esta forma de guerra é legítima se o motivo for a defesa do islão ou a sua expansão, mas alguns autores muçulmanos modernos têm defendido que a guerra santa (ou *jihad* em árabe) não implica necessariamente, à luz do Alcorão, uma luta violenta, devendo ser entendida como uma luta espiritual.

H

Homens-bons — Eram os habitantes mais importantes de um concelho e que constituíam a assembleia que escolhia os juizes e outros magistrados locais.

I

Idade Média — Período de mil anos que vai do século V ao século XV. Dá-se este nome a este período histórico porque se situa entre a Antiguidade e a Idade Moderna, ou seja, no meio destas duas épocas. Este nome decorre, assim, da periodização tradicional da história ocidental em três (e depois quatro) idades ou épocas: a Antiguidade, que começa com a escrita e as primeiras civilizações por volta de 4000 a. C.; a Idade Média, que se inicia em 476 com a queda do Império Romano do Ocidente (considerado a última civilização «antiga»); a Idade Moderna, que nasce com as transformações religiosas e culturais do século XV. À época histórica mais próxima de nós, depois da Idade Moderna, chama-se Época Contemporânea.

Igreja Católica — Nome dado à Igreja Cristã durante a Idade Média. Católico quer dizer «universal» em grego e foi usado desde o início do século II por autores cristãos para se referirem à totalidade (ou universalidade) dos cristãos. Após o édito de Teodósio de 380, que declarou o cristianismo religião oficial, o termo «católico» passou a ser associado à Igreja organizada numa estrutura hierárquica mantida pelos bispos e pelos concílios e, depois, pelo Papa (bispo de Roma).

Império — Conjunto de territórios, regiões ou províncias que está sob o comando militar ou governo de um poder político externo. O termo foi usado na Roma antiga para significar o domínio que a cidade exercia sobre as suas províncias e respetivos povos à volta do mar Mediterrâneo.

Independência política — Situação em que a população de um determinado território tem um governo próprio, que não está sujeito a nenhum poder político estrangeiro.

Inquirições — Inquéritos mandados fazer pelo rei para detetar apropriações indevidas de terras e rendimentos da Coroa da parte das classes privilegiadas (nobreza e clero).

Islamismo — Ver islão.

Islão — Palavra de origem árabe que significa «submissão à vontade de Deus» e é a designação da religião fundada por Maomé no século VII. Esta palavra refere-se também à comunidade dos crentes enquanto comunidade política.

L

Latifúndios — Grandes propriedades agrícolas, em geral pertencentes a famílias aristocráticas. Nos latifúndios, as terras eram trabalhadas por escravos ou por rendeiros (pessoas livres que pagavam ao proprietário uma renda).

M

Magistrados — Pessoas que exercem determinadas funções relacionadas com o governo ou a administração. No mundo romano, existiam diferentes tipos de magistrados: os questores (que tratavam das finanças e dos impostos), os edis (que administravam as cidades), os pretores (que aplicavam a justiça) e os cônsules (que dirigiam o exército).

Mansos — Parte das terras do domínio senhorial que eram arrendadas em parcelas a camponeses livres.

Megálitos — Palavra formada por mega («grande») e litos («pedra»); significa, portanto, «pedras grandes». É o nome de conjunto que os historiadores e arqueólogos dão aos menires, cromeleques e dólmenes ou antas.

Mercados — Locais onde se compram e vendem produtos dentro de uma povoação. Acorrem a eles os habitantes da povoação, para se abastecerem de produtos necessários no dia a dia.

Messianismo — Crença de quem espera um salvador designado por Deus («messias», em hebraico).

O messianismo partia das promessas escritas pelos profetas hebraicos (sobretudo Isaías e Daniel) muito antes de Jesus; essas promessas falavam de um salvador que restauraria a grandeza de Israel e a paz universal.

Milénio — Conjunto de mil anos ou de dez séculos.

Moçárabes — Nome dado aos cristãos que viviam sob domínio islâmico na Península Ibérica. Mantinham a religião cristã, mas tinham cultura islâmica e falavam a língua árabe.

Moeda — Material ou produto usado como medida de conta em trocas com outros produtos. Era normalmente utilizado um metal precioso ao qual se atribuía valor (ouro ou prata), dividido em pequenas unidades (o que originou as moedas) e que facilitava as relações comerciais.

Monarquia — Governo exercido por um monarca (rei). Utilizada para nomear regimes políticos em que existe um rei com poder absoluto (monarquia absoluta) ou com poder limitado (monarquia constitucional).

Monoteísmo — Palavra formada por mono (um ou único) e teísmo (crença num deus); significa, portanto, crença num único deus considerado verdadeiro. Aplica-se às três grandes religiões derivadas da figura bíblica de Abraão: o judaísmo, o cristianismo e o islamismo. Comparar com politeísmo.

Muçulmano — Palavra de origem árabe que significa «aquele que entrega a sua alma a Deus» e é usada para designar os crentes no islão (ver).

Município — No mundo romano, era um território organizado a partir de uma cidade que adotara as leis romanas e que tinha autonomia em determinados assuntos políticos. Escolhia ainda os seus próprios magistrados, embora estes tenham ficado no período imperial sujeitos aos prefeitos nomeados pelo imperador.

N

Neolítico — Palavra formada por *neo* («novo») e *litos* («pedra»); significa, portanto, «pedra nova». É o nome que os historiadores e arqueólogos dão ao período dos instrumentos de pedra polida. Sucede ao Paleolítico.

Nobreza — O conjunto ou grupo social dos nobres, isto é, dos senhores laicos.

Nomadismo — Situação em que se vive em deslocamentos frequentes, mudando muitas vezes o lugar onde se mora. Os nômadas não têm um local de residência permanente.

Novo Testamento — Nome dado pelos cristãos ao conjunto dos quatro livros sobre a vida de Jesus (evangelhos segundo Mateus, Marcos, Lucas e João), o livro dos Atos dos Apóstolos sobre a vida das primeiras comunidades, as cartas de São Paulo e de outros autores e o livro do Apocalipse (isto é, da revelação). Ver Antigo Testamento.

O

Ordens mendicantes — Nome dado às ordens religiosas fundadas por São Domingos de Gusmão (Dominicanos) e São Francisco de Assis (Franciscanos) porque os seus membros, os frades, sobreviviam pedindo esmola (ou seja, mendigando). Essa forma de vida pretendia ser um exemplo de desprendimento dos bens materiais.

Ordens religiosas — Organizações a que pertenciam os monges (no caso das ordens masculinas) e as monjas (no caso das ordens femininas). As primeiras ordens apareceram no Oriente e estenderam-se ao Ocidente a partir do século VI (São Bento fundou a ordem chamada beneditina em 529).

P

Paleolítico — Palavra formada por *paleo* («antigo») e *litos* («pedra»); significa, portanto, «pedra antiga». É a época da pedra lascada. Comparar com Neolítico.

Peões — Os habitantes de menos posses e de estatuto mais modesto de um concelho; tinham este nome por fazerem a guerra a pé (sem cavalo).

Poder sacralizado — Tipo de poder exercido por governantes que são considerados deuses ou representantes de deuses.

Politeísmo — Palavra formada por *poli* («vários») e *teísmo* («crença num deus»); significa, portanto, crença simultânea em vários deuses. Comparar com monoteísmo.

Pré-História — Longo período desde o processo de hominização até à invenção da escrita. Inclui o Paleolítico e o Neolítico.

Q

Quebra demográfica — Fenómeno resultante de um grande aumento da mortalidade: o número de pessoas falecidas numa determinada população torna-se muito superior ao número de pessoas nascidas. A população sofre, assim, uma quebra (ou diminuição acentuada) do número de indivíduos que a compõem.

R

Ramadão — É o nono mês do calendário islâmico, em que se recorda a revelação divina do Corão a Maomé. Durante este mês, os Muçulmanos devem abster-se de comer, beber ou fumar durante o dia.

Reconquista — Nome dado pelos Cristãos à luta contra os Muçulmanos na Península Ibérica, com o objetivo de aí restabelecer o cristianismo como religião dominante.

Reinos — Territórios e respetivas populações governados por um rei (ou que têm como chefe um rei).

Reserva — Parte do domínio senhorial onde vivia o senhor e cujo produto lhe pertencia por inteiro; estas terras eram trabalhadas pelos servos e pelos camponeses livres, que aí prestavam o seu serviço de trabalho gratuito (corveia).

Revolução — Mudança política feita de um modo conturbado e com a participação de uma grande parte da população.

Revolução Neolítica — Nome dado pelos historiadores à passagem da economia recoleitora à economia de produção (ver). Associada a essa mudança está também a passagem do modo de vida nômada ao modo de vida sedentário.

Ritos mágicos — Atos por meio dos quais o Homem tentava conseguir a ajuda das forças sobrenaturais que acreditava dominarem a sua vida e a Natureza.

Românico — Estilo artístico e arquitetónico que se desenvolveu na Europa do século XI. O seu nome deve-se ao facto de algumas das suas características se inspirarem na arquitetura romana.

Rotas comerciais — Percurso por terra ou por mar de comerciantes que transportam mercadorias muito procuradas. Por terra, seguiam em caravanas.

Ruralização — Transformação económica na qual os espaços rurais (que vivem da agricultura) se tornam mais importantes

do que os espaços urbanos (as cidades, que vivem do comércio e da indústria artesanal).

S

Sedentarização — Abandono do nomadismo por uma população, que se fixa permanentemente num dado território.

Senado — Originalmente, a assembleia dos anciãos em Roma. Era um órgão político com poderes deliberativos e consultivos, constituído sobretudo por indivíduos da nobreza. As suas funções e constituição alteraram-se ao longo da história de Roma.

Servos — Habitantes do domínio senhorial que haviam perdido a qualidade de pessoas livres. Eram obrigadas a permanecer no domínio, a trabalhar para o senhor e a sujeitarem-se à justiça senhorial.

Sociedade estratificada — Sociedade dividida em grupos de riqueza e estatuto diferentes, organizando-se numa hierarquia. As posições sociais são normalmente passadas de pais para filhos.

T

Tragédia — Género teatral em cujas histórias intervêm deuses e homens com o objetivo de confrontar os espetadores com a sua condição humana. Pretende-se mostrar que todos os homens estão sujeitos aos caprichos do destino e ao sofrimento que daí resulta.

U

Universidades — Instituições de ensino superior surgidas na Europa na Baixa Idade Média. Eram associações de professores e alunos independentes das autoridades locais e protegidas pelo Papa ou pelos reis. Abriram os estudos superiores a pessoas não pertencentes ao clero, sobretudo nobres e burgueses.

Urbanismo — Forma como estão construídas as cidades de modo a organizarem a vida dos seus habitantes. Compreende o traçado e as técnicas de construção das suas ruas, praças e edifícios.

V

Vassalos — Aqueles que recebem um feudo do suserano, ficando a dever-lhe fidelidade, auxílio e conselho. Trata-se de um nobre dependente de um nobre mais poderoso.

BIBLIOGRAFIA

TEMA A

- ANDREU, Guillemette – *A Vida Quotidiana no Egito no Tempo das Pirâmides*. Lisboa: Edições 70, 2005.
- ARAÚJO, Luís Manuel – *Arte Egípcia*, Coleção Calouste Gulbenkian. Lisboa: Museu Calouste Gulbenkian, 2006.
- ARAÚJO, Luís Manuel (dir.) – *Dicionário do Antigo Egito*. Lisboa: Caminho, 2001.
- ARAÚJO, Luís Manuel – *Egipto: As Pirâmides do Império Antigo*, 2ª edição revista e aumentada. Lisboa: Edições Colibri, 2003.
- ARAÚJO, Luís Manuel – *Mitos e Lendas: Antigo Egito*. Lisboa: Livros e livros, 2008.
- BAINES, John e MÁLEK, Jaromír – *Atlas of Ancient Egypt*. Oxford: Phaidon Press, 1981.
- BARNAVI, Élie (dir.) – *História Universal dos Judeus*. Lisboa: Contexto Editora, 1992.
- CARDOSO, J.L. – *Pré-História de Portugal*. Lisboa: Universidade Aberta, 2007.
- HAGEN, Rose-Marie – *Egipto: Pessoas, Deuses e Faraós*. Lisboa: Taschen, 2003.
- HAGEN, Donald – *Os Fenícios*. Lisboa: Verbo, 1968.
- LÉVÊQUE, Pierre e outros – *As Primeiras Civilizações*. Lisboa: Edições 70, 1990.
- MAKHLOUF, Geórgia – *As Grandes Religiões*. Porto: Lello e Irmão, 1990.
- MEDINA, João (dir.) – *História de Portugal: Dos Tempos Pré-Históricos Aos Nossos Dias*. Alfragide: Clube Internacional do Livro, 1995.
- MORKOT, Robert – *Os Impérios do Antigo Egito*. Lisboa: Central Livros, 2002.
- PEREIRA, Paulo – *Lugares Mágicos de Portugal: Arquiteturas Sagradas*, Vol. II. Lisboa: Círculo de Leitores, 2004.
- TUBB, Jonathan N. – *Terras da Bíblia*. Lisboa: Editorial Verbo, 1992.
- VIDAL-NAQUET, Pierre (dir.) – *Atlas Histórico: Da Pré-História Aos Nossos Dias*. Lisboa: Círculo de Leitores, 1990.

TEMA B

- AA.VV., *Vida e Sociedade – Nos Primórdios da Democracia*. Lisboa: Editorial Verbo, 2001.
- ABRANSON, Erik – *A Vida de um Legionário*. Lisboa: Editorial Verbo, 1984.
- ALARCÃO, J. – *O Domínio Romano em Portugal*. Mem-Martins: Publicações Europa-América, 1988.
- ALARCÃO, J. – *Portugal: Das Origens À Romanização*. Lisboa: Editorial Presença, 1990.
- AMERY, Jenny – *Os Meus Primeiros Mitos Gregos*. S.l.: Bertrand Editora, 2001.
- AUSTIN, Michel e P. VIDAL-NAQUET – *Economia e Sociedade na Grécia Antiga*. Lisboa: Edições 70, 1986.
- BARDI, Matilde – *A Grécia Antiga*. Lisboa: Texto Editora, 2000.
- BAUSSIER, Sylvie – *A Mitologia*. Lisboa: Central Livros, 2001.
- BOWLEY, Tim (dir.) – *História do Cristianismo: Dos Primeiros Séculos Até Aos Nossos Dias*. Lisboa: Bertrand, 1995.
- CHRISP, Peter – *Descobre a Grécia Antiga*. Porto: Dorling Kindersley & Civilização Editores, 2003.
- CHRISP, Peter – *Descobre a Roma Antiga*. Porto: Dorling Kindersley & Civilização Editores, 2004.
- CHRISTOL, Michel e Nony, Daniel – *Roma e o seu Império: Das Origens Às Invasões Bárbaras*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2000.
- DOMINI, Ambrogio – *História do Cristianismo: das Origens a Justiniano*. Lisboa: Edições 70, 1988.
- FERREIRA, J. Ribeiro – *A Democracia na Grécia Antiga*. Coimbra: Minerva, 1990.
- FERREIRA, J. Ribeiro – *A Grécia Antiga*. Lisboa: Edições 70, 2004.
- FINLEY, M. I. – *Os Gregos Antigos*. Lisboa: Edições 70, 2002.
- GRIMAL, Pierre – *A Civilização Romana*. Lisboa: Edições 70, 1999.

- GRIMAL, Pierre – *Dicionário da Mitologia Grega e Romana*. Lisboa: Difel, 1992.
- KERRIGAN, Michael – *A Grécia Antiga e o Mediterrâneo*. Lisboa: Central Livros, 2002.
- LANÇON, Bertrand – *O Estado Romano: Catorze Séculos de Modelos Políticos*. Mem Martins: Publicações Europa-América, 2003.
- MACAULAY, David – *A Cidade: Planificação e Construção de uma Cidade Romana*. Lisboa: Dom Quixote, s. d.
- MAFRE, Jean Jacques – *A Arte Grega*. Mem Martins: Publicações Europa-América, 2005.
- MOSSÉ, Claude – *O Cidadão na Grécia Antiga*. Lisboa: Edições 70, 1999.
- NÉRAUDU, Jean-Pierre – *A Arte Romana*. Mem Martins: Publicações Europa-América, 2005.
- PEARSON, Anne – *A Grécia Antiga*. Lisboa: Verbo, Coleção Enciclopédia Visual, 1993.
- PEREIRA, M. Helena da Rocha – *Hélade: Antologia da Cultura Grega*. Coimbra: Instituto de Estudos Clássicos da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 1998.
- OXLADE, Chris, BALLHEIMER, David – *Jogos Olímpicos*. Lisboa: Verbo, Coleção Enciclopédia Visual, 1999.
- SCARRE, Chris – *Atlas de la Rome Antique*. Paris: Éditions Autrement, 1995.
- VERNANT, Jean-Pierre – *O Homem Grego*. Lisboa: Presença, 1991.
- VERNANT, Jean-Pierre – *O Mito e a Religião na Grécia Antiga*. Lisboa: Teorema, 1991.
- VEYNE, Paul – *A Sociedade Romana*. Lisboa: Edições 70, 1993.
- Vida e Sociedade. Quando Roma dominava o mundo: Império Romano (100 a. C. – 200 d. C.). Lisboa: Verbo, 2001.
- WATTEL, Odile – *As Religiões Grega e Romana*. Mem Martins: Publicações Europa-América, 2003.

TEMA C

- ALVES, Adalberto – *A Herança Árabe em Portugal*. Lisboa: CTT, 2001.
- BANNIARD, Michel – *Le Haut Moyen Âge Occidental*. Paris: PUF, Col. «Que sais-je», 2001.
- BARBER, Nicola – *A Vida Quotidiana no Mundo Árabe e Islâmico*. Lisboa: Editorial Caminho, 2005.
- BONASSIE, Pierre – *Dicionário de História Medieval*. Lisboa: Dom Quixote, 1985.
- Contos e Lendas das Mil e Uma Noites*. Porto: Edinter, 1989.
- DUBY, George – *Guerreiros e Camponeses*. Lisboa: Estampa, 1980.
- DUBY, George – *O Tempo das Catedrais*. Lisboa: Estampa, 1978.
- FOURQUIN, Guy – *História Económica do Ocidente Medieval*. Lisboa: edições 70, 1986.
- LAURIoux, Bruno – *A Idade Média à Mesa*. Mem Martins: Publicações Europa-América, 1992.
- LE GOFF, Jacques – *A Civilização do Ocidente Medieval*. Lisboa: Estampa, 2 vols., 1997.
- LEWIS, Bernard – *Os Árabes na História*. Lisboa: Estampa, 2.ª edição, 1996.
- MAGALHÃES, Ana Maria, e ALÇADA, Isabel – *Histórias e Lendas da Europa*. Lisboa: Editorial Caminho, 1992.
- MAGALHÃES, Ana Maria, e ALÇADA, Isabel – *Portugal: Histórias e Lendas*. Lisboa: Editorial Caminho, 2001.
- MAGALHÃES, Ana Maria, e ALÇADA, Isabel – *Uma Viagem ao Tempo dos Castelos*. Lisboa: Editorial Caminho, 2003.
- MANCINI, Roberto, RICCIARDELLI, Fabrizio – *Islão: Religião, Povos, Civilizações*. Lisboa: Editorial Caminho, 2002.
- MATTHEW, Donald – *Atlas da Europa Medieval*. Lisboa: Círculo de Leitores, 1994.
- MATTOSO, José (dir.) – *História de Portugal*. Lisboa: Círculo de Leitores e Editorial Estampa, Vol. I, 1992.
- MATTOSO, José – *Identificação de Um País: Ensaio sobre as Origens de Portugal, 1096-1325*. Lisboa: Editorial Estampa, 2 vols., 1985.

- MATTOSO, José, MAGALHÃES, Ana Maria, e ALÇADA, Isabel – *Os Primeiros Reis da História de Portugal*. Lisboa: Editorial Caminho, 1993.
- RIBEIRO, Orlando – *Portugal, o Mediterrâneo e o Atlântico*. Lisboa: Sá da Costa, 1986.
- RICHE, Pierre, LE MAITRE, Philippe – *As Invasões Bárbaras*. Mem Martins: Publicações Europa-América, 2003.
- RUCQUOI, Adeline – *História Medieval da Península Ibérica*. Lisboa: Editorial Estampa, 1995.
- SAGNIER, Christine – *A Idade Média*. Lisboa: Central Livros, 2002.
- SAGNIER, Christine – *Vida e Sociedade no Tempo dos Vikings*. Lisboa: Editorial Verbo, 2002.
- VIEIRA, Alice – *A Espada do Rei Afonso*. Lisboa: Caminho, 1991.

TEMA D

- CRUZ COELHO, Maria Helena, CARVALHO HOMEM, Armando Luís (dir.) – *A Gênese do Estado Moderno no Portugal Tardo-Medieval (Sécs. XIII-XIV)*. Lisboa: Universidade Autónoma, 1999.
- Aljubarrota – 1385*. Lisboa: Quid Novi, Col. «Grandes Batalhas da História Universal», 2003.
- AZEVEDO, Carlos Moreira (dir.) – *História Religiosa de Portugal*. Lisboa: Círculo de Leitores, Vol. I, 2000.
- CHATELET, Albert, GROSlier, Bernard – *História da Arte*. Porto: Civilização, 1990.
- COELHO, Maria Helena da Cruz – *História Medieval de Portugal: Um Guia de Estudo*. Porto: Universidade Portucalense, 1991.
- FOURQUIN, Guy – *História Económica do Ocidente Medieval*. Lisboa: Edições 70, 1986.
- HUNT, E., MURRAY, J.M. – *Uma História do Comércio na Europa Medieval*. Lisboa: Dom Quixote, 2000.
- LANGLEY, Andrew – *A Vida na Idade Média*. Lisboa: Verbo, 1999.
- LE GOFF, Jacques (dir.) – *O Homem Medieval*. Lisboa: Editorial Estampa, 2ª ed., 1990.
- LE GOFF, Jacques – *A Civilização do Ocidente Medieval*. Lisboa: Editorial Estampa, 2 vols., 1997.
- MAGALHÃES, Ana Maria, e ALÇADA, Isabel – *O Ano da Peste Negra*. Lisboa: Editorial Caminho, 1987.
- MARQUES, A. H. de Oliveira – *A Sociedade Medieval Portuguesa: Aspectos da Vida Quotidiana*. Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora, 1987.
- MARQUES, A.H. de Oliveira, DIAS, João José Alves – *Atlas Histórico de Portugal e do Ultramar Português*. Lisboa: Universidade Nova, Centro de Estudos Históricos, 2003.
- MARQUES, A.H. de Oliveira – *Portugal na Crise dos Séculos XIV e XV*. Lisboa: Editorial Presença, 1987.
- MATTOSO, José (dir.) – *História de Portugal*. Lisboa: Círculo de Leitores e Editorial Estampa, Vol. II, 1992.
- MATTOSO, José, MAGALHÃES, Ana Maria, e ALÇADA, Isabel – *História de Portugal: Tempos de Revolução*. Lisboa: Editorial Caminho, 1995.
- MATTOSO, José, MAGALHÃES, Ana Maria, e ALÇADA, Isabel – *No Reino de Portugal*. Lisboa: Editorial Caminho, 1995.
- MATTOSO, José, MAGALHÃES, Ana Maria, e ALÇADA – *Quinze Histórias da Idade Média*. Lisboa: Editorial Verbo, Col. «Série 15», 1984.
- MATTOSO, José – *Religião e Cultura na Idade Média*. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1982.
- PEREIRA, Paulo – *História da Arte Portuguesa*. Lisboa: Círculo de Leitores, 1995.
- REIS, A. Carmo – *Atlas de História da Europa*. Porto: Porto Editora, 2001.
- RUCQUOI, Adeline – *História Medieval da Península Ibérica*. Lisboa: Editorial Estampa, 1995.
- SARAIVA, António José – *A Cultura em Portugal: Teoria e História*. Lisboa: Gradiva, 1991.
- SARAIVA, António José – *As Crónicas de Fernão Lopes*. Lisboa: Gradiva, 1997.
- VIEIRA, Alice – *Este Rei Que Eu Escolhi*. Lisboa: Caminho, 1988.

FONTES FOTOGRÁFICAS

Agência Lusa

P. 56/57 Assembleia da República

Casa da Imagem

- P. 15 Pegadas de homínidos
P. 23 Povoação de Dogon
P. 3 Vale do Nilo
Camponês egípcio
P. 43 Pirâmides de Guiza
P. 44 Templo de Nefertari
P. 48 Muro Ocidental em Jerusalém
P. 71 Templo de Niké
P. 88 Escravos romanos
P. 129 Muçulmanos
P. 160/161 Concerto ao ar livre
P. 167/175 Igreja de Saint-Nectaire
Pormenor de capitel românico
P. 169 Vitral de catedral de Chartres
P. 184 Estátua de D. Nuno Álvares Pereira

Corbis

- P. 15 Arqueólogo
P. 36 Sarcófago de Tutankhamon
P. 41 Papiro egípcio
P. 58 Paisagem grega
P. 62 *Ostrakon*
P. 98 Altar romano
P. 126/127 Celebração do Ramadão

Getty Images

- P. 12 Cientista
Debulhadora
P. 14 Reconstituição de Lucy
P. 30/31 Cidade de Tóquio
P. 68 Alunos a ensaiar peça de teatro
P. 87 Barco romano
P. 88 Aristocratas romanos
Plebeus romanos
P. 96 Busto de mulher romana
P. 110/111 Aldeia medieval
P. 117 Cavaleiro
P. 128 Beduíno
P. 144/145 Feira do livro de Frankfurt
P. 163 Casal medieval

Maurício Abreu

- P. 151 Ponte de Ucanha
Castelo de Ourém
P. 153 *Domus municipalis* de Bragança
P. 155 Sinagoga de Tomar
P. 176/177 Reconstituição histórica da Batalha de Aljubarrota

Scala

- P. 68 Cerâmica grega

AGRADECIMENTOS

G.M. Farooq

- P. 129 Caaba

Koen Pepermans

- P. 71 Templo de Paestum

O Projeto **Desafios** de História destinado ao 7.º ano de escolaridade, 3.º Ciclo do Ensino Básico, é uma obra coletiva, concebida e criada pelo Departamento de Investigações e Edições Educativas da Santillana, sob a direção de Sílvia Vasconcelos.

EQUIPA TÉCNICA

Chefe de Equipa Técnica: Patrícia Boleto
Modelo Gráfico e Capa: Carla Julião
Ilustrações: António Jorge Santos, Cristina Santos, Paulo Oliveira, Tânia Sousa e Telmo Fonseca
Paginação: Célia Neves, Christophe Marques, Leonor Ferreira, Sérgio Pires e Teresa Elda Santos
Documentalista: Luísa Rocha
Revisão: Catarina Pereira, Elisabete Rodrigues e Eurico Monchique

EDITOR

Luís Aguiar Santos

CONSULTOR PEDAGÓGICO

Miguel Corrêa Monteiro — Doutor em História pela Faculdade de Letras de Lisboa e coordenador do mestrado em Didática da História.

Este manual foi objeto de uma revisão científica, em 2012, realizada pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa



© 2014

Rua Mário Castelhan, 40 – Queluz de Baixo
2734-502 Barcarena, Portugal

APOIO AO PROFESSOR

Tel.: 214 246 901
apoioaoprofessor@santillana.com

APOIO AO LIVREIRO

Tel.: 214 246 906
apoioaolivreiro@santillana.com

Internet: www.santillana.pt

Impressão e acabamento: Lidergraf

ISBN: 978-989-708-524-6

C. Produto: 410 110 405

2.ª Edição

4.ª Tiragem

Depósito Legal: 370146/14



A **cópia ilegal** viola os direitos dos autores.
Os prejudicados somos todos nós.